

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – POSLIN**



Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2022

Edson Lemos Pereira

## **Contribuição indígena à hidronímia maranhense**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Conceição de Maria de Araujo Ramos

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2022

P436c Pereira, Edson Lemos.  
A contribuição indígena à hidronímia maranhense / [manuscrito] /  
Edson Lemos Pereira. – 2022.

223 f., enc. : il., maps., grafs., tabs., (color)

Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Coorientadora: Conceição de Maria de Araújo Ramos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 208 - 214

1. Língua tupi – Variação – Maranhão (MA) – Teses. 2. Mudanças linguísticas – Teses. 3. Língua tupi – Etimologia – Nomes – Teses. 4. Toponímia – Teses. 5. Linguagem e cultura – Maranhão (MA) – Teses. 6. Nomes geográficos (Catalogação) – Teses. 7. Índios – Línguas – Teses. I. Seabra, Maria Cândida Trindade. II. Ramos, Conceição de Maria de Araújo. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. IV. Título.

CDD: 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Contribuição Indígena à Hidronímia Maranhense**

**EDSON LEMOS PEREIRA**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 25 de julho de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Candida Trindade Costa de Seabra - Orientadora  
UFMG

Prof(a). Conceicao de Maria de Araujo Ramos - Coorientadora  
UFMA

Prof(a). Aderlande Pereira Ferraz  
UFMG

Prof(a). Aparecida Negri Isquerdo  
UFMS

Prof(a). Karylleila dos Santos Andrade  
UFT

Prof(a). Bruno de Assis Freire de Lima  
IFMG-Campus Sabará

Belo Horizonte, 25 de julho de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Candida Trindade Costa de Seabra, Professora do Magistério Superior**, em 26/07/2022, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Conceição de Maria de Araujo Ramos, Usuário Externo**, em 26/07/2022, às 15:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno de Assis Freire de Lima, Usuário Externo**, em 26/07/2022, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aderlande Pereira Ferraz, Professor do Magistério Superior**, em 27/07/2022, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **APARECIDA NEGRI ISQUERDO, Usuário Externo**, em 28/07/2022, às 07:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Karylleila dos Santos Andrade Klinger, Usuária Externa**, em 12/08/2022, às 10:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1611992** e o código CRC **54B612A3**.

*São como veias, serpentes os rios que trançam o coração  
do Brasil  
Levando a água da vida, do fundo da terra, ao coração  
do Brasil*

*Marcus Viana*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida.

A minha mãe Doralice e meu pai José Maria que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até mais essa etapa de minha vida.

A minha família, em especial a todos os meus irmãos.

À Professora Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra pela orientação.

À professora Conceição, pela coorientação, e por sempre confiar na minha capacidade de ir mais além, pelo seu incentivo.

Aos Professores Dra. Karylleila dos Santos Andrade, Dra. Aparecida Negri Isquardo, Dra. Ana Paula Mendes Alves de Carvalho, Dr. Aderlande Pereira Ferraz, Dr. Bruno de Assis Freire de Lima e Dr. José Mendes Bezerra, pela aceitação do convite para compor a banca e pelas críticas e sugestões vindouras.

Aos colegas que me deram apoio.

À Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

Hoje levantei cedo pensando no que tenho a fazer antes que o relógio marque meia noite. É minha função escolher que tipo de dia vou ter hoje. Posso reclamar porque está chovendo ou agradecer às águas por lavarem a poluição. Posso ficar triste por não ter dinheiro ou me sentir encorajado para administrar minhas finanças, evitando o desperdício. Posso reclamar sobre minha saúde ou dar graças por estar vivo. Posso me queixar dos meus pais por não terem me dado tudo o que eu queria ou posso ser grato por ter nascido. Posso reclamar por ter que ir trabalhar ou agradecer por ter trabalho. Posso sentir tédio com o trabalho doméstico ou agradecer a Deus. Posso lamentar decepções com amigos ou me entusiasmar com a possibilidade de fazer novas amizades. Se as coisas não saírem como planejei posso ficar feliz por ter hoje para recomeçar. O dia está na minha frente esperando para ser o que eu quiser. E aqui estou eu, o escultor que pode dar forma. Tudo depende só de mim.

*Autor desconhecido*

## RESUMO

### Contribuição indígena à hidronímia maranhense

Com a chegada dos franceses ao Maranhão em 1612, os povos de língua e cultura Tupi foram os povos que mais tiveram contato com os europeus. Posteriormente, com a expulsão dos franceses pelos portugueses, esse contato foi ainda maior, os portugueses ensinaram a religião e a forma de trabalho do mundo ocidental, e com a ajuda deles penetraram no interior do continente por meio dos grandes rios Munim, Mearim, Pindaré, Itapecuru, facilitadores dos movimentos demográficos e do comércio da metrópole para o interior. Considerando essa realidade e a importância da hidrografia para o desenvolvimento do Estado, selecionamos como objeto de estudo a hidronímia maranhense de origem indígena, entendendo a hidronímia como parte da Onomástica que se ocupa em estudar os nomes de batismo dos elementos hídricos em geral, não importando a natureza linguística. Assim, objetivamos investigar os nomes próprios de origem indígena que nomeiam a hidronímia maranhense. Para a coleta de dados realizamos pesquisas na Agência Nacional das Águas – ANA, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE para coleta de mapas atuais e no acervo público do estado do Maranhão para a recolha de mapas antigos. Para obtenção do *corpus*, realizamos o levantamento de: (i) toda a hidronímia Maranhense, por meio de mapas atuais do IBGE e (ii) da hidronímia em mapas do território maranhense dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, em trabalhos de cronistas como Claude d'Abbeville, Yves d'Évreux, Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão e D. Frei Cristóvão de Lisboa. Os estudos de Dauzat (1922, 1938, 1946), Vasconcelos (1931), Dick (1990, 1992, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007), Isquierdo (2006, 2009, 2010, 2011), Seabra (2006, 2008, 2010, 2012), Tapero (1995) Rosselló i Verger (2010) e Mujika Ulazia (2010) deram fundamentos a esta pesquisa. O *corpus* da pesquisa corresponde ao total de 518 hidrônimos indígenas que geraram a elaboração de 178 fichas lexicográficas-toponímicas. Os dados apresentaram (i) fitotopônimos, como Buriti, Bacuri, Cajá, Caju; (ii) zootopônimos, como Curimatá, Papagaio, Sucuriú, Urubu; e (iii) hidrotopônimos, como Igarapé, Ipueira, Peritoró, Tibiri, como as taxionomias mais recorrentes. A variação no âmbito da fonética mais presente, a exemplo de Pacoury > Bacuri; Acaiou > Caju; Yarammacarou > Mandacaru; Courimata > Curimatá; Courourou > Cururu; Iacou > Jacu, marcou o percurso Onomástico. O sintagma toponímico com a presença da preposição *de* tem, na quase totalidade dos sintagmas em que se insere, o papel semântico tanto de denominação quanto de presencialidade ou existencialidade, como em Riacho da Curica, Vão do Jatobá. Desse modo, os aspectos linguísticos do nome de batismo das entidades estabelecem relações entre a cultura e a história do povo e de seu lugar.

**Palavras-chave:** Onomástica. Toponímia. Hidronímia. Língua Indígenas. Maranhão.

## ABSTRACT

### Indigenous contribution to the maranhense hydronymy

With the arrival of the French in Maranhão in 1612, Tupi language and culture peoples were the people that most had contact with Europeans. After this, with the expulsion of the French by the Portuguese, this contact was even greater, the Portuguese taught the religion and the western world way of working, and with their help they penetrated the interior of the continent through the great rivers as Munim, Mearim, Pindaré, Itapecuru, facilitators of demographic movements and trade from the metropolis to the interior. Considering this reality and the importance of hydrography for the development of the State, we selected as object of study, the maranhense hydronymy of indigenous origin, understanding hydronymy as part of Onomastics that deals with studying the baptismal names of water elements in general, no matter its linguistic nature. In such case, we aim to investigate the proper names of indigenous origin that give name the maranhense hydronymy. For data collection, we conducted research in the Agência Nacional das Águas – ANA, in the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE for collecting current maps and in the public collection of the state of Maranhão for the collection of old maps. To obtain the *corpus*, we carried out a survey of: (i) all hydronymy Maranhense, through current IBGE maps and (ii) of hydronymy in maps of the Maranhão territory of the 17th, 18th, 19th and 20th centuries, in the works of chroniclers such as Claude d'Abbeville, Yves d'Évreux, Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão and D. Frei Cristóvão de Lisboa. The studies of Dauzat (1922, 1938, 1946), Vasconcelos (1931), Dick (1990, 1992, 1999, 2000, 2001, 2004, 2007), Isquierdo (2006, 2009, 2010, 2011), Seabra (2006, 2008, 2010, 2012), Tapero (1995) Rosselló i Verger (2010) and Mujika Ulazia (2010) provided the basis for this research. The research *corpus* corresponds to the total of 518 indigenous hydronyms that generated the elaboration of 178 lexicographical-toponymic cards. The data showed (i) phytotoponyms, such as Buriti, Bacuri, Cajá, Caju; (ii) zootopony, such as Curimatá, Papagaio, Sucuriú, Urubu; and (iii) hydrotyponym, such as Igarapé, Ipueira, Peritoró, Tibiri, as the most recurrent taxonomies. The variation in the scope of phonetics is more present, as in Pacoury > Bacuri; Acaiou > Caju; Yammacarou > Mandacaru; Courimata > Curimatá; Courourou > Cururu; Iacou > Jacu, marked the Onomastic route. The toponymic phrase with the presence of the preposition *de* has, in almost all the phrases in which it is inserted, the semantic role of both denomination and presence or existentiality, as in Riacho da Curica, Vão do Jatobá. In this way, the linguistic aspects of the entities' baptismal name establish relationships between the culture and history of peoples and their place.

**Key-words:** Onomastic. Toponymy. Hydronymy. Indigenous Language.

## **Lista de figuras**

<b>Figura 1:</b> Línguas pertencentes ao Tronco Tupi .....	45
<b>Figura 2:</b> Frentes de expansão do Maranhão .....	54

## Lista de Gráficos

<b>Gráfico 1:</b> Distribuição geral dos termos específicos no Maranhão .....	157
<b>Gráfico 2:</b> Distribuição dos termos genéricos que acompanham o termo específico indígena.....	158
<b>Gráfico 3:</b> Estrutura morfológica dos hidrônimos .....	174
<b>Gráfico 4:</b> Percentual total das taxes .....	175
<b>Gráfico 5:</b> Taxionomias mais recorrentes .....	176
<b>Gráfico 6:</b> Taxe Fitotopônimo.....	179
<b>Gráfico 7:</b> Taxe Zootopônimo .....	179
<b>Gráfico 8:</b> Taxe hidrotopônimo .....	181
<b>Gráfico 9:</b> Distribuição geral da preposição <i>de</i> + artigo + (s) .....	195
<b>Gráfico 10:</b> Distribuição geral dos elementos genéricos + preposição <i>de</i> + artigo o(s) .....	195
<b>Gráfico 11:</b> Distribuição geral dos elementos genéricos + preposição <i>de</i> + artigo a(s) .....	197
<b>Gráfico 12:</b> Distribuição geral dos elementos genéricos + preposição <i>de</i> + artigo a(o)(s), segundo a taxionomias .....	200
<b>Gráfico 13:</b> Distribuição geral dos elementos genéricos + preposição <i>de</i> + artigo (a)(o)(s) +Fitotopônimo .....	201
<b>Gráfico 14:</b> Distribuição geral dos elementos genéricos + preposição <i>de</i> + artigo (a)(o)(s) + Zootopônimo .....	203

## Lista de Mapas

<b>Mapa 1:</b> Mapa Etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes (Nimuendajú 1981) .....	41
<b>Mapa 2:</b> Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, adaptado do mapa de Nimuendajú .....	47
<b>Mapa 3:</b> Mesorregiões Geográficas do Maranhão .....	57
<b>Mapa 4:</b> Microrregiões Geográficas do Maranhão .....	58
<b>Mapa 5:</b> Regiões Hidrográficas: a Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental, Hidrográfica do Parnaíba e região Hidrográfica do Tocantins-Araguaia .....	66
<b>Mapa 6:</b> Bacias e Sistemas Hidrográficos do Estado do Maranhão .....	68
<b>Mapa 7:</b> Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental .....	69
<b>Mapa 8:</b> Sistema Hidrográfico do Litoral Ocidental .....	70
<b>Mapa 9:</b> Sistema Hidrográfico das Ilhas Maranhenses .....	71
<b>Mapa 10:</b> Bacia Hidrográfica do rio Itapecuru .....	72
<b>Mapa 11:</b> Bacia Hidrográfica do rio Maracaçumé .....	72
<b>Mapa 12:</b> Bacia Hidrográfica do rio Mearim .....	73
<b>Mapa 13:</b> Bacia Hidrográfica do rio Munim .....	73
<b>Mapa 14:</b> Bacia Hidrográfica do rio Periaá .....	74
<b>Mapa 15:</b> Bacia Hidrográfica do rio Preguiças .....	74
<b>Mapa 16:</b> Bacia Hidrográfica do rio Turiaçu .....	75
<b>Mapa 17:</b> Bacia Hidrográfica do rio Gurupi .....	76
<b>Mapa 18:</b> Bacia Hidrográfica do rio Parnaíba .....	76
<b>Mapa 19:</b> Bacia Hidrográfica do rio Tocantins .....	77
<b>Mapa 20:</b> Domínio dos corpos hídricos superficiais: Mapa temático da ANA.....	83
<b>Mapa 21:</b> Elementos hidrográficos no Maranhão .....	159
<b>Mapa 22:</b> Elemento geográfico baixa e baixão por mesorregião .....	161
<b>Mapa 23:</b> Elemento geográfico brejo por mesorregião .....	163
<b>Mapa 24:</b> Elemento geográfico córrego por mesorregião .....	164
<b>Mapa 25:</b> Elemento geográfico igarapé por mesorregião .....	166
<b>Mapa 26:</b> Elemento hidrográfico riacho por mesorregião .....	167
<b>Mapa 27:</b> Elemento hidrográfico ribeirão por mesorregião .....	168
<b>Mapa 28:</b> Elemento hidrográfico rio por mesorregião .....	169
<b>Mapa 29:</b> Elementos hidrográficos braço, grotta e vão por mesorregião .....	170

<b>Mapa 30:</b> Distribuição dos hidrônimos no Maranhão .....	172
<b>Mapa 31:</b> Fitotopônimos no Maranhão .....	178
<b>Mapa 32:</b> Zootopônimos no Maranhão .....	180
<b>Mapa 33:</b> Hidrotopônimos no Maranhão .....	182

## Lista de Quadros

<b>Quadro 1:</b> Divisão das Mesorregiões Maranhense.....	58
<b>Quadro 2:</b> Taxionomias de natureza Física .....	92
<b>Quadro 3:</b> Taxionomias de natureza Antropocultural .....	93
<b>Quadro 4:</b> Registro dos Fitotopônimos .....	182
<b>Quadro 5:</b> Registro dos Zootopônimos .....	188
<b>Quadro 6:</b> Síntese da proposta de Anjos (2012) acerca dos papéis semânticos de <i>de</i> com base em Neves (2000) .....	199

## **Siglas**

**AH** – Acidente Humano

**AM** – Amapá

**ANA** – Agencia Nacional das Águas

**APEMA** – Arquivo Público do Estado do Maranhão

**BA** – Bahia

**BPBL** – Biblioteca Pública Benedito Leite

**CNRH** – Conselho Nacional de Recursos Hídricos

**DSG** – Diretoria de Serviço Geográfico do Exército

**ES** – Espírito Santo

**FUNAI** – Fundação Nacional do Índio

**GO** – Goiás

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IDEB** – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

**IDH** – Índice de Desenvolvimento Humano

**IHGMA** – Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão

**IMESC** – Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

**ISA** – Instituto Socioambiental

**MG** – Minas Gerais

**MT** – Mato Grosso

**NuGEO** – Núcleo Geoambiental

**PA** – Pará

**PE** – Pernambuco

**PNRH** – Plano Nacional de Recursos Hídricos

**PR** – Paraná

**RN** – Rio Grande do Norte

**RO** – Rondônia

**RR** – Roraima

**RS** – Rio Grande do Sul

**SESAI** – Secretaria Especial de Saúde Indígena

**SIASI** – Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena

**SP** – São Paulo

**UEMA** – Universidade Estadual do Maranhão

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	16
<b>1 A inter-relação língua, cultura e ambiente</b> .....	20
1.1 Etnolinguística .....	21
1.2 O léxico .....	25
1.3 Lexicologia .....	26
1.4 Onomástica: a porção toponímica .....	28
1.5 O signo toponímico .....	29
1.5.1 A estrutura do signo toponímico .....	31
1.6 Toponímia: um pouco da história .....	32
1.7 Toponomástica e toponímia .....	36
1.8 Hidronímia: alguns estudos .....	38
1.8.1 Hidronímia: o nome do curso d'água .....	39
1.9 Línguas e povos indígenas no Brasil: uma breve nota .....	40
1.10 Línguas e povos indígenas no Maranhão .....	45
1.11 O léxico Tupi(nambá) .....	52
<b>2 ASPECTOS GEO-HISTÓRICOS E CULTURAIS DO ESTADO DO MARANHÃO</b> .....	54
2.1 O processo de povoamento .....	54
2.1.1 A Frente Litorânea: suas ramificações e os povos que a habitavam .....	55
2.1.2 A Frente dos Pastos Bons: suas ramificações .....	56
2.2 Aspectos geográficos .....	57
2.3 Unidades Geomorfológicas do Maranhão .....	63
2.4 Bacias Hidrográficas no Maranhão .....	66
2.5 Aspectos socioculturais .....	77
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	80
3.1 A constituição do corpus .....	81
3.2 As fontes .....	81
3.3 As fontes: a literatura dos viajantes .....	87
3.4 Registro e arquivamento dos dados .....	87
3.5 Classificações dos topônimos: a proposta das taxionomias de Dick .....	91
<b>4 Apresentação e análise dos dados</b> .....	93
4.1 Apresentação dos dados por meio das Fichas Lexicográfico-Toponímicas .....	93
<b>5 Análise dos dados</b> .....	158
5.1 Os Elementos hidrográficos: o que mostram os dados .....	158
5.2 A hidronímia indígena: uma análise quantitativa .....	172
5.3 Estruturas morfológicas predominantes nos hidrônimos indígenas .....	173
5.4 Taxionomias presentes nos hidrônimos indígenas .....	175
5.5 Análise das três taxionomias mais recorrentes .....	177
5.5.1 Os fitotopônimos .....	177
5.5.2 Os zootopônimos .....	179
5.5.3 Os hidrotopônimos .....	181
5.6 Percurso Onomástico dos hidrônimos .....	183
5.7 Análise dos Sintagmas Toponímicos Preposicionados (DE) .....	196
5.7.1 Análise dos sintagmas toponímicos preposicionados (DE) tomando como base as taxes .....	200
<b>Considerações Finais</b> .....	208
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	210
<b>Índice Remissivo</b> .....	

## Introdução

O Maranhão é um Estado de muita diversidade étnica, linguística, histórica e cultural. Quando da chegada dos Franceses, em 1612, pelo litoral, na tentativa de fundar a França Equinocial, na chamada Ilha de *Upaon-Açú*, isto é ilha grande<sup>1</sup>, quem habitava essa localidade eram os índios Tupinambás, do tronco linguístico Tupi-Guarani ou Macro-Tupi, distribuídos em vinte e sete aldeias, somando uma população estimada em 12 mil indivíduos; alguns dos quais, com o contato com os franceses, acabaram deixando a Ilha e adentrando no continente de onde expulsaram os índios do troco linguístico Marco Jê.

Após realizarem os atos políticos e religiosos de fundação da cidade, os franceses se dedicaram à construção de um forte, chamado de Forte de Saint Louis, que homenageava o Rei-Menino Luís XIII<sup>2</sup>, deram continuidade à exploração mais intensa das terras maranhenses e ensinaram religião e a forma de trabalho do mundo ocidental aos índios que ficaram na Ilha. A penetração no interior do continente se deu por meio dos grandes rios, Munim, Mearim, Pindaré, Itapecuru.

Em 1614, foi enviada a São Luís, pelo Governador Geral do Brasil, uma expedição militar que partiu de Pernambuco e que foi comandada pelo português Jerônimo de Albuquerque, com o intuito de expulsar os franceses das terras maranhenses. Assim, em 1615, os portugueses expulsaram os franceses, na chamada batalha de Guaxenduba. Vale ressaltar que com a reconquista do Maranhão, pelos portugueses, foi mantido o nome de São Luís para a cidade bem como para a ilha. Passados os anos e feita a exploração, agora pelos portugueses, o Maranhão, entre os anos de 1641 e 1644, foi invadido pelos holandeses, que saquearam a cidade, abalando assim a economia local, mas eles não obtiveram muito êxito nessa invasão, pois foram expulsos pelos senhores de engenho que retomaram a cidade.

As condições geográficas da localização da ilha de São Luís contribuíram para o desenvolvimento da cidade, considerando o relevo e a hidrografia, firmadas naquela época sobre o extremo de uma altura de vinte a trinta metros em relação ao nível do mar, banhada pelos rios Bacanga e Anil, e ainda, entre duas baías, São Marcos e São José, e direcionada por várias vias fluviais navegáveis de grande importância na região, os rios Pindaré, Mearim e Itapecuru, que foram, portanto, os facilitadores dos movimentos demográfico e do comércio da metrópole com o interior.

---

<sup>1</sup> Nome Tupinambá da atual ilha de São Luís, também nome da Capital do Estado do Maranhão, conhecida ainda, como Ilha do Amor, Jamaica Brasileira, Athenas Brasileira, Ilha Bela.

<sup>2</sup> Essa homenagem gerou o gentílico *ludovicense* aos nascidos na cidade de São Luís.

Considerando essa realidade e importância da hidrografia para o desenvolvimento do Estado, selecionamos como objeto de estudo a hidronímia maranhense de origem indígena, entendendo a hidronímia como parte da Onomástica que se ocupa de estudar os nomes de batismo dos elementos hídricos em geral não importando a natureza linguística.

A existência, portanto, de uma densa rede hídrica (rios, lagos, riachos, igarapés, brejos...), que permitiu/permite o deslocamento e a sobrevivência do homem no Maranhão, justifica nossa proposta de dar continuidade à pesquisa da toponímia maranhense, mais precisamente da hidronímia de origem indígena. O foco na origem dos hidrônimos se deu pela forte presença indígena no Estado, nos séculos passados e a ainda hoje.

Cabe ressaltar que nossa proposta para o doutorado consiste na ampliação do inventário dos hidrônimos maranhenses, inventário esse que fizemos quando da elaboração de nossa dissertação de mestrado<sup>3</sup>, que analisamos a hidronímia maranhense no Norte. A partir de então, levantou-se as hipóteses de que: (i) a hidrografia presente no resto do estado maranhense também tem uma forte contribuição indígena; (ii) se sim, essa contribuição é ainda de origem Tupi, conforme Pereira (2017), considerando que, como já visto, os índios Tupinambás, do tronco linguístico Tupi-Guarani, deixaram a ilha quando da chegada dos colonizadores no Maranhão e adentraram ao continente de onde expulsaram os índios do troco linguístico Marco Jê.

Dessa forma, cremos que um estado como o Maranhão, com o processo de ocupação diversificado, haja vista a questão de sua frente de povoamento, tendo sido disputado por franceses, holandeses e portugueses e com uma presença expressiva de índios, necessita ampliar seus estudos no domínio da toponímia, em particular dos topônimos de origem indígena, pois, como consabido, as línguas indígenas deixaram uma contribuição incontestada no léxico dessa área.

Nesse sentido esta pesquisa tem como objetivos:

Geral:

Investigar os nomes próprios de origem indígena que nomeiam a hidronímia maranhense.

Específicos:

- Verificar a relação nome próprio, motivação e ambiente;

---

<sup>3</sup> A dissertação referida, cujo título é *Pelos caminhos das águas: um estudo da hidronímia da mesorregião norte maranhense*, foi defendida em abril de 2017, no Programa de Pós-Graduação em Letras – PGLetras da Universidade Federal do Maranhão.

- Analisar os hidrônimos, considerando o ambiente físico e cultural em que se encontram inseridos e segundo as categorias origem, taxionomia e estrutura morfológica;
- Analisar os fenômenos linguísticos – variações e modificações e os processos de retenção e substituição dos hidrônimos coletados;
- Analisar a estrutura sintagmática (elemento geográfico + prep. (de) + hidrônimo).

A elaboração deste trabalho constitui, portanto, uma iniciativa no sentido de buscar um conhecimento mais amplo acerca do Estado. Os mapas apresentados ao longo deste estudo possibilitam: (i) situar geograficamente os hidrônimos, proporcionando assim uma visualização mais imediata da extensão de um nome, (ii) visualizar o domínio de um dos troncos linguísticos indígenas ou mesmo de uma de suas línguas, e (iii) oferecer uma informação imediata acerca do topônimo.

Situamos, portanto, nossa pesquisa no âmbito dos estudos da toponímia indígena e, num movimento que vai do presente (coleta de dados contemporâneos em mapa da ANA, 2017) para o passado (recolha de dados em mapas dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX) e volta ao presente, buscamos responder às questões que a norteiam, dentre as quais destacamos: (i) É considerável no Estado um grande número de hidrônimos indígenas? (ii) Verifica-se a manutenção ou a substituição da denominação mais antiga na hidronímia? (iii) Qual é a natureza toponímica que predomina na denominação da rede hídrica?

Tentando responder a esses questionamentos, estruturamos esta tese na forma descrita a seguir.

Nesta Introdução, situamos o objeto de pesquisa, a hidronímia, apresentamos a justificativa, os objetivos e os questionamentos que orientam este estudo.

No capítulo I, abordamos os pressupostos teóricos, fazendo uma breve discussão, com enfoque no léxico e na hidronímia. Para tanto, apoiamos-nos em Dauzat, Sapir, Dick, Isquierdo, Seabra.

No capítulo II, que versa sobre o contexto histórico, geográfico e sociocultural do Maranhão, abordamos o processo de povoamento, a geomorfologia, apresentando o tipo de relevo da área e alguns aspectos sociais e culturais da região.

No capítulo III, apresentamos os fundamentos teóricos e metodológicos, destacando os procedimentos adotados para a coleta dos dados e o modelo teórico usado para a classificação dos hidrônimos.

No capítulo IV, dedicado aos dados, apresentamos os hidrônimos distribuídos por microrregiões e segundo as categorias usadas para análise. Apresentamos, ainda, a análise quantitativa, para verificação de percentual de hidrônimos, segundo sua língua de origem, taxionomia, natureza (física e antropocultural) e estrutura morfológica, e ainda segundo a estrutura sintagmática (elemento geográfico + Prep. (de) + hidrônimo)

No capítulo V, em que oferecemos uma síntese das principais ideias discutidas ao longo desta tese, apresentamos as considerações finais.

Apresentamos ainda, as referências e um índice remissivo.

## CAPÍTULO I

### A inter-relação língua, cultura e ambiente

Língua, cultura e ambiente são três elementos que se entrelaçam e se fortalecem, como destaca Sapir (1912) quando afirma que o vocabulário completo de uma língua pode, de fato, ser visto como um inventário complexo de todas as ideias, interesses e ocupações que chamam a atenção da comunidade; são um “tesouro” completo da língua de um determinado povo à nossa disposição, podendo, em grande medida, inferir o caráter do ambiente físico e as características da cultura das pessoas que dele fazem uso.

Assim, tomando como base Mattoso Câmara (1955), observamos que a estrutura linguística ou língua resulta de dois mecanismos, a simbolização e a articulação. Na simbolização, a linguagem humana distingue-se por segmentos vocais de significados imutáveis que são reproduzidos nas mesmas ocasiões, o resultado disso é a articulação desses segmentos vocais gerados pelo homem, que dá origem ao que chamamos de linguagem humana:

A criação humana, em relação à linguagem, que a torna um fato superorgânico ou de cultura, é aplicar permanentemente segmentos vocais concatenados com as circunstâncias a comunicar, isto é, dêles fazer SÍMBOLOS, e ao mesmo tempo tratá-los como elementos articulados, isto é, resultantes de unidades mínimas que nêles se repetem, mas distribuindo-se diferentemente (cf. ir - ri) ou intercambiando-se (cf. ri - li - vi etc.). Mattoso Câmara (1955, p. 53)

Desse modo, a língua funciona na sociedade como comunicação dos seus integrantes, ela necessita da cultura em um todo, pois a cultura é expressada por ela a todo momento. Com isso, Mattoso Câmara (1955, p. 53) afirma que “(...) as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas em grande parte pela língua”. Por meio disso, “a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é – o resultado dessa cultura, ou sua sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la.”

Nesse entrelaçamento língua/cultura, Sapir (1954, p. 54), afirma que “[...] a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas.”. Assim no bojo de seus debates estavam postulados como “A língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida.” (SAPIR, 1961, p. 26) e “A língua está se tornando um guia cada vez mais valioso no estudo científico de uma dada cultura.” (p.19).

Quando seu olhar se voltava para a relação língua / ambiente, dois pontos precisam ser considerados: (i) o fato de Sapir chamar a atenção para a posição radical daqueles que buscam

explicar todo traço de cultura humana como resultante da atuação do ambiente físico, e (ii) a ressalva que faz o autor quando emprega o termo ambiente ao tratar dessa relação, tendo em vista sua concepção de língua como “[...] um complexo de símbolos refletindo todo o quadro físico e social em que se acha situado um grupo humano [...]” (SAPIR, 1961, p. 44). Nesse caso, crê o autor, o termo ambiente deve englobar tantos os fatores físicos como os sociais. Os fatores físicos dizem respeito a aspectos geográficos, como a topografia da região, o clima e o regime de chuvas, e à base econômica da vida humana, que compreende a fauna, a flora e os recursos minerais. Os sociais, por sua vez, abarcam “[...] as forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo.” (SAPIR, 1961, p. 44). Dentre essas forças destacam-se, como mais importantes, a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

### 1.1 Etnolinguística

A linguagem é o fator principal na existência de uma sociedade, um instrumento primordial para a interação entre os homens. A linguagem falada pode ser transmitida de duas maneiras básicas: a primeira é por meio da linguagem escrita – o uso de ‘letras’, que possuem um certo significado de unidade da palavra falada, e por meio da linguagem de imagens (placas e as cores na sinalização de trânsito, por exemplo).

Com o aprendizado de línguas, são também adquiridos os padrões culturais de uma comunidade, dessa forma são aprendidos os princípios organizacionais, normas de comportamento, meios de pensar e agir, e princípios ideológicos.

Apesar disso, por muitos anos e ainda nos tempos atuais, vários linguistas consideram a língua um instrumento de estudo em si, sem contemplar os elementos extralinguísticos que a acompanham e suas finalidades. A exemplo, os estruturalistas que não se interessam pelos aspectos antropológicos da linguagem. Conforme Pottier (1970, p. 3) o “Estruturalismo estreito rejeita a entonação, os gestos, as conotações, os campos semânticos da experiência, etc., porque essas características não se prestam tão facilmente como os fonemas ou os modelos sintáticos para descrições exaustivas e harmoniosas.”<sup>4</sup>

Sobre essa visão, Sapir (1961, p.27) evidencia que

É especialmente importante que os linguistas, tantas vezes acusados, e acusados com justiça, de não saberem enxergar além dos elaborados padrões que depreendem em seu estudo, passem a perceber claramente o que a sua ciência significa para a interação da conduta humana em geral. Queiram eles ou não, terão de cada vez mais se

---

<sup>4</sup> Tradução livre de “Le structuralisme étroit rejette l'intonation, les gestes, les connotations, les champs sémantiques d'expérience, etc., parce que ces caractéristiques ne se prêtent pas aussi facilement que les phonèmes ou les modèles syntaxiques à des descriptions exhaustives et harmonieuses.”

interessar pelos múltiplos problemas antropológicos, sociológicos e psicológicos que invadem o âmbito da linguagem.

Nesse contexto, Fernández e Hachén (1995, p. 1) afirmam que “Toda linguagem é, por definição, **humana** e toda linguística deve contemplar o estudo dos aspectos psico-socio-culturais inerentes à comunicação verbal.”<sup>5</sup>. Assim ao longo dos anos foram aparecendo várias ramificações da Linguística, as quais relacionam o estudo da linguagem com outras disciplinas, assim sugeriram a Antropolinguística, a Psicolinguística, a Sociolinguística, a Etnolinguística, etc. Sobre essas novas disciplinas e a influência que a cultura emprega e os propósitos que ela exerce sob a linguagem, Pottier (1970, p. 3) considera que

« Língua e cultura », « linguística antropológica », « sociolinguística », « língua, pensamento e realidade », são todas as formulações que expressam as relações entre as línguas e as culturas, no sentido mais amplo do termo. A etnolinguística será o estudo da mensagem linguística em conexão com todas as circunstâncias da comunicação.<sup>6</sup>

De acordo com Dick (2002, p. 182), “Na perspectiva sincrônica dos estudos contrastivos, a etnolinguística firmou-se como decorrência da necessidade de se entender as variantes e as invariantes sociais, bem como os níveis de linguagem que modelam os pensamentos e o modo de ser e de viver da população em análise”, que para ela resumidamente é o “estudo do próprio código, de sua função e de suas mensagens.”

Segundo Coseriu (1990, p. 28), a definição da etnolinguística como “[...] o estudo da linguagem em relação com a civilização e cultura das comunidades falantes” – são amplas demais.”, pois, conforme o autor, essa definição tende a confundir a etnolinguística com uma “‘etnografia geral da comunicação’ que, em rigor, é empiricamente impossível e, se fosse empiricamente realizável, nem se apresentaria interesse linguístico.”, com isso Coseriu (1990, p. 34) limita a etnolinguística na visão da linguística “(como disciplina linguística, não etnológica ou etnográfica), ao estudo da variante e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura.”. Dessa forma, Coseriu (1990, p. 35) vai dizer que

a determinação da linguagem pelas “coisas” e pelo “saber relativo às coisas” abarca muito mais do que tudo o que foi considerado até hoje. É oportuno, pois, ampliar e completar a etnolinguística hoje existente até fazê-la coincidir com uma “linguística

<sup>5</sup> Tradução livre de “Todo lenguaje es, por definición, **humana** y toda lingüística debe contemplar el estudio de los aspectos psico-socio-culturales inherentes a la comunicación verbal.”

<sup>6</sup> Tradução livre de « Langue et culture », « linguistique anthropologique », « sociolinguistique », « langue, pensée et réalité », sont autant de formulations exprimant les relations entre les langues et les cultures, au sens le plus large du terme. *L'ethnolinguistique* sera l'étude du message linguistique en liaison avec l'ensemble des circonstances de la communication.

esqueológica” (do grego *skeûos*, “coisa”) que estuda todas a contribuição do “conhecimento das coisas” à configuração e ao funcionamento da linguagem.

Com essa limitação, Coseriu (1990) faz ainda uma distinção entre etnolinguística e a “etnografia linguística” e propõem que a etnolinguística poderia conservar-se como denominação genérica para os compatíveis grupos de disciplinas e dentro desses poderiam distinguir-se a linguística etnográfica e a etnografia linguística. Assim partindo da correlação entre linguagem – cultura, Coseriu (1990) afirma que estamos no campo da etnolinguística ou linguística etnográfica quando o objeto de estudo é a linguagem e os fatos linguísticos são determinados pelos “saberes” acerca das coisas; e quando ocorre ao contrário, estamos no campo da etnografia, ou seja, se o objeto de estudo é a cultura e for determinada pelos “saberes” acerca das coisa como expressão da linguagem; já quando ocorre da linguagem mesma com um tipo de cultura no meio de outras e em conjunto com outras, realiza-se etnografia linguística; e entramos no campo da etnografia da linguagem quando tratamos somente da linguagem como manifestação cultural.

Para melhor compreender a tarefa da etnolinguística, Coseriu diferencia três planos da estrutura da linguagem: o plano universal do falar em geral (independentemente das determinações históricas), o plano histórico das *línguas* e o plano individual do discurso (ou “*texto*”). Esses planos, segundo Coseriu (1990, p. 36), “existem pelo fato de que a linguagem é uma atividade humana universal que se realiza por cada falante individualmente e sempre segundo determinadas tradições históricas”, conforme Coseriu (1990, p. 37) esses três planos possuem saberes e conteúdos, próprios e diferentes, e ainda planos de apreciação autônomos, assim: o plano da fala em geral possui o saber elocucional, ou falar geral, independentemente de tal ou qual língua; em relação ao conteúdo tem-se a designação que faz referência à “realidade”, a “coisa” e “estado de “coisa”; a conformidade é congruente, quando existe a exigência de clareza, coerência, não-contradição, não-tautologia, etc.. No plano das línguas aparece o saber idiomático, ou saber falar uma língua; no conteúdo, temos o significado (conteúdo dado exclusivamente pela língua, pelas oposições idiomáticas funcionais), e na conformidade, a correção (idiomática). Já no plano do discurso o saber é expressivo, ou saber falar em determinadas circunstâncias, saber estruturar “discursos”; no conteúdo aparece o sentido que é próprio dos discursos enquanto dado pela expressão linguística e por determinações extralinguísticas; a conformidade é apropriada. Tendo Coseriu distinguindo a linguagem em três planos com saberes e conteúdos linguísticos autônomos, ele amplia essa distinção para a linguística e suas ramificações, assim temos uma etnolinguística do falar geral, uma etnolinguística das línguas e uma etnolinguística dos discursos.

Assim segundo Coseriu (1990, p. 41), a “etnolinguística do falar estuda a determinação da linguagem pelo conhecimento do mundo e, em geral, pelos saberes universais extralinguísticos (incluindo as normas gerais do pensar humano)”. Em relação à etnolinguística da língua, Coseriu (1990, p. 45) diz que “corresponde, precisamente, ao estudo dos fatos de uma língua enquanto motivadores pelos “saberes” (idéias, crenças, concepções, ideologias) acerca das “coisas”, portanto, também acerca da estratificação social das comunidades e acerca da linguagem mesma enquanto fato “real”. Já a etnolinguística do discurso estuda as formas de discursos “(e as estruturas do discurso típicas dos mesmos) enquanto determinados ou motivados pela cultura de uma comunidade e poderá, eventualmente, estabelecer correlações entre tipos de discursos e certos tipos de culturas em várias comunidades.”. Ainda segundo Coseriu, neste plano, a etnolinguística chega perto da sociolinguística e pode se parecer com ela no que diz respeito aos “fatos” a serem estudados, sendo só a visão diferente. E no sentido diacrônico a tarefa da etnolinguística é estudar as mudanças na linguagem ao passo que ela é procedente de “mudanças na civilização e na cultura.”.

Considerando os planos da linguagem, em especial os planos da etnolinguística, e ainda a distinção da etnolinguística em relação a outras disciplinas, podemos observar que o campo etnolinguístico é vasto e que devemos ter cuidado ao fazemos análises dos fenômenos linguísticos para os extralinguísticos, sobretudo, à identificação de mudanças em categorias, identidades, percepções em decorrência de contatos entre diferentes culturas.

## 1.2 O léxico

O léxico nos possibilita compreender os significados da língua. Para Sapir (1961, p.45), esse componente da língua é o que “(...) mais nitidamente reflete o ambiente físico e social. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de tôdas as idéias, interêsses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade.”. Dada essa magnitude do léxico, Sapir crê que, se tivermos conhecimento desse tesouro patrimonial de um determinado grupo social, seremos capazes de fazer inferências acerca do seu ambiente físico e de suas características culturais. Sapir diz ainda que somos capazes de estabelecer o grau de familiaridade desse povo com os diversos elementos do ambiente, por meio da forma relativamente *transparente* ou *não-transparente* do próprio léxico.

Nessa perspectiva, Biderman (1992, p. 399) afirma que o “léxico é o tesouro vocabular de uma língua, incluindo todos os conceitos linguísticos e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade.”.

Conforme a autora, esse tesouro lexical, junto com outros símbolos da cultura formam um patrimônio da sociedade. Esse tesouro lexical é, além de tudo,

“[...] uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas.”. (BIDERMAN, 2001, p.13)

Vilela (1994, p. 10) compreende o “léxico como a totalidade das palavras duma língua, ou, como o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística, acerca das propriedades lexicais das palavras (propriedades fonético-fonológico-gráficas, propriedades sintáticas e semânticas)”. É, contudo, a comunicação de um povo, os saberes extralinguísticos, assim sabemos “(...) que a referência à realidade extralinguística nos discursos humanos faz-se pelos signos linguísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas.”. Biderman (1996, p. 27).

É, portanto, por meio das unidades lexicais que o homem individualiza e nomeia tudo a sua volta, impondo o seu domínio e perpetuando a sua cultura, pois o léxico é, como assinala Krieger (2010, p.169-170), “um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico.”.

Dick (1995), ao focar o léxico toponímico e examinar a questão dos marcadores e das recorrências linguísticas, assinala a atuação de dois mecanismos que ordenam o ato de nomear: a *espontaneidade* e a *sistematização*. A espontaneidade, segundo Dick, caracteriza-se pela presença, no ato da nomeação, de traços imediatos do designado, tais como cor, forma, grandeza, ou de elementos que compõem o ambiente, como animais, plantas. Já o mecanismo de sistematização, de acordo com Dick, é consequência de uma *política administrativa de nomeação*, da atuação consciente de um povo, ao escolher, no processo de batismo, certos princípios como seu modelo. Em função disso, os topônimos resultantes deste mecanismo se distinguem dos topônimos espontâneos por apresentar traços que os caracterizam como dedicatórios, devocionais ou mesmo bajulatórios.

### 1.3 Lexicologia

A Lexicologia estuda as unidades lexicais da língua. Segundo Orsi (2012), foi um longo percurso até a Lexicologia se firmar como ciência relevante e imprescindível aos estudos linguísticos, mesmo com sua grande importância. Esse longo percurso começa,

[...] ainda de forma incipiente, no século IV a.C., na Índia, com Panini, o qual em sua gramática estudou o sânscrito e definiu elementos significativos daquela língua. Já os gregos foram os primeiros a refletir sobre o léxico com vistas, sobretudo, à Semântica, ao associarem conceitos às unidades lexicais com base em reflexões filosóficas. (ORSI, 2012, p. 164-165)

Mas é somente no século XIX que a Lexicologia se solidificou como uma das ciências do léxico, com o surgimento das reflexões lexicológicas. Como “ciência do léxico”, ela observa a totalidade do signo linguístico, como concebido por Saussure no início do século XX, e tem interesse pelo estudo no que diz respeito às palavras (ORSI, 2012).

Barbosa (1980, p. 260) diz que a Lexicologia é um dos ramos da Linguística, e que tem por objeto específico a palavra, e tem como tarefa

[...] considerar a palavra como um instrumento de construção e de detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores; abordá-la como um elemento instaurador e como um lugar privilegiado de reflexo da cultura; explicar os processos de criação e renovação da palavra, e de seu conjunto universo, o léxico.

Para Biderman (2001, p. 16), a Lexicologia é uma “ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico. Esses três problemas teóricos têm merecido pouca atenção dos linguistas.”.

Já, segundo Vilela (1994, p. 9 - 10),

a lexicologia costuma ser definida como a ciência do léxico de uma língua. Isto é, a lexicologia tem como o objecto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo sobretudo na análise de estrutura interna do léxico nas suas relações e inter-relações.

Conforme o autor, a lexicologia tem como atribuição proporcionar dados sobre as unidades lexicais que contribuam para a elaboração do discurso e evidencia a estrutura interna do léxico, gerando assim informações sobre o conteúdo e a forma. Para ele, a palavra é a unidade básica da lexicologia, que ele atribuiu o conceito de Pottier de *lexia* – unidade de comportamento sintático (1967) ou – unidade funcional memorizada em competência (1974).

Dessa forma, vale ressaltar que o termo *palavra* deve ser usado com cuidado em Lexicologia. Com isso, Biderman (2001, p. 16) afirma que “a palavra inserida numa cadeia paradigmática se articula em combinatórias sintagmáticas, gerando um labirinto infinito de

significações.”. Conforme Polguère (2018), para evitarmos equívocos não devemos utilizar nunca a expressão “*palavra* como termo linguístico técnico”, e, assim, sugere “termos específicos: *lexia, forma de palavra, lexema, locução e vocábulo.*”, como um conjunto rico para que possamos escarpar dessa confusão. Em relação a essa recorrência de outros termos, Orsi (2012), evidencia que é muito comum o uso de “item léxico” “item lexical”, “lexia”, “lexema”, “unidade léxica” e “unidade lexical” em pesquisas e trabalhos lexicológicos, considerando a ‘dificuldade e imprecisão’ nas significações de palavra.

Vale ressaltar que a Lexicologia mantém uma estreita relação com outros ramos da Linguística, podendo

Estudar a palavra em sua estrutura gramatical, semântica, semântico-sintática; examinar sua carga ideológica, sua força persuasiva, sua natureza modelizante; definir a rede de relações das palavras de um sistema linguístico; estudar o conjunto de palavras de tal sistema ou de um grupo de indivíduos, seja como universo lexical, seja como conjunto vocabulário; analisar o léxico efetivo, ativo e passivo, e fazer estimativas sobre o léxico virtual. (BARBOSA, 1980, p. 232)

Assim, a Lexicologia pode atuar nos campos da formação de palavras, etimologia, fonética-fonologia, morfologia, sintaxe, pragmática, análise do discurso, e tem uma forte ligação com a semântica, que, para Vilela (1994), é semântica (lexical) e morfologia (lexical).

A competência dos lexicólogos, de acordo com Barbosa (1980, p. 263), seja “dedutiva ou indutivamente, [é] tentar analisar, descrever, explicar e reduzir a modelos os dados lexicais, cumprindo-lhe, ainda, na condição de cientista, procurar falsear esses mesmos modelos, num procedimento de validação e superação progressiva desses últimos.”. Barbosa (1980) afirma ainda que são tarefas dos lexicólogos a análise qualitativa e quantitativa dos dados lexicais, a descrição da morfo-sintaxe-semântica das classes e subclasses de lexias lexicais e gramaticais, a fixação de uma rede semêmica e uma léxica, a conceituação da estrutura vocabular; a especificação do espectro táxico e da autonomia funcional das classes sintáticas do léxico, a explicação dos procedimentos de criação, mudança e renovação do léxico; e a sistematização de um quadro teórico da natureza e função dos modelos das unidades lexicais.

#### **1.4 Onomástica:** a porção toponímica

A Onomástica é um ramo da Linguística que trata do estudo da etimologia, das modificações, do que é particular dos nomes próprios. Vasconcelos (1931, p. 3) conceitua Onomástica como o “o ramo da Glotologia que estuda os nomes próprios.”, e que engloba as seguintes partes: a Antroponímia, que se dedica ao “estudo dos nomes individuais, como o dos sobrenomes e apelidos”; a Toponímia, que se volta para o “estudo dos nomes de sítios,

povoações, nações, e bem assim de rios, montes, vales, etc., - isto é, os nomes geográficos”; e Vários nomes próprios que são aqueles “que não estão contidos nas duas classes precedentes, por exemplo, de entidades sobrenaturais, de astros, ventos, animais, de coisas (espadas, navios, sinos)”.

Dauzat, um dos pioneiros dos estudos toponímicos atuais, registra em seu *Dicionário etimológico* (1938, p. 513) que a palavra *onomástica* vem do grego *onomastikos*, e faz referência ao nome (próprio); antroponímia (p. 763), a ciência dos nomes de pessoas, tem sua origem no grego *anthrôpos*, homem, e *onoma*, nome. (p. 773); e a toponímia, ciência dos nomes de lugar, variante toponomástica, também encontra no grego *topos*, lugar, e *onoma*, nome, sua origem.

Segundo Dauzat (1946, p. 9), a Toponímia, como ciência, compõe uma parte “(...) preciosa da psicologia social. Em nos ensinar como foram nomeados, em outras épocas, os espaços, as cidades e povoados, os domínios e os campos, os rios e as montanhas, ela nos faz melhor compreender o espírito popular, as tendências místicas ou realistas, os modos de expressão.”<sup>7</sup>. Assim, por meio do topônimo, podemos resgatar parte do passado e descobrir a cultura e o modo de viver de um povo.

Seguindo essa linha de raciocínio, Dick (1990b, p. 22) ressalta que “[...] se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. [...] torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica.”. E acrescenta:

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais. (DICK, 1990a, p.19)

Assim, analisar o topônimo em seus aspectos linguísticos e extralinguísticos é um trabalho complexo, pois, por meio dessa análise, coletamos muitas informações que se correlacionam.

---

<sup>7</sup> Tradução livre de: (...) précieux de psychologie sociale. Em nous enseignant comment on a désigné, suivant les époques et les milieux, les villes et villages, les domaines et les champs, les rivières et les montagens, ele nous fait mieux comprendre l’âme populair, ses tedances mystiques ou realistes, ses moyens d’expression.

## 1.5 O signo toponímico

A arbitrariedade do signo linguístico, quer dizer, a relação que existe entre o significado e o significante de uma palavra, é, desde Saussure, um dos princípios fundamentais da linguística moderna. No entanto, a arbitrariedade não é regra geral na toponímia. (TRAPERO, 1995). [Tradução literal do texto de Trapero (1995, p. 32)]

No decorrer dos estudos linguísticos, o estudo da motivação linguística não obteve muita aceitação, sendo a arbitrariedade do signo linguístico, reestabelecida por Saussure, o grande eixo dos estudos linguísticos. Entretanto no caso da Toponímia, considerando as particularidades que o signo apresenta, a arbitrariedade do signo deve ser revista, tendo em vista que:

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, (...) uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, *marcando-o duplamente*: o que era *arbitrário*, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente *motivado*, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK 1990a, p. 38)

Vale ressaltar que, algumas vezes, o topônimo pode perder o seu verdadeiro significado, pois já não podemos mais perceber o real motivo que levou o designador à nomeação de um local.

Para Dick, existem dois momentos em que o duplo aspecto da motivação toponímica se manifesta: (i) na *intencionalidade* que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome para este ou aquele elemento geográfico e (ii) “na própria *origem semântica* da *denominação*, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas.” (DICK, 1990a, p. 39).

Esses dois momentos, a *intencionalidade* e a *origem semântica*, que são considerados pela autora como aferição do fenômeno motivador dos topônimos, configuram também perspectivas diacrônicas e sincrônicas no estudo da Toponímia e vão mais além, pois dão subsídios à criação das taxionomias toponímicas.

Conforme Isquierdo (1997, p. 31-32), o signo toponímico apresenta determinadas especificidades que precisam ser consideradas.

Primeiramente, trata-se de nomes próprios cuja função específica é a de identificar e não de significar. Entretanto, na situação específica do topônimo, além dele determinar a identidade de lugares, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sócio-

cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de referência para o entendimento de aspectos da realidade em que está inserido. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por fatores inerentes à realidade circundante do denominador.

Desse modo, por meio dos signos toponímicos, podemos revelar como um ser humano vê o mundo, podemos, assim, identificar os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, além das características do ambiente nomeado. Com isso,

“Entendemos que o signo toponímico reflete diversos fatores extralinguísticos e funciona como testemunho desses aspectos que envolvem um grupo *sócio-lingüístico-cultural*, mesmo quando esses fatores já estejam, aparentemente, perdidos. Daí a importância de se estudar os topônimos, até como forma de resgate, na medida do possível, de fatores extralinguísticos que intervêm no ato da designação de um lugar e, conseqüentemente, contribuem para a recuperação da própria história do local e das pessoas que lá vivem.” (DRAGEL, 2003, p. 80)

Na maioria dos casos, a associação entre o signo toponímico e o referente extralinguístico se perpetua ao longo dos tempos, sem nenhum tipo de alteração, o que chamamos de *continuidade toponímica*. Em outros casos, esses dois constituintes seguem rumos diferentes, o referente extralinguístico se perpetuou ao longo do tempo, já o signo toponímico a ele associado foi substituído por outro distinto, surgindo assim o que chamamos de *substituição toponímica*. (LEMA; FERNÁNDEZ; PELÁEZ, 2010)

### 1.5.1 A estrutura do signo toponímico

As inferências formuladas pelo denominador no ato da nomeação de um lugar modificam o topônimo. Segundo Dick (1990a, p. 10), ao “designar, tradicionalmente, o nome próprio de lugar, o topônimo, em sua formalização na nomenclatura onomástica, liga-se ao acidente<sup>8</sup> geográfico que identifica, com ele constituindo um conjunto ou uma relação binômica, que se pode seccionar para melhor se distinguirem os seus termos formadores.”.

Desmembrando essa ligação, depreendemos dois termos: o **termo genérico**, que diz respeito ao tipo de elemento geográfico, podendo ele ser físico ou humano, e o **termo específico**, o topônimo em si, que caracteriza e identifica o elemento. Conforme Dick (1990a, p.10), esses dois termos atuam, “no sintagma toponímico, de forma justaposta (rio das Amazonas) ou aglutinada (Parauna, rio negro), conforme, portanto, a natureza da língua que os inscreve.”.

---

<sup>8</sup> Considerando que as nomenclaturas elementos geográficos e acidentes geográficos condizem ao mesmo referente, optamos por usar o termo elementos geográficos em todo o texto e acidentes geográficos nas citações direta.

De acordo com Dick (1990a, p. 13-14), o termo específico do sintagma toponímico pode se apresentar com a seguinte formação morfológica:

✓ Termo específico simples – são aqueles formados por um só formante (seja substantivo ou adjetivo, de preferência), pode aparecer acompanhado de sufixações (diminutivas, aumentativas ou de outras procedências linguísticas).

Ex.: Almas (serra das, PR), Alminhas (cachoeira das, RS), Azeitão (chapada do, MA).

✓ Termo composto – aparece com mais de um elemento em sua formação.

Ex.: Cachoeira Maravilhas dos Macacos (AH MG), São João dos Poeiros (AH MA)

✓ Termo específico híbrido (simples ou composto) – traz em sua composição elementos linguísticos de diferentes procedências.

Ex.: Bambuzal (igarapé MA) (híbrido simples) (Tupi + Língua Portuguesa), Santa Luzia do Paruá (AH MA) (híbrido composto) (Língua Portuguesa + Tupi)

Podemos observar que por meio do sintagma toponímico temos várias possibilidades de investigação do léxico toponímico, que nos possibilitam a ir além das estruturas linguísticas.

### **1.6 Toponímia: um pouco da história**

Como visto, a Toponímia é um dos ramos da Onomástica, que estuda os nomes próprios de lugares. Dauzat (1946) destaca que os precursores da toponímia na França, onde os primeiros estudos começaram, foram o medievalista Quicherat e o estudioso celta d'Arbois de Jubainville, sendo o verdadeiro fundador Auguste Longnon, que iniciou o ensino da toponímia na Ecole Pratique des Hautes Etudes, e depois no Collège de France; porém, com a morte de Longnon, em 1913, o ensino da toponímia foi suspenso.

Segundo Dauzat (1946), com a morte de Dottin, especialista do gaulês, de Camille Julian, toponimista, de Antoine Thomas, grande etimologista, e a suspensão da cadeira de celta no Collège de France, durante a aposentadoria de Joseph Loth, os estudos sobre toponímia foram novamente atingidos.

Em 1922, Albert Dauzat assumiu o ensino dos nomes de lugares em uma de suas conferências na Ecole Pratique des Hautes Etudes e, nesse mesmo ano, fundou *Revue des Etudes Anciennes*<sup>9</sup> e, em 1932, *Chronique de toponymie*<sup>10</sup> que oferecia uma bibliografia crítica, fontes e trabalhos para os interessados nas publicações e pesquisas em toponímia.

---

<sup>9</sup> Revisão dos Estudos Antigos

<sup>10</sup> Crônicas de Toponímia

Assim foram surgindo várias obras sobre a toponímia francesa, destacando-se, dentre elas, a obra póstuma de Auguste Longnon, *Les noms de lieu de la France* (Paris, Chapiom, 1929); o manual de Hermann Gröhler, *Ueber Ursprung und Bedeutung der Französischen Ortsnamen*, publicação que foi interrompida por conta da guerra; *Toponymie de la France*<sup>11</sup>, obra clássica que contém formas antigas acompanhada de muitas referências, (Bruxelles, Librairie Générale, 1937.); *Les noms de lieux*<sup>12</sup>, de Albert Dauzat (Paris, Delagrave, 1926.). Nesse manual, Dauzat (1946) apresenta uma síntese para iniciantes, com uma bibliografia que orienta e permite o avanço dos estudos toponímicos, o que realmente aconteceu na França. Outras obras, impulsionadas pelos trabalhos mencionados, foram publicadas.

Outros países vizinhos da França também realizaram estudos sobre toponímia. Na Itália, Flechia inaugurou os estudos em 1870; na Suíça, publicou-se o trabalho de Jaccard, *Essai de Toponymie* (Lausanne, 1906), obra considerada imperfeita; em 1931, foi publicado *Contributo toponomástico ala teoria dela continuitá* (Milan), por E. Muret, que foi considerada uma obra excelente.

Na Bélgica, foi criada uma Comissão Real de Toponímia e Dialectologia, em 1932, que publicava um relatório anual de seus trabalhos. Na Holanda, uma comissão oficial de toponímias contribuiu com uma grande coletânea sobre toponímia.

Na Inglaterra, a *Sociedade dos nomes de lugares* propôs uma publicação sobre nomes de lugares e localidades. Para Dauzat (1946), os toponimistas ingleses que começaram os estudos foram Zachrisson, M. A. Mawer e M. Eckwall, autores de um manual de toponímia inglesa.

Na Dinamarca, o governo criou, em 1910, uma Comissão de Toponímia, que iniciou a publicação de volumes documentais; na Suécia, na Universidade de Upsal, funciona o *Instituto de Toponímia*, sob a direção de M. Sahlgren.

Em Portugal, José Leite de Vasconcelos publicou *Antroponímia Portuguesa*, em 1928; e Xavier Fernandes, *Topónimos e Gentílicos*, em 1941. Na Espanha, Ramón Menéndez Pidal publicou *Toponimia Prerromana Hispana*, em 1952.

Com a publicação de várias obras em diversos países, foi criada uma Cooperação Internacional que, para Dauzat (1946), não era tão internacional, pois, segundo ele, era pouco acessível ao público francês. Além dessa Cooperação, foi realizado, em 1938, o Primeiro Congresso de Toponímia e Antroponímia, que, sob a presidência de Albert Dauzat, foi

---

<sup>11</sup> Toponímia da França

<sup>12</sup> Os nomes de lugares

organizado por um grupo de especialistas franceses. O Congresso reuniu toponimistas de vinte e uma nações que expuseram suas pesquisas, pontos de vistas, métodos e descobertas, o que contribuiu ainda mais para o desenvolvimento dos estudos de toponímia.

Dick (1987) aponta que, na América Setentrional, Estados Unidos e Canadá foram os países que iniciaram os estudos toponímicos por meio da contribuição de estudiosos e de órgãos especializados. Uma das principais publicações da época foi a revista *Names*, publicada em 1951, em Detroit, pela American Name Society, tendo como um dos seus colaboradores, de renome mundial, George Stewart, um toponimista estado-unidense, escritor e professor da Universidade de Berkeley, na Califórnia. Já no Canadá, em 1966, surgiu o Grupo de Estudos de Coronímia e de Terminologia Geográfica, integrante do Departamento de Geografia da Universidade Laval, em Québec.

No Brasil, segundo Cardoso (1961, p. 315-316), os estudos toponímicos começaram com

uma toponímia histórica, pura herança ameraba, que devemos ir recolhendo, com uma infinita ternura e um encantamento infinito, como ganga fecunda e preciosa, através da imensa inédita e dos trabalhos de nossos sertanistas e viajantes, a fim de incorporar, a pouco e pouco, mais sistematicamente, ao trabalho, ainda por realizar, sobre a toponímia brasílica.

Essa toponímia histórica, conforme Cardoso (1961, p. 316), “apesar de relativamente pequena, é bastante interessante.”, como o demonstra o primeiro trabalho no âmbito dos estudos toponímico no Brasil, elaborado por Francisco José de Lacerda e Almeida, nos seus relatos de viagens realizadas entre os anos de 1780 a 1790 e registrados em seu *Diário da Viagem pelas Capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato-Grosso, Cuiabá e São Paulo*. A obra, que tratava de explicações etimológicas sobre a toponímia brasílica, só foi publicada em 1841, em São Paulo. Cardoso (1961, p. 316) considera Lacerda e Almeida “incontestavelmente, neste assunto um verdadeiro precursor, o pioneiro dos estudos das línguas indígenas na geografia nacional.”.

Além de Lacerda e Almeida, Cardoso (1961, p. 317) cita o nome do português, Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, como outro “precursor do estudo da influência das línguas indígenas na geografia nacional”, destacando o fato de Maranhão ter sido “o vanguardeiro dos estudos sistematizados, em nosso meio, da toponímia brasílica.”. Com isso, os estudos sobre toponímia no Brasil tiveram seu início com foco nas línguas indígenas.

Dentre as obras que contribuíram para o estudo da toponímia no Brasil, de acordo com Cardoso (1961), merece destaque também a obra de Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, publicada em 1902,

pela criteriosa análise a que foram submetidos todos os vocábulos, pela profundidade dos conhecimentos tupis, pela seriedade de suas investigações, para cujo resultado não faltaram nem as leituras das crônicas antigas e das antigas relações de viagens, nem a consulta ao elemento histórico, a fim de descobrir a verdadeira grafia primitiva dos vocábulos, para a perfeita elucidação de seu sentido e a rigorosa determinação de sua etimologia. Cardoso (1961, p. 323).

Outro estudo que também merece destaque é a própria obra de Cardoso, intitulada *Toponímia Brasília*, pois o autor faz o levantamento de vários trabalhos que abordam a toponímia brasílica, além de fazer o levantamento dos topônimos brasílicos da Amazônia, em especial os de origem caribe e aruaque. A obra foi publicada em 1961.

Com isso, os estudos toponímicos foram se consolidando no Brasil, principalmente em função da “iniciativa pioneira do professor Aryosa ao propor a introdução dos estudos toponímicos na Universidade de São Paulo, consolidados, depois, pela perseverança do professor Carlos Drumond” (DICK, 1994, p.439), com suas pesquisas sobre o Tupi e a toponímia brasileira.

Os estudos sobre toponímia tiveram maior alcance no Brasil com os trabalhos da professora Dr<sup>a</sup> Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, que se dedicou à elaboração do Atlas Toponímico do Brasil, projeto que começou com a elaboração do Atlas Linguístico de São Paulo, sob a orientação do professor Carlos Drumond. Dick ainda escreveu vários artigos, participou de congressos, orientou na graduação e pós-graduação – mestrado e doutorado. Seus trabalhos contribuem ainda hoje para que novos estudos sobre toponímia e novos atlas toponímicos sejam elaborados.

O Projeto Atlas Toponímico do Brasil, coordenado por Dick, deu origem a diversos Projetos no âmbito universitário. Esses Projetos, variantes regionais do ATB, expandiram-se e adquiriram feições próprias em seus grupos de pesquisa. Em destaque: Atlas Toponímico do Mato Grosso do Sul -ATEMS, coordenado pela Profa. Dra. Aparecida Negri Isquierdo, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Atlas Toponímico de Minas Gerais – ATEMIG, coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra Universidade Federal de Minas Gerais, Atlas Toponímico do Maranhão – ATEMA, coordenado pela Professora Doutora Maria Célia Dias de Castro, na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL.

No Maranhão os estudos toponímicos no Estado evidenciam, num primeiro momento, o interesse de estudiosos, notadamente da área das Ciências Sociais – advogados, bibliotecários – que se preocupavam com a história e a cultura do Maranhão e que se propuseram estudar a toponímia maranhense. Dentre eles, destacamos Lopes (1947, 1950), que deu início à

elaboração de um dicionário de topônimos tupis no Maranhão, que, infelizmente, por conta de sua morte, não foi concluído<sup>13</sup>, e Vieira Filho<sup>14</sup> (1971 [1962]), com a obra *Breve história das ruas e praças de São Luís*, e Melo<sup>15</sup> (1990), com o *Índice toponímico do centro histórico de São Luís*, que se voltam para a microtoponímia urbana de São Luís, apresentando nomes de ruas, praças, becos, fontes, largos, portos, travessas, avenidas, parques, lagos, rampas e ladeiras da cidade, com foco na história.

No que diz respeito a estudiosos da área da linguagem e seguindo ainda a cronologia dos estudos toponímicos maranhenses, temos o trabalho de Pereira (2003), intitulado *Arari: caracterização geográfico-histórico-social e toponímia*, um estudo monográfico de conclusão de curso de graduação em Letras, que enfoca a microtoponímia de Arari, município da microrregião Baixada Maranhense, que fica localizado a 154,4 km da capital do Estado.

Ramos et al. (2005), por sua vez, no artigo intitulado *A presença das línguas indígenas na toponímia maranhense*, abordam a presença indígena na formação histórico-cultural e linguística do Maranhão, tendo como ponto de partida a toponímia. Os autores ilustram o texto com a apresentação de 19 topônimos que se referem a rios, bairros, ruas e avenidas, destacando a significativa frequência de fitotopônimos em São Luís, isto é, de topônimos de índole vegetal.

No âmbito da pós-graduação, há a dissertação de Curvelo (2009), *Topônimos maranhenses: testemunhos de um passado ainda presente*, que investiga a macrotoponímia dos 217 municípios maranhenses; a tese de Castro (2012), *Maranhão: sua toponímia, sua história*, que também objetiva fazer a caracterização toponímica dos municípios maranhenses a tese de Curvelo (2014), intitulada *Análise toponímica de 81 bairros de São Luís – MA*, que buscou investigar a motivação toponomástica, considerando, para tanto, quatro períodos sincrônicos ao longo dos 401 anos da cidade de São Luís, idade da capital maranhense à época em que a tese foi escrita; e, finalmente, a dissertação de Pereira (2017) *Pelos caminhos das águas: um estudo*

---

<sup>13</sup> O advogado e pesquisador maranhense, natural de Viana, Antônio Lopes, publicou, em 1947, na *Revista de Geografia e História do Maranhão*, os tomos de seu dicionário relativos às letras A e B e, em 1950, publicou na mesma revista o tomo correspondente à letra C.

<sup>14</sup> O também advogado e folclorista Domingos Vieira Filho, na obra citada, examina a denominação de 99 ruas, 22 praças, 10 avenidas, seis becos, três largos, duas travessas e um parque, totalizando assim 143 logradouros de São Luís. Organizados em ordem alfabética, os topônimos compõem verbetes que apresentam, geralmente, as seguintes informações: o nome do logradouro; onde este começa e termina; o documento legal que autoriza a denominação e a motivação toponímica.

<sup>15</sup> A bibliotecária Magnólia Sousa Bandeira de Melo fez o levantamento toponímico do centro histórico de São Luís, com base em pesquisas bibliográficas, em cartas cartográficas, entrevistas com pesquisadores e moradores, além de visitas em campo. A pesquisa propõe o resgate dos nomes atribuídos a ruas, praças, becos, travessas, avenidas, parques, largos, ladeiras, com o objetivo de facilitar o serviço de referência para pesquisadores e turistas. A pesquisa abrangeu a divisão urbana de São de Luís, pondo em evidência os bairros com maior concentração de mudanças na denominação: Remédios, São Pantaleão, Apicum, Camboa, Praia Grande e Diamante.

da hidronímia da mesorregião Norte Maranhense, que investigou os nomes dos elementos hidrográficos de origem indígena nessa mesorregião.

Esta pesquisa objetiva contribuir com o conhecimento do estado do Maranhão uma vez que trata da nomeação da hidronímia do estado, assim, por meio da contribuição indígena ao nomear os elementos físicos, podemos ter conhecimento mais amplo da língua, cultura e história de outros povos indígenas, até mesmo daqueles que já não se tem registros.

### 1.7 Toponomástica e toponímia

Para este estudo, tomamos como base principal texto *Nuevos rumbos en la toponomástica*, prólogo escrito por Coseriu-para o *Diccionario de toponimia canaria: léxico de referencia oronímica*, de Maximiano Trapero (1999):-

O termo *toponímia* geralmente é empregado tanto para o objeto de estudo como para a disciplina que a esse objeto se dedica, a *toponomástica*. Entretanto, Coseriu, no prólogo mencionado (1999, p. 15), assume que são coisas estritamente diferentes: *toponímia* é o “conjunto de nomes de lugares” e *toponomástica*, a “disciplina que os estuda”.

Segundo Rosselló i Verger (2010, p. 24), que também estabelece essa diferença, “(...) os topônimos são objetos culturais que transmitem a magia da terra com uma tradição centenária ou milenar de autênticos fósseis.”<sup>16</sup>, o que faz com que a toponomástica, ainda de acordo com o autor, “acabe sendo uma ciência bastante patriótica porque se nutre de um patrimônio inalienável, inseparável da terra. Um patrimônio, felizmente, não sujeito à especulação que frequentemente malversa nossa paisagem.”<sup>17</sup>.

A forma de aparecimento dos topônimos é estabelecida pela necessidade que o ser humano tem de dar nomes aos espaços físicos onde se estabelece, para poder reconhecê-los e diferenciá-los de outros espaços. Essas denominações, na maioria das vezes, refletem qualidades específicas que ajudam na identificação desses espaços físicos. Desse modo, podem fazer referências à fauna, à flora, à forma e à cor da terra, às atividades agropastoris, aos momentos históricos, aos nomes e sobrenomes de pessoa, etc. (CABRERA, 2002).

Coseriu (1999) aponta que a toponomástica, que na Espanha, os estudos de Trapero, como teoria e práxis descritiva, representa uma revolução, pois Trapero faz da toponomástica

<sup>16</sup> Tradução de “(...) los topónimos son objetos culturales que transmiten la magia de la tierra con una solera centenario o milenaria de auténticos fósiles.”

<sup>17</sup> Tradução de “La toponomástica acaba por ser una ciencia más bien patriótica porque se nutre de un patrimonio inalienable, inseparable de la tierra. Un patrimonio, por suerte, no sujeto a la especulación que tan a menudo malversa nuestro paisaje.”

uma disciplina, de fato, autônoma, com objeto de estudo próprio, objetivos e finalidade em si mesma, opondo-se, portanto, à toponomástica tradicional, que não os tem.

A toponomástica de Trapero, conforme Coseriu (1999), se funda na toponomástica tradicional orientada para a etimologia, no entanto avança ao tomar os dois princípios teóricos desta – o princípio da evidência semântica e o princípio da motivação objetiva<sup>18</sup> – e, por um lado, relacioná-los com os sistemas léxicos correspondentes, e, por outro lado, aplicá-los com base num sólido conhecimento dos lugares nomeados pelos topônimos objetos de seu estudo e análise, além de “(...) subordiná-los a um princípio teórico mais geral, prévio e subjacente aos critérios etimológicos da toponomástica tradicional” (COSERIU, 1999, p. 18).

Esse princípio, nomeado por Coseriu como princípio de *verossimilhança toponímica*, pode ser formulado assim:

‘Como pode ser um topônimo?’, ou seja: ‘Qual pode ser a estrutura material e semântica de um topônimo em uma língua determinada?’ Ou, mais estritamente: ‘O que pode designar primariamente um topônimo e quais podem ser as determinações individualizadoras de uma designação toponímica primária?’<sup>19</sup> (COSERIU, 1999, p. 18)

Desse Modo Coseriu (1999) explica que esse princípio retrata a toponomástica etimológica. Assim Cabrera (2008) afirma que, por meio dos estudos toponomásticos, podemos formular hipóteses sobre a colonização e o povoamento de um país, podemos obter informações de natureza histórica, atividade e costumes dos habitantes, entre outras informações.

No Brasil, os estudos Toponomásticos tiveram início com as pesquisas de Carlos Drummond (1954; 1965), sobre nomes de bases indígena, com a orientação desse autor, em 1980, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, publica a tese de doutorado intitulada *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*, obra que representou mudanças para os estudos onomásticos brasileiros, pois foi muito além dos estudos etimológicos dos designativos.

---

<sup>18</sup> El principio de la evidencia semântica enseña que los nombres de lugar de outro modo <<opacos>> (sin significación corriente em tal o cual lengua) proceden – o deben considerarse como procedentes – de las lenguas em las que son <<transparentes>>, o sea, interpretables em términos corrientes. [...] El principio de la motivación objetiva require que el nombre de lugar se entienda como uma <<descripción abreviada>>, o sea, que se justifique por alguna caracterrítica del lugar al que correponde (o antropónimos o hechos histricos relacionados com el mismo, etc.); que presente, de algún modo, <<la verdade de la cosa>> (em el sentido entendido por la etimología antigua). Trapero (1999, p. 17-18)

<sup>19</sup> Tradução livre de “«Cómo puede ser un topónimo?», o sea: «Cuál puede ser la estructura material y semântica de un topónimo em una lengua determinada?» O, más estrictamente: «Qué puede designar primariamente un topónimo y cuáles pueden ser las determinaciones individualizadoras de una designación toponímica primária?»

## 1.8 Hidronímia: alguns estudos

Acompanhando o percurso histórico da toponímia, podemos observar que poucos trabalhos, ao longo desse trajeto, foram dedicados aos estudos da hidronímia. Segundo Rostaing (1943), o primeiro trabalho sobre o assunto foi a tese de doutorado apresentada em 1906 por Raoul de Félice, intitulada *Essai sur l'onomastique des rivières de France*, obra que, para Rostaing, foi um fracasso, mas que se dedicou em geral à hidronímia, pois outros autores, como Gröhler, A. Vincent, Longnon, não abordaram o assunto em seus livros. Sobre o tema foram publicados alguns artigos em revistas, em livros, com capítulos de autores, como Duazat, em seu manual, e no *Toponymie Française*, M. Lembel e M.M Fouché, *Mélanges Martinenche* (1939), *Français Moderne* (1942).

No Brasil, assim como em outros países, os primeiros estudos sobre hidronímia também foram abordados de forma superficial, em livros, mas depois houve um avanço, com publicações que enfocam o tema de forma mais detalhada, a exemplo dos estudos realizados por Dick e Seabra (2001); Dick (2004); Isquerdo e Seabra (2010); Isquerdo e Dargel (2014); de forma mais abrangente, em teses, como a de Anjos (2012), intitulada *Marcas toponímicas em solo piauiense: seguindo as trilhas das águas*; e em dissertações, como a de Albino (2004), intitulada *A relação da hidronímia com a história social no Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva*, a de Mendes (2009), cujo título é *A Hidronímia do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*; a de Pereira (2017), intitulada *Pelos caminhos das águas: um estudo da hidronímia da mesorregião Norte Maranhense*.

### 1.8.1 Hidronímia: o nome do curso d'água

A água é um elemento indispensável para o desenvolvimento das atividades humanas, razão por que sempre esteve presente nas nossas vidas, desde o início do surgimento da terra, sendo fonte de vários mitos e histórias que acompanham a trajetória da humanidade. No Gênesis, encontramos a presença da água-rio: os rios estão entre os primeiros elementos nomeados durante o processo de criação do mundo, fazendo-se então presentes nesse ato de criação divina nos quatro braços de rio que tinham sua nascente no Jardim do Éden – Pison (ou Fison), Ghion (ou Geon, Tigre (ou Tigris) e o Eufrates (ou Euphrates).

Acerca da importância dos cursos d'água para a sobrevivência humana, Dick (1990b, p. 196) ressalta que, “Desde épocas remotas da história da humanidade, a água sempre foi o fator de equilíbrio em um determinado meio. Grandes civilizações nasceram e se

desenvolveram junto a oceanos, rios e zonas ribeirinhas.”. Dado esse lugar central que a água ocupa na vida do homem, vários estudiosos, dentre eles Dick e Seabra, assinalam que:

Águas e rios, religião e fé, desde o início da ocupação da terra, consubstanciaram os mitos dos homens. Signos ou símbolos de uma linguagem recriada, formaram os paradigmas de uma ampla rede onomástica, seguindo os percursos onomasiológicos mais flagrantes para a composição dos designativos (DICK; SEABRA. 2001, s.p.).

Dessa forma, percebemos que o homem, antes mesmo de erguer sua moradia ou fundar um povoado, tinha como preocupação primeira nomear os elementos físicos, rios, riachos, córregos, montanhas, que existiam no ambiente em que se encontrava, o que representava gravá-los na memória de um povo.

Dada a importância da água para a sobrevivência do homem, esse elemento recebeu um olhar especial no âmbito da Onomástica, mais precisamente no campo da Toponímia, que tem uma parte, a Hidronímia, dedicada ao estudo dos nomes dos cursos d’água. O termo provém do grego *hýdōr*, ‘água’, e *onoma*, ‘nome’.

Conforme Isquierdo e Seabra (2010, p. 88), o termo hidrônimo “é definido por Ferreira (2004) como ‘nome próprio de cursos de água, oceano, etc.’”, já a hidronímia, mesmo não aparecendo dicionarizada em obras de língua portuguesa, “como Houaiss (2001) e Ferreira (2004), já tem uso consagrado no âmbito da Onomástica, como designação do conjunto de acidentes geográficos que designam correntes hídricas (rios, córregos, corixos, lagoa, baía, salto, cachoeira...)”. Vale destacar que o termo *hydronymie*, em francês, hidronímia em português, já está dicionarizado e, conforme Dauzart (1938, p. 773), “*hydronymie* (xx<sup>e</sup> s.; du grec *hýdōr*, eau)”, vem do grego *hýdōr*, ‘água’.

Dick (2004, p.126-127) entende os hidrônimos como “nomes [próprios] dos acidentes hidrográficos em geral não importando a natureza linguística do objeto nomeado, e evidenciado pela denominação, se humano ou não, animado ou inanimado, nem a natureza dos campos semânticos envolvidos.”. Vale ressaltar que, no âmbito dos estudos onomásticos, os hidrônimos são os elementos que menos sofreram alterações em seu nome. O estudo da Hidronímia, convém ressaltar, pode nos revelar valiosas informações acerca da vida de um povo, tendo em vista que os hidrônimos, normalmente, perduram ao longo do tempo e trazem consigo uma carga da história, cultura, ambiente dos grupos sociais em que circulam. É evidente que os nomes evoluem com o transcurso do tempo, entretanto, em geral, não sofrem mudanças radicais. Em se tratando do Brasil, possivelmente, podemos ter, hoje, hidrônimos com mais de 500 anos.



Atualmente, os povos indígenas somam, segundo o Censo (IBGE 2010)<sup>20</sup>, 896.917<sup>21</sup> pessoas. Destes, 324.834 vivem em cidades e 572.083, em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país. Conforme Franchetto (2008), tem-se conhecimento da existência de 238 povos indígenas, distribuídos, em 2 troncos linguísticos (Macro-Jê e Tupi-Guarani ou Macro-Tupi), 4 famílias maiores (Aruak, Karib, Pano e Tukano), 6 famílias de tamanho médio (Arara, Katukina, Makú, Nambikwara, Txapakura e Yanomani), 3 famílias menores (Bora, Guaikuru, Mura) e 7 línguas isoladas.

O contato dos povos indígenas com os colonizadores portugueses fez surgir uma língua multidialetada e linguisticamente privilegiada no Brasil. Mas, por questões políticas, a língua dos desbravadores acabou por sobrepujar a língua dos índios, tornando-se assim a língua oficial da nação.

Hoje, as línguas indígenas no Brasil fazem parte de um legado de 274 línguas (IBGE 2010). Conforme o censo, 17,5 % da população indígena não fala a língua portuguesa. Acredita-se que, ao longo dos 521 anos de história do Brasil, cerca de mil línguas se perderam, tendo como motivos: epidemias, extermínios promovidos pelos portugueses, o trabalho forçado nos engenhos e o deslocamento para o interior do Brasil, entre outros motivos.

Segundo Teyssier (1997, p. 94-95), por “muito tempo, o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. Era o tupi que utilizavam os bandeirantes nas suas expedições.” O autor menciona o Pe. António Vieira, 1694, que, em um de seus relatos, dizia: “as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola”.

Desse modo, o Tupi(nambá)<sup>22</sup> era a língua usada no contato entre índios e portugueses e, por quase três séculos, foi a língua predominante no Brasil. Sobre esse fato, Rodrigues (1986, p. 21) afirma que:

<sup>20</sup>Dados do censo populacional realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>21</sup>Para Gomes (2012, p.188), os índios no Brasil “(...) são cerca de 630 mil, contando aproximadamente 100 mil que vivem nas cidades permanentes, e desconsiderando aqueles que se dizem indígenas por motivos variados, mas que não têm qualquer identificação com um povo indígena atual ou alguma vivência cultural indígena. Por fim, há de se observar que ser índio no Brasil não é uma questão biológica ou genética. Se fosse, as evidências biológicas captadas por pesquisas sobre genética de brasileiros demonstram que cerca de 30% dos genes brasileiros, em média, vêm de estoque indígena.”

<sup>22</sup> Segundo Rodrigues (2010, p. 29), “De um ponto de vista estritamente linguístico os nomes tupi e tupinambá têm sido empregados mais recentemente para distinguir aquelas duas variedades da língua muito próximas, filiadas à família linguística tupi-guarani, com as quais o português entrou em contato no século XVI.”

Convém destacar que, por convenção estabelecida por antropólogos e linguistas brasileiros, desde 1953, os gentílicos dos povos indígenas sempre se escrevem com letras maiúsculas. São grafados no singular, a não ser que sejam palavras portuguesas. O único caso em que ficam em letras minúsculas é quando são usados como adjetivos. Assim, escreve-se “os Munduruku”, mas “as vestimentas Mundurukus”; “os índios Cintas-largas”, e “os arcos

A língua indígena mais conhecida dos brasileiros – conquanto esse conhecimento se limite em regra só a um de seus nomes, Tupi – é justamente o Tupinambá. Esta foi a língua predominante nos contatos entre portugueses e índios nos séculos XVI e XVII e tornou-se a língua da expansão bandeirante no sul e da ocupação da Amazônia no norte. Seu uso pela população luso-brasileira, tanto no norte quanto no sul da Colônia, era tão geral no século XVIII, que o governo português chegou a baixar decretos (cartas régias) proibindo esse uso.

Sobre essa grande propagação do espaço do Tupi(nambá) na história do Brasil Colônia, Bacelar e Góis (1997, p. 4) afirmam que a consequência dessa difusão foi a existência simultânea de duas variantes da língua, a “ primeira seria o Tupinambá propriamente dito, a língua corrente dos índios tupinambá, ao passo que a segunda seria língua da população mestiça, produto da miscigenação entre índios, negros e brancos, que resultou numa das características etnoculturais do país (“Língua Brasília”).”.

Essa segunda variante recebeu duas denominações: Língua Geral, em referência ao dialeto utilizado no centro-sul do país, e Língua Geral do Norte ou Língua Geral Amazônica, para referir-se ao dialeto utilizado do Norte. Com isso, subtende-se que havia três variantes do Tupinambá, que viviam simultaneamente com o Português, e que ao longo dos tempos e do espaço geográfico deixaram, neste, forte contribuição linguística. Desse modo, é “natural, portanto, que o Português do Brasil apresente não só uma incalculável contribuição do léxico tupi, bem como variações diacrônicas, diatópicas e diastrática de determinado termo genuinamente Tupinambá.”. Bacelar e Góis (1997, p. 4).

Logo no início da metade do século XVI, sendo a língua mais falada e de uso comum na costa brasileira, foi incorporada por grande parte dos colonos e missionários, e era chamada de Língua Brasília ou Língua do Brasil pelos jesuítas (cf. RODRIGUES, 2010). O Tupinambá entra em decadência somente na segunda metade do século XVIII, por vários motivos, dentre os quais se destacam: a chegada de grandes números de imigrantes portugueses, atraídos pela descoberta de minas de ouro e diamantes, e a criação da Lei do Diretório dos Índios, estabelecida pelo Marquês de Pombal, em 1757. Com esse Diretório, inicialmente aplicado ao Estado do Maranhão e Grão-Pará, proibia-se o uso da língua geral e obrigava-se oficialmente o uso do português.

Segundo Noll (2010, p. 82):

Na época colonial, fora dos centros administrativos como, por exemplo, Salvador, a língua geral era mais popular que o português, que se impôs no interior só na segunda metade do século XVIII. Este fato contribuiu para fazer do tupi um elemento constitutivo do português brasileiro, particularmente na terminologia da fauna e flora

---

cintas-largas”. (Ver Revista de Antropologia, v. 2, n. 2, p. 150-152, 1954). Seguimos, portanto, essa orientação em nosso texto. Entretanto, em se tratando das citações, optamos por manter a grafia como consta no texto fonte da citação.

do Brasil. Está presente em inúmeros nomes de rios e topônimos em todo Brasil. Diz o padre Antônio Lemos Barbosa, um dos estudiosos do tupi dos anos 50 do século XX, no prefácio a seu Curso de tupi antigo, que o conhecimento “sequer superficial” desta língua “faz parte da cultura nacional”.

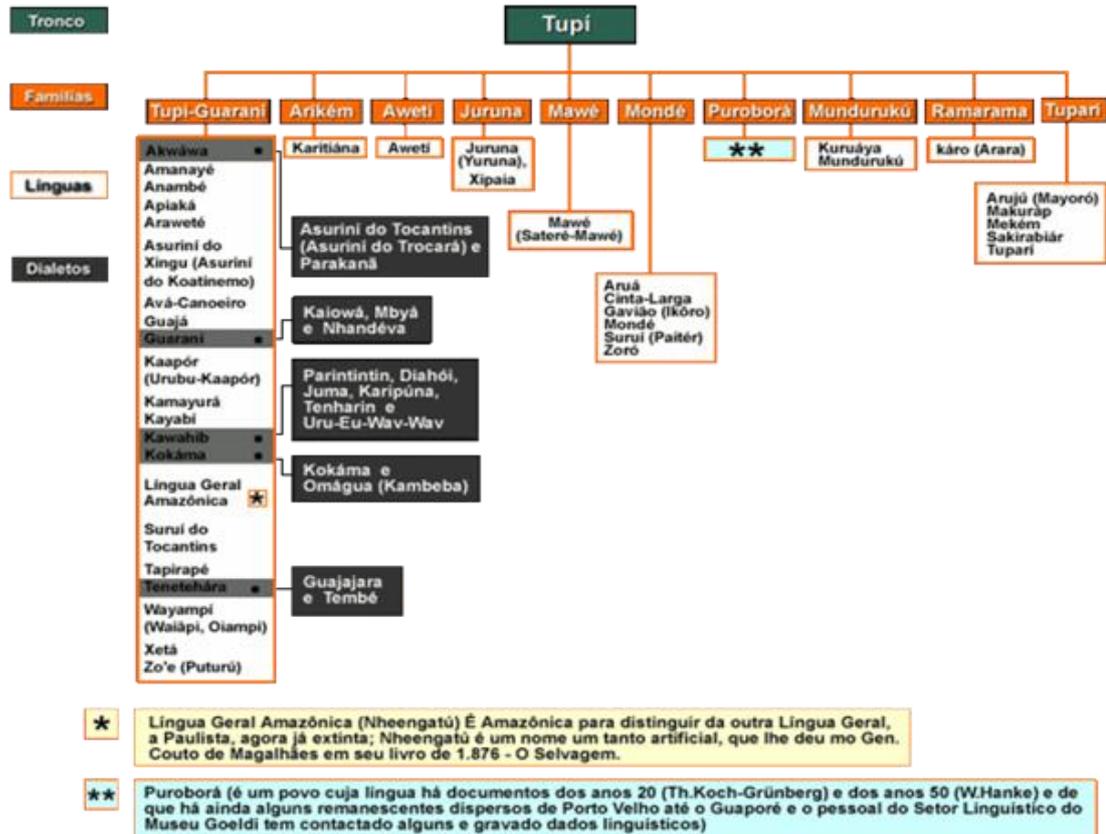
Acreditamos que, em muitas regiões, esse conhecimento a que o Pe. Barbosa alude era, de fato, superficial, principalmente no que diz respeito à produção de estudos sobre a língua. A escassez de estudos sobre as línguas indígenas faladas no Maranhão de então é um claro exemplo da questão ora enfocada.

Vale, contudo, destacar que em 1858, isto é, no início da segunda metade do século XIX, o poeta maranhense Antônio Gonçalves Dias foi encarregado pelo *Instituto Historico e Geographico Brasileiro* de produzir uma Memória acerca dos indígenas brasileiros. Com a atenção voltada para os índios que habitavam o litoral do Brasil, o poeta assim se refere a seu trabalho, no prefácio que escreve para seu *Diccionario da Lingua Tupy chamada Lingua Geral dos Indigenas do Brazil*:

Cabia-me tratar dos caracteres intellectuaes e moraes dessas tribos; esse trabalho porém não podia ser feito senão com o estudo previo da lingua que ellas fallavão, da qual tantos vestigios se encontram, que não é de presumi que elles tenham em algum tempo de desaparecer completamente da nossa linguagem vulgar, nem mesmo da scientifica. (DIAS, 1858, p. V-VI)

É evidente que o Tupi influenciou o português falado no Brasil, pois o contato estreito entre povos falantes de línguas diferentes contribui para o processo de variação e mudança linguística pelo qual passam todas as línguas naturais. Além, evidentemente, dos empréstimos linguísticos, as línguas guardam entre si origens comuns, integrando *famílias linguísticas* que, por sua vez, podem fazer parte de divisões mais extensivas— os *truncos linguísticos* (figura 1).

**Figura 1:** Línguas pertencentes ao Tronco Tupi



Fonte: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias>> Acesso em: 13 jun.

2020

### 1.10 Línguas e povos indígenas no Maranhão

No século XVII, o Maranhão fazia parte do território pertencente ao Estado Colonial do Maranhão (cf. ELIA, 1979); nessa época, a sua população indígena era formada por cerca de 30 povos, cerca de 250.000 indivíduos, sendo considerado assim um dos centros brasileiros de maior densidade de falares indígenas pertencentes aos dois troncos linguísticos, Macro-Jê e Tupi-Guarani ou Macro-Tupi.

De acordo com os registros históricos, quando da chegada da expedição liderada por Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière, em 1612, existiam na ilha do Maranhão, segundo o padre D'Abbéville, 27 aldeias, nas quais habitavam em algumas de 200 a 300 ou de 500 a 600 índios, e em outras muito mais, chegando ele à soma de que na Ilha existiam cerca de 10 a 12 mil índios.

Tendo em vista que na Ilha havia essa população de Tupinambá, D'Abbéville registou também os mesmos índios no continente, na localidade conhecida na época como Tapuitapera, a oeste da Ilha, hoje cidade de Alcântara, onde havia 10 aldeias. Nas terras próximas ao rio

batizado de Cumá pelos índios, existiam ainda em torno de 15 a 20 aldeias, que superavam o número de habitantes da Ilha do Maranhão. Conforme D'Abbevillle (2008, p. 201), todos os Tupinambá das três localidades eram *amigos e aliados* “formando uma só nação, uma confederação unida na guerra às demais nações inimigas.”

Além da Ilha Grande, Tapuitapera e Cumá, D'Abbevillle cita ainda a existência, a oeste da Ilha, de cerca de 20 a 24 aldeias em Caiete, próximo ao Rio Grande do Pará, onde viviam também os Tupinambás. Já em relação a outros povos, ele informa que:

As demais terras e regiões circunvizinhas são muito misturadas; umas são habitadas por tapuias, outras por tabajaras, tremembés, nômades ou pacajaras, jurapupires, uianãs, aracuí, e outros que residem no país por ser ele extremamente agradável em virtude da temperatura, da fertilidade e da beleza. (D'ABBÉVILLLE, 2008, p. 202).

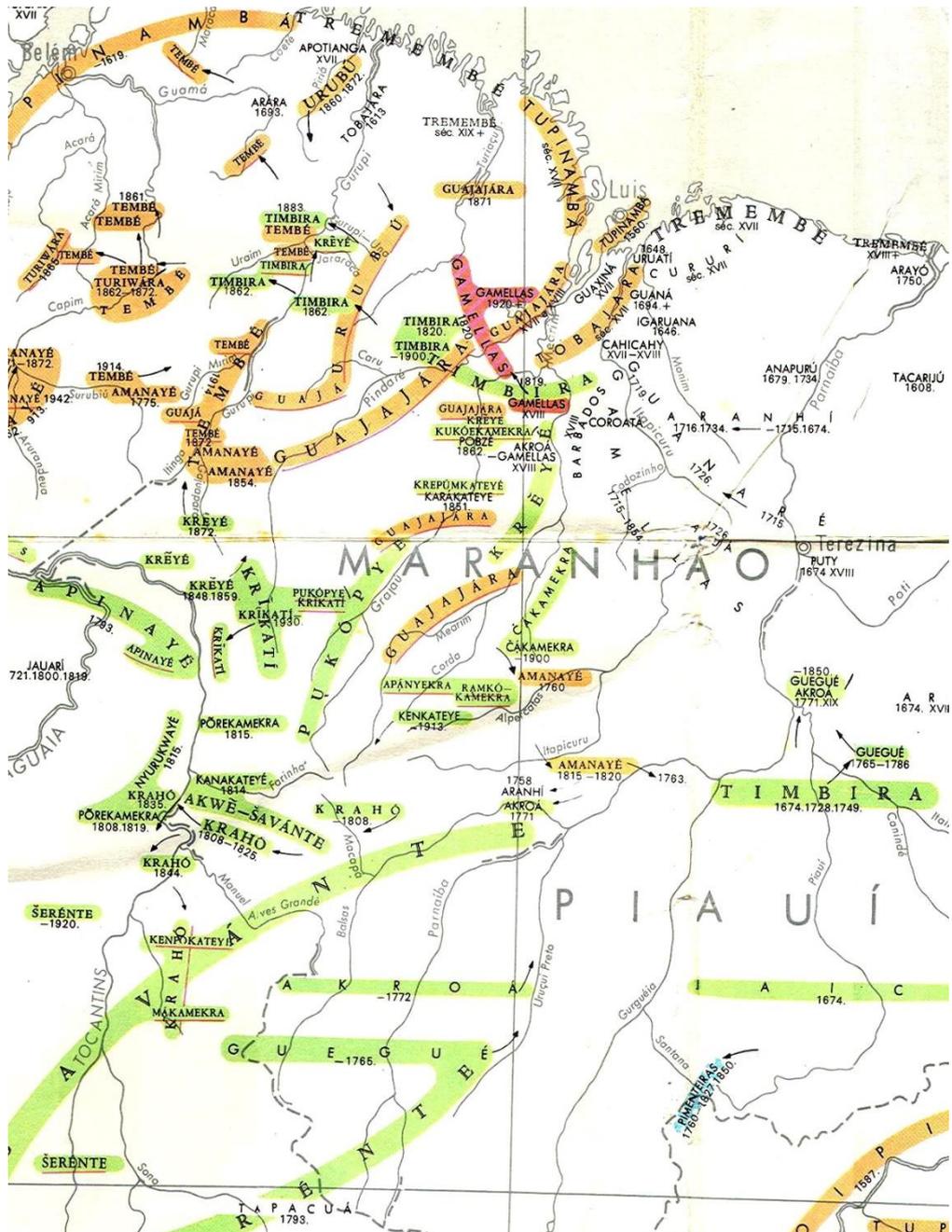
A expulsão dos franceses das terras maranhenses e o processo de povoamento do Estado pelos portugueses, através da costa e dos rios, ocasionaram “o afugentamento e redução de vários grupos indígenas, como os Tupinambás, Tremembés, Guajajaras, Uruatis, Guanarés, Guanazes, Barbados, Gamelas, Aranhis que habitavam essa área.” (CABRAL, p. 51-52, 2008). Para a autora, logo que os portugueses chegaram, entraram em combate com os Tupinambás que habitavam a Ilha e com os do litoral ocidental. Desse modo, as várias nações que habitavam o Estado, com o passar do tempo, foram reduzidas; de algumas, inclusive, desaparecem todos os indivíduos.

Para uma melhor ideia da distribuição dos Tupinambá no Maranhão e ainda de sua Capital à época, podemos examinar o Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, adaptado do mapa de Nimuendajú<sup>23</sup> 1944.

---

<sup>23</sup>Segundo ELIA (1979, p.25), “Muito curioso é o caso do alemão, Curt Unkel, que veio para o Brasil sem instrução universitária de espécie alguma como disse, em carta, a Herbert Baldus. Contudo, entre nós, de tal forma se apaixonou pelos problemas da cultura indígena, que se naturalizou brasileiro, incorporando ao seu nome o termo *Nimuendaju* (‘aquele que veio para o meio de nós), pelo qual passou a ser conhecido, apelido que lhe fôra dado pelos índios da tribo guarani dos APAPOCAVU.”

MAPA 2: MapaEtno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, adaptado do mapa de Nimuendajú



Fonte: <[http://biblio.wdfiles.com/local-files/nimuendaju-1981-mapa/nimuendaju\\_1981\\_mapa.jpg](http://biblio.wdfiles.com/local-files/nimuendaju-1981-mapa/nimuendaju_1981_mapa.jpg)> Acesso em: 28 maio 2021.

Por meio do mapa, podemos nos situar em relação às exatas áreas que ocupavam os Tupinambá, e até mesmo confirmar a posição do Maranhão como uma área de grande concentração de terras indígenas.

Atualmente, tem-se conhecimento da existência de nove povos indígenas no Maranhão, segundo a FUNAI (2011), que somam uma população de quase 27 mil pessoas, distribuídas entre os povos Guajá/Awá-Guajá, Guajajara/Tenethara, Ka'apor/Urubu-Kaapor e Tembé/

Tenetehara, pertencentes ao tronco linguístico Tupi-Guarani, e Gavião/Pukobiê do Maranhão, Canela/Timbira, Krikati/Timbira, pertencentes ao tronco Macro-Jê, e Ticuna, pertencente ao tronco linguístico Ticuna (Tabela 1). Esses dados divergem dos dados do IBGE que totaliza 35.272 habitantes.

**Tabela 1.** Povos e populações indígenas no Maranhão

Etnia	Família/Língua	População
Guajajara	Tupi Guarani	20202
Ka'apor	Tupi Guarani	1384
Awá-Guajá	Tupi Guarani	350
Timbiras Krêpun Kateyê	Jê	230
Gavião/Pukobyê	Jê	916
Krikati	Jê	1000
Timbira-Canela	Jê	2700
Timbira Krenyê	Jê	50
Ticuna(em processo de identificação)	Ticuna	46
Fonte: FUNAI (2011)		

Segundo a FUNAI (2011), existem no Maranhão, demarcadas e homologadas, 16 terras indígenas, havendo outras tantas que não foram reconhecidas ainda. Essas áreas indígenas estão distribuídas entre 23 municípios. Esses dados ratificam a relevância do trabalho em fazer o resgate dos nomes próprios, na área da hidrografia maranhense.

Conforme o Instituto SocioAmbiental<sup>24</sup> os povos indígenas no Maranhão estão assim distribuídos:

<b>Nome</b>	<p>Awa Guajá</p> <p>Também conhecidos como Guajá, se autodenominam Awa, termo que inclui todos os falantes da língua, independentemente de onde vivam.</p> <p>“Awa é a autodesignação destas pessoas e significa "gente", "humano".</p> <p>A palavra é empregada pelos Awa Guajá para se diferenciar de outros</p>
-------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>24</sup> O Instituto Socioambiental (ISA) “é uma organização da sociedade civil brasileira, sem fins lucrativos, fundada em 1994, para propor soluções de forma integrada a questões sociais e ambientais com foco central na defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos.” (ISA, 2021)

	tipos de gente. Para eles, a humanidade não é uma unidade homogênea que pode ser expressa na ideia de que "somos todos humanos".” (ISA, 2021, s/p)
<b>Língua</b>	Guajá integra o Tronco Tupi e pertence ao subgrupo VIII da família linguística Tupi-Guarani, que inclui as línguas faladas pelos povos Ka'apor, Wajãpi, Zo'é, Amanayé, Anambé, Tembé, Tapirapé, entre outras Rodrigues (1984/85 apud ISA 2021); Cabral (1996 apud ISA 2021)
<b>População e Localização</b>	A população é estimada em 520 pessoas. Garcia (2018 apud ISA, 2021) É uma pequena população que está localizada na porção oriental da Amazônia, no noroeste do estado do Maranhão. Existem ainda grupos isolados nas Terras Indígenas Awá e Caru, e ainda na TI Araribóia, território guajajara mais ao sul e a leste do Estado.

Fonte: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guaj%C3%A1>> Acesso em: 22 jan. 2021.

<b>Nome</b>	Canela Apanyekrá e Canela Ramkokamekrá Canela é o nome desses dois grupos Timbira: os Ramkokamekrá e os Apanyekrá. Ramkokamekrá significa "índios do arvoredo de almécega" e Apanyekrá significa "o povo indígena da piranha"
<b>Língua</b>	Os Canela falam uma língua da família Jê, do tronco Macro-Jê, com pequenas variações. Eles compreendem o Krikati/Pukobyé, com facilidade, e o Gavião do Tocantins.
<b>População e Localização</b>	A população dos Canela Apanyekrá é de 1076 pessoas e a dos Canela Ramkokamekrá, 2175 pessoas Siasi/Sesai (2014 apud ISA, 2021) (A principal aldeia ramkokamekrá, Escalvado, que é conhecida como Aldeia do Ponto, localiza-se em torno de 70 km a sul-sudeste da cidade de Barra do Corda, no estado do Maranhão. Já a principal Aldeia Apanyekrá está localizada a 80 Km a sudoeste do município de Barra do Corda e a 45 Km a oeste da aldeia Escalvado.

Fonte: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela\\_Apanyekr%C3%A1](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Canela_Apanyekr%C3%A1) Acesso em: 22 jan. 2021.

<b>Nome</b>	Gavião Pykopjê, quando eles falam do seu próprio grupo, usam o termo Pykopcatejê, para os Tibira eles são Pykopjê, já entre os seus vizinhos
-------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	Kricati são conhecidos como Iromcatejê, que significa “os da mata”, situando o meio ambiente dominado pelos Gaviões.
<b>Língua</b>	Os Canela falam uma língua da família Jê, do tronco Macro-Jê, com pequenas variações. Eles compreendem o Krikati/Pukobyé com facilidade e, certamente, o Gavião do Tocantins.
<b>População e Localização</b>	A população dos Pykopjê é de 577 pessoas. Vivem em três aldeias – Governador, Rubiácea e Riachinho no sudoeste do Estado do Maranhão, na microrregião de Imperatriz, onde está localizada uma faixa de contato da floresta amazônica e as formações de cerrado.

Fonte: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Gavi%C3%A3o\\_Pykopj%C3%AA](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Gavi%C3%A3o_Pykopj%C3%AA)> Acesso em: 22 jan. 2021.

<b>Nome</b>	Gamela Quase não se tem informações sobre esse grupo devido à grande perda populacional, que ocorreu desde o século XVIII, e teve continuidade com as frentes colonizadoras no Maranhão.
<b>Língua</b>	????
<b>População e Localização</b>	A população soma cerca de 400 famílias (~1200 pessoas) ISA (2021) Vivem atualmente em seis comunidades nos municípios de Viana e Matinha, no Maranhão.

Fonte: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Gamela>> Acesso em: 22 jan. 2021.

<b>Nome</b>	Guajajara, Tenetehara Se autodenominam Tenetehára, que inclui também os Tembê. Guajajara significa "donos do cocar" e Tenetehára, "somos os seres humanos verdadeiros".
<b>Língua</b>	A língua Guajajara faz parte da família tupi-guarani, aproxima-se das línguas Asurini (do Tocantins), o Avá (Canoeiro), o Parakanã, o Suruí (do Pará), o Tapirapé e o Tembê, que lhe é muito parecida. Os Guajajara chamam sua língua de ze'egete ("a fala boa"). ISA (2021)
<b>População e Localização</b>	A população é estimada em 27616 pessoas. Siasi/Sesai (2014 apud ISA 2021) É a maior população indígena do Estado; está localizada no centro do Maranhão, nas regiões dos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e Zutua. São

	um total de onze terras indígenas, distribuídas em oito municípios do Estado.
--	-------------------------------------------------------------------------------

Fonte: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajajara>> Acesso em: 22 jan. 2021.

<b>Nome</b>	Ka'apor Também são conhecidos como Urubu, Kambõ, Urubu-Caápor, Urubu-Kaápor, Kaapor. Ka'apor parece vir de Ka'a-pypor, "pegadas na mata" ou "pegadas da mata".
<b>Língua</b>	Ka'apor é uma língua da família Tupi-Guarani.
<b>População e Localização</b>	A população é de 1863 pessoas. Siasi/Sesai (2014 apud ISA 2021) Os Ka'apor estão localizados no norte do Maranhão, fazendo limite, ao norte, com o rio Gurupi; ao sul, com os afluentes do rio Turiaçu; a oeste, com o Igarapé do Milho; a leste, com uma linha no sentido noroeste-sudeste quase paralela à rodovia BR-316. ISA (2021)

Fonte: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor>> Acesso em: 22 jan. 2021.

<b>Nome</b>	Krikatí Krĩcatijê, como se autodenominam, quer dizer “aqueles da aldeia grande”, também é aplicada a eles pelos demais Timbira.
<b>Língua</b>	Krikati pertencente ao Tronco Macro-Jê
<b>População e Localização</b>	Fazem parte da população 1016 pessoas. Siasi/Sesai (2014 apud ISA 2021) A Terra Indígena Krĩkati situa-se nos municípios de Montes Altos e Sítio Novo, a sudoeste do Estado. É banhada por rios e córregos das bacias do Tocantins (Lajeado, Arraia, Tapuio, entre outros) e Pindaré/Mearim.

Fonte: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krikat%C3%AD>> Acesso em: 22 jan. 2021.

<b>Nome</b>	Tembé Autodenominação é Tenetehara, que significa gente, índios em geral ou, mais especificamente, Tembé e Guajajara. “Tembé, ou sua variante Timbé, constitui um nome que provavelmente lhes foi atribuído pelos regionais. De acordo com o lingüista Max Boudin, timbeb significaria "nariz chato".” ISA (2021, s/p)
<b>Língua</b>	Assim como os Guajajara, os Tembé, falam a mesma língua, o Tenetehara, da família linguística Tupi-Guarani.

<b>População e Localização</b>	A população é de 1879 pessoas. Siasi/Sesai (2014 apud ISA 2021) Os Tembê vivem no ramo ocidental, no Estado do Pará. Contudo, existe uma parte dos Tembê que vive na margem direita do rio Gurupi, no estado maranhense.
--------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Temb%C3%A9>> Acesso em 22 jan. 2021.

Vale destacar que o Instituto SocioAmbiental apresenta em seu *site* 11 grupos indígenas no Estado do Maranhão, sendo eles: Awa Guajá, Canela Apanyekrá, Canela Kamkokamekrá, Gamela, Gavião Kykatejê, Gavião Pykopjê, Guajajara, Ka'apor, Krenyê, Krikatí, Tembê. Aqui apresentamos informações de oito, pois alguns não continham informações. Acreditamos que isso se deve à falta de pesquisa relacionadas a esses grupos.

Ressaltamos, contudo, que a maior parte desses grupos atuais pertencem à família linguística Tupi-Guarani, família linguística objeto de estudo deste trabalho.

### 1.11 O léxico Tupi(nambá)

A abordagem do léxico de qualquer cultura exige que se esclare como se concebe esse elemento no âmbito da língua. Seguindo essa orientação, convém observar as considerações que faz Birdeman (2001) sobre o tema em questão. Segundo a autora,

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. (BIDERMAN, 2001, p.13).

As considerações de Biderman (2001) encontram ressonância na ideia de Dietrich e Noll (2010) que, ao estudarem a influência da Língua Brasília no léxico do português falado no Brasil, explicam que, devido à necessidade dos colonizadores de batizarem animais, plantas, objetos e práticas desconhecidas por eles, faziam usos de termos das línguas basílica, da Língua Geral Paulista, da Língua Geral Amazônica ou do Nheengatu. “Assim é natural que a grande maioria dos termos de origem tupi pertença à linguagem setorial da fauna, flora, natureza e cozinha. Geralmente são nomes, poucas vezes adjetivos ou verbos.” (2010, p. 90-91)

Rodrigues (1986, p. 21) destaca a importância dessa herança linguística, dando exemplos de dados estatísticos referente ao léxico Tupi(nambá). Segundo o autor,

Uma das conseqüências da prolongada convivência do Tupinambá com o Português foi a incorporação a este último de considerável número de palavras daquele. Numa amostra de pouco mais de mil nomes brasileiros populares de aves, um terço, cerca de

350 nomes, são oriundos do Tupinambá. Numa outra área de fauna, em que a interação entre portugueses e índios deve ter sido mais intensa, pois uns e outros eram grandes pescadores, a participação do vocabulário do Tupinambá é ainda maior: numa amostra de 550 nomes populares de peixes, quase metade (225 ou 46%) veio da língua indígena. É notável a quantidade de lugares com nomes de origem Tupinambá, quase sem alteração de pronúncia, muitos deles dados pelos luso-brasileiros dos séculos passados a localidades onde nunca viveram índios Tupinambá.

É notável a contribuição da língua indígena. Vale ressaltar que, provavelmente, vários topônimos considerados Tupinambá foram introduzidos no português por luso-brasileiros.

Como visto anteriormente, é significativo o número de vocábulos oriundos do Tupi(nambá) presentes no português brasileiro. Segundo Ilari e Basso (2006, p. 68), “Só no *Dicionário histórico das palavras de origem tupi*, de Antônio Geraldo Cunha, que é especificamente dedicado aos termos de origem tupi, registram-se cerca de três mil vozes.”.

Tendo em vista que uma parte considerável do léxico relativo à fauna, à flora e às cozinhas regionais brasileiras tem sua origem no Tupi(nambá), é importante observar o que diz Rodrigues (1986, p. 5) sobre o estudo das línguas indígenas.

As línguas indígenas constituem [...] um dos pontos para os quais os linguistas brasileiros deverão voltar a sua atenção. Tem-se aí, sem dúvida, a maior tarefa da linguística no Brasil. [...] cada nova língua que se investiga traz novas contribuições à linguística; cada nova língua é uma outra manifestação de como se realiza a linguagem humana. [...] Cada nova estrutura linguística que se descobre pode levar-nos a alterar conceitos antes firmados e pode abrir-nos horizontes novos para a visualização geral do fenômeno da linguagem humana.

Diante da ameaça de desaparecimento das línguas indígenas, os linguistas têm um papel que é de suma importância, tanto no que diz respeito à documentação e ao registro para que não se perca ainda mais parte fundamental do patrimônio linguístico-cultural brasileiro, como no que concerne à investigação do papel dessas línguas na formação do português brasileiro.

## CAPÍTULO II

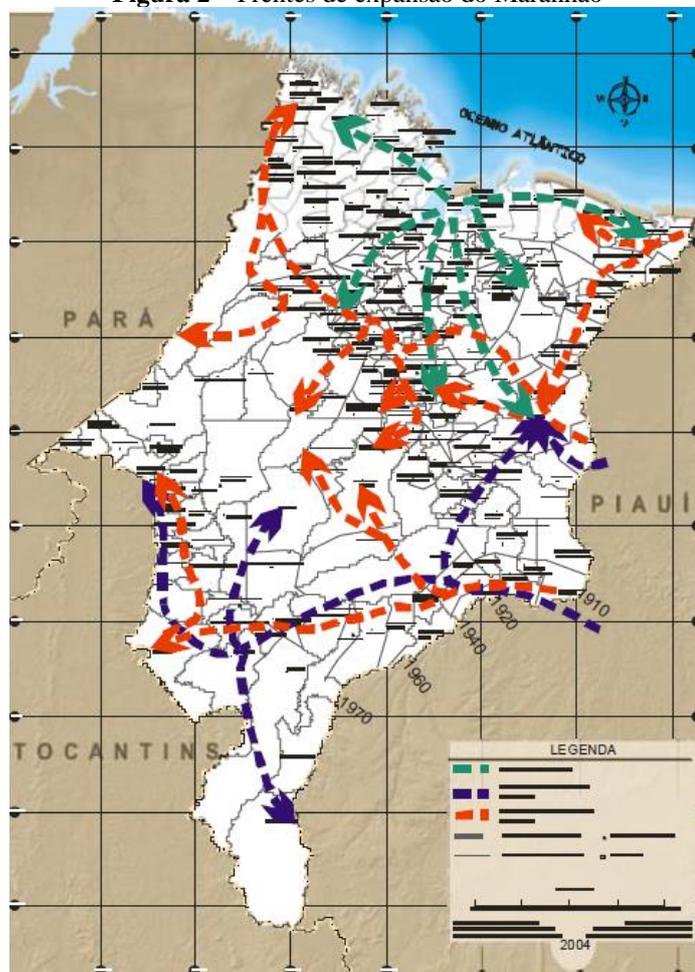
### ASPECTOS GEO-HISTÓRICOS E CULTURAIS DO ESTADO DO MARANHÃO

Neste capítulo são abordados, de forma sintética, aspectos históricos, geográficos e culturais maranhenses. Para tanto, dividimos o capítulo em três tópicos: *O processo de povoamento, Aspectos geográficos e Aspectos socioculturais.*

#### 2.1 O processo de povoamento

Estudos acerca do processo de ocupação do espaço maranhense, dentre eles o de Trovão (2008) e Cabral (2008), mencionam que o processo de ocupação do território maranhense se deu por meio de dois movimentos/duas frentes de expansão, como vemos a seguir na figura 2.

**Figura 2** – Frentes de expansão do Maranhão



Fonte: Trovão (2008, p. 13).

A primeira partiu de Pernambuco em 1614, em direção ao Maranhão e foi comanda por Jerônimo de Albuquerque, com o propósito de expulsar os franceses e dar início à povoação

do local. Esse movimento acabou com o sonho dos franceses, que pretendiam implantar a França Equinocial no Maranhão. Após derrotarem os franceses na Batalha de Guaxenduba, os portugueses deram início ao processo de povoamento do Maranhão e norte do Brasil, esse processo conhecido como Frente Litorânea, teve como ponto de partida a Ilha de São Luís e se distribuiu em seis direções rumo ao interior, utilizando o mar e o grande conjunto de rios caudalosos e perenes que compõem a hidrografia maranhense.

Já a segunda frente, conhecida como Pastoril, cujo origem foi a pecuária, teve seu começo a partir de 1730. Advinda da Bahia, essa frente, composta por vaqueiros que atuavam por iniciativa própria e “(...) sem contar com o apoio direto e decisivo do Estado e da Igreja.” (CABRAL, 2008, p. 51), ocupou os campos do sul do Maranhão que foram batizados, genericamente, com o nome de Pastos Bons (cf. CABRAL, 2008, e TROVÃO, 2008). Sua principal via de penetração se deu pelo Vale do Médio Parnaíba.

### **2.1.1 A Frente Litorânea: suas ramificações e os povos que a habitavam**

Partindo da ilha de São Luís e comandada/capitaneada pelos portugueses com a ajuda dos índios, a Frente Litorânea adentrou o interior do Maranhão por meio do mar e dos rios, descrevendo diferentes traçados, que são assim sintetizados por Trovão (2008):

- duas ramificações/ traçados se deram ao longo do litoral por via marítima e fluvial;
- outra seguiu pelo litoral e pela costa oriental e, “[...] além de ter sido planejada para o desenvolvimento da pecuária e exploração de salinas tinha também como finalidade a comunicação com Ceará e Pernambuco.” (p. 14);

- outra seguiu à montante do rio Itapecuru, sendo “[...] a mais importante a ponto de tornar o referido rio a principal via de penetração em direção ao interior do Estado.” (p. 15) e a outras capitânicas. Às suas margens foram implantadas as primeiras fábricas açucareiras, servindo, portanto, de assentamento dos açorianos;

- o rio Mearim, mais uma via da frente de ocupação do litoral, possibilitou o surgimento às suas margens de engenhos e fazendas, o que lhe rendeu o título, segundo Cabral (1992 apud TROVÃO 2008, p. 16), de “Príncipe Soberano de Todos os Rios da Capitania do Maranhão”;

- o rio Pindaré, diferentemente da ramificação do rio Itapecuru, que foi considerada importante, deixou um saldo negativo: em 1616, o capitão Bento Maciel Parente, auxiliado pelos jesuítas, deu início a uma guerra mortífera contra os índios Guajajaras que habitavam a região;

- o rio Munim, por sua vez, também possibilitou mais uma via de ocupação, principalmente por sua “[...] proximidade com o Piauí [...], assim como [por garantir] a segurança do transporte do ouro que, oriundo das áreas de mineração, utilizava esse caminho hídrico para alcançar São Luís” (p. 16-17).

Com toda essa extensa rede hídrica, a região abrangida pela Frente Litorânea era à época um espaço adequado para a habitação/concentração de povos indígenas.

### 2.1.2 A Frente dos Pastos Bons: suas ramificações

Diferente do povoamento das áreas próximo ao litoral, o processo de ocupação do sertão maranhense aconteceu muito tarde. Conforme relatos de desbravadores dessa região, no início do século XVIII, o sertão maranhense ainda não era ocupado por outras pessoas, além dos indígenas.

Assim, a partir de 1730, com a expansão açucareira que teve como principais produtores os estados da Bahia e Pernambuco, surgiu também com esses estados segundo Cabral (2008, p. 75) “as veredas do gado, sob o impulso, em especial da iniciativa particular, um dos traços marcantes do povoamento dos sertões. A dispersão inicial partiu da Bahia, alcançando o rio São Francisco e tomando duas direções.”. Conforme Cabral (2008), uma dessas direções subiu o rio e teve, posteriormente, papel significativo no fornecimento do mercado das minas. A outra seguiu para o Norte, atingiu o interior do Ceará e Piauí, chegando aos campos do sul do Maranhão, no início do século XVIII.

Dessa forma a corrente pastoril baiana chegou ao Maranhão ocupando de início as terras que ficavam nas proximidades do Parnaíba, onde foram instaladas as primeiras fazendas de gado, e fundado o povoado de Pastos Bons que serviu de base para que a vereda do gado avançasse. Essas terras de acordo com Cabral (2008, p. 81) eram “campos naturais contínuos cobertos de exuberantes pastagens, **Pastos** realmente **Bons** regados por numerosos e perenes rios, córregos e ribeirões protegidos por florestas ciliares e entremeados por capões de mato e palmeiras, com clima ameno e saudável.”. Essas condições físicas do local foram primordiais para o *desenvolvimento da pecuária extensiva e itinerante*.

Embora a região de Pastos Bons tivesse sua própria economia por meio da pecuária, ela não tinha nenhum vínculo com a economia da frente litorânea, no entanto abastecia a economia de outros mercados do Nordeste, principalmente os da Bahia e Pernambuco que iniciaram as veredas do gado, abastecimento esse que durou até o final do século XVIII. Devido essa ligação de Pastos Bons com o Piauí, ao ser elevada à categoria de vila a povoação de Pastos

Bons, por D. José I, em 1770, ela ficou sob jurisdição da vila de Oeira, por Pastos Bons está diretamente ligada ao Piauí e não ao Maranhão.

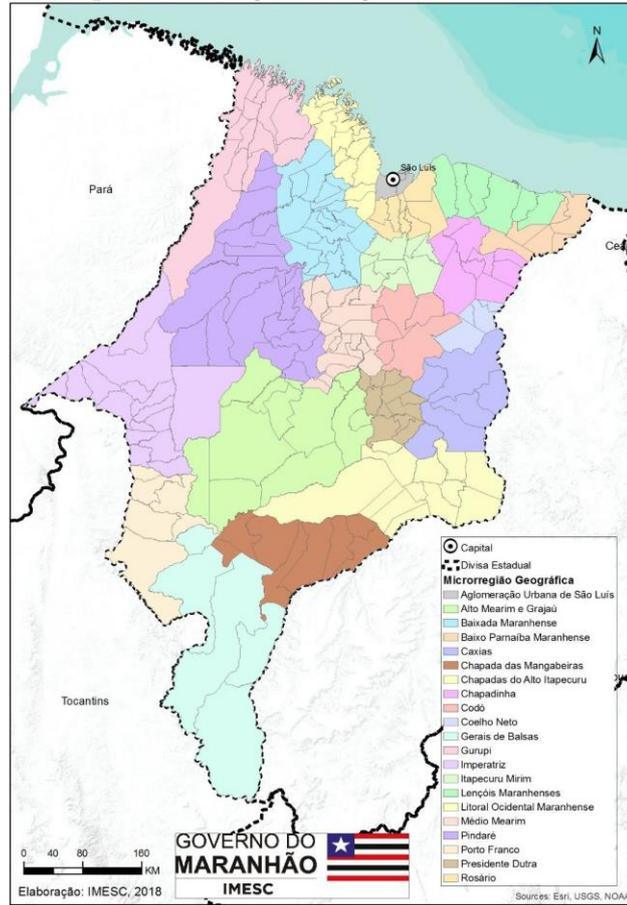
## 2.2 Aspectos geográficos

Neste tópico, as considerações são sobre a geografia maranhense. O tópico foi desenvolvido com base em dados do IBGE, e do Núcleo Geoambiental – NUGEO – do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

O Estado do Maranhão possui segundo o IBGE (2019) uma área territorial de 329.642,182 km<sup>2</sup>, sendo considerado o oitavo maior Estado do Brasil e o segundo do nordeste em extensão territorial. Limita-se ao Norte com o Oceano Atlântico, ao Sul e Sudeste com o Estado do Tocantins, a Oeste com o Estado do Pará, e a Leste e Sudeste com o Estado do Piauí. Segundo a Divisão Regional do Brasil de 1989<sup>25</sup>, o Maranhão possui cinco mesorregiões (Mapa 3) (Norte Maranhense, Sul Maranhense, Leste Maranhense, Oeste Maranhense e Centro Maranhense), 21 microrregiões (Mapa 4) que são constituídas de 217 municípios. (Quadro 1)



<sup>25</sup> Vale ressaltar que não desconhecemos a nova Divisão Regional do Brasil, de 2017, que é conhecida atualmente como Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias, no entanto, para este trabalho adotamos a classificação antiga, já que, ainda não foram disponibilizados pelo IBGE novos Mapas Municipais Estáticos com a nova divisão, de onde são obtidos os dados desta pesquisa.

**Mapa 4:** Microrregiões Geográficas do Maranhão

Fonte: IMESC, 2018

**Quadro 1:** Divisão da Mesorregião Norte Maranhense

MESORREGIAO	MICRORREGIÕES	MUNICÍPIOS	TOTAL DE MUNICÍPIOS
Norte Maranhense	Aglomeración Urbana de São Luís	Paço do Lumiar Raposa São José de Ribamar São Luís	60
	Baixada Maranhense	Anajatuba Arari Bela Vista do Maranhão Cajari Conceição do Lago-Açu Igarapé do Meio Matinha Monção Olinda Nova do Maranhão Palmeirândia Pedro do Rosário Penalva Peri-Mirim Pinheiro	

		Presidente Sarney Santa Helena São Bento São João Batista São Vicente Ferrer Viana Vitória do Mearim	
	Itapecuru-Mirim	Cantanhede Itapecuru-Mirim Matões do Norte Miranda do Norte Nina Rodrigues Pirapemas Presidente Vargas Vargem Grande	
	Lençóis Maranhenses	Barreirinhas Humberto de Campos Paulino Neves Primeira Cruz Santo Amaro do Maranhão Tutóia	
	Litoral Ocidental Maranhense	Alcântara Apicum-Açu Bacuri Bacurituba Bequimão Cajapió Cedral Central do Maranhão Cururupu Guimarães Mirinzal Porto Rico do Maranhão Serrano do Maranhão	
	Rosário	Axixá Bacabeira Cachoeira Grande Icatu Morros Presidente Juscelino Rosário Santa Rita	
Leste Maranhense	Baixo Parnaíba Maranhense	Água Doce do Maranhão Araiozes Magalhães de Almeida Santa Quitéria do Maranhão Santana do Maranhão São Bernardo	44

	Chapadinha	Anapurus Belágua Brejo Buriti Chapadinha Mata Roma Milagres do Maranhão São Benedito do Rio Preto Urbano Santos	
	Codó	Alto Alegre do Maranhão Capinzal do Norte Codó Coroatá Peritoró Timbiras	
	Coelho Neto	Afonso Cunha Aldeias Altas Coelho Neto Duque Bacelar	
	Chapadas do Alto Itapecuru	Barão de Grajaú Colinas Jatobá Lagoa do Mato Mirador Nova Iorque Paraibano Passagem Franca Pastos Bons São Francisco do Maranhão São João dos Patos Sucupira do Norte Sucupira do Riachão	
	Caxias	Buriti Bravo Caxias Matões Parnarama São João do Soter Timon	
	Sul Maranhense	Porto Franco	
Gerais de Balsas		Alto Parnaíba Balsas Feira Nova do Maranhão Riachão Tasso Fragoso	

	Chapadas das Mangabeiras	Benedito Leite Fortaleza dos Nogueiras Loreto Nova Colinas Sambaíba São Domingos do Azeitão São Félix de Balsas São Raimundo das Mangabeiras	
Oeste Maranhense	Gurupi	Amapá do Maranhão Boa Vista do Gurupi Cândido Mendes Carutapera Centro do Guilherme Centro Novo do Maranhão Godofredo Viana Governador Nunes Freire Junco do Maranhão Luís Domingues Maracaçumé Maranhãozinho Turiçu Turilândia	52
	Pindaré	Altamira do Maranhão Alto Alegre do Pindaré Araguanã Bom Jardim Bom Jesus das Selvas Brejo de Areia Buriticupu Governador Newton Bello Lago da Pedra Lagoa Grande do Maranhão Marajá do Sena Nova Olinda do Maranhão Paulo Ramos Pindaré-Mirim Presidente Médici Santa Inês Santa Luzia Santa Luzia do Paruá São João do Caru Tufilândia Vitorino Freire Zé Doca	

	Imperatriz	Açailândia Amarante do Maranhão Buritirana Cidelândia Davinópolis Governador Edison Lobão Imperatriz Itinga do Maranhão João Lisboa Lajeado Novo Montes Altos Ribamar Fiquene São Francisco do Brejão São Pedro da Água Branca Senador La Rocque Vila Nova dos Martírios	
Centro Maranhense	Médio Mearim	Bacabal Bernardo do Mearim Bom Lugar Esperantinópolis Igarapé Grande Lago do Junco Lago dos Rodrigues Lago Verde Lima Campos Olho d'Água das Cunhãs Pedreiras Pio XII Poção de Pedras Santo Antônio dos Lopes São Luís Gonzaga do Maranhão São Mateus do Maranhão São Raimundo do Doca Bezerra São Roberto Satubinha Trizidela do Vale	42
	Alto Mearim e Grajaú	Arame Barra do Corda Fernando Falcão Formosa da Serra Negra Grajaú Itaipava do Grajaú Jenipapo dos Vieiras Joselândia Santa Filomena do Maranhão Sítio Novo Tuntum	

	Presidente Dutra	Dom Pedro Fortuna Gonçalves Dias Governador Archer Governador Eugênio Barros Governador Luiz Rocha Graça Aranha Presidente Dutra São Domingos do Maranhão São José dos Basílios Senador Alexandre Costa	
--	------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

A população estimada, segundo o IBGE (2019), é de 7.075.181 habitantes, o que faz do estado o 11º no ranking populacional do Brasil. Em relação à densidade demográfica, o Estado do Maranhão tem 19,81 hab/km<sup>2</sup>, sendo a capital, São Luís, o município com maior número de habitantes por km<sup>2</sup>, com 1.215,69 hab/km<sup>2</sup>, e Alto Parnaíba com menor número, 0,97 hab/km<sup>2</sup>.

No que diz respeito ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o estado ocupa a penúltima posição no ranking do Brasil, com 0,639, ficando na frente apenas do Estado de Alagoas, sendo o Distrito Federal a ocupar o primeiro lugar com 0,824.

Já o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública), aponta que o Estado se encontra na 23ª posição do ranking do 27 Estados brasileiro, já em relação ao Anos finais do ensino fundamental (Rede pública), ele ocupa a 21ª colocação. Tendo um total de 1.178.949 matrículas no ensino fundamental e 311.830 Matrículas no ensino médio, estando em 10º lugar entre outros estados nos dois níveis de Estudo.

### 2.3 Unidades Geomorfológicas do Maranhão

Geomorfológicamente, o território maranhense se caracteriza por um conjunto de formas de relevo, representadas por feições litorâneas – como planícies litorâneas, extensos campos de dunas e costões rochosos; planícies fluviais ao longo dos seus rios –, e porções de planaltos e depressões.

As planícies ocupam maior parte do território do Estado, ocupa grande parte do centro-oeste e apresenta-se de formas diferentes, assim apresentadas por Feitosa (2006):

A planície sublitorânea equivale “ao prolongamento da faixa costeira em direção ao oceano, abrangendo a Plataforma Continental que é larga a oeste, onde atinge até 250 km, e estreita a leste com profundidades de até 200 m.” (p. 03);

Planície litorânea é “modelada por agentes e processos marinhos e fluviomarinheiros que dão origem às praias, mangues, vasas, pântanos, apicuns, lagunas e falésias, enquanto na área de fluxo indireto, maré dinâmica, ocorrem os pântanos e campos inundáveis.” (p. 03). Possui características geoambientais diferentes, e divide-se em Litoral Ocidental, o Golfão Maranhense e o Litoral Oriental.

✓ Litoral Ocidental – diz respeito a parte do “litoral das reentrâncias maranhenses que se estende da foz do rio Gurupi, a oeste, até a margem ocidental da baía de Cumã, a leste, tendo como limite a ponta do Guajuru, no município de Cedral.” (p.04). Devido as condições geográficas, a paisagem dessa porção do litoral é vulnerável devido a excessiva dinâmica sedimentar. A presença do ser humano nessas áreas não representa causa de desequilíbrio, a não ser em partes onde existe povoados, em que há o uso de procedimentos rústicos de pescaria e extrativismo como o sururu e madeira de mangue.

✓ Golfão Maranhense – compreende a “reentrância delimitada, a oeste, pela ponta do Guajuru, município de Cedral, e a leste, pela ilha de Santaninha, no município de Humberto de Campos, tendo, ao centro, [...] ilha de São Luís, além das ilhas do Medo, Pequena, Livramento, Caranguejos, Duas Irmãs, Tauá-Redonda, Tauá-Mirim e Ponta Grossa e compreendendo as baías de Cumã, São Marcos, São José e Tubarão.” (p.05). A extensão do Golfão Maranhense possui características semelhantes ao Litoral Ocidental e Litoral Oriental. Nessa área estão as baías de São Marcos e São José, que são de grande importância para o espaço costeiro do estado, pois nos aspectos fisiográficos, são desaguadouros dos grandes rios do estado e apresentam intensiva dinâmica da paisagem, além de contribuírem para o grande número de atividades humanas e o fluxo de riquezas.

✓ Litoral Oriental – abrange o delta do Parnaíba que é formado “por um conjunto de aproximadamente 70 ilhas que formam o arquipélago das Canárias.” (p. 06) Dentre as maiores estão: Santa Isabel, Paulino, Igoronhon, Canárias, Poldros e Bagre Assado. No que diz respeito a economia, essa região é muito explorada pelo setor turístico, que também é conhecida como *Delta das Américas*, tendo 60 % de extensão localizada no Maranhão.

Planície Costeira “a proximidade do mar influi, indiretamente, sobre grande parte dos processos de modelagem do ambiente, dando origem aos campos de dunas móveis, dunas fixas, paleodunas, restingas e falésias.” (p. 06). Nesse elemento geomorfológico segundo Feitosa (2006) destacam-se três subsistemas ambientais:

✓ Costa de dunas e restingas – “é constituída de formações superficiais exclusivamente arenosas com ausência de cobertura vegetal ou com cobertura vegetal parcial

conformando dunas móveis e fixas intercaladas por lagoas de origem pluvial, contendo água doce.” (p. 06). O Parque Nacional do Lençóis é a área sem cobertura vegetal, as dunas chegam a uma altura de 30 metros, do tipo dunas Barcana, essa área é conhecida como grandes lençóis. No período do verão as lagoas secam e o ar fica seco, já no período chuvoso, as lagoas chegam a grandes volumes, e a umidade na areia dificulta que os grãos se desloquem. A vegetação do tipo restinga aparece entre o rio Preguiça e o delta do Parnaíba, onde a radiação solar e a ação dos ventos protegem a vegetação, assim as formações de dunas são restritas, que dão origem aos chamados pequenos lençóis.

✓ Os tabuleiros “ocorrem na área emersa contígua à faixa litorânea, com níveis topográficos superiores aos da baixada, em geral não ultrapassando 100 metros de altitude.”. Essas formas de relevo aparecem juntas “ao litoral ocidental e ao golfo maranhense, modelados em rochas sedimentares das formações Itapecuru e Barreiras. Na região nordeste do Maranhão, essa morfologia domina em áreas mais distantes do litoral.” (p. 07)

✓ A Baixada Maranhense é uma área constituída “por um ambiente rebaixado, de formação sedimentar recente, ponteados de relevos residuais, formando outeiros e superfícies tabulares cujas bordas decaem em colinas de declividades variadas.” (p. 08). A vida humana neste ambiente está condicionada a grandes superfícies lacustres, que ficam cheias no período chuvoso, e são originários do ambiente irregular que foi modelado pela concentração dos cursos dos rios Mearim, Pindaré e Grajaú, junto aos movimentos do vai e vem mar.

Planície fluvial corresponde “Às morfoesculturas modeladas pelos rios, nos seus baixos cursos. Apresenta largura variável de oeste para leste e maior penetração para o interior acompanhando os vales dos rios, notadamente os que desembocam no Golfo Maranhense.” (p. 09). O autor aponta ainda os baixos cursos dos vales dos rios Itapecuru, Mearim, Grajaú e Pindaré, como algumas das áreas de planícies fluvial mais expressivas do Estado do Maranhão.

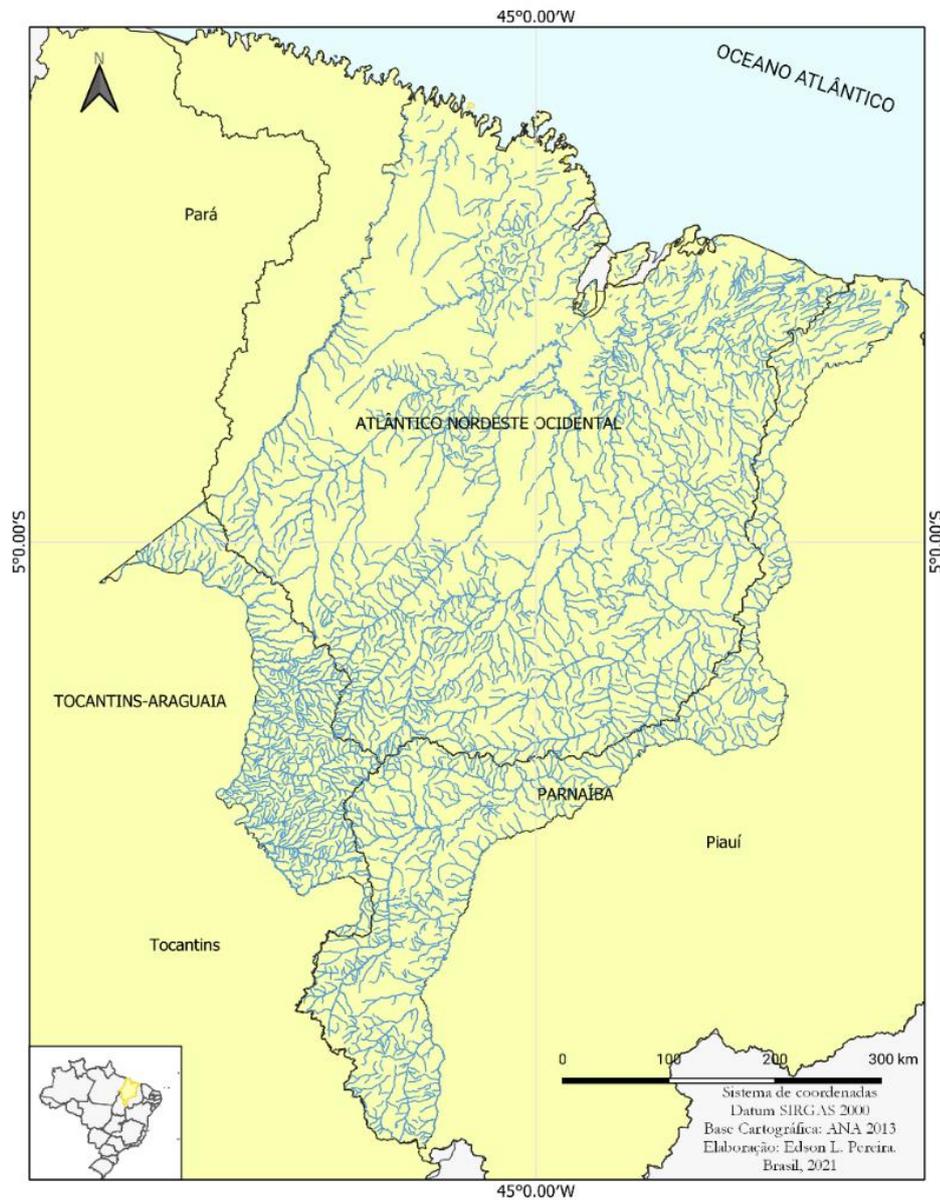
Os Planaltos compreendem “as áreas mais elevadas do centro-sul do Estado, com altitudes entre 200 e 800 metros.” (p.09). No estado existe os seguintes tipos de planaltos: Pediplano Central, Planalto Oriental, Planalto Ocidental, Depressão do Balsas e Planalto Meridional

#### **2.4 Bacias Hidrográficas no Maranhão**

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e com Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH), o Brasil possui 12 grandes Regiões Hidrográficas. No Maranhão faz-se presente três Regiões Hidrográficas: a Região Hidrográfica

do Atlântico Nordeste Ocidental, Hidrográfica do Parnaíba e região Hidrográfica do Tocantins-Araguaia (cf. mapa 5). Nelas foram delimitadas em dez bacias hidrográficas (sete de domínio estadual e três de domínio federal) e dois sistemas hidrográficos, como mostra a tabela 2 e o mapa 6.

**Mapa 5:** Regiões Hidrográficas: a Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental, Hidrográfica do Parnaíba e região Hidrográfica do Tocantins-Araguaia  
Regiões Hidrográficas no Maranhão



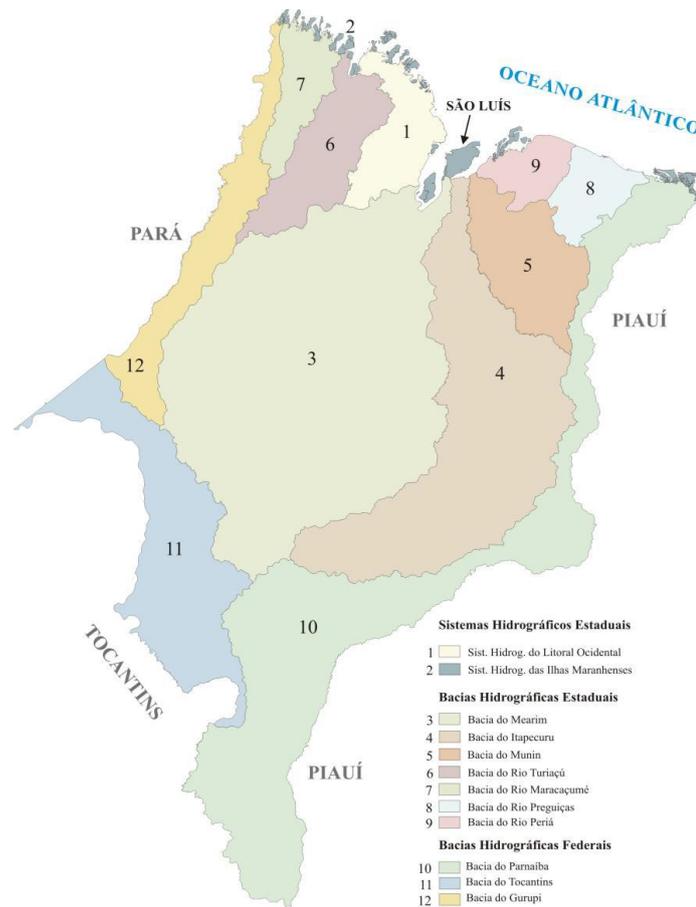
**Fonte:** autor

**Tabela 2:** Regiões Hidrográficas do Maranhão

<i>Regiões Hidrográficas (PNRH/MMA-ANA, 2006)</i>	<i>Regiões Hidrográficas do Maranhão</i>	<i>Área (km<sup>2</sup>)</i>	<i>% sobre Estadual</i>
<b>Domínio Estadual</b>			
	<b>Subtotal-1</b>	<b>216.034,34</b>	<b>65,07</b>
	Sistema hidrográfico do Litoral Ocidental	10.226,22	3,08
	Sistema hidrográfico das Ilhas Maranhenses	3.604,62	1,09
	Bacia Hidrográfica do Rio Mearim	99.058,68	29,84
Região hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental	Bacia Hidrográfica do Rio Itapecuru	53.216,84	16,03
	Bacia Hidrográfica do Rio Munim	15.918,04	4,79
	Bacia Hidrográfica do Rio Turiaçu	14.149,87	4,26
	Bacia Hidrográfica do Rio Maracaçumé	7.756,79	2,34
	Bacia Hidrográfica do Rio Preguiças	6.707,91	2,02
	Bacia Hidrográfica do Rio Periaá	5.395,37	1,62
	<b>Domínio Federal</b>		
	<b>Subtotal-2</b>	<b>115.948,95</b>	<b>34,06</b>
Região hidrográfica do Parnaíba	Bacia Hidrográfica do Rio Parnaíba	66.449,09	20,02
Região hidrográfica do Araguaia-Tocantins	Bacia Hidrográfica do Rio Tocantins	30.665,15	9,24
Região hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental	Bacia Hidrográfica do Rio Gurupi	15.953,91	4,80
-----	Águas Limitrofes do Litoral	2.880,80	0,87
<b>TOTAL</b>		<b>331.983,29</b>	<b>100,00</b>

**Fonte:** Núcleo Geoambiental (UEMA/NUGEO, 2010), Agência Nacional de Águas (ANA, 2006), PNRH (2006). Apud (PPGT/NUGEO 2011) Acesso em: 28 jan. 2020.

**Mapa 6.** Bacias e Sistemas Hidrográficos do Estado do Maranhão.



**Fonte:** Núcleo Geoambiental (UEMA/NUGEO, 2010. Apud (PPGT/NUGEO 2011)

A região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental (Mapa 7) tem como seus principais rios o Gurupi, o Pericumã, o Mearim, o Itapecuru, o Munim e o Turiiaçu. Os 268.897km<sup>2</sup> de drenagem dessa região hidrográfica compreendem áreas do Maranhão (91%) e do Pará (09%), que abarcam 263 municípios, sendo 214 no Maranhão e 49 no Pará, somando uma população de 5.490,100 habitantes; a região Hidrográfica do Parnaíba e região Hidrográfica do Tocantins-Araguaia.

**Mapa 7:** Região Hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental



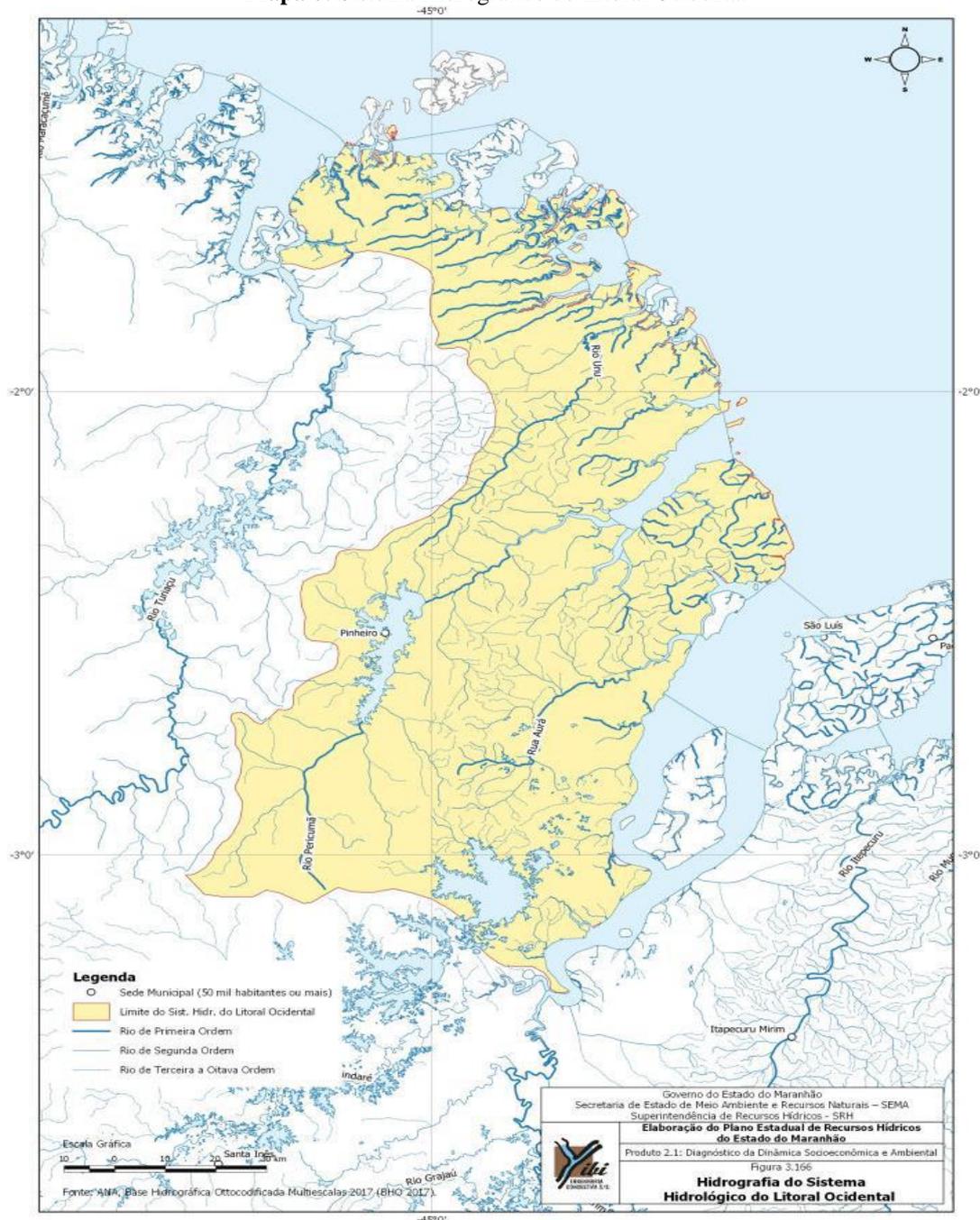
Fonte: PNRH, 2006

Fazem parte da região hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental o total de dois Sistemas hidrográficos e sete Bacias hidrográficas.

Os sistemas hidrográficos da região hidrográfica do Atlântico Nordeste Ocidental são dois e localizam-se em uma área que corresponde 4,17% do Estado do Maranhão e possui uma população total de 1.692.671 habitantes que significa 25,8% da população do Estado, que se concentram 74,2% na zona urbana e 25,8% na rural. Vale ressaltar que essa grande porcentagem na zona urbana se explica em virtude de São Luís, capital do Estado, encontrar-se nessa área.

O primeiro sistema hidrográfico é o do Litoral Ocidental, composto pela área de drenagem dos rios Pericumã, Aurá e Uru, e ainda de rios perenes. De características amazônicas, todos esses rios desaguam na costa de inúmeras rias e sofrem constante influência das marés, que acabam influenciando também na vida da população local. Apresentam ainda, grande largura perto de suas fozes e têm em sua orla uma vasta vegetação de mangue.

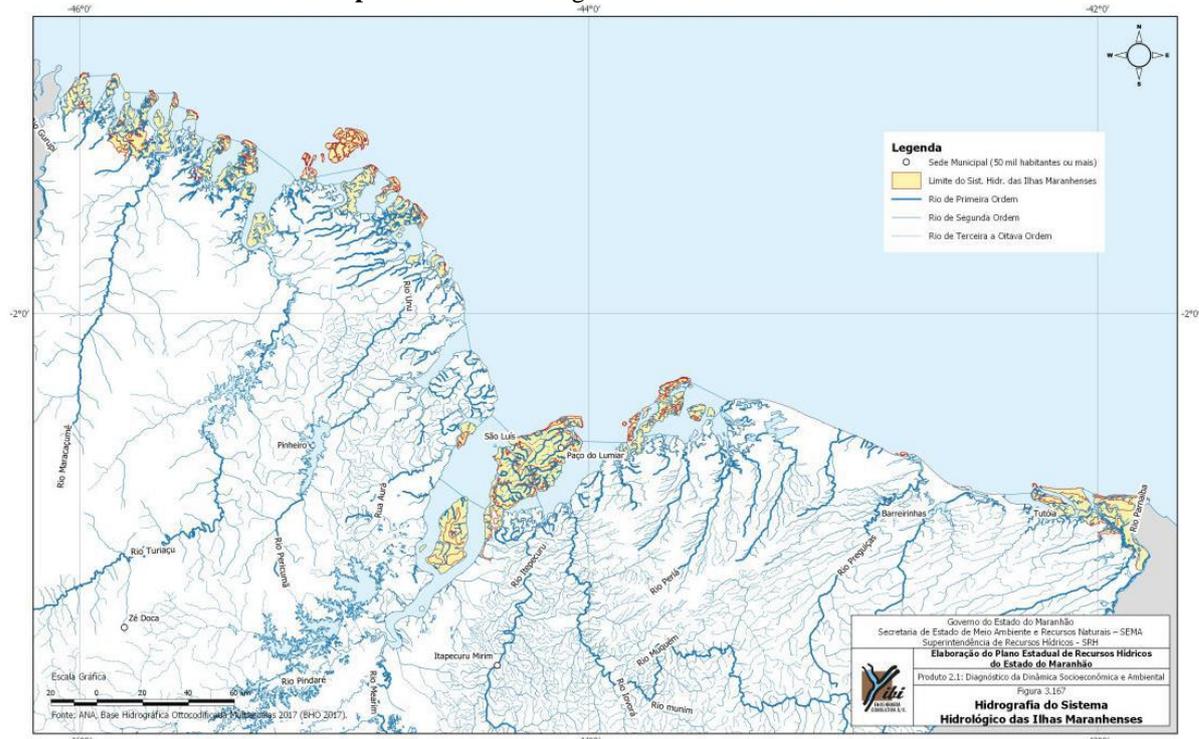
**Mapa 8:** Sistema Hidrográfico do Litoral Ocidental



**Fonte:** PLANO ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS DO MARANHÃO. Disponível em: [https://www.sema.ma.gov.br/files/2020/11/Audiencia\\_Programas\\_Sist.Lit\\_Ocidental\\_PERH.MA\\_.pdf](https://www.sema.ma.gov.br/files/2020/11/Audiencia_Programas_Sist.Lit_Ocidental_PERH.MA_.pdf)  
Acesso em: 10 maio 2021.

O segundo sistema hidrográfico é o das Ilhas Maranhenses (Mapa 9), que é constituído por 219 ilhas que se distribuem ao longo de todo o litoral maranhense; a maioria delas fazem parte do Delta do Parnaíba, onde se encontra a foz do rio Parnaíba, composta de mais de cinco canais ou braços de seu leito.

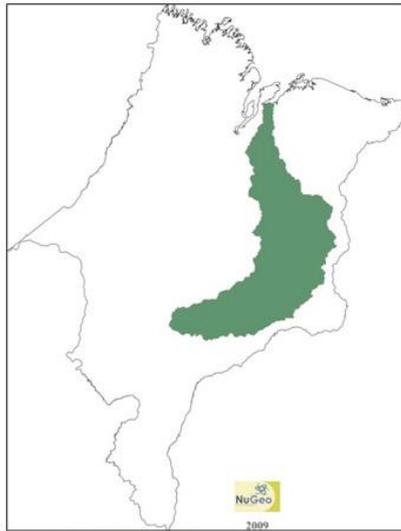
**Mapa 9:** Sistema Hidrográfico das Ilhas Maranhenses



**Fonte:** PLANO ESTADUAL DE RECURSOS HÍDRICOS DO MARANHÃO. Disponível em: <[https://www.sema.ma.gov.br/files/2020/11/Audiencia\\_Programas\\_Sist.Ilhas\\_Maran\\_PERH.MA\\_-1.pdf](https://www.sema.ma.gov.br/files/2020/11/Audiencia_Programas_Sist.Ilhas_Maran_PERH.MA_-1.pdf)> Acesso em: 10 maio 2021.

As bacias hidrográficas de domínio estadual na região hidrográfica do atlântico nordeste ocidental somam um total de sete bacias, o que totaliza 202.203,50 km<sup>2</sup> (60%,90) da área do Estado, tendo como principais cursos d'água os rios Itapecuru, Maracaçumé, Mearim, Munim, Peria, Preguiças e Turiaçu.

A bacia hidrográfica do rio Itapecuru (Mapa 10) possui área total de 53.216,84 km<sup>2</sup>, que é equivalente a 16,03% da área do Estado. Nessa bacia estão localizados 57 municípios, dentre eles 37 possuem suas sedes dentro da bacia. O total de habitantes é de 1.019.398, o que soma (15,5%) da população maranhense, dessa somatória 640.909 (62,9%) habitam na área urbana e 378.489 (37,1%) na zona rural, o que resulta em uma densidade demográfica de 37,1% hab./km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

**MAPA 10:** Bacia Hidrográfica do rio Itapecuru

**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

A bacia hidrográfica do rio Maracaçumé (Mapa 11) tem área de 7.756,79 km<sup>2</sup>, ocupando assim 2,34% do Estado. Ela possui 16 municípios, e soma um total populacional de 122.535 habitantes, o equivalente a 1,9% da população do Estado, sendo que 75.144 (61,3%) vivem na área urbana e 47.391 (38,7%) na zona rural, o que resulta uma densidade demográfica de 15,80 hab./km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

**MAPA 11:** Bacia Hidrográfica do rio Maracaçumé

**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

A bacia hidrográfica do rio Mearim (Mapa 12) é considerada a maior do Estado com 99.058,68 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 29,84% da área total do Estado. É formada por 83 municípios, onde 50 possuem suas sedes dentro bacia. O total populacional dessa bacia é de 1.681.307 habitantes, o que equivale a (25,6%) do Estado, sendo 872.660 (51,9%) moradores

na área urbana e 808.647 (48,1%) na zona rural, totalizando uma densidade demográfica de 16,97 hab./km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

**MAPA 12:** Bacia Hidrográfica do Rio Mearim



**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

A bacia hidrográfica do rio Munim (Mapa 13), com área de 15.918,04 km<sup>2</sup>, que equivale a 4,79% do Estado. É composta por 27 municípios, sendo 15 com sedes na bacia, o total populacional é de 320.001 habitantes, o que equivale a (4,9%) da população maranhense, sendo que 164.905 (51,5%), vivem na área urbana e 155.093 (48,5%) na zona rural, totalizando uma densidade demográfica de 20,20 hab./km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

**MAPA 13:** Bacia Hidrográfica do rio Munim

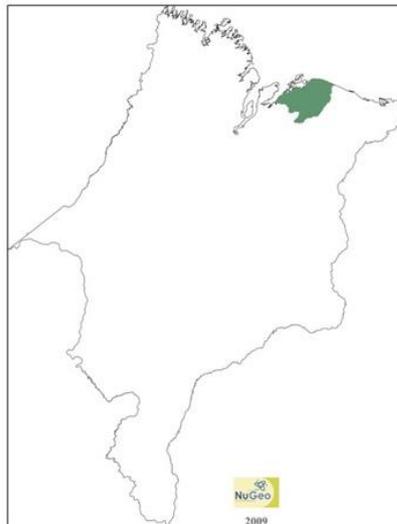


**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

A bacia hidrográfica do Peria (Mapa 14) é a menor bacia do estado com uma área de 5.395,37 km<sup>2</sup>, que equivale a 1,61% do território maranhense. Nessa bacia estão 6 municípios, 3 sedes se encontram dentro da bacia, mas nenhum município possui área total dentro dela. A

população total é de 64.049 habitantes, o que representa 1,0% da população do Estado, sendo que 18.409 habitantes (28,7%) moram na zona urbana, e 45.640 habitantes (71,3%) na zona rural desta. O que significa uma densidade demográfica de 18,87 hab./km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

**MAPA 14:** Bacia Hidrográfica do rio Periaá



**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

A Bacia Hidrográfica do Rio Preguiças (Mapa 15) possui uma área de 6.707,91 km<sup>2</sup>, o que corresponde a 2,02% da área do Estado. Nela estão situados 10 municípios, sendo 2 com sedes nos limites da bacia, com uma população 96.379 habitantes, o que significa 1,5% da população estadual, dentre esses habitantes 26.807 (27,8%) residem na zona urbana, e 69.572 (72,2%) na área rural. O que configura uma densidade demográfica de 14,37 hab./km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

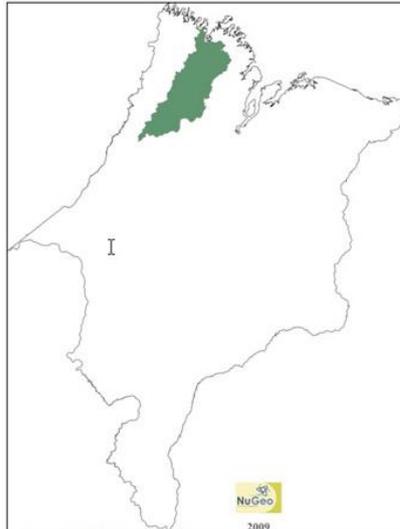
**MAPA 15:** Bacia Hidrográfica do rio Preguiças



**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

A bacia hidrográfica do rio Turiacu (Mapa 16), conta com uma área de 14.149,87 km<sup>2</sup>, representando cerca de 4,26% da área do Estado. A bacia abriga 16 municípios, sendo 8 com sedes nela. Possui uma população de 179.212 habitantes, o que equivale a 2,7% da população maranhense, desse total 77.704 (43,4%) vivem na área urbana e 101.508 (56,6%) na zona rural o que resulta uma densidade demográfica de 12,67 hab./km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

**MAPA 16:** Bacia Hidrográfica do rio Turiacu



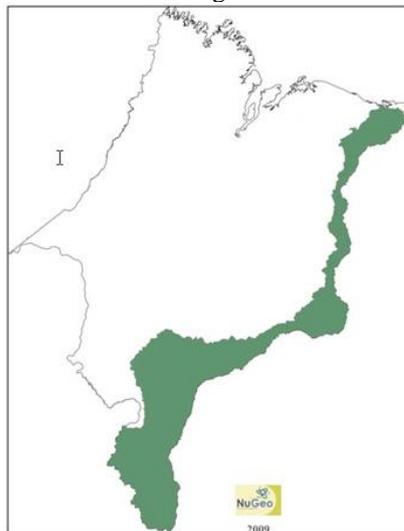
**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

Já no domínio federal, as bacias, são aquelas que estão localizadas em dois ou mais estados da federação, na região hidrográfica do atlântico nordeste ocidental, de domínio federal, temos a bacia hidrográfica do rio Gurupi (Mapa 17), que totaliza 15.953,91 km<sup>2</sup>, o que representa 4,80% da área do estado, o seu principal rio é o Gurupi, que nasce no Maranhão e dividiu-o do Pará, essa bacia tem 70% de sua área localizada no Maranhão. Nessa bacia estão localizados 13 municípios, sendo que 8 possuem sedes nos limites dela. A população nessa bacia é de 178.302 habitantes, o que significa (2,7%) da população total Estado, desses 137.931 (77,4%) localizam-se na área urbana e 40.371 (22,6%) na zona rural, o que resulta uma densidade demográfica da ordem 11,18 hab./km<sup>2</sup> da densidade demográfica do Maranhão (IBGE, 2010).

**MAPA 17:** Bacia Hidrográfica do Rio Gurupi

**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

Ainda no domínio federal, temos a bacia hidrográfica do rio Parnaíba (MAPA 18), na região hidrográfica do Parnaíba, com 66.449,09 km<sup>2</sup> que é igual a 20,02% do espaço maranhense, o rio Parnaíba é o rio principal, sendo o divisor natural dos Estados do Maranhão e Piauí. Fazem parte dessa bacia 39 municípios maranhenses, sendo que 32 estão com sedes dentro dos limites da bacia. O total de habitantes dela é 717.723, o equivalente a 10,9% da população do Estado, onde 482.569 (67,2%) vivem na área urbana e 235.154 (32,8%) na zona rural, o que significa uma densidade demográfica de quase 10,80 hab./km<sup>2</sup>, esse total é considerado duas vezes menor do que a densidade demográfica do Estado do Maranhão (IBGE, 2010).

**MAPA 18:** Bacia Hidrográfica do Rio Parnaíba

**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

Também no domínio federal, a bacia hidrográfica do rio Tocantins (MAPA 19), localizada na área da região hidrográfica do rio Araguaia-Tocantins, que tem 30.665,15km<sup>2</sup>, equivalente a 9,24% da área do Maranhão. O rio Tocantins delimita os Estados do Maranhão e Tocantins. Dentro dessa bacia estão situados 23 municípios maranhenses, onde 18 possuem sedes dentro dos limites dela. O número de habitantes é de 498.105, esse total é equivalente 7,6% da população do Estado, sendo que 390.105 (78,3%) habitam na área urbana e 108.000 (21,7%) na zona rural. (IBGE, 2010).

**MAPA 19:** Bacia Hidrográfica do Tocantins



**Fonte:** UEMA/NUGEO, 2009

## 2.4 Aspectos socioculturais

Com relação aos aspectos socioculturais do Maranhão, vale ressaltar que são bem diversificados.

A região da Bacia do Mearim apresenta problemas educacionais, pois há um desequilíbrio entre o número de estabelecimentos e o de matrículas nos níveis fundamental e médio. Todos os municípios possuem abastecimento d'água tratada, mas o número de estabelecimentos atendidos ainda é pequeno, predominando assim a captação d'água em poços e nos rios, por parte da população ribeirinha. Em relação à energia elétrica, ainda existe três municípios que não são atendidos pelo sistema de distribuição. Seus principais produtos agrícolas são arroz, feijão, mandioca, milho, soja, banana e castanha de caju. No âmbito da produção pecuária, têm destaque os rebanhos bovinos, caprinos, equinos, ovinos e suínos, e as aves.

A economia da região do rio Munim é voltada para a pecuária bovina rudimentar, registrando ainda do cultivo de arroz, feijão, mandioca, milho, soja, banana, castanha de caju e coleta de babaçu. Mais recentemente, incluiu entre suas atividades a produção de carvão vegetal. Essa Bacia vem sofrendo com o processo de ocupação desordenado, afetando assim o meio ambiente, principalmente os recursos hídricos.

A bacia do Turiaçu possui uma concentração de 40% de área de pastagem e ainda de coberturas de áreas agrícolas, onde se observa um grande desenvolvimento do plantio de abacaxi. Essas coberturas dão ainda espaço para a produção de banana, coco e laranja. Existe ainda na região o extrativismo de frutos da juçara (*Euterpe oleracea Mart.*), madeira, lenha e produção de carvão. além do extrativismo de amêndoas de babaçu; no entanto essa atividade não exerce papel socioeconômico muito relevante como acontece em outras regiões do Estado, em função da pouca ocorrência de babaçuais nos municípios costeiros pré-amazônicos. Na pecuária, encontram-se rebanhos bovinos, suínos, equinos, asininos, muares, ovinos, caprinos e bubalinos, além de criação de galinhas.

As terras da bacia hidrográfica do rio Gurupi são ocupadas pela agricultura, aproximadamente de 7%, e das pastagens com mais de 37%, o resto é ocupado frações da floresta amazônica, matas secundárias e babaçuais. Na agricultura prevalece o plantio de arroz, milho, mandioca e feijão, produtos que geralmente são plantados para o consumo e poucas vezes são comercializados.

Na maior parte do espaço rural, encontram-se as atividades agropastoris e ligadas à pecuária; já as atividades agrícolas localizam-se no sul e leste do Estado, com projetos de plantio de arroz e soja. No município de Rosário, localizado na bacia hidrográfica do rio Munim, desenvolvem-se as atividades agropecuárias; na bacia hidrográfica do rio Mearim, a pecuária é predominante, com um sistema de criação semi-intensivo.

Nas bacias do Gurupi, Maracaçumé e Turiaçu o extrativismo vegetal é recorrente com a extração dos frutos da juçara (*Euterpe oleracea Mart.*), madeira, lenha e produção de carvão. Diferente de outras regiões, não é significativo a extração de amêndoas de babaçu, pois a maioria dos municípios dessa região são costeiros pré-amazônicos, não tendo assim muita ocorrência de babaçu.

Em relação ao extrativismo de madeira, nas margens do rio Pindaré, registra-se um grande desmatamento, que fez com que muitas indústrias, serrarias e madeireiras finalizassem seus trabalhos ou se transferissem para outros municípios. Com esse avanço da frente

madeira, ficam para trás pequenos povoados, com pequenas moradias de madeira, e uma inteira desestrutura no que diz respeito às situações sociais e econômicas.

A atividade de extração de babaçu na bacia hidrográfica do rio Itapecuru e bacia hidrográfica do rio Mearim, apesar de economicamente não ser uma atividade lucrativa, mostra-se de grande importância social, pois várias famílias de baixa renda dessas regiões sobrevivem dessa fonte de renda alternativa. Vale ressaltar que, com a existência dessa cultura, há então nessas áreas a presença de vegetação secundária.

A exploração de cana-de-açúcar e a mineração são atividades que estão centralizadas nas bacias hidrográficas dos rios Maracaçumé e Turiaçu.

O sistema hidrográfico das ilhas maranhenses concentra-se a maior densidade populacional, pois compreende a microrregião Aglomeração Urbana de São Luís, formada pelos municípios de Paço do Lumiar, Raposa, São José de Ribamar e São Luís. A área desse sistema é bem complexa do ponto de vista socioeconômico, pois abriga a cidade de São Luís, capital do Estado, que tem sua importância político-administrativa e portuária, e por ser o centro de maior parte da comercialização e industrialização da produção maranhense.

Em relação ao sistema hidrográfico do litoral ocidental é predominantemente de terras devolutas tomadas por posseiros; nela ocorrem geralmente conflitos resultantes de grilagem. Há, também, muitos programas de assentamento rural na região; em alguns casos as áreas destinadas aos assentamentos são tomadas por grandes proprietários que as transformam em projetos agropecuários e madeireiros. Embora isso ocorra, essa área ainda é ocupada por muitas florestas, pastagens e agricultura.

Na costa litoral, há muitas vilas de pescadores espalhadas pelas rias, o que contribui para a existência de grandes estoques pesqueiros, sendo essa área apontada como bastante diversificada em tipos de cardumes. O extrativismo nos mangues (cata de crustáceos e mariscos) é explorado na área do litoral do Maranhão, que também abriga em áreas de alagamento atividades pecuárias com espécies rústicas, como o búfalo.

A vegetação da bacia do Itapecuru é composta por árvores de pequeno e médio porte as mais encontradas são: pau-terra, pequi, a lobeira; as frutíferas, o bacuri, murici e de uso na medicinal, o jatobá, a sucupira, aroeira, etc...

Vale destacar ainda algumas espécies nativas dos cerrados da região hidrográfica Atlântico Nordeste Ocidental, dessas espécies é comum as palmeiras de bacaba e babaçu, e árvores como: Piranheira, Caneleiro, Jatobá, Cajazinha, Copafba, Jatobá-curuba, Amesclão, Ipê-roxo, Ipê-amarelo, Muiracatiara, Juruparana, Amarelão, Jarana Morotó, Barbatimão,

Gonçalave, Mangabeira, Piqui, Fava d'anta, Tamboril, Candeia, Sucupira, Murici, Puçá, Cagaita e Pau terra. Já nos campos inundáveis temos: Capim de areia, Alecrim-da-praia, Carrapicho-da-praia, Cipó-de-leite, Coroa-de-frade e Orquídea-da-restinga.

Como observamos é grande a diversidade sociocultural do Maranhão, assim acreditamos que esses aspectos, além de contribuir para o conhecimento do Estado, também fornecem subsídios para a análise dos hidrônimos.

## CAPÍTULO III

### METODOLOGIA

Tendo em vista o objeto deste estudo, a hidronímia maranhense, o desenvolvimento desta pesquisa foi pautado no percurso metodológico indutivo, já que a indução nos possibilita partir de dados particulares ou mesmo menos gerais para chegar a conclusões mais amplas. Em síntese, em palavras de Dick (1999), o emprego do método indutivo de análise, no âmbito dos estudos onomásticos, contribui para a construção de hipóteses de trabalho que se baseiam em fatos particulares. Em se tratando de nossa pesquisa, os dados foram coletados em mapas dos séculos XVII, XVIII, XIX, XX, e em mapa da ANA (2013) dos 217 municípios do estado do Maranhão.

Como procedimento metodológico inicial, realizamos o levantamento bibliográfico de autores que enfocam a Toponímia: Dauzat (1926), que dá início aos estudos toponímicos na França; Vasconcelos (1931), com estudos sobre a toponímia portuguesa; Dick (1990a, 1990b 1992, 1994, 1995, 1998, 1999, 2000, 2004, 2006, 2007), Dick e Seabra (2001), com estudos sobre Toponímia, em geral, e trabalhos sobre a hidronímia brasileira; Isquierdo (2006, 2009, 2011, 2012), Isquierdo e Seabra (2010) também com estudos sobre Toponímia e hidronímia; Seabra (2006, 2008, 2012), que realiza estudos com base na Toponímia em perspectiva diacrônica; Rosselló i Verger (2010), que aborda a Toponímia, explorando a relação entre os mapas, a(s) língua(s) e o território, tomando como ponto de partida a cartografia; Mujika Ulazia (2010), que enfoca a interdisciplinaridade entre Toponímia, cartografia e história em uma comunidade bilíngue, tendo como cenário o País Vasco, entre outros autores.

A leitura desse material evidenciou que a maioria dos autores se apropria dos mapas como fonte de coleta de dados. Como fontes primárias – cartas geográficas estaduais e municipais com escalas de 1:50.000; 1:100.000 ou mesmo outras – os mapas, segundo Dick (2006, p. 97),

permitem desdobramentos possíveis do ponto de vista analítico; por exemplo, a construção de uma cadeia sintagmática de ocorrências, em sincronias criadas. Permitem, também, fixar a duração das ocorrências tempo-espaciais, em projeção sócio-histórica (períodos demarcados ou em fluxos contínuos).

Convém, contudo, lembrar que o pesquisador, ao trabalhar com mapas, sejam estes históricos/antigos ou atuais, não deve perder de vista que essas fontes toponímicas têm suas limitações. Os históricos, como destaca Rosselló i Verger (2010), carecem, em geral, de escala, o que tem consequência no detalhamento e precisão das informações. Com relação aos mapas

atuais, o problema não reside na ausência de escala, mas sim no dimensionamento desta, pois os de escala inferior a 1:100.000 deixam, muitas vezes, de registrar informações importantes para a pesquisa toponímica. Nesse sentido, a qualidade dos mapas é de fundamental importância para uma boa recolha de dados toponímicos, pois são essas fontes que funcionam como suportes da referência geográfica, isto é, do topônimo. Nesse sentido, Mujika Ulazia (2010, p. 76), ao discorrer sobre a relação de essencialidade de mão dupla que se estabelece entre a Toponímia/mapa/Toponímia, afirma, como base no Guia Toponímico do Quebec, que “o mapa constitui o veículo por excelência para a difusão dos topônimos”<sup>26</sup>, e acrescenta: “os nomes geográficos se convertem, uma vez escritos, em um elemento vital dos mapas.”<sup>27</sup>

Dada a importância dos mapas e a relação destes como a Toponímia, selecionamos mapas antigos e atuais, que cartografam a área delimitada para nossa pesquisa, como uma de nossas fontes toponímicas.

### 3.1 A constituição do *corpus*

Para a obtenção de nossos dados, trabalhamos com dois tipos de fontes – *mapas*, atuais e antigos – e *textos*. Estes últimos compõem a literatura dos viajantes que estiveram no Maranhão na primeira metade do século XVII.

### 3.2 As fontes

Foi realizada pesquisas indiretas tendo em vista a busca de fontes bibliográficas nos seguintes acervos públicos:

- ✓ Biblioteca Pública Benedito Leite – BPBL;
- ✓ Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão – IHGMA;
- ✓ Arquivo Público do Estado do Maranhão – APEMA.

Para a recolha dos mapas atuais, realizamos pesquisas em *sites* oficiais:

- ✓ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE;
- ✓ Agência Nacional das Águas – ANA

E no próprio IBGE do Maranhão, visando à catalogação de documentos oficiais.

Dessa forma, para a obtenção do *corpus*, foi realizado o levantamento de toda a hidronímia dos 217 municípios maranhense:

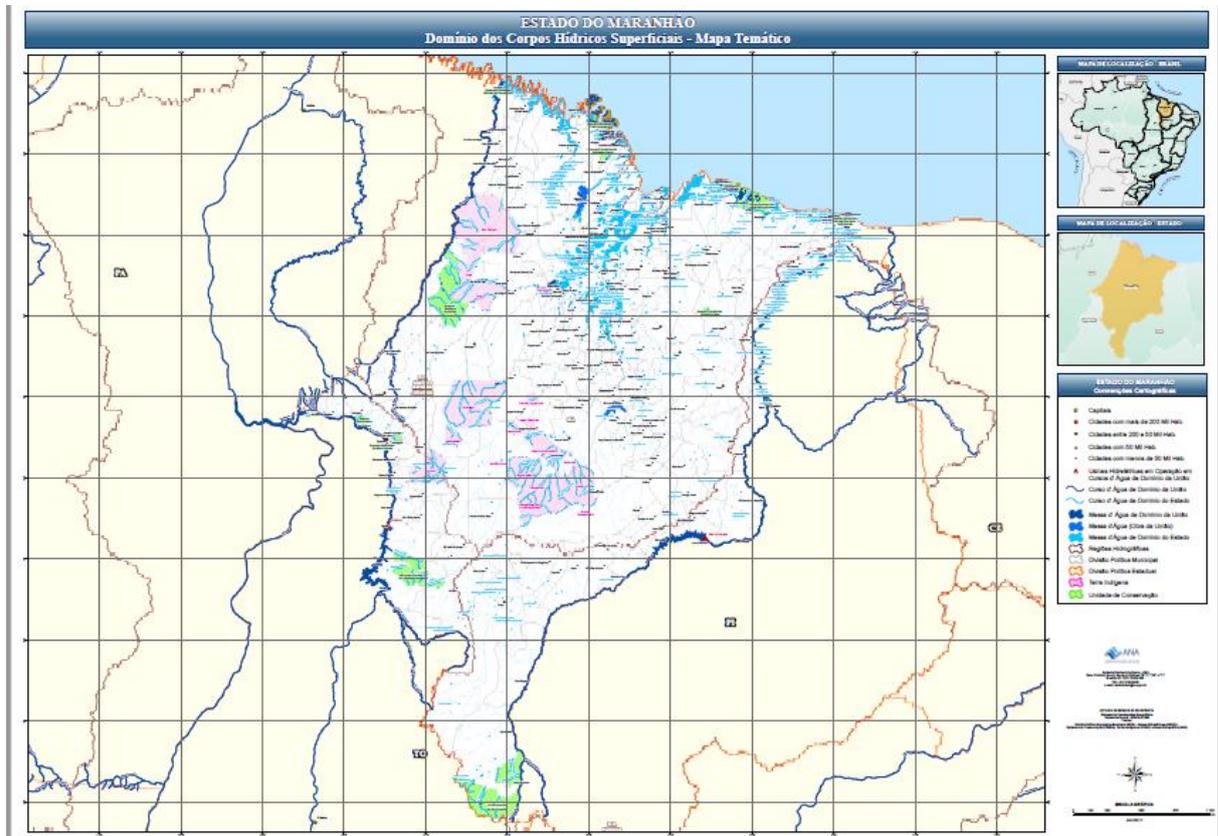
---

<sup>26</sup> Tradução livre de: “el mapa constituye el vehículo por excelencia para la difusión de los topónimos”

<sup>27</sup> Tradução livre de: “los nombres geográficos se convierten, una vez escritos, en un elemento vital de los mapas.”

No Domínio dos Corpos Hídricos Superficiais: Mapa Temático da ANA (2017)<sup>28</sup> com escala de 1:50.000; 1:100.000

**Mapa 20:** Domínio dos Corpos Hídricos Superficiais: Mapa Temático da ANA



Fonte: <https://metadados.snirh.gov.br/geonetwork/srv/api/records/41e22269-004a-4c5c-ae4-dee57d76d1b5/attachments/Maranhao.pdf> Acesso em: 15 abr. 2019.

Em mapas do território maranhense dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

XVII (1629) – O *Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará*, elaborado pelo cartógrafo da Casa da Mina e Índia, João Teixeira Albernaz I, possui três seções, que mostram os atuais estados do Ceará, Piauí, Maranhão, Pará, e ainda parte da Amazônia. Apresenta ainda aldeias, fortes e províncias indígenas.

<sup>28</sup> Optamos pela recolha dos dados no Mapa da Domínio dos Corpos Hídricos Superficiais: Mapa Temático da ANA (2017), pelo mesmo tratar somente do objeto de estudo deste trabalho, pela sua data de elaboração, considerando ainda que ele contém as informações dos mapas do IBGE 2010.

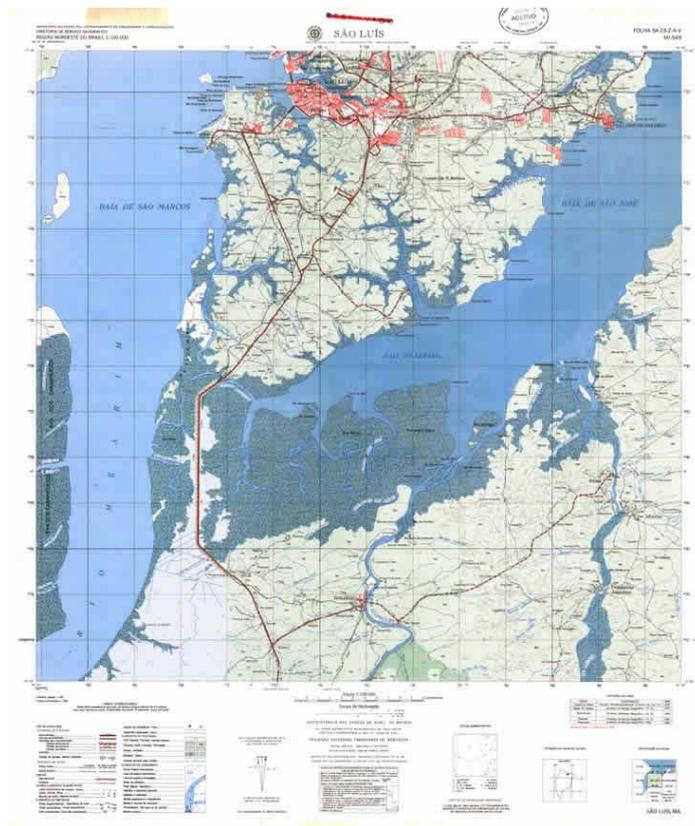
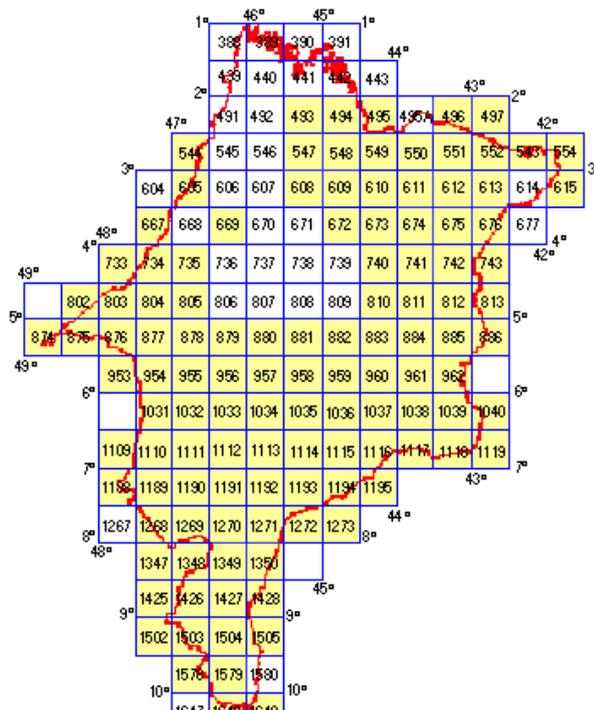


XVIII (1761) – A *Carta Geográfica da capitania do Piauí, e parte das adjacentes*, elaborada por João Antônio Galuci, apresenta muitos detalhes, como os limites da capitania, lugares, fazendas, freguesias, vilas, roças, sítios, rios.



XIX (1819) – O *Mappa Geographico da Capitania do Maranhão*, que pode servir de *Memoria sobre a População, Cultura, e Couzas mais notaveis da mesma Capitania* foi elaborado pelo Capitão Francisco de Paula Ribeiro, quando de suas várias expedições realizadas ao interior do Maranhão, a serviço da Coroa.





Convém ressaltar que parte do *corpus*, o que corresponde a dados de 60 municípios, foi catalogada anteriormente e faz parte do Banco de Dados organizado para a dissertação de mestrado. Para a elaboração desta tese foi feito, portanto, o levantamento dos 157 municípios

restantes, o que nos possibilitou, como visto, trabalhar com os 217 municípios que compõem o Estado.

### 3.3 As fontes: a literatura dos viajantes

Examinamos a literatura dos viajantes que passaram pelo Maranhão entre os séculos XVII, XVIII e XIX, e que fizeram descrições/observações sobre diversos aspectos do território que compunha o Maranhão de então, com registros em suas crônicas acerca do meio geográfico e social, da história, dos grupos indígenas que aqui habitavam. Essas descrições e observações feitas “de passagem” constituem um importante acervo documental que se torna indispensável para a compreensão do Estado do Maranhão atual. Dentre os viajantes que por aqui passaram, selecionamos os padres capuchinos, que estiveram no Maranhão atendendo a um pedido da Rainha regente, Maria de Médici, para propagar a fé cristã entre os “infiéis” americanos. São eles: Claude d’Abbeville, com a obra *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas* (2002 [1614]), Yves d’Évreux, com a obra *Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614* (2002 [1615]), Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão, com a obra *Poranduba maranhense* (2012 [1891]), entre outros.

Esses materiais, dentre outros igualmente importantes, deram os subsídios necessários para que pudéssemos, segundo o dizer de Dick e Seabra (2001), ir alcançando, por meio dos estudos toponímicos da região, a “‘verdade do nome’, e juntamente com ele, a história real de uma sociedade”, buscando assim, por meio do momento sincrônico de análise “(...), outros planos de apreensão do objeto em exame, em épocas anteriores, descrevendo-se ou recuperando-se o *continuum demonstrativo* daquela nomenclatura.” (DICK, 1999, p. 132).

### 3.4 Registro e arquivamento dos dados

As informações de cada hidrônimo que compõe o *corpus* foram registradas em fichas lexicográfico-toponímicas. Essa ficha foi elaborada com base no modelo proposto por Dick (2004), com alguns acréscimos.

## Ficha lexicográfico-toponímica DICK (2004)

Localização – Município: _____
Topônimo: _____ A.G: _____ Taxionomia: _____
Etimologia: _____
Entrada Lexical: _____
Estrutura
Morfológica: _____
Histórico: _____
Informações Enciclopédicas: _____
Contexto: _____
Fonte: _____
Pesquisador: _____ Revisor: _____
Data de Coleta: _____

Para efeito de ilustração, apresentamos a Ficha Lexicográfico-Toponímica de um dos grandes rios do Maranhão devidamente preenchida.

## Ficha Lexicográfico-Toponímica

<b>Ficha Toponímica n° 19</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	5 Riacho 12 Rio	Buriti	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	Riacho	Buriti Brabo		Tupi + LP	Composto Híbrido
	2 Riacho Baixão Córrego	Buritirana		Tupi	Simple
	2 Riacho	Buritizal		Tupi + LP	Simple Híbrido
	2 Riacho Córrego	Buritizinho			Simple Híbrido
	4 Riacho Baixão	do Buriti			Simple
	Riacho	do Buriti Bravo			Composto Híbrido
	2 Riacho	do Buriti Seco			Composto Híbrido
	Riacho	do Buriti Velho			Composto Híbrido
	Baixão	do Buritizal			Simple Híbrido
	Igarapé	do Buritizinho			Simple Híbrido

	Baixão Brejo Riacho	da Buritirana		Tupi	Simple
	Riacho Igarapé	Miritíba		Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<p><b>buriti</b>, meriti, miriti ([mburi] + t'y) = buri que solta líquido <b>Mauritia vinífera</b> Mart., ou que dá onde há água, pois é abundante à beira dos rios e brejais; recebe diversos nomes conforme a região; buriti, meriti, muriti, coqueiro-buriti, carandá-guaçu...; os pecíolos das folhas do buriti bom isolante podendo substituir com vantagem o celotex. (Gregório, 1980, p. 933)</p> <p><b>buritirana</b> ([miriti] + rana) = espécie de palmeira (<i>Mauritia aculeata</i>); bela palmeira do Pantanal (Mato Grosso), buriti de talos mais curtos. (Gregório, 1980, p.935)</p> <p><b>miritíba</b> (miriti+tyba) = miritizal ou abundância de buritis; (Gregório, 1980, p.935)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<p>(...) Com o macerato das fôlhas preparam saborosa bebida no Amazonas. Incisões na espádice e talos provocam a expulsão da seiva acre-doce, que tem seus apreciadores. Nos Muceques, arredores de Luanda, em Angola, há uma povoação denominada <i>BURITI</i>. (Casculo, 1968, p. 73)</p> <p><b>(AL)Buriti-2</b> – Nasce este rio no lugar denominado Lagoa Seca. Banha várias localidades, entre estas São Bernardo, e despeja suas águas no Parnaíba, pela margem esquerda, por intermédio de uma concha lacustre com sangradouro para esse grande rio. / O buriti é navegável em canoas a remo até São Bernardo. / O seu curso é aproximadamente de 43km. <b>(AL)</b>. (Marques, [1826 -1900 (2008)] p. 274)</p>				

**Fonte:** Adaptada da Ficha Lexicográfico-Toponímica de Dick (2004)

Como vimos, a Ficha Lexicográfico-Toponímica é composta pelos campos descritos a seguir.

- Na parte superior da ficha, em negrito, apresenta-se o número de cada ficha.
- Século do mapa – neste campo é situado o século do mapa em que o hidrônimo foi coletado.
- Hidrônimo – refere-se ao nome próprio do elemento físico recolhido nos mapas, bem como suas variante cartográfico-lexical  
Ex.: Miritíba, Buriti, Buriti Brabo, Buritirana, Buritizal, Buritizinho, do Buriti, do Buriti Bravo, do Buriti Seco, do Buriti Velho, do Buritizal, do Buritizinho, da Buritirana.
- Elemento Geográfico – corresponde ao elemento genérico designado.  
Ex.: rio, córrego, lagoa, lago
- Classificação Taxionômica – campo destinado à taxa do hidrônimo, conforme a classificação de Dick (1990).  
Ex: Miritíba, Buriti – Fitotopônimo

- Língua de Origem – campo destinado à filiação linguística do hidrônimo, se Tupi ou mesmo híbrida Tupi mais portuguesa.  
Ex.: Miritíba – Tupi            Buritizinho – Tupi + Português
- Etimologia – campo destinado ao registro do significado da palavra que origina o hidrônimo ou dos elementos que o constituem.  
Ex.: **buriti**, meriti, miriti ([mburi] + t’y) = buri que solta líquido **Mauritia vinífera** Mart., ou que dá onde há água, pois é abundante à beira dos rios e brejais; recebe diversos nomes conforme a região; buriti, meriti, muriti, coqueiro-buriti, carandá-guaçu...; os pecíolos das folhas do buriti bom isolante podendo substituir com vantagem o celotex. (Gregório, 1980, p.933)  
**buritirana** ([miriti] + rana) = espécie de palmeira (*Mauritia aculeata*); bela palmeira da Pantanal (Mato Grosso), buriti de talos mais curtos. (Gregório, 1980, p.935)  
**miritiba** (miriti+tyba) = miritizal ou abundância de buritis; (Gregório, 1980, p.935)
- Estrutura Morfológica do Hidrônimo – campo destinado à classificação do hidrônimo em: (i) simples – constituído por um só elemento<sup>29</sup> – e (ii) composto – constituído por mais de um elemento. Tanto os simples como os compostos podem ser híbridos – constituídos por mais de um elemento de línguas diferentes – ou não-híbridos.  
Ex.: Buriti (Simples); Pindaré-Mirim (Composto); do Buriti Seco (Composto Híbrido); Buritizal (Simples Híbrido)
- Notas enciclopédicas – campo destinado ao registro das demais informações a respeito dos topônimos, inclusive da sua motivação. Para coleta dessas informações, foram usadas obras como o *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*, de César Augusto Marques ([1870] 2008), e a *Poranduba Maranhense*, de Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres Maranhão. ([1891] 1946)<sup>30</sup>, as notas em que primeiro aparecem asteriscos (\*) foram retiradas da obra *Contribuição indígena ao Brasil* escrita pelo Irmão

<sup>29</sup> Convém enfatizar que alguns elementos de origem indígena que já fazem parte de nosso cotidiano, estão em nosso falar, podem ser percebidos pelos falantes como um único elemento, isto é, como elemento simples, embora sejam compostos, como atesta sua etimologia, a exemplo de Itapecuru (**itapé** + **curu**, lage enrugada, ondulada. (TIBIRIÇA, 1985, p.67)).

<sup>30</sup> A obra foi escrita na primeira metade do século XIX, provavelmente entre os anos de 1819 e 1820, sendo publicada pela primeira vez em 1891, na Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

José Gregório (1980). Em algumas fichas não foi possível preencher esse campo.

- Fonte – neste campo são apresentados os documentos de onde foram coletados os hidrônimos.

Ex.: fonte primária – mapas;

Para o preenchimento do campo *Classificação Taxionômica* recorreremos à proposta de Dick (1990), que sumarizamos a seguir.

### 3.5 Classificações dos topônimos: a proposta das taxionomias de Dick

O Modelo Tipológico de Dick (1990) é composto por 27 categorias distributivas ou taxes léxico-semânticas, divididas em dois grupos: (i) as de natureza física, com um total de 11 taxes relacionadas com o ambiente, e (ii) as de natureza antropocultural, que somam 16 taxes, vinculadas aos aspectos sócio-histórico-culturais.

Nos Quadros 02 e 03, a seguir, apresentamos as taxes, suas fontes motivadoras/geradoras e exemplos de cada uma delas.

**Quadro 02:** Taxionomias de natureza Física

<b>Taxionomia de natureza física</b>		
<b>Taxionomia</b>	<b>Fonte motivadora/geradora</b>	<b>Exemplo</b>
Astrotopônimos	os corpos celestes em geral	Rio da Estrela (ES)
Cardinotopônimos	as posições geográficas em geral	Serra do Norte (MT)
Cromotopônimos	a escala cromática	Rio Pardo (SP)
Dimensiotopônimos	as características dimensionais dos elementos geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, altura, profundidade	Igarapé Profundo (RO)
Fitotopônimos	os vegetais	Arroio Pinheiro (RS) cafezal (AH PA)
Geomorfotopônimos	as formas topográficas	Colinas (AH GO)
Hidrotopônimos	os elementos hidrográficos em geral	Ribeirão Preto (AH SP)
Litotopônimos	os elementos minerais, relativos à constituição do solo	Córrego Barreiro (AM)
Meteorotopônimos	os fenômenos atmosféricos	Cachoeira da Chuva (RO)

Morfotopônimos	o sentido de forma geométricas	Lagoa Redonda (BA)
Zootopônimos	Índole animal	Rio do Boi (MG) Vacaria (AH RS)

**Fonte:** Adaptado de Dick (1990)

**Quadro 03:** Taxionomias de natureza Antropocultural

<b>Taxionomias de natureza Antropo-Cultural</b>		
<b>Taxionomia</b>	<b>Fonte motivadora/geradora</b>	<b>Exemplo</b>
Animotopônimos ou Nootopônimos	a vida psíquica, a cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano	Cachoeira da Saudade (MT)
Antropotopônimos	os nomes próprios individuais	Francisco Dantas (AH RN)
Axiotopônimos	os títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais.	Presidente Prudente (AH SP)
Corotopônimos	os nomes de cidades, países, estados, regiões, continentes	Brasil (AH AM)
Cronotopônimos	os indicadores cronológicos representados, em toponímia, pelos adjetivos novo/nova, velho/velha	Rio Mundo Novo (GO)
Ecotopônimos	as habitações de um modo geral	Sobrado (AH BA)
Ergotopônimos	os elementos da cultura material	Relógio (AH PR)
Etnotopônimo	os elementos étnicos, isolados ou não	Guarani (AH PE)
Dirrematotopônimos	constituídos por frases ou enunciados linguísticos	Igarapé Val Quem Quer (AM)
Hierotopônimos	os nomes sagrados de diferentes crenças: as associações religiosas; as efemeridades religiosas. Apresentam duas subdivisões: Hagiotopônimos – topônimos relativos aos Santos e Santas do hagiológico romano. Ex.: Rio São Paulo (AH SP) Mitotopônimos – topônimos relativos às entidades mitológicas. Ex.: Anhangá (BA)	
Historiotopônimos	os movimentos de cunho histórico-social e seus membros, assim como as datas correspondentes	Rio 7 de setembro (MT)

Hodotopônimos (Odotopônimos)	as vias de comunicação rural ou urbana	Córrego do Atalho (GO)
Numerotopônimos	os adjetivos numerais	Duas Barras (AH BA)
Poliotopônimos	os vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.	Arraial (AH BA)
Sociotopônimos	as atividades profissionais, os locais de trabalho e os pontos de encontro dos membros de uma comunidade	Serra do Sapateiro (SP)
Somatotopônimos	empregados em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal	Igarapé do Dedo (RR)

**Fonte:** Adaptado de Dick (1990)

## CAPITULO IV

### Apresentação e análise dos dados

Esta etapa compreende a apresentação dos dados demonstrando as fichas lexicográfico-toponímica e (i) análise qualitativa dos dados para buscar a motivação onomástica dos topônimos, conforme as taxas de natureza física e antropocultural; (ii) registro do percurso onomástico dos topônimos, com vistas ao resgate histórico da denominação, com base nos mapas antigos; (iii) distribuição quantitativa das duas categorias toponímicas, a física e a antropocultural, em gráficos do tipo pizza; (iv) análise etimológica dos topônimos e (v) elaboração de cartas, o que nos possibilita ver a distribuição das taxas, dos troncos linguísticos e das áreas de maior concentração de hidrônimos indígenas no Maranhão.

#### 4.1 Apresentação dos dados por meio das Fichas Lexicográfico-Toponímicas

Dos 518 hidrônimos coletados foi possível elaborar o total de 178 fichas lexicográficas-toponímicas, como demonstradas a seguir:

<b>Ficha Toponímica nº 01</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimos</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	do Açaí	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	2 Rio	Açailândia		Tupi +LP	Simples
	Córrego	Açaizal			Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>açaí</b> , assahy (ybá + eçá + y = que brota água) = fruto que deita água; é o nome de uma palmeira do gênero Euterpe, de cujo fruto, coco se faz refresco muito saudável; Paul Le Cointe-98 <sup>a</sup> , pág. 333, grafa <b>oyasaí</b> ou árvore de água em língua Cariba. (Gregório, 1980, p. 1265)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	Os Agassiz assim o descrevem: "A planta que atrai logo a nossa vista e se alteia nessa massa de verdura, com maravilhosa majestade e graça, é a esbelta e elegante palmeira <b>Assaí</b> , coroada por um penacho de folhas ligeiras, sob o qual os tufos de seus frutos semelhando bagas, pendem num galho quase horizontalmente projetado." (cit. por R. Moraes-27f, pág. 29)				

<b>Ficha Toponímica nº 02</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Achuí	Hidrotopônimo	Tupi	Simples
	Rio	Axuí			
<b>Etimologia</b>	ACHUÍ (pov., i, ig., r.) - A + chuii, chuí (o segundo elemento é onomatopeia) o passarinho + água, água ou rio do passarinho. A+				

	chui, xui + y/ abelha + água), água ou rio da exú -?- ACHUÍ DE FORA (pov.), (r.), ACHUÍ GRANDE (pov.) (Lopes, 1947, p.17)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	(AL) <b>Axuí</b> – Rio que deságua na baía do Sernambi. Com maré alta pode ser navegado por pequenas embarcações a vela. Tem cerca de uns 20 km. (Marques, [1826 -1900 (2008)] p. 164)

<b>Ficha Toponímica nº 03</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Açu	Dimensiotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>Guaçu</b> , açu, uçu (guarani e nheengatu), buçu, turuçu = <b>grande</b> (com substantivos) e muito (com verbos); grosso, largo; animal de vulto: <b>guaçu</b> = veado, no guarani. (Gregório, 1980, p. 707)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 04</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho Córrego	Anajá	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	2 Rio	Anajatuba			Simple
<b>Etimologia</b>	<b>INAJÁ</b> coco ou fruto da palmeira pindoba, da família das Cerroxilíneas; nome de elegante palmeira que ocorre sobretudo no Maranhão e recebe diversas denominações anajá, indaiá, inaiá, catolé, perinã; o caroço é usado na defumação da borracha; nome de cidade de Pernambuco, à margem direita do Moxotó; e nome de cidade no Paraná, Zona do Oeste. (Gregório, 1980, p. 749) <b>Inajatuba</b> (“+ tuba) = abundância de inajás; nome de ilhas e lagos da Amazônia (Gregório, 1980, p. 751)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	(AL) <b>Anajatuba-2</b> – Este rio, que tem origem no Lago Grande, corre no município de Curupupu, entre as bacias do Cabelo de Velha e do Cipotiua. É navegável até o porto do Armazém, num percurso de 30 km. (AL). (Marques, [1826 -1900 (2008)] p. 124)				

<b>Ficha Toponímica nº 05</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Andiroba	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	2 Igarapé	Andirobal		Tupi + LP	Simple Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>andiroba</b> ([Nhandy]+oba) = azeite amargo; andirobeira, de cujo fruto se extrai óleo, bom para lamparinas; (Gregório, 1980, p. 969)				

<b>Notas Enciclopédicas</b>	(AL) <b>Andiroba</b> – Igarapé da Ilha do Maranhão, tributário, pela esquerda, do Mauá ou Rio Grande ou Rio dos Cachorros, lugarejo junto a esse igarapé. (AL). (Marques, [1826 -1900 (2008)] p. 125)
-----------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<b>Ficha Toponímica nº 06</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Angical	Fitotopônimo	Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>Angico</b> (...) alt. de <b>anjyca</b> (...) <b>ang(g)</b> e <b>jynca</b> , literalmente designaria: árvore fibrosa, resistente. (Tibiriça, 1985, p. 157)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 07</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Aningal	Fitotopônimo	Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>Aningal</b> ([aninga] + al) vegetação constituída de anigaúbas. (Gregório, 1980, p. 414)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 08</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Aparitiua	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Igarapé	do Igarapé Aparitiua		Tupi	Composto
<b>Etimologia</b>	<b>Aporé</b> ([apó]+ré) = raiz de outra espécie (Nelson de Senna – 100e); nome de rio e de pequena cidade de Goiás, Zona do Rio Verde. (Gregório, 1980, p. 431)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 09</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio Igarapé	Arapará	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>ARAPAPÁ</b> = tamatiá ou socó-de-bico-largo; nome ave da família dos Ardeídeos, impropriamente chamado colhereiro; de bico grande, largo; nome de Ilha do Rio Branco, à jusante da confluência com o Catrimani, no Território de Roraima e nome de lago da margem direita do Amazonas, no município de Urucurituba. (Gregório, 1980, p.458)				

<b>Notas Enciclopédicas</b>	
-----------------------------	--

<b>Ficha Toponímica nº 10</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Araparizal	Fitotopônimo	Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>arapari:</b> árvore da família das Leguminosas Cesalpináceas (Amazonas) nome do Cruzeiro do Sul, segundo Tastevin; nome de vários topônimos da Região Norte, e vila do município de Itapipoca, Ceará. (Gregório, 1980, p.722)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 11</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Brejo Rio	Arapiranga	Astrotopônimos	Tupi	simples
<b>Etimologia</b>	<b>arapiranga,</b> arapuranga ([ara] + piranga) = tempo vermelho = arrebol; nome de vila do município de Rio de Contas, Bahia. (Gregório, 1980, p.440)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 12</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Arara	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Igarapé Riacho	Araras			
	Igarapé	da Arara			
	Riacho	Ararinha		Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	ARARA s. Voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios. (Psittacus macrocereus). (Sampaio, 1987, p. 199)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 13</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	2 Rio Riacho	Ararandeuá	Fitotopônimo	Tupi	Simples

<b>Etimologia</b>	Ararandéua a·ra·ran·déu·a sf BOT 1 Árvore frondosa ( <i>Zygia cauliflora</i> ), da família das leguminosas, nativa do Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil, de caule tortuoso, casca cinza escura, folhas bipenadas, flores brancas e vagens amarronzadas; ingarana, ingazinho, jarandeuá, jarandéua. <a href="https://michaelis.uol.com.br/busca?id=7zNe">https://michaelis.uol.com.br/busca?id=7zNe</a>
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

Ficha Toponímica nº 14					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	rio	Aurá	Fitotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>AURA (...)</b> este topônimo não tem significado, salvo se for corruptela de <b>aruá</b> ou <b>uruá</b> , certo molusco de água doce do gênero <i>Paludina</i> . (Tibiriça 1985, p.26)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 15					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	3 Riacho 2 Córrego Ribeirão Rio	Bacaba	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	Ribeirão	Bacabal		Tupi + LP	Simple Híbrido
	3 Riacho	do Bacabal			
	Vão Riacho	Bacabinha			
	Riacho	da Bacabinha			
<b>Etimologia</b>	<b>bacaba</b> ([ybá] + caba = gordura) = fruto carbudo e polposo da <b>bacabeira</b> nome de palmeira do Amazonas, rival do açai a <b>bacaba</b> ou <b>bacabeira</b> . (Gregório, p.1266, 1980) <b>bacabal</b> = grande quantidade de bacaba (coco); nome de cidade do Maranhão, na Zona do baixo Mearim. (Gregório, 1980, p.1267)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	(AL) <b>Bacaba</b> – Afluente do rio Maracaçumé. Entra neste pela margem esquerda. Consta que na região que ele atravessa há muito ouro. (AL) (Marques, [1826 -1900 (2008)] p. 175)				

Ficha Toponímica nº 16
------------------------

Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Bacanga	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	BACANGA corr. <b>Ybá-canga</b> , o galho de frutas; a cabeceira das frutas. Maranhão. (Sampaio, 1987, p.203)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<b>Bacanga-1</b> (Rio; Freguesia de São Joaquim do) – Com a denominação Ibacanga, encontramos um requerimento em que Antônio Baldez da Silva pediu à Câmara de São Luís terrenos “na margem do rio que vai desta cidade para o porto de Ibacanga.” A Câmara concedeu-lhos a 4. dez. 1741. / o alferes R. A. Correia de Faria disse-nos que o verdadeiro nome é Ibacanga porque <i>iba</i> significa braço e <i>canga</i> cabeça, isto é – cabeça ou fim desse braço de mar./ O rio é bem pequeno: nasce na ilha onde está assentada a capital, duas léguas ao sul de São Marcos, entre as pontas do Bonfim e d’Areia. (Marques, [1826 -1900 (2008)] p. 176)				

Ficha Toponímica nº 17					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego	Bacupari	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>ibacupari</b> , bacupari (ybá + cupai: também arbusto da mesma família) = fruto do cupai, teria assim sua explicação, dispensando-se outras propostas: ([ýbá] + pari = cercado) bacuri de cerca (B. Rodrigues), ou melhor: (ybá + curu + pari) = fruto cheio de viliosidades (Dr. A. A. Motta – 196, pág. 52). (Gregório, p.1267, 1980)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 18					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	3 Córrego Igarapé	Bacuri	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	2 Riacho Igarapé	do Bacuri			
	Riacho	Bacurituba			
<b>Etimologia</b>	<b>bacuri</b> (ybá + curi = ligeiro) = fruta que amadurece ou que cai ao logo; “o que frutifica apresado” (T. Sampaio- 1b); nome de árvore da família da Gutíferáceas, dá boa madeira; tem sementes oleaginosas e dá óleo medicinal; nome de vários topônimos do Norte do Brasil e de cidade do Maranhão, Xona do Litoral Norte. (Gregório, 1980, p.1267)				

	<b>Bacurituba</b> (ybácuri + tuba) = bacurizal; nome de vila do município de Cajapió, Maranhão. (Gregório, 1980, p.1267)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 19</b>						
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>	
XX - XXI	5 Riacho 12 Rio	Buriti	Fitotopônimo	Tupi	Simple	
	Riacho	Buriti Brabo		Tupi + LP	Composto Híbrido	
	2 Riacho Baixão Córrego	Buritirana		Tupi	Simple	
	2 Riacho	Buritizal		Tupi + LP	Simple Híbrido	
	2 Riacho Córrego	Buritizinho			Simple Híbrido	
	4 Riacho Baixão	do Buriti			Simple	
	Riacho	do Buriti Bravo			Composto Híbrido	
	2 Riacho	do Buriti Seco			Composto Híbrido	
	Riacho	do Buriti Velho			Composto Híbrido	
	Baixão	do Buritizal			Simple Híbrido	
	Igarapé	do Buritizinho			Simple Híbrido	
	Baixão Brejo Riacho	da Buritirana			Tupi	Simple
	Riacho Igarapé	Miritíba			Tupi	Simple
	<b>Etimologia</b>	<p><b>buriti</b>, meriti, miriti ([mburi] + t'y) = buri que solta liquido  <b>Mauritia vinífera</b> Mart., ou que dá onde há água, pois é abundante à beira dos rios e brejais; recebe diversos nomes conforme a região; buriti, meriti, muriti, coqueiro-buriti, carandá-guaçu...; os pecíolos das folhas do buriti bom isolante podendo substituir com vantagem o celotex. (Gregório, 1980, p.933)</p> <p><b>buritirana</b> ([miriti] + rana) = espécie de palmeira (<i>Mauritia aculeata</i>); bela palmeira da Pantanal (Mato Grosso), buriti de talos mais curtos. (Gregório, 1980, p.935)</p> <p><b>miritíba</b> (miriti+tyba) = miritizal ou abundância de buritis; (Gregório, 1980, p.935)</p>				

<b>Notas Enciclopédicas</b>	<p>(...) Com o macerato das folhas preparam saborosa bebida no Amazonas. Incisões na espádice e talos provocam a expulsão da seiva acre-doce, que tem seus apreciadores. Nos Muçiques, arredores de Luanda, em Angola, há uma povoação denominada <i>BURITI</i>. (Cascardo, 1968, p. 73)</p> <p><b>(AL)Buriti-2</b> – Nasce este rio no lugar denominado Lagoa Seca. Banha Várias localidades, entre estas São Bernardo, e despeja suas águas no Parnaíba, pela margem esquerda, por intermédio de uma concha lacustre com sangradouro para esse grande rio. / O buriti é navegável em canoas a remo até São Bernardo. / O seu curso é aproximadamente de 43km. <b>(AL)</b>. (Marques, [1826 -1900 (2008)] p. 274)</p>
-----------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<b>Ficha Toponímica nº 20</b>						
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>	
XX - XXI	Igarapé Riacho	Cajá	Fitotopônimo	Tupi	Simples	
	Igarapé Rio Vão	do Cajá		Tupi	Simples	
	Córrego	Cajapiá		Tupi	Simples	
	Riacho Rio	Cajazeiras		Tupi + LP	Simples Híbrido	
	Baixão Lagoa	da Cajazeira		Tupi + LP	Simples Híbrido	
	riacho	das cajazeiras		Tupi + LP	Simples Híbrido	
<b>Etimologia</b>	<p><b>ACAJÁ</b>, cajá = fruto da cajazeira. (Gregório, 1980, p. 342)</p> <p><b>cajazeira</b>: nome da árvore da família das Anacardiáceas, chamada ainda de <b>cajá-mirim</b>; fruto meio ácido, comestível, de que se faz apreciado doce e “vinho de taperebá, impropriamente falando. (Gregório, 1980, p.343)</p>					
<b>Notas Enciclopédicas</b>						

<b>Ficha Toponímica nº 21</b>						
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>	
XX - XXI	Riacho	Cajuapara	Fitotopônimo	Tupi	Simples	
	2 Riacho	Cajueiro		Tupi + LP	Simples Híbrido	
	2 Brejo					
	2 Córrego			Tupi	Simples	
	Baixão	do Caju		Tupi + LP	Simples Híbrido	
2 Baixão	do Cajueiro					

<b>Etimologia</b>	<b>ACAJU - 1</b> , caju (a = fruto + Cayu) = fruto do cajueiro, árvore da família das Anacardiáceas; (Gregório, 1980, p. 344)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	(...) Escrevendo do Recife, Zacharias Wagener, secretário do Conde de Nassau, 1637 – 1639, informava: “Todo o Brasil, é por assim dizer coberto desta árvore.” Também comum na toponímia CAJUAL, CAJUAIS. Data – 278, 1730, <i>buscando o poço chamado do Cajueiro</i> . Ribeiro do Apodi. (Cascardo, 1968, p. 76)

<b>Ficha Toponímica nº 22</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Canarana	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	CANNARANA s.c. <b>Canna-rana</b> , a cana falsa, ou que simula a cana. Palavra híbrida, usada no Amazonas, para designar a cana-brava. (Sampaio, 1987, p. 215)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 23</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Capim	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	2 Baixão Igarapé	do Capim		Tupi	Simples
	Córrego Ribeirão	Capinzal		Tupi + LP	Simples Híbrido
	Riacho	do Capim Duro		Tupi + LP	Composto Híbrido
	Brejo Ribeirão	do Capim-Açu		Tupi	Composto
	Riacho	da Campineira		Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	CAPIM co". <b>Caapii</b> , a planta de folha fina; a erva miúda. (Sampaio, 1987, p. 215)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 24</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé Ribeirão	Capivara	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	das Capivaras			

<b>Etimologia</b>	<b>capivara</b> (capii + guara, uara = u + ara, s'ara= o que) = comedor de capim; capivá (guarani); capivara é o maior roedor do mundo; nome de vários topônimos brasileiros. (Gregório, 1980, p. 523)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 25</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Córrego	Capoeiro	Fitotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	Capoeira vem do termo tupi <b>kopuêra</b> - roça antiga, da qual o mato já tomou conta. Daí a definição do vocabulário jesuítico: <b>kopûera</b> -mato que já foi roçado (roça). Enganam-se, pois, os que definem capoeira por: o que foi mato, porque, muito ao contrário, é: onde já cresceu nosso mato. Fernão Cardim, nos Tratados da Terra e Gente do Brasil, Rio, 1925, p. 62, confirma plenamente essa interpretação, usando ainda a fonna indígena: "Estas figueiras ( <b>ambaigba</b> ) nem se acham nos matos verdadeiros, mas nas copueras, onde esteve <b>roça</b> ". (Sampaio, 1987, p. 125)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 26</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Ribeirão	Caracará	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	CARACARÁ co". <b>Carãe-carãe</b> , o arranhador, uma espécie de gavião. (Polyborus vulgaris, Vieill.) Alt. <b>Carcará</b> . Ceará, Norte do Brasil. (Sampaio, 1987, p. 216)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 27</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Caraíba	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	Igarapé	Caraíbas			
	2 Riacho	das Caraíbas			
<b>Etimologia</b>	caraíba <sup>3</sup> ca·ra·í·ba sf BOT 1 Árvore (Tabebuia caraiba) da família das bignoniáceas, originária do Brasil, de flores amarelas e frutos capsulares; caraúba, caraúba-do-				

	<p>campo, caraubeira, carobeira, cinco-folhas-do-campo, craúba, paratudo, pau-d'arco-do-campo.</p> <p>2 Árvore (<i>Cordia insignis</i>) da família das boragináceas, originária de Minas Gerais, no Sudeste do Brasil, de madeira de boa qualidade, flores terminais e frutos comestíveis; claraíba, grão-de-galo. <a href="https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&amp;f=0&amp;t=0&amp;palavra=cara%C3%A9">https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&amp;f=0&amp;t=0&amp;palavra=cara%C3%A9</a></p>
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 28</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Carnaúba	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	da Carnaíba			
	igarapé	do Carnalbal		Tupi + LP	Simples Híbrido
	Grota	do Carnaubal			
<b>Etimologia</b>	<b>carananduba</b> (caraná + tyba, tuba) = Carnaubal. (Gregório, 1980, p. 564)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 29</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Caru	Astrotopônimo	Simples	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>CARU</b> – vila do mun. de Lages SC; do guarani <b>caaru</b> , tarde, crepúsculo (tupi caaruca) (Tibiriça, 1985, p. 40)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 30</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Baixão	da Caruara	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>caruara</b> (caruá = aspereza + ra = nascer) = pele rugosa, sarna; mau olhado, quebranto, moléstia motivada por feitiços (J. Verissimo – 2c)				

	paralisa em animais e bezerros e animais recém-nascidos; nome vulgar de uma formiga... (Gregório, 1980, p. 567)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 31</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Cauaçu	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	Cauaçus			
<b>Etimologia</b>	cauaçu cau·a·çu sm BOT 1 Planta herbácea ou arbustiva ( <i>Calathea lutea</i> ), da família das marantáceas, nativa do Norte do Brasil, de folhas coriáceas e elípticas, grandes flores amareladas e vistosas, dispostas em espigas, com frutos capsulares, de apenas uma semente, caracterizada por vegetar em lugares úmidos e sombrios; ariá. <a href="https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&amp;f=0&amp;t=0&amp;palavra=caua%C3%A7u">https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&amp;f=0&amp;t=0&amp;palavra=caua%C3%A7u</a>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 32</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Cipó	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Córrego Igarapé	do Cipó			
	Rio	Cipotil		Tupi	
	Rio	Cipozinho		Tupi + Lp	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>YCYBÓ</b> = enfiar; fiada, fieira; icipó (guarani) <b>icipó</b> = liana que se agarra às árvores: (Gregório, 1980, p. 1308)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 33</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riachão	Coité	Ergotopônimo	Tupi	Simples

<b>Etimologia</b>	COITÉ corr. <b>Cúi-eté</b> , vasilha verdadeira, capaz; a cuia. (Crescentia Cuyeté, L.). Pernambuco, Bahia, Nordeste do Brasil. Alt. Cuité, Cuieté. (Samapio, 1987, p. 224)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 34</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Córrego	Conduru	Fitotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	CONDURU – vila do mun. de Cachoeira de Itapemirim. ES; de conduru, árvore da fam. Das mirtáceas. (Tibiriça, 1985, p. 40)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 35</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Grota Riacho	Coroatá	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	Riacho Vão	Croatá			
<b>Etimologia</b>	<b>caraguatá</b> , craguatá, coroatá, gravatá (cara + guatá) = rizoma que rasteja; bromeliácea, uma das plantas mais características da floresta tropical brasileira; das 1.600 espécies conhecidas, cerca de mil são nativas do Brasil; não são parasitas, como supostos à primeira vista, mas sim epífitas; o fato de as suas folhas serem embainhadas e reterem água da chuva e por isso focos de mosquitos (malária) e insetos que constituem atrativos para rãs e sapos e, atrás deles as cobras; o povo teme em geral as bromeliáceas como <b>plantas que dá cobra</b> : (Gregório, 1980, p.560-561)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 36</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Córrego Igarapé	Craúna	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	Craúna cra·ú·na sf ZOOLOGIA V. garoupinha. ETIMOLOGIA tupi wyra-úna.				

	<p>garupinha ga·rou·pi·nha sf ZOOLOGIA Peixe (<i>Cephalopholis fulvus</i>) teleósteo, perciforme, da família dos serranídeos, com até 40 cm de comprimento, distinguindo-se das demais garoupas por apresentar acúleos fortes nas nadadeiras peitorais e dorsais; sua coloração varia do vermelho ou pardo ao amarelo, sempre salpicada de pontos azuis; caraúna, catoá, catuá, chital, garoupa-chita, piraúna.</p>
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 37</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Crueiras	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	CRUEIRA corr. <b>Curuéra</b> , troços, fragmentos; pedaços da mandioca ralada que não passam na peneira 22. (Sampaio, 1987, p. 226)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 38</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Cupuzal	Fitotopônimo	Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<p>Cupuaçu cu·pu·a·çu sm BOT</p> <p>1 Árvore elegante (<i>Theobroma grandiflorum</i>), da família das esterculiáceas, originária da Amazônia, de ramos compridos, folhas lanceoladas e ferrugíneas na parte inferior e flores vermelhas, frutos capsulares grandes, ovoides, lisos e comestíveis. Fornece madeira clara e compacta, ainda pouco utilizada; cupu, cupuaçueiro, cupuaçuzeiro.</p> <p>2 Árvore esterculiácea (<i>Theobroma bicolor</i>) da família das esterculiáceas, originária da Amazônia, de folhas brilhantes, flores em cachos e frutos comestíveis; cacau-da-nova-granada, cacau-do-peru, cupuaçueiro, cupuaçuzeiro, macambo.</p> <p>3 Fruto dessas árvores de cuja polpa se fabricam compotas, doces e sorvetes, e cuja semente, semelhante à do cacau, fornece uma espécie de chocolate.</p> <p>ETIMOLOGIA tupi kupu-wasú. (Michaelis - Online)</p>				

<b>Notas Enciclopédicas</b>	
-----------------------------	--

<b>Ficha Toponímica n° 39</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	2 Riacho Córrego	Curimatá	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Baixão	do Curimatá			
<b>Etimologia</b>	<b>CURIMATÁ</b> , curimatã, curimbatá, quirymatá (guarani), corumbatá = peixe de água doce, de carne tenra. Mas com gosto de Lodo, se vive em lagoas estagnadas. (Gregório, 1980, p. 643)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica n° 40</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Córrego	Curuçá	Hierotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>CURUÇÁ</b> Corr. da palavra portuguesa cruz, tal como a usavam os índios catecúmenos <sup>28</sup> . (Samapio, 1987, p. 228)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica n° 41</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Cururupu	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>cururupu</b> ([cururu] +ypu) fonte de sapo; cidade do Maranhão, Zona do Litoral Norte. (Gregório, 1980, p.655)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica n° 42</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Baixão	da Apuá	Dimensiotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>APUÁ</b> = (guarani: akua, aquá) = redondo, globo, bola, monte, montão. (Gregório, 1980, p.433)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 43					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	da Curica	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	da Curicaca			
<b>Etimologia</b>	<b>CURICACA</b> , curucaca: ave peralta da família dos Tresquiornitídeos, mas R. von lhering dá dos Ibidídeos: (Gregório, 1980, p.642)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 44					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Ribeirão Vão	da Cutia	Zootopônimo	Tupi	Simples
	riacho	das Cotias			
<b>Etimologia</b>	<b>ACUTI</b> = cutia, aguti; roedor da família dos Caviídeos. (Gregório, 1980, p. 362)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 45					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	da Embira	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>EMBYRA</b> = restos, sobra. <b>Embira</b> , envira: é provavelmente que se entenda também como restos ou sobras da casca de certas plantas ou fibra vegetal; nome dado a certas plantas e árvores cuja fibra é usada na fabricação de cordas em geral; a juta, a piteira, a guaxima, etc. (Gregório, 1980, p. 690)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 46					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Baixão	da Garapa	Ergotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	GARAPA corr. <b>Guarapa</b> , o gerúndio-supino de guarab, o revolvido, remexido; é a bebida adoçada com mel ou açúcar para refresco;				

	designa hoje mais especialmente o caldo da cana. (Sampaio, 1987, p. 232).
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 47</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho 2 Vão	do Tapera da Tapera	Etnotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>tapera</b> , tapê (guarani), tapuera ([taba] + puera) = o que foi aldeia, ruína; casa, engenho, fazenda, núcleos de povoamento abandonados ou em via de desmoronamento; nome de vários topônimos brasileiros e de cidade do Rio Grande do Sul, Zona de Planalto Médio. (Gregório, 1980, p. 1136)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	Tapera é também a casa é também a casa arruinada, em escombros. (Casculo, 1968, p. 126)				

<b>Ficha Toponímica nº 48</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX – XXI	Riacho	do Parazinho	Hidrotopônimo	Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	PARÁ O mesmo que <b>mbará</b> , ou <b>mará</b> , s., o mar. Segundo Batista Caetano compõe-se de <b>y-pá-rá</b> , e significa - águas todas colhe - isto é, o colecionador das águas. No tupi - <b>pará</b> - é o rio volumoso, o caudal. 91, 92. O vocábulo pará significa também variedade, policromia, e, como derivado de <b>parab</b> , funciona como adjetivo, significando: vários, variegado, multicolor 59A. (Sampaio, 1987, p. 293)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 49</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Baixão Brejo Riacho	da Pindaíba	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	do Pindaíba			

<b>Etimologia</b>	<b>pindaíba</b> , ([pindá] + yba) = vara de pescar; nome de árvore da família das Anonáceas; dá fibra para linha de anzol; nome de rio de Goiás, afluente do rio Serra Geral. (Gregório, 1980, p. 1038)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 50</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	rio	da Maioba	Fitotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>MAYOÛE</b> - rivière et village; nom de certaines feuilles d'abres qui son fort longues & larges – Maïobe e Mayobe em Y.d'Evreux; mas, conforme a explicação do texto, deve ser Taioba. (Caladium), composto de taya, como em Taiapouan, e oba, folha. (D'Abbeville, 2008, p. 109)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 51</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Baixão Riacho	da Tiúba	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	TIUBA corr. <b>Tuĩ-yba</b> , a árvore dos tuins. Pode ser corrupção de <b>tuyuba</b> , a abelha-amarela. Bahia. (Sampaio, 1987, p. 331)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 52</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Vereda	das Cunhãs	Etnotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	CUNHÁ s.c. Cû-nhã, a língua que corre; a linguaruda. A mulher, a fêmea dos animais. (Sampaio, 1987, p.07)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 53</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé Ribeirão	do Caititu	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	Caititu cai·ti·tu				

	<p>sm</p> <p>1 ZOOLOGIA Mamífero artiodáctilo e não ruminante (<i>Tayassu tajacu</i>), da família dos taitaídeos, encontrado nas matas das Américas, de pelagem cinza-escura, um colar de pelos brancos e patas pretas; cateto<sup>4</sup>, pecari, porco-do-mato, tateto: “Sempre que essa gulosa volta da caça, exhibe com orgulho o que trouxe, seja veado, paca ou caititu” (HD1).</p> <p>(...)</p> <p>ETIMOLOGIA</p> <p>tupi taytetú.</p> <p>(Michaelis – Online)</p>
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<b>CAITETU:</b> - (...). De <i>tai-teu</i> , dente despontado, agudo. É o porco do mato, caracterizado pelas presas salientes e agressivas, <i>Tajessu tajessu</i> , L. Alt. Caititu, Catêto. (Cascudo, 1968, p. 74)

<b>Ficha Toponímica nº 54</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	do Cururu	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	CURURÚ s. <b>Cururú</b> ou <b>curorõ</b> , o roncador; o sapo grande. (Pipa Cururú). (Sampaio, 1987, p. 228)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 55</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	do Ingá	Fitotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	INGÁ corr. <b>Y-igá</b> , o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alt. <b>Engá, Angá</b> . (Sampaio, 1987, p. 249)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 56</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Córrego	do Itaperu	Litotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	ITAPIRÚ corr. <b>Itá-apirú</b> , pedras sobrepostas; ou pedras delgadas, pouco espessas; pedra estratificada. (Sampaio, 1987, p. 259)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 57					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	do Jirau	Ergotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<p><b>jura</b> (" + a) suspenso d'água, acima d'água (jirau, estrado, armação): palanque sobre estacas na margem de rio ou solo sujeito às enchentes; por extensão, palanque dentro de casa para guardar objetos e comestíveis; espécie de estrado coberto para os passageiros na jangada; armação de paus sobre árvores, para caçadas: a forma <b>jurau</b> foi usada por Frei Vicente do Salvador-43, pag. 56:</p> <p>"...Os guardam em uns canicos que fazem, chamados juraus, onde também curam ao fumo os seus legumes por que não se corrompam..."</p> <p><b>Jirau</b>: idem; nome de rio afluente do Piracicaba, Minas. (Gregório, 1980, p. 849)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 58					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	do Maruim	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<p>maruim, maruim, maruí (idem) = mosquito pequeno ou pólvora, segundo credence, nasceria da cinza; pela descrição que dá St. Hilaire-48c, pág.232, nota 16, trata-se do mosquito pólvora ou então do borrachudo; nome de cidade do Serjipe: Maruim, Zona Central: (Gregório, 1980, p. 917)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 59					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Ribeirão	do Moquem	Ergotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<p>MOQUEM corr. Mocaê ou mô-caê, faz que seque; o secadouro, o assador; gradeado de varas sobre brasas para assar a caça ou peixe. Alt. <b>Muquem</b>. (Sampaio, 1987, p. 285)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 60					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia

XX - XXI	Vão	do Muju	Cromotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>MOJÚ</b> <i>co</i> ". <b>Mboy-yú</b> , o amarelado, ou pardacento; alusão à cor das águas que se fazem amarelas. Pode ser, ainda, uma corrupção de <b>mboy-ú</b> , que significa a cobra come, ou de onde há cobras. Maranhão. (Sampaio, 1987, p. 285)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 61</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Baixão	do Quati	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	quati, cuati, coati (" + tī) = nariz em ponta, focinho; não há concordância quanto à etimologia do termo (B. Rodrigues B. Caetano - T. Sampaio - Silveira Bueno); carnívoro da família dos Procionídeos: <b>quati aipé</b> , quati mirim, quati puru = caxinguelê. (Gregório, 1980, p. 434)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 62</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Igarapé	da Tabatinga	Litotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	TABATINGA corr. <b>Tauá-tinga</b> , o barro branco, o barreiro de argila branca. 107. Amazonas 81. (Sampaio, 1987, p. 318)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 63</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Baixão Riacho	do Urubu	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	urubu ([uru]+ b'ū) galinha preta, ave negra da família dos Catartídeos, cujo repasto quase exclusivo é a carniça; nome de tribo tupi do alto Gurupi, Maranhão; nome de rios do Amazonas e da Bahia; nome de numerosos topônimos brasileiros. (Gregório, 1980, p.1205)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"URUBU, urubu preto: ave de rapina da família dos Catartídeos, Catharistes urubu Vieil.				

	<p>Os índios <b>Urubus</b>, os tapinambás, hoje tupis modernos, denominavam-se caaporas ou moradores da mata:</p> <p>"Davam-lhe (ao rio) os indígenas o nome de Bururu, nome de uma de suas tribos, mas substituíram-no os portugueses pelo de Urubu, porque é hoje geralmente conhecido." (Cgo. F. B. de Souza-126, pág. 181)</p> <p>"... Urubu, do qual há três espécies... São da grandeza de um peru, ou pouco menores... Têm a cabeça coberta de pele preta, sem pelo, nem pena até a grossura de dois ou três dedos pelo pescoço... dizem que em pequenos são brancos e com o tempo se fazem pretos. É ave de rapina, mas útil ao público,... porque fazem muito bem comendo e alimpando as carnes podres, e animais mortos nos matos e nas campinas nas quais algumas vezes é tanta carniça, que a não a consumirem os urubus, dela se levantaria muitas vezes peste..." (Pe. João Daniel-268, Tomo I, pág. 113)" (Gregório, 1980, p.1205)</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<b>Ficha Toponímica nº 64</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	do Uruçu	Zotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>uruçu</b> (uru+uçu) = galinha grande ou (uirá+uçu) = gavião real grande (Gregório, 1980, p.1208)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 65</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Lagoa	dos Paranãs	Hidrotopônimo	Tupi	Simples
	Rio	Paraná			
<b>Etimologia</b>	paraná (" + na) - rio semelhante ao mar, mar (VLB), água do mar (DPB), norte rio grande (guarani), rio (nheengatu), ou braço de rio (Amazonas) (Gregório, 1980, p.1009)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"Leonardo Nunes deixa bem clara a diferença que havia entre o tupi e o guarani no concernente às palavras no o mar. Para Montoya <b>mar é pará, rio é y</b> os rios maiores <b>paraná</b> , 'parientes del mar'. Para Leonardo <b>mar é paranã, rio e yguaçu</b> ; nada diz sobre <b>pará</b> . É curioso que nenhum dicionário do tupi colonial registre a palavra para no sentido de mar ou rio. Mas deve ter existido em época anterior, na acepção de <b>rio</b> , pois figura em inúmeros nomes geográficos. O próprio Vocabulário na Língua Brasílica traz: 'Rio de São Francisco da banda do norte – <b>Parâ</b> e Rio do Maranhão.. - Paraupaba, porque procede de muitas lagoas. Também paranã aparece em nomes próprios de rios brasileiros. Concluo que os índios				

de língua tupi não faziam distinção categórica entre no e mar, (Lemos Barbosa-3b, pag. 21)

Ha quem ponha reparo no termo, a propósito, o Dr. J. S. da Fonseca (Viagem ao redor do Brasil) fez a seguinte observação: "Em tupi, dialeto do guarani (?!), **Paraná** significa **mar**. Aplicado aos cursos d'água tem-se pretendido que queria dizer: no semelhante ao mar, e esta etimologia seria aceita se ela somente designasse o rio em questão. Rios porém, de menor importância têm o mesmo nome... e o vocábulo **paraná** entra na composição do nome de grande número de cursos d'água muito modestos relativamente. E depois, como os índios do Brasil poderiam ter idéia de procurar comparações com o mar, que eles sem dúvida não conheciam?" (sic) A esta afirmativa um tanto surpreendente, contrapõe-se Rocha Pombo-10, Vol. I, pag. 88:

"O homem que criou esta palavra já conhecia o mar, tanto assim que tinha na sua língua um vocábulo para o designar (**pará**). Podemos afirmar portanto, com absoluta segurança, que o homem a quem devemos essa denominação era um adventício naquelas paragens. Podemos ainda afirmar, e com a mesma certeza. Que ele chegara ali tendo partido da costa, fosse do Pacifico, fosse do Atlântico."

E finalmente conclui o primeiro: "A verdadeira significação de paraná será pois, a meu ver, **grande massa d'água**, comparativamente, está visto, aos rios vizinhos: o que explica o fato de designar, só ou em composição, rios de importância muito diversa.

O termo **paraná** designa ainda, em nheengatu, braços de rios: "O rio (Amazonas), em todo o seu percurso, é cheio de Ilhas, formadas pelos **paraná**s ou braços do rio que dele saem para voltar a encontrá-lo de novo um pouco mais adiante. "I.H.G.B.-47, Dicionários, 2.º Volume, pag. 17) Confirma-o Vicente Chermont de Miranda-183a, pag. 40; "Rio diz-se paraná (e não i) em tupi equatorial: em documentos antigos lêem-se nomes como **Getica-paraná**, rio das batatas; **Arara-paraná**, rio das araras; **Miritiparaná**, rio dos miritizeiros; **Uruaparaná**, rio dos caracóis; **Quiinhaparaná**, rio das pimentas. Aos rios de menores dimensões chamavam igarapés."

Para Taunay - Visões do Sertão, significa mar vasto: "Que enormes massas d'água a se juntarem e a se desenrolarem unidas com a denominação de **Paraná** (mar vasto, diziam os indígenas)!"

Para Diogo de Vasconcelos-121, quer dizer mar-parente ou rio dos parentes (anama), haja vista o **Paraná** de Goiás (formador do Tocantins) e **Paraná**, cidade na sua confluência com o Palma.

..."O '**paraná**', aquele estreito braço do Amazonas, que, de tanto se repartir, era monotonia, depois de haver surpreendido e empolgado com a sua exuberante magnificência." (pag. 106)

	<p>"O Justo Chermont ora enfiava pelos estreitos '<b>paraná</b>', tão ocultos nas margens que o barco dir-se-ia entrar na própria floresta..." (Ferreira de Castro, 261. pag. 110)</p> <p>"Os Tupinambás muitas vezes davam o nome de mar (<b>paraná</b>) ao Rio Grande, e talvez ao que se tornava muito grande na ocasião das cheias. Ao Oceano chamavam mar grande (paraná-oçu)". (Fr. Frc. dos Prazeres-134a, pág. 73, nota c)</p> <p>"Ao maior dos rios que corria em sua região davam o nome de <b>Pará</b> como tantos o conservam no território de Minas." (Diogo de Vasconcelos-121b, pág. 418)</p> <p>Jaboatão-161, vol. I diz que "desde o princípio do seu descobrimento, foi chamado sempre <b>Pará</b> ou <b>Paraná-guaçu</b> pelo seu gentio."</p> <p>E Vieira (Sermões V, pág. 376) comparando com o Mar Mediterrâneo, diz que tem boca maior e maior comprimento: "por isso os naturais lhe chamam Pará, e os portugueses <b>Maranhão</b>, que tudo quer dizer <b>mar</b> e <b>mar</b> grande."</p> <p>"A voz <b>pará</b>, indubitavelmente da Amazônia (?), seu foco e seu reino, surge nas seguintes palavras"... (aliás numerosíssimas). (R. Moraes-276, pág. 47) (Gregório, 1980, p.1009 - 1010)</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ficha Toponímica nº 66					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	2 Rio	Inhumas	Zootopônimo	Tupi	Simples
	2 Riacho	da Inhuma			
	Riacho	de Inhuma			
<b>Etimologia</b>	<b>ANHUMA</b> , inhuma, anhyma, inhauma: nomes de ave pernalta, chamada ainda cametaú, camixi, xaiá, xaja, da família dos Palamedeídeos (Gregório, 1980, p. 410)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<p><b>ANHUMA: ave da família dos Palamedeídeos.</b> Palamedea cornuta – Rodolpho von Ihering-31a, pág. 90.</p> <p>"<b>Anhinga</b> (termo dos indígenas tupinambás). Espécie elegante de mergulhão aquático. Seu corpo, com exceção do pescoço, tem o tamanho do pato doméstico europeu; o bico é reto, não grosso, muito agudo, tendo três dedos de comprimento..." (J. Marcgrave-187a, pág. 218)</p> <p>"Anhigma. Este passaro he de rapina, grande, e dá brados que se ouvem meia legua ou mais; he todo preto, os olhos tem formosos, e o bico maior que de gallo, sobre este bico tem hum cornito de comprimento de hum palmo; dizem os naturais que este corno he grande medicina para os que se lhe tohem a falla, como já aconteceu</p>				

	<p>que pondo ao pescoço de um menino que não fallava, fallou logo." (Fernão Cardim-44, pág. 50)</p> <p>"<b>Anhima</b> (termo indígena). Ave aquática, do gênero das rapinantes, maior do que o cisne... Emite um clamor terrível, gritando vyhu, vyhu (viú...). Nunca se encontra sozinho, mas sempre um casal e quando morre uma delas, a companheira não larga a sepultura..." (J. Marcgrave-187a, pág. 215) (Gregório, 1980, p. 410)</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ficha Toponímica nº 67					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Baixão	da Intã	Ergotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<p>itã i fraldas sf 1 REG (AM, NE, PA), ÚNICO V concha, acepção 1. 2 ETHNOL Ornato de pedra, típico das urnas funerárias dos antigos povos aborígenes; intã. (Michaelis On - line)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 68					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Igarapé Lago Riacho	da Juçara	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	2 Igarapé	Juçaral		Tupi + LP	Simple Híbrido
<b>Etimologia</b>	<p><b>juçara</b>, jussara ([ju]+ s'ara) = o que é espinhento; ocorrem as formas <b>juçara</b> (norte) e <b>jiçara</b> (sul); euterpe ou palmácea de palmito; espécie de palmeira cujos espinhos eram utilizados como agulhas pelos índios; nome de cidade de Goiás, Zona do Mato Grosso de Goiás, da Bahia, Zona do Baixo Médio São Francisco e do Paraná, Zona do Oeste. (Gregório, 1980, p. 842)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<p>“Outros as fabricam (muralhas) de palmeira que chama <b>juçara</b>, cujos espinhos são grandes e duros, que servem a muitos de agulhas de fazer meias: e as trincheiras feitas de juçara são mais seguras, porque de modo nenhum se podem penetrar e romper, senão com fogo...” (Pe. João Daniel-268, Tomo I, págs. 207-208)</p> <p>“A graciosa ará, ... remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios de crautá, as <b>agulhas de juçara</b> com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.” (José de Alencar – Iracema)</p>				

	<b>juçara:</b> nome do açaí no Maranhão; "capim de flor amarela, cuja batata é anti-ofídica." (A. J. de Sampaio-71). (Gregório, 1980, p. 842)
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ficha Toponímica nº 69					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XVII	Rio	Guajahu	Hidrotopônimo	Tupi	Simples
XX - XXI	lago	Grajaú		Tupi + LP	Simples Híbrido
	Córrego	Grajauzinho			
<b>Etimologia</b>		<b>grajaú</b> (guajá+u) = rio dos caranguejos; nome de tribo indígena e planta (Gregório, 1980, p.713)			
<b>Notas Enciclopédicas</b>		"Diz-se por corrupção <b>Grajaú, Guajaú</b> , que quer dizer – rio dos índios <b>Guajá</b> ou de planta do mesmo nome." (Gonçalves Dias-93, pág. 154, nota 1) (Gregório, 1980, p.713)			

Ficha Toponímica nº 70					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Ribeirão	Guamaré	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>		Guamaré em tupi-guarani significa literalmente: - "o baiacu vagaroso" (guama + aré) - "o baiacu diferente" (guama + ré) < <a href="https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/guamar%C3%A9/2212/">https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/guamar%C3%A9/2212/</a> > Acesso: 21 dez. 2019.			
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 71					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	2 Rio	Guará	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>		GUARA: ave peralta aquática; garça vermelha "Ibis rubra"; segundo e Caetano-7, corresponde a cara no guarani, chamada ainda socói vermelho e guarapiranga, alimenta-se de peixes e quando presa, alimenta-se também de carne. (Gregório, 1980, p.726)			
<b>Notas Enciclopédicas</b>		"...Guarás, as quais serão pouco mais ou menos do tamanho de gaiivotas. A primeira pena de que a natureza as veste, é branca sem nenhuma mistura e mui fina em extremo. E por espaço de dois anos pouco mais ou menos a mudam, e torna-lhes a nascer outra parda também muito fina sem outra nenhuma mistura: pelo mesmo tempo			

	<p>adiante a tornam a mudar, e ficam vestidas de uma muito preta distintal?) de toda outra cor. Depois daí a certo tempo pelo conseguinte a mudam e tornam-se a cobrir doutra mui vermelha, e tanto, como o mais fino e puro camesim que no mundo se pode ver e nesta acabam seus dias." (Pero M. Gandavo-34, 102)</p> <p>"Toda a Amazônia é um paraíso imenso das <b>garças</b>, porém a belíssima ilha onde os nheengaibas tinham seu habitat parece ser o pouso predileto das lindas pernaltas. A garça é de uma elegância impecável, quer voando, quer parada nas praias ou empoleirada no topo de uma alta árvore... O vôo do soberbo pássaro é sereno e firme, chegando a ser mesmo majestoso. Curvas belíssimas e caprichosas são feitas, ora por cima das franças opulentas da floresta, ora quase tangenciando a fior d'água para, numa bicada segura, aprisionar os peixes com que se alimenta." (Lima Figueiredo-17a, pág. 309) (Gregório, 1980, p.726 - 727)</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<b>Ficha Toponímica nº 72</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	rio	Guarapiranga	Fitotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>Guarapiranga</b> ([guara] + piranga) = árvore de madeira resistente; ver <b>guará</b> ; mas VLB dá: barreiras em terras altas ao longo do mar; nome de vila do município de Ribeirão Bonito, São Paulo. (Gregório, 1980, p.725)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 73</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé Rio	Guariba	Zootopônimo	Tupi	Simple
	Rio Riacho	Guaribas		Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<p>GUARIBA corr. <b>Guar-ayba</b>, o indivíduo feio; a gente ruim. Designa uma casta de macacos (Mycetes). Alt. <b>Guariva</b>, <b>Guarí</b>. (Sampaio, 1987, p. 239)</p> <p><b>guariba</b>, guarafba (guara + aíba) = indivíduo ruim, feio; espécie de macaco, conhecido também por barbado e bugio nos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais; entre quatro e cinco horas da madrugada gritam em coro; daí o ditado: Madrugada de guariba; nome de cidade de São Paulo, próxima à margem esquerda do Rio Moji-Guaçu. (Gregório, 1980, p.719)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	Frei Vicente do Salvador-43, pág. 41, assim se refere aos guaribas: "... <b>Guaribas</b> , que têm barbas como homens, e se barbeiam uns aos outros, cortando o cabelo com os dentes. Andam sempre em bandos pelas árvores e, se o caçador atira a algum e não o acerta, matam-se de riso(!); mas se o				

	acerta e não cai, arranca a flecha do corpo e torna a fazer tiro com ela a quem o feriu..." (ortogr. atualizada) (Gregório, 1980, p.719 - 720)
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<b>Ficha Toponímica nº 74</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Guarimã	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Igarapé	do Guarimã			
	Riacho	do Gurimã			
<b>Etimologia</b>	<b>ARUMÃ</b> , guarima (nheengatu): planta da família das Marantáceas cujos talos servem para fabricar trançados. (Gregório, 1980, p. 465)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 75</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	igarapé	Gurujuba	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>Gurijuba</b> ([güiri] + juba) = bagre amarelo, espécie de peixe do mar, da família dos Silurídeos; na época da s=desova adentra os rios e é base da alimentação das populações ribeirinhas; nome de rio da Amapá, afluente da margem esquerda do Amazonas. (Gregório, 1980, p. 735)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<p>"...A gurijuba é um peixe do mar que frequenta as costas do Pará. É sabido que a salinidade serve de barreira entre os indivíduos do mar e dos rios; deste modo a gurijuba não se atreve a remontar o caudal gigantesco. Sua carne é de qualidade medíocre para a alimentação, todavia é muito procurada em virtude de excelente cola que produz: motivo de rendoso negócio." (Lima Figueiredo-17a, pag. 225</p> <p>"É grande o número de pescadores vigienses e seus barcos veleiros avançam temerariamente oceano afora à cata de gurijuba e outros peixes. A gurijuba especialmente fornece o grude ou cola muito procurada no comércio. D. Antonio de A. Lusiosa-1170, II, pág. 89) (Gregório, 1980, p. 735 - 736)</p>				

<b>Ficha Toponímica nº 76</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XVII	Rio	Guaropy	Zootopônimos	Tupi	Simples
	Rio	Gurupi			

XVIII	Rio	Gurupi			
XX - XXI	Rio	Gurupi			
<b>Etimologia</b>	GURUPI – rio do Pará e Maranhão; cid. De Goiás; güyri-ypy, origem dos bagres, lugar onde os bagres se reproduzem. (Tibiriça, 1985, p. 54)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 77</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Humaitá	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<p><b>MBAITÁ</b>, maitá, humaitá, (duas formas guaranis), maritaca, baitac: nomes dados a Psitacídeo de porte entre o papagaio e o periquito, de corpo afilado e penas da cauda bem compridas; as maritacas vivem em bandos e são muito barulhentas; aplica-se o termo a pessoas tagarelas.</p> <p><b>Humaitá</b>: nome de histórica fortaleza na Guerra do Paraguai (1866-1870, Passagem de Humaitá); nome de cidade do Rio Grande do Sul, Zona do Alto Uruguai; nome de cidade do Amazonas, à margem esquerda do Rio Madeira, Zona do Rio Madeira. (Gregório, 1980, p. 916)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 78</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Braço	do Igarapé	Hidrotopônimo	Tupi	Simple
	rio	Igarapé-Açu		Tupi	Composto
	Igarapé	do Igarapé Aparitua		Tupi	Composto
	Igarapé	do Igarapé Grande		Tupi + LP	Composto Híbrido
<b>Etimologia</b>	<p>igarapé (yg + r'apé) = caminho d'água, ribeiro (nheengatu), canal natural entre ilhas ou continentes; qualquer dicionário que registre o termo, o define como pequeno braço de rio que se comunica com outros rios; isso contraria a interpretação de T. Sampaio – 1, Silveira Bueno – 249, etc., segundo a qual proviria de (ygara + apé) caminho da canoa: nome de cidade de Minas, Zona Metalúrgica. (Gregório, 1980, p. 1237)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<p>"Divergindo dessa opinião, tenho o vocábulo como significando '<b>caminho d'água</b>'; traduz exatamente o que os franceses chamam <b>cours d'eau</b> e decompõe-se em <b>ig-a-ra-pé</b>: <b>yg</b> água, <b>a</b> eufônico, <b>ra</b> prefixo, e pé caminho." (V. Chermont de Miranda-1836, pág. 43)</p>				

	<p>"<b>Igarapé</b> (igara = canoa mais pé, apé = caminho) caminho ou estrada de canoa é nome muito genérico; especializou-se porém a denominação para braços de rios... As águas dos rios, de que são tributários esses <b>igarapés</b>, penetram em grande massa, pelo álveo acima e eles, de simples lacrimais que fluíam no fundo lamacento, se convertem em volumosos rios a correr da foz para a nascente." (D. Antônio de A. Lustosa-117b, 1, pág. 129)</p> <p>"...O igarapé acaba no lago que ele alimentou nas cheias, para que o alimente nas vazantes, correndo em sentidos opostos consoante as estações..."(Euclides da Cunha-89b, pág. 117)</p> <p>O termo corresponde no sul a:</p> <p><b>iacã</b> (yacã ou y + acã = galho, ramo) = braço de rio:</p> <p>Canal natural entre ilhas e entre o continente e distingue-se de <b>furo</b> e <b>paramirim</b> por serem estes referentes ao braço menor de um rio.</p> <p>"<b>Igarapés</b>, nome com que na bacia Amazônica designam os <b>ribeirões</b> que estão ao fluxo e refluxo da maré." (C. de Magalhães-2)</p> <p>"Preso nas malhas dos <b>igarapés</b>, o homem aguarda então, com estoicismo raro... o termo daquele inverno paradoxal, de temperaturas altas." (Euclides da Cunha-89a, pag. 77)</p> <p>"No ventre encharcado daquela terra empapada d'água (Inferno Verde) ... os <b>igarapés</b> lentos e turvos deslizam como negras jibóias de morno lombo oleoso... (Peregrino Júnior - Histórias da Amazônia, Gupiador) (Gregório, 1980, p. 1237)</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ficha Toponímica nº 79						
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia	
XVII	Rio	Iguará	Ergotopônimo	Tupi	Simples	
XIX	Rio	Iguará				
XX - XXI	riacho	Iguará				
<b>Etimologia</b>		IGARAÇÚ <i>corr.</i> <b>Ygara-açú</b> , a canoa grande, o barco. 115. Pernambuco. <i>Alt.</i> <b>Iguaraçú</b> . (Sampaio, 1987, p. 247)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>						

Ficha Toponímica nº 80					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	igarapé	Imbuaçu	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>		IMBÚ <i>co</i> ". <b>Y-mb-ú</b> , a árvore que dá de beber; alusão aos ubérculos grandes desta planta ( <i>Spondias uberosa</i> ), que, nas raízes, segregam água e matam a sede aos viajantes do sertão em tempo de seca. <i>Alt.</i> <b>Umbú, Ombú, Ambú</b> . Norte do Brasil. (Sampaio, 1987, p. 248)			

	<b>Ibuaçu</b> (imbu+açu) = nome de riacho que deságua na baía de Guanabara, Estado do Rio. (Gregório, 1980, p. 1255)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 81</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Ipanema	Hidrotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>Ipanema</b> (y + panema) + água ou rio sem peixes; água malfadada; nome de cidade de Minas, bacia do Manhuaçu; nome de bairro do Guanabara, por terr água ruim para nadar: (Gregório, 1980, p. 1242)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 82</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	2 igarapé	Ipiranga	Hidrotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>ipiranga</b> (y + piranga) = rio vermelho: (Gregório, 1980, p. 1243)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 83</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Grota Rio	Ipixuna Açú	Hidrotopônimo	Tupi	Composto
	Igarapé	do Ipixuna			Simple
<b>Etimologia</b>	<b>ipixuna</b> (y + pixuna, brasileiro) + água escura, rio preto; nome de cidade do Maranhão, à margem direita do Mearim. (Gregório, 1980, p. 1244)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 84</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Ribeirão	Ipueira	Hidrotopônimo	Tupi	Simple
	Rio	Ipueiras			

<b>Etimologia</b>	<b>ipueira</b> (ybura, ypu, ibu + era = plural em guarani) = as nascentes; os dicionários registram o termo como sendo alagados que se formam pelo extravasamento de rios; nome de rio afluente da margem esquerda do Piranhas ou Açu e de pequena cidade do Rio Grande do Norte, Zona do Seridó: (Gregório, 1980, p. 1244)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 85</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Iririaçu	Zootopônimo	Tupi	Simple
	Riacho	Iriri-mirim			Composto
<b>Etimologia</b>	<b>RERI, ostra: molusco lamelibrânquio da família dos Ostreideos, Ostra sp.</b> (Gregório, 1980, p. 1106) <b>rerimirim</b> ([reri] + mirim) = variedade de ostra pequena (Ostrea parasítica) (Gregório, 1980, p. 1107) <b>reriuçu</b> ([reri] + uçu) = variedade de ostra grande: (Gregório, 1980, p. 1107)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 86</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Itaguará	Litotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>itaguara</b> ([itá] + guara, por cuara) = pedra cava: João Dornas Filho (1933) quis unificar em <b>itá</b> , os nomes dos distritos de Itauna; destinou para Conquista, o de <b>Itaguara</b> , melhor seria: <b>itaguara</b> ([itá] + guará) = pedra-lobo, pois a versão corrente local é Pedra do Lobo (aguará), porque na parte mais alta da cidade há uma pedra conhecida por este nome; cidade de Minas, Zona dos Campos das Vertentes. (Gregório, 1980, p. 767-768)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 87</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XVII	Rio	Tapocuru	Litotopônimo	Tupi	Simple
XVIII	Rio	Itapucuru			

XIX	Rio	Itapicuru			
XX - XXI	3 Rio	Itapecuru			
	Igarapé 2 Rio	Itapecuruzinho		Tupi + LP	Simples Híbrido
	2 Rio	Itapicuru		Tupi	Simples
	Igarapé Rio	Itapicuruzinho		Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>itapecuru</b> ([itá] + peba + curu) = laje, travessão de cascalho; serra e rio do Maranhão. (Gregório, 1980, p. 777) <b>itapicuru</b> (idem) = pedra britada; nome de rio e cidade da Bahia, Zona Nordeste. (Gregório, 1980, p. 777)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"O <b>Itapicuru</b> ou Itapucuru... Nota 3: Dizem que <b>Ita-pucuru</b> quer dizer púcaro de pedra... sorvedouro... que se assemelha a um púcaro ou panela fervendo. Porém na Bahia tem o nome de Itapucuru não só um rio, mas também certa planta." (Fr. Fco. dos Prazeres-134b, pág. 126) (Gregório, 1980, p. 777)				

<b>Ficha Toponímica nº 88</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	rio	Itapetiniga	Litotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>itapetiniga</b> ([ita]+ peba + tininga) = laje seca; rio e cidade de São Paulo, Alto Paranapanema. (Gregório, 1980, p. 778)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	Entretanto, sem razão; "Seu nome deriva das palavras índias <b>itapetiny</b> ou pedra sonora." (81. Hilaire-48a, p. 208) E B. Rohan-745, pág. 133, opta para <b>Tapetiniga</b> , que significaria então "caminho seco"... (Gregório, 1980, p. 778)				

<b>Ficha Toponímica nº 89</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Itaquitiúá	Litotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>itaqui</b> (itaky, brasileiro) = pedra de afiar, rebolo; nome de cidade do Rio Grande do Sul, à margem esquerda do Rio Uruguai, Zona das Missões: nome de distrito industrial perto de São Luís do Maranhão. <b>itaquitinga</b> (itaky + tinga) pedra de afiar branca; nome de cidade de Pernambuco, Zona do Litoral e da Mata. (Gregório, 1980, p. 782)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 90</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Itaueiras	Litotopônimo	Tupi	Simples

<b>Etimologia</b>	ITAUEIRA – rio e cid. do Piauí; de <b>itá-uera</b> , pedra desfeita. (Tibiriça, 1985, p. 69)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 01</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
	2 Córrego	Itinga	Hidrotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	ITINGA corr. <b>Y-tinga</b> , a água branca; o rio branco. Alt. <b>Utinga, Otinga</b> . (Sampaio, 1987, p. 261)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 91</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Grota	Jaboti	Zootopônimo	Tupi	Simple
	riacho	Jabuti			
	Baixão Igarapé Riacho	do Jabuti			
<b>Etimologia</b>	JABUTÍ corr. <b>Ya-u-tí</b> , aquele que não bebe; o cágado, que os índios tinham como insensível à sede, "criando-se pelos pés das árvores sem ir à água". (Testudo tabulata). O vocábulo admite outra interpretação, como composto de <b>y-abú-tí</b> , traduzindo-se o que nada respira, ou tem fôlego tenaz. O jabuti é, no folclore indígena, o símbolo da astúcia aliada à perseverança. Manha e paciência é o que o índio vê no jabuti; são elas também as duas virtudes fundamentais do selvagem. (Sampaio, 1987, p. 362)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 92</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé Córrego Riacho	Jacaré	Zootopônimo	Tupi	Simple
	Córrego	do Jacaré			
<b>Etimologia</b>	<b>Jacaré</b> (já+caré, guarani) = o que é curvo; espécie de crocodilo (Gregório, 1980, p. 798)				

	JACARÉ corr. <b>Ya-caré</b> , aquele que é torto, ou sinuoso. Pode ser, ainda, <b>y-echá-caré</b> , aquele que olha de banda. ( <i>Crocodilus sclerops</i> ). (Sampaio, 1987, p. 263)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"Ha igualmente lagartos que vivem do mesmo modo (que as sucurijubas) em rios e a que chamam Jacarés. São estes animais de excessiva corpulência, de modo que podem engolir um homem; cobertos de escamas duríssimas e armados de agudíssimos dentes..." (Anchieta-36, pág. 112) (Gregório, 1980, p. 798)

<b>Ficha Toponímica nº 93</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	igarapé	Jacareí	Hidrotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>jacareí</b> (" + y) = rio do jacaré; planta da família das Ramnáceas, nome de cidade de São Paulo, à margem direita do Rio Paraíba do Sul; antiga Nossa Senhora da Conceição do Rio Paraíba Jacareí. (Gregório, 1980, p. 802)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 94</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	3 Córrego 4 Riacho	Jacu	Zootopônimo	Tupi	Simple
	4 Riacho Córrego	do Jacu			
<b>Etimologia</b>	JACÚ corr. <b>Yacú</b> , adj. esperto, cuidadoso, desconfiado, cauteloso. É o nome da ave do gênero Penelope. Batista Caetano decompõe o vocábulo em <b>y-a-cú</b> e o traduz o que come grãos. (Sampaio, 1987, p. 264)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 95</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Córrego	Jacuba	Ergotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	TIQUARA corr. <b>Ty-quara</b> , o buraco d'água, o poço. Designa também uma bebida, mixto de água, farinha e açúcar, vulgo <b>jacuba</b> . (Sampaio, 1987, p. 330)				

<b>Notas Enciclopédicas</b>	
-----------------------------	--

<b>Ficha Toponímica nº 96</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Córrego	Jamari	Fitotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	JAMARI – aldeia do rio Madeira AM; de já, semelhante, e <b>umari</b> , nome de uma fruta da região, portanto <b>Jamari</b> é alt. de <b>jaumari</b> , que significa: semelhante à fruta <b>umari</b> . (Tibiriça, 1985, p. 74)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 97</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Jambu	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	agrião-do-pará a·gri·ão-do-pa·rá sm BOT Erva anual (Acmella oleracea), da família das compostas, com caule de reclinado a reto, folhas largas e ovadas, geralmente glabras, flores circulares amarelas, cultivada com propósitos medicinais e ornamentais; abecedária, abedária, acmela, agrião-da-ilha-de-frança, agrião-do-brasil, jambu, mastruço, nhambu, nhandu, numbu. <a href="https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&amp;f=0&amp;t=0&amp;palavra=agri%C3%A3o-do-par%C3%A1">https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&amp;f=0&amp;t=0&amp;palavra=agri%C3%A3o-do-par%C3%A1</a>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 98</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Ribeirão	Jandiá	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	JANDIATUBA – afluente da margem direita do Amazonas, AM; de <b>jandiá</b> , nome que na Amazônia dão ao jundiá (bagre), e <b>tyba</b> , suf. abundancial; lugar onde há muitos bagres.				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 99</b>
-------------------------------

Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Ribeirão	Jararaca	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>jararaca</b> (já + ra + raca) = o que agarra envenenado (T. Sampaio-156b); jararaca, nome de serpentes venenosas da família dos Crotalídeos ( <i>Bothrops jararaca</i> ); é muito prolifera e maior causadora de acidentes mortais; é muito comum da Bahia para o Sul do Brasil; o Pe. Anchieta- 36a, nas suas Cartas, explica como as jararacas segregam o veneno: (Gregório, 1980, p.814) (Tibiriça, 1985, p. 74 - 75)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 100</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego Lago Riacho Rio	Jatobá	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	Riacho Vão	do Jatobá			
	Igarapé	Jatobal		Tupi + LP Tupi	
<b>Etimologia</b>	<b>jatobá</b> (já+atã+oba) = o que tem casca dura, rugosa, espessa; árvore da família das Cesal pináceas, de casca medicinal; contra diarréia, disenteria e usada no tratamento de doenças de bexiga (cistites); a resina tem ação balsâmica, indicada nas tosses, asma, etc. (Gregório, 1980, p.816)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 101</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Igarapé	Jeju	Zootopônimo	Tupi	Simple
	igarapé	do Jeju			
	Riacho	do Jejuzinho		Tupi + LP	Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>Jeju</b> 1.Bras. Zool. Peixe teleósteo, caraciforme, caracídeo ( <i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i> ), dos rios Amazonas, Paraguai e São Francisco, de coloração semelhante à da traíra, com faixa preta ao longo da linha lateral, e comprimento de até 30cm. É carnívoro e				

	pode resistir por longo tempo à escassez de oxigênio e à dessecação. [Sin.: traíra-pixuna, traíra-pixúria, jiju.] (Aurélio Online)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

<b>Ficha Toponímica nº 102</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé 4 Riacho Ribeirão	Jenipapo	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Baixão Igarapé Riacho	do Jenipapo			
	Riacho	Jeniparana		Tupi + LP	Simples Híbrido
	Riacho Grotá	do Jenipapeiro			
<b>Etimologia</b>	GENIPAPO corr. <b>Yanipab</b> ou <b>yandipab</b> , podendo escrever-se <b>nhandipab</b> , que se decompõe <b>yandi-ipab</b> , e significa fruto das extremidades que dá suco. O termo <b>yandi</b> ou <b>nhandi</b> exprime suco, óleo, o que ressuma, e o final <b>ipab</b> é o composto de <b>ibápab</b> , contrato em <b>í-pab</b> , que se traduz fruto da ponta, do extremo, ou fruto extremo, alusão a que os frutos do genipapeiro são tantos quantas as extremidades nos seus galhos. (Sampaio, 1987, p. 232)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 103</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Jiqui	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	JQUITIBÁ corr. <b>Yikí-t-ybá</b> , o fruto de jiqui, isto é, fruto com a forma de covo. O fruto do <b>jiquitibá</b> é pequeno e afunilado à semelhança de um jiqui. É a árvore gigante do Brasil. (Couratari legalis). Alt. <b>Jequitibá</b> . (Sampaio, 1987, p. 269)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 104</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	2 Igarapé	Jundiaí	Hidrotopônimo	Tupi	Simples

<b>Etimologia</b>	<b>jundiáí</b> ([jundiá] + y) = rio dos jundiás; nome de rio e cidade de São Paulo, entre essa Capital e Campinas, Zona de São Paulo; é nome dado ao pau-terra: (Gregório, 1980, p. 848)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	“... O rio, que cria entre outros peixes os chamados <b>jundiás</b> , de que se lhe derivou o nome.” (Aires do Casal-123, tomo I, pág. 168) “Proveio-lhe o nome do peixe <b>jundiá</b> (platystoma spatula), abundante em suas águas.” (Visc. de Taunay-63, Marcha das Forças, pág. 17) (Gregório, 1980, p. 848)

<b>Ficha Toponímica nº 105</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Córrego	Juriti	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	juruti, Curiti) ([ajura]+ ti, tinga) pescoço branco, espécie de pomba, da família dos Columbídeos; nome próprio de mulher; nome de cidade do Pará, a margem direita do Amazonas. (Gregório, 1980, p. 384)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"Jurutis é outra casta de rôlas do mesmo tamanho, mas são aleonadas, e tem o bico pardo; também criam no chão onde põem dois ovos..." (Gabriel S. de Sousa-142a, II, pág. 94) (Gregório, 1980, p. 384)				

<b>Ficha Toponímica nº 106</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Baixão	Macapá	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>Macapá</b> : topônimo de origem obscura; nome da capital do Território do Amapá, para T. Sampaio-1b, pág. 256 (maca + paba) = estância das macabas; para Coriolano de Medeiros, corte das macabas; para Martius, derrubada das macabas (macaba + yba), por ser frequente o seu corte no séc. XVIII; para A. Levy Cardoso-182a, pág. 360, seria nome de palmeira, em galibi (cariba). (Gregório, 1980, p. 908)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 107</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	4 Riacho	Macaúba	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	da Macaúba			

<b>Etimologia</b>	MACAHIBA corr. <b>Macá-yba</b> , a árvore da macaba. É a palmeira <i>Acrocomia sclerocarpa</i> , Mart., que se chama Coco-de-catarro. Alt. <b>Macahyba, Macahuba, Macayuba, Bocayuva</b> . V. Macaba. (Sampaio, 1987, p. 274)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

Ficha Toponímica nº 108					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	Macaxeira	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>macaxera</b> , macaxeira (macaia + era var. de puera = o que foi) = coisa que foi queimada, alusão ao fato de ser comida assada; nome dado no nordeste e norte do Brasil a uma variedade de mandioca ou aipim (ver <b>aipi</b> ): (Gregório, 1980, p. 913)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"...A raiz é veneno e mata a quem a come, exceto uma sorte de semelhante raiz, a que chamam <b>macacheira</b> (sic); porque esta tal se come assada ou cozida..." (Ambrósio F. Brandão-280, pág. 189) <b>“Macaxeira</b> é uma espécie, e das melhores, da maniba, de que se faz a farinha de pau, e a sua especialidade sobre as mais espécies, ... não é venenosa a sua raiz, como são as mais espécies de maniba, e por outra parte é gotosíssima assada..." (Pe. João Daniel-268, Tomo II, pág. 16) (Gregório, 1980, p. 913)				

Ficha Toponímica nº 109					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	2 Igarapé	Mamorana	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	cacau-selvagem ca·cau·sel·va·gem sm BOT 1 Árvore de grande porte ( <i>Pachira aquatica</i> ), da família das bombacáceas, nativa das Antilhas e do Brasil, de folhas grandes, digitadas, flores brancas, acastanhadas ou rosadas e cápsulas quase globulares, com sementes comestíveis, cultivada como ornamental e geralmente usada em arborização urbana; carolina, castanhola, ebiratanha, embiratanha, embiruçu, mamorana, paina-de-cuba, paineira-de-cuba, sapote-grande. <a href="https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cacau-selvagem/">https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cacau-selvagem/</a>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 110
-------------------------

Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Igarapé Rio	Manaus	Etnotopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	Manausinho		Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>MANAUS:</b> do aruaque – <b>manau:</b> nome de uma das tribos fundadoras da cidade (A. Levy Cardoso-182a, pág. 392); capital do Amazonas, antiga Destacamento do Resgate e vila da Barra do Rio Negro. (Gregório, 1980, p.878)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"Os <b>manaus</b> , que ainda hoje conservam o nome da capital do grande Estado amazônico... Entre seus heróis, figura o tipo lendário de Ajuricaba (ver ajur), que opôs tenaz resistência aos portugueses, e quando aprisionado por estes, atirou-se ao rio, preferindo morrer..." (Estêvão Pinto-137a, tomo I, pág. 118) (Gregório, 1980, p.878)				

Ficha Toponímica nº 111					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	Mandacaru	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>nhamandacaru</b> , jamacaru, jamacaru, mandacaru <b>Cereus SP</b> = o que é espinhento em feixes; denominação de cactáceas de caule ereto; nome dado a cardos e frutos espinhosos; o fruto, de pouco sabor, é mais apreciado por aves e pássaros; é chamado ainda <b>manacaru</b> . (Gregório, 1980, p.876)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"Primeiro eleva-se um tronco da terra, de forma ora triangular, ora quadrangular, único, grosso, semeado de eriçados espinhos. Dele procedem muitos troncos semelhantes, a modo de ramos, donde nascem flores não inodoras, brancas, semelhantes a ninfeia maior..." (Guilherme Piso-269, pág. 111) "Marcgrave dá nada menos que quatro espécies: <b>Jamacaru</b> (termo indígena), sem descrever o fruto: <b>iamacaru</b> , também se diz <b>caxabu</b> ; <b>cardon</b> (em português) dando fruto do tamanho duplo de ovo de pata..." (E. T. da Fonseca-40) (Gregório, 1980, p.876)				

Ficha Toponímica nº 112					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego	Mandi	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>MANDIÍ</b> mandi, bagre; este peixe de água doce, sem escamas, da família dos Pimelodídeos, recebe diversos nomes: mandibé, mandiju, mandijuba, mandi-chorão, mandi-amarelo, etc.; (Gregório, 1980, p.879)				

<b>Notas Enciclopédicas</b>	José Verissimo (Scenas da Vida Amazônica) parece fazer diferença entre <b>mandi</b> e <b>mandií</b> ; se não for erro de cópia, deve referir-se ao mandiú (mandijuba): "A pasmosa variedade de peixes do Amazonas recolhe-se também para eles nesse tempo..., o mandi e o mandií..." (Gregório, 1980, p.879)
-----------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ficha Toponímica nº 113					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	da Mangaba	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	Baixa	da Mangabeira		Tupi + Lp	Simple Híbrido
	Córrego Rio	Mangabeira			
	Riacho	da Mangabeirinha			
<b>Etimologia</b>	MANGABA corr. <b>Mongaba</b> , o grude, o visco; alusão ao látex abundante da planta deste nome. (Hancornia speciosa). Alt. <b>Mongaba, Manguaba</b> . (Sampaio, 1987, p. 283)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 114					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XVII	Rio	Maracassumé	Ergotopônimo	Tupi	Simple
XIX	RIO	Maracá			
XX - XXI	Rio	Maracaçumé			
<b>Etimologia</b>	<b>maracaçumé</b> (maracá + Sumé) = o sino de Sumé (Tomé, ver sumé) (Gregório, 1980, p.895)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 115					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	2 Córrego	Maracujá	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	Baixão	do Maracujá			
<b>Etimologia</b>	<b>MARACUJÁ</b> (maracujá); nome de trepadeira da família das Passifloráceas; é sedativo, calmante e hipnótico; (Gregório, 1980, p.896)				

<b>Notas Enciclopédicas</b>	
-----------------------------	--

<b>Ficha Toponímica nº 116</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio 3 Ribeirão	Marajá	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	2 Baixão 2 Riacho	do Marajá			
<b>Etimologia</b>	<b>MARAJÁ:</b> nome de palmeira do gênero <b>Bactris</b> , chamada ainda tucumã; (Gregório, 1980, p.899)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 117</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XVII	Rio	Meari	Hidrotopônimo	Tupi	Simples
XVIII	Rio	Miarim			
XIX	Rio	Mearim			
XX - XXI	Rio	Mearim			
<b>Etimologia</b>	<b>mearim</b> (myra+i) = pequeno povo, povinho; mas R. Garcia Traduz, rio de gente; nome de rio do Maranhão que deságua na baía de S. Marcos. (Gregório, 1980, p.959)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 118</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	3 Rio	Mirim	Dimensiotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>MIRIM</b> , mirĩ, mini= pequeno, miúdo, pouco; adjetivo próprio para formar diminutivos: (Gregório, 1980, p.942)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 119					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	2 Riacho	Mirinzal	Fitotopônimo	Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>MIRIM</b> , mirĩ, mini= pequeno, miúdo, pouco; adjetivo próprio para formar diminutivos: (Gregório, 1980, p.942) <b>mirinzal</b> (miri+al) = matagal de miris; (Gregório, 1980, p.942)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 120					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Mucura	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>MUCURA</b> , mocura, micuré (guarani) quadrúpede marsupial chamado gamba, saruê, cassaco, timbu, sariguêia ou mucuracaá; nome de gramínea da família das Fitolacáceas; (Gregório, 1980, p.955)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<b>mocorê</b> = mucura, do macuxi (cariba), segundo A. Levy Cardoso-182b, pág. 201: "O marsupial conhecido na Bahia pelo nome de <b>saruê</b> (do tupi <b>sariguê</b> ); no Rio de Janeiro (e Minas também) por <b>gambá</b> ; por <b>cassaco</b> e <b>timbu</b> , no nordeste; por maritataca e cangambá em outros pontos do país, é conhecido, em toda a Amazônia, pela denominação de <b>mucura</b> ." (Gregório, 1980, p.955)				

Ficha Toponímica nº 121					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XVII	Rio	Mony	Animotopônimo	Tupi	Simples
XX - XXI	Rio	Munim			
	Riacho	Munim do Mato			
<b>Etimologia</b>	<b>Munim</b> : Monim, Enrugar, encrespar, escolher. (BORDONI, s/d, p. 399)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 122					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Murajuba	Fitotopônimo	Tupi	Simples

<b>Etimologia</b>	<p>Muirajuba mui·ra·ju·ba sf BOT</p> <p>1 Árvore de grande porte (<i>Apuleia leiocarpa</i>), chegando a alcançar 50 m de altura, da família das leguminosas, originária da América do Sul, de tronco cilíndrico e um pouco tortuoso, com casca fina, de cor pardo-avermelhada, cerne bege-amarelado ou amarelo levemente rosado, folhas imparipenadas em tom de mel, quando novas, flores brancas e frutos amarronzados; amarelinha, barapibo, borajuba, burajuba, garapa, garapa-amarela, garapa-branca, garapiapunha, grápia, grapiapunha, grapiapunha-branca, guarapiapunha, ibiraperé, mirajuba, muiratauí, mulata, mulateira, murajuba, muraruíra, muiratauí, muratuíra, pau-cetim, pau-mulato, sapucajuba.</p> <p>2 A madeira dessa árvore, de grande interesse comercial.</p> <p>ETIMOLOGIA tupi ymbyra-iúwa. <a href="https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/muirajuba/">https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/muirajuba/</a></p>
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

Ficha Toponímica nº 123					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	riacho	Mutum	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	do Mutum			
<b>Etimologia</b>	<b>Mutum</b> - 1.Bras. Zool. Designação comum a várias aves galiformes cracídeas, gênero <i>Crax</i> , de penas da crista curvas na extremidade, e com seis espécies no Brasil, e <i>Mitu</i> , de penas retas e com apenas duas espécies. (Aurélio online)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 124					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho Rio	Pacas	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Grota Igarapé	das Pacas			
<b>Etimologia</b>	<b>PACA</b> = o que é ágil, esperto, mamífero roedor, caça estimada: (Gregório, 1980, p.986)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 125					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	rio Riacho	Pacová do Pacova	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>PACOBÁ</b> , pacova, pacob (guarani) = banana-do-brejo; bananeira; sinônimo de palerma. (Gregório, 1980, p.991) <b>PACOBÁ</b> c. <b>Pac-oba</b> , a folha de enrolar ou que se enrola. Nome comum das Musáceas. Alt. <b>Pacó</b> . Pará, Amazonas. (Sampaio, 1987, p. 292)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 126					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	Pajeú	Hidrotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>pajeú</b> ([pajé]+u por y) = rio ou água de pajé, fluidificada; nome de árvore a família das Polygonáceas, de flores avermelhadas e frutos alados, com três pás de hélice, que caem com movimento giratório; grande faca larga e despontada; nome de tribo tupi; nome de rio afluente da margem esquerda do São Francisco, Pernambuco; nome de vila do município de Araripe, Ceará. (Gregório, 1980, p. 997 - 998)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	T. Sampaio-1a, interpreta: rio do pajé, mas em 1d muda para: o pajé come ou vive... (Gregório, 1980, p. 998)				

Ficha Toponímica nº 127					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	Panema	Animotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>PANEMA</b> : ruim, aziago, inútil, imprestável, infeliz, sem sorte, atoleimado; "o contrário é marupiara" (A. Mendes-153) (Gregório, 1980, p.1003)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"O maior flagelo que persegue os caçadores e os pescadores é a <b>panema</b> . Um caçador ou pescador que tem fracassos sucessivos que não podem ser explicados por causas naturais, atribui-os à <b>panema</b> , força maligna que se apodera da pessoa, de sua arma, de sua linha de pescar, ou de sua barragem. O termo generalizou-se... com o sentido de <b>má sorte</b> ." (Ch. Wagley-140, pág. 118) (Gregório, 1980, p.1003)				

Ficha Toponímica nº 128					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia

XX - XXI	2 Rio Córrego	Papagaio	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	2 Baixão Grotta Lagoa Vão	do Papagaio			
<b>Etimologia</b>	PARACÁU s. O papagaio, no tupi-guarani. (Sampaio, 1987, p. 293)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 129					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Parnaíba	Hidrotopônimo	Tupi	Simples
	Baixão Rio	Parnaibinha		Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<p><b>Paranaibinha</b> ([para] + inha) = rio do Maranhão, um dos formadores do Parnaíba.</p> <p><b>Parnaíba</b>: nome de rio que nasce na Chapada das Mangabeiras e serve de limite entre Maranhão e Piauí, banha Teresina e lança-se no Atlântico formando notável delta entremeado de ilhas, barras e canais; nome de cidade do Piauí, numa das barras (Rio Igarçu) do Parnaíba. (Gregório, 1980, p.1013)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 130					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Baixão	Pati	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<p><b>PATI</b>, paty: espécie de palmeira graciosa e delgada, chamada ainda jeriva: ocorre sobretudo em Goiás, Mato Grosso, Piauí e Bahia.</p> <p>o <b>pati amargoso</b> ou <b>guariroba</b>, gariroba e tonico e suas inflorescências servem para tontear peixes.</p> <p>o <b>pati doce</b> ou <b>patioba</b>, de que se extrai o leite-de-coco.</p> <p><b>patioba</b> (" + oba) = folha de pati. (Gregório, 1980, p.1025)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<p>"Uma folha nova, inteira (<b>Patioba</b>) da palmeira <b>pati</b>..., foi amarrada, em forma de canoa por baixo de uma vara, e cheia d'água, foi colocada sobre o fogo... A água chegou a ferver sem que a panela vegetal se arrebetasse..." (Spix e Martius-143b, pág. 190)</p> <p>"Se all (cabanas) permanecem por muito tempo, juntam-lhes mais algumas estacas e ramos sobrecarregando o teto com folhas de <b>pati</b> ou <b>patioba</b>." (Gonçalves Dias-93, pag. 74) (Gregório, 1980, p.1025 - 1026)</p>				

Ficha Toponímica nº 131					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	Peba	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	dos Pebas			
<b>Etimologia</b>		<b>PEBA</b> , pé (guarani) = chato, raso, rasteiro. (Gregório, 1980, p.1028)			
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 132					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Pequi	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	do Piquizeiro			Simples
<b>Etimologia</b>		<b>PEQUI</b> , piqui: fruto do pequizeiro; árvore da família das Cariocariáceas flor brilhante escarlate, o fruto é comestível, oleaginoso, dá Óleo de pequi, bom para bronquite asmática, licor-de-pequi e uma espécie de manteiga usada na arte culinária; chamado ainda pequiá; nome de cidade de Minas, Microrregião de Calcários de Sete Lagoas. (Gregório, 1980, p. 1030 - 1031)			
<b>Notas Enciclopédicas</b>		"O índio fazia tudo para que uma abelha sequer não visse os seus lábios vermelhos, confundindo-se com uma flor de <b>pequiá</b> ." (José de Alencar – O Guarani) (Gregório, 1980, p.1031)			

Ficha Toponímica nº 133					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego	Pequiá	Fitotopônimo	Tupi	SimplesP
<b>Etimologia</b>		<b>pequiá</b> : é também nome de uma pequena árvore, da família das Apocináceas; confundido às vezes com o guatambu; boa madeira para cabos de ferramentas, semelhante ao marfim vegetal: pequiá amarelo = pequiá-marfim pau-setim; pequiá branco, doce guatambu; nome de vila do município de Iúna, E. Santo. (Gregório, 1980, p.1031)			
<b>Notas Enciclopédicas</b>		" <b>Pequiá</b> é pau real, compete na dureza e duração com o pau ferro e com o pau cumaru..." (Pe. João Daniel-268, Tomo I, pág. 357) (Gregório, 1980, p.1031)			

Ficha Toponímica nº 134					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XVII	Rio	Pereya	Fitotopônimo	Tupi	Simples

XX - XXI	Rio	Periá			
<b>Etimologia</b>	<b>piriá</b> <i>s.m.</i> ANGIOS <i>m.q.</i> <b>AÇAI</b> ( <i>Euterpe oleracea</i> ) (Houaiss, 2001, p.2224)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 135</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Peri-Açu	Fitotopônimo	Tupi	Composto
	Rio	Pericumã			Simple
	Igarapé 2 Rio	Peri-mirim			Composto
<b>Etimologia</b>	<b>Peri</b> , pery, piri=junco; nome de índio em “O Guarani” de José de Alencar. (Gregório, 1980, p.1066)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 136</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XVII	Rio	Peritoró	Hidrotopônimo	Tupi	Simple
XX - XXI	Igarapé Rio	Peritoró			
<b>Etimologia</b>	<b>PERITORÓ</b> - (...); de <b>piri-tororó</b> , brejo barulhento, brejo tronitroante (com o cantar de rãs e grilos) (Tibiriça, 1985, p.95)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 137</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Piaba	Zootopônimo	Tupi	Simple
	Igarapé	da Piaba			
<b>Etimologia</b>	PIABANHA corr. <b>Piá-bã</b> i, o que é manchado. Batista Caetanb. Nome de um peixe fluvial. Rio de Janeiro. (Sampaio, 1987, p. 299)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 138</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Piaçaba	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	Riacho	Piaçava			

<b>Etimologia</b>	PIAÇABA corr. <b>Pyá-açaba</b> , o traspasse de apertar, o amarelo, a atadura. Confunde-se, freqüentemente, com <b>peaçaba</b> . Alt. <b>Piaçaua</b> , <b>Piaçava</b> . É o nome da fibra da palmeira <i>Attalea funifera</i> 68. (Sampaio, 1987, p. 299)
<b>Notas Enciclopédicas</b>	

Ficha Toponímica nº 139					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XVII	Rio	Pinare	Ergotopônimo	Tupi	Simples
XVIII	Rio	Pinaré			
XIX	Rio	Pinaré			
XX - XXI	Rio	Pindaré			
	Córrego	Pindaré-Mirim	Composto		
<b>Etimologia</b>	PINDARÉ c. <b>Pindá-r-é</b> , o que é próprio de anzol; o enganchado ou fisdado; o anzol diverso ou de outro gênero. Maranhão. Alt. <b>Pinaré</b> . (Sampaio, 1987, p. 300)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 140					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Igarapé	Pipiri	hidrotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	PIPIRY c. <b>Pipír-y</b> , a água ou rio de ferver; a água borbulhenta oucheia de fervuras. (Sampaio, 1987, p. 301)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 141					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Igarapé	Pirangi	Cromotopônimo	Tupi	Simples
	2 Rio	Piranji			
<b>Etimologia</b>	<b>piranji</b> = (vermelhinho) (Gregório, 1980, p. 1065)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 142					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	Piranha	Zootopônimo	Tupi	Simples

	Riacho	das Piranhas			
<b>Etimologia</b>	PIRANHA corr. <b>Pir-ã</b> , o que corta a pele; nome de um peixe voraz (Pygocentrus) da fauna fluvial do Brasil; a tesoura, a tenaz. Bahia, Alagoas, Minas Gerais. (Sampaio, 1987, p. 302)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 143</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XVII	Rio	Pirapema	Zootopônimo	Tupi	Simples
XIX	Rio	Pirapemas			
XX - XXI	Igarapé	Pirapemas			
<b>Etimologia</b>	PIRAPANEMA c. <b>Pirá-panema</b> , peixe escasso; o que não tem sorte para peixe. Os Guaranis chamavam o planeta Mercúrio - <b>Pirapanē</b> , porque a sua aparição no céu era sinal de não haver peixe. Alt. <b>Pirapané</b> . (Sampaio, 1987, p. 302)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 144</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Piratininga	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	PIRATININGA c. <b>Pirá-tininga</b> , o peixe a secar; o seca-peixe. Designa rio que, por efeito dos transbordamentos, deixa peixe fora e o deixa em seco, exposto ao sol. É a explicação de Anchieta. Alt. <b>Piratinim, Piratiny</b> . São Paulo, Rio Grande do Sul. (Sampaio, 1987, p. 303)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 145</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio Riacho	Piriá	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>piriá</b> s.m. ANGIOS m.q. <b>AÇAI</b> (Euterpe oleracea) (Houaiss, 2001, p.2224)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 146					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego	Pitombeira	Fitotopônimo	Tupi+LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>PITOMA</b> , pitomba = fruto da pitombeira. (Gregório, 1980, p. 993)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 147					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego	Poti	Ergotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	POTÍ s. O resíduo, o excremento, as fezes, a borra. Diz-se também <b>tepotí</b> , <b>repotf</b> , segundo a composição. Confunde-se frequentemente com <b>poty</b> ou <b>potim</b> , o camarão (Sampaio, 1987, p. 306)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 148					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Pucimã	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Riacho Rio	Pucumã			
<b>Etimologia</b>	Pacumã, pacomã: variedade de peixe (Gregório, 1980, p. 993)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 149					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho Rio	Samaúma	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	da Samaúma			
<b>Etimologia</b>	SAMAUMA corr. <b>Çama-yba</b> , a árvore de corda, ou que tem fibras que dão corda. (Eriodendrum Samauma, Mart.). Alt. <b>Samayba</b> , <b>Samauba</b> , <b>Samauva</b> , <b>Sumauma</b> , <b>Subauma</b> . (Sampaio, 1987, p. 311)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 150					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Grota	Sambaíba	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	2 Riacho	da Sambaíba			
<b>Etimologia</b>	SAMBAYBA corr. <b>Çamba-yba</b> ou <b>çama-yba</b> , a árvore de corda ouque dá fibras para corda, como a paineira. (Curatella Sambaiba, St. Hil.). Alt. <b>Sambauba, Sambauva, Samauva, Sumauba, Sumauma, Subauma</b> . Pode ser também corrupção de <b>Tambayba</b> . V. <b>Tambayba</b> . (Sampaio, 1987, p.312)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 151					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Igarapé	Sapucaia	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Igarapé	Sapucaia de Baixo		Tupi + LP	Composto Híbrido
	Ribeirão	da Sapucaia		Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>sapucaia</b> (ya + eca + puca + y) = cabaça que faz saltar o olho; Lemos Barbosa-3a, grafa <b>jassapucaia</b> ; termo de origem discutida (não confundir com o homógrafo <b>sapucaia</b> = gritar, cantar; galo, galinha); nome de árvore da família das Lecitidáceas; o fruto lembra cabaça ou pote (ibacamuci = fruta-pote), com tampa que se abre com ruído; dai E. Stradelli-41a, pág. 641, julgar o termo como provindo do ruído provocado pela cápsula quando se abre; assim poderíamos interpretar: (yá + supucaia) = cabaça que grita, que faz ruído; B. de Castro-6, interpreta: (ya, ybá + ça, eçá + puca + i) = fruto que faz saltar o olho (?); mas não vemos nenhuma razão para Silveira Bueno-249, Volume 7, pág. 3.653, ver no fruto, semelhança com o ovo de galinha (!); o fruto é "purgante de cavalo"... (Gregório, 1980, p. 1257)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 152					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego	Satuba	Zootopônimo		
	Grota	da Satuba			
	riacho	do Satuba			
<b>Etimologia</b>	lugar abundante de em içá. ((i) çá+tuba) (dicionário informal online)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 153					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego Rio	Suçupara	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	da Suçupara			
<b>Etimologia</b>	<b>suaçupara</b> (“+apara = veado-galheiro; suçupara, veado-dos-brejos; veado campeiro ou suacuetê (Amazonas)) (Gregório, 1980, p. 603)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 154					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	Suçuarana	Zootopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>suaçarana</b> , suçuarana (“+ rana) = parecido com a cor do veado (A.A. de Freitas- 30, pág. 148 é contra); onça parda, correspondente ao <b>jaguapitã</b> (guarani); nome de vila no município de Iguatu, Ceará, antiga Suçarana. (Gregório, 1980, p. 604)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 155					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego 3 Riacho Brejo Ribeirão	Sucupira	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Rio	Sucupirinha		Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<b>Sapopira</b> (s’apó + pyra = cru, verde): nome de árvore da família das Leguminosas, de casca rica em tanino, madeira dura, raiz cor de carne crua; é conhecida ainda com os seguintes nomes: <b>sepira</b> , <b>sepipira</b> , <b>sipipira</b> , <b>sicupira</b> , <b>Sucupira</b> . (Gregório, 1980, p. 431)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 156					
-------------------------	--	--	--	--	--

Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	da Sucuri	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	Sucuriju			
	Riacho	do Sucuriju			
	Baixão 2 Riacho Vão	do Sucuriú			
	Córrego Riacho	Sucuriú			
	Riacho	do Sucuriú			
	Igarapé	Sucuruju			
<b>Etimologia</b>	<p>SUCURÍ corr. <b>Çuú-curí</b>, morde rápido, atira o bote. É a serpente aquática <i>Eunectes murinus</i>. Alt. <b>Socorí</b>. Designa também uma espécie de caça ou tubarão. (Sampaio, 1987, p.316)</p> <p>SUCURIÚ corr. <b>Çuucuri-yú</b>, forma contrata de <b>çuucuri-yuba</b>, a sucuri-amarela. Alt. <b>Sucuriuva</b>. V. <b>Sucurí</b>. (Sampaio, 1987, p. 316)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 157					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	lago	Sumaúma	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<p>Bras. Amaz. Guin. Bot. Árvore gigantesca, da família das bombacáceas (<i>Ceiba pentandra</i>), das florestas inundáveis, de tronco imenso e com raízes tubulares, folhas com cinco a sete folíolos oblongos, e flores alvas, vistosas e fasciculadas. As cápsulas estão cheias de paina, que serve para fazer salva-vidas. Com a madeira, branca e leve, fabricam-se caixotes, brinquedos e jangadas. [Var.: <i>samaúma</i>. Sin.: <i>sumaúma-da-várzea</i>, <i>sumaumeira</i>.] (Aurélio online)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 158					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	Taboca	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Baixão Grotta Lagoa	da Taboca			
	Vão	dos Tabocas			

	Igarapé 2 Vão	das Tabocas			
	Riacho	do Tabocal		Tupi + LP	Simples Híbrido
<b>Etimologia</b>	<p>TABOCA c. <b>Ta-bóca</b>, a haste furada, o tronco oco. É a gramínea conhecida (Bambusa). V. Ta. Alt. <b>Tapoca, Tauoca, Tabó, Taó</b>. (Sampaio, 1987, p. 318)</p> <p>Bras. Amaz. Guin. Bot. Árvore gigantesca, da família das bombacáceas (Ceiba pentandra), das florestas inundáveis, de tronco imenso e com raízes tubulares, folhas com cinco a sete folíolos oblongos, e flores alvas, vistosas e fasciculadas. As cápsulas estão cheias de paina, que serve para fazer salva-vidas. Com a madeira, branca e leve, fabricam-se caixotes, brinquedos e jangadas. [Var.: samaúma. Sin.: sumaúma-da-várzea, sumaumeira.] (Aurélio online)</p>				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 159</b>						
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia	
XX - XXI	Igarapé	do Tamanduá	Zootopônimo	Tupi	Simples	
	Ribeirão	Tamanduáí		Tupi + LP	Composto Híbrido	
	Igarapé	Tamanduáí de Dentro				
<b>Etimologia</b>	<p><b>tamanduáí</b> (tamandua + ã) = pequeno tamanduá, o menor da família (Cyclope didactylus) com duas unhas na mão (como preguiça) e quatro nos pés; focinho curto; revestido de pêlo denso, ruivo sedoso e de cauda preênsiva, pois é arbícola; só desce ao chão de passagem, pois nas árvores (embaúbas) encontra seu alimento: formigas, cupins, insetos, etc. (Gregório, 1980, p. 1146-1147)</p>					
<b>Notas Enciclopédicas</b>						

<b>Ficha Toponímica nº 160</b>						
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia	
XX - XXI	2 Riacho	Tamboril	Fitotopônimo	Tupi	Simples	
<b>Etimologia</b>	<p>TAMBORY s.c. <b>Ta-mbo-ry</b>, tronco que faz manar; tronco escorrente, ou que deita humor. Alt. <b>Tamburil</b>. (Sampaio, 1987, p. 320)</p>					
<b>Notas Enciclopédicas</b>						

<b>Ficha Toponímica nº 161</b>						
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia	

XX - XXI	Riacho	Tapui	Etnotopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	Tapuia			
	3 Rio	Tapuio			
	Riacho	do Tapuio			
<b>Etimologia</b>	<b>TAPUIA</b> = escravo (Anchieta), gentio; bárbaro (...) índios que não falavam tupi (Gregório, 1980, p. 1254)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica n° 162					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	igarapé	Taquari	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	TAQUARÍ e. <b>Taquar-i</b> , a cana pequena, ou fina, o taquaril. (Sampaio, 1987, p. 325)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica n° 163					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Tibiri	Hidrotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	TIBIRY corr. <b>Tibí-r-y</b> , o rio da sepultura. Paraíba. (Sampaio, 1987, p. 328)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica n° 164					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Igarapé	Tijupá	Ecotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	TEJUPÁ corr. <b>Teyí-u-paba</b> , a estância ou pouso onde vive o povo, a rancharia, pois que <b>teyi</b> é a comunidade, a gente em conjunto. <b>Teyiupá</b> ou <b>Teyupá</b> , forma contrata no guarani, é a rancharia. Alt. <b>Tejupar</b> , <b>Tijupá</b> . (Sampaio, 1987, p. 328)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica n° 165					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	2 Riacho	Timbira	Etnotopônimo	Tupi	Simples

	Ribeirão				
	Riacho	do Timbira			
<b>Etimologia</b>	TIMBYRA corr. <b>Timbyra</b> , o amarrado, o escravizado, o escravo. Maranhão. Antigamente <b>Timbirá</b> . (Sampaio, 1987, p. 330)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 166</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Tinguis ou Riachão	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Riacho	dos Tinguis			
<b>Etimologia</b>	<b>TINGUI</b> , tinguy, arbusto da família das Leguminosas, cujo sumo lançado nos rios mata os peixes; a planta também é venenosa e mata o gado (ver timbó); nome de tribo indígena; apelido dos paranaenses; outro nome do Rio Guandu-Mirim do Rio de Janeiro. (Gregório, 1980, p. 1166)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<p>"O <b>tingui</b> é árvore pequena com os ramos e folhas alternos;... a casca e as folhas bem machucadas e deitadas nos lagos onde há peixes, eles morrem bêbados em breve espaço." (Aires do Casal-123, Tomo I, pág. 107)</p> <p>Os homens saem para cortar o <b>tingui</b>, um vegetal leguminoso terrivelmente tóxico para os peixes... Depois de colhido o <b>tingui</b>, com pesados macetes de bom cerne, esmagam-no de encontro a rija tora de madeira..." (Lima Figueiredo-17a. págs. 261-262)</p> <p>"Todos os venenos sagitários, como todos os 'Tinguis' ou 'Timbós' descobriu ele (o índio) e com ele aprenderam os imigrantes o pouco que hoje conhecemos desse assunto. Os 'Timbós' ou 'Tinguis' a que também às vezes chamam 'Ximbós' ou 'Chimbós' encontrou o aborígine em várias famílias e são tantos que bem mereciam um tratado..." (F. C. Hoehne-4a, pág. 144) (Gregório, 1980, p. 1166)</p>				

<b>Ficha Toponímica nº 167</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Igarapé	Tipis	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	TIPÍ corr. <b>Typy</b> , a fundura, o que está fundo. Designa a planta vulgo jarrinha (Aristolochia). (Sampaio, 1987, p. 330)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 168</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>

XX - XXI	Rio	Tiquara	Hidrotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>tiquara</b> (t'y + cuara) = buraco d'água, poço; nome de bebida <b>xibé</b> feita de caju, manga e maracujá; o mesmo que <b>icua</b> . (Gregório, 1980, p. 1254)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 169</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	2 Rio	Tiririca	Fitotopônimo	Tupi	Simple
	Riacho	da Tiririca			
<b>Etimologia</b>	TIRIRICA Gerúndio-supino de <b>tirirí</b> , vibrante, cortante. É o nome de uma ciperácea lacerante ( <i>Cyperus brasiliensis</i> ). O povo diz: "tiririca é faca de cortar ..." (Sampaio, 1987, p. 331)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica nº 170</b>					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Rio	Tocantins	Etnotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	tocantins ([tucana] + s) = nome de individuo dos Tocantins; nome de importante rio que nasce em Goiás nas imediações do Distrito Federal (Brasília) e recebe o grande Araguaia à margem esquerda; antigamente denominado Paraupaba, Paraupava, hoje nome de um seu afluente; nome de cidade mineira da Zona da Mata. (Gregório, 1980, p. 1177)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	Eugênio de Castro, na sua "Geografia Lingüística e Cultura Brasileira", explica: <b>Tocantins</b> ou <b>Tucantins</b> significa nariz de tucano - Teodoro Sampaio-1, dá: <b>Tucan-tim</b> ou <b>nariz de tucano</b> (!) – César Augusto Marques, porém, já discorda do seu "Dicionário Hist. Geo.-42, págs. 24-26) da Província do Maranhão: <b>tó-o-cantim</b> ou nariz bicudo ou pontudo - Aires do Casal, na sua "Chorographia Brazílica escreve: o rio <b>Tucantins</b> "Sabe-se que esse nome foi aplicado por viver em suas margens a poderosa e valente tribo dos índios <b>Tocantins</b> , daí ser conhecido a princípio como rio dos <b>Tocantins</b> ... As primeiras referências que sobre ele encontramos são dadas pelos franceses... Muitos outros batismos recebeu ele: Mauricio Heriarte em seu livro "A Descrição do Estado do Maranhão"... dá-nos novo nome quando escreve: "Este rio dos Tocantins ou das Pedras..." "O <b>Tocantins</b> nasce por entre diamantes, rubis, esmeraldas e corre num leito de pérolas." (R. Moraes-27a, pág. 227) (Gregório, 1980, p. 1177)				

Ficha Toponímica nº 171					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Córrego Riacho	Traíra	Zootopônimo	Tupi	Simples
	Córrego	das traíras			
<b>Etimologia</b>	TARAHIBA corr. <b>Tara-guira</b> ou <b>tar-a-guira</b> , o que bambaleia, ou secontorce. É o nome do peixe d'água doce que vive mergulhado na vasa. (Erythrinus Tarefra). Alt. <b>Trahíra, Tareíra, Taraíra</b> . (Sampaio, 1987, p. 325)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 172					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	Riacho	de Perises	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>PIRIPIRI</b> , Periperi, pipiri, peperi, piri, peri = junco ou planta da família das Tifáceas que cresce nos alagados ou pântanos; tabua (VLB) de que se fazem esteiras; os juncos de <b>piri-peri</b> formam os <b>pirizais</b> ou <b>preperizais</b> ; nome de cidade do Piauí, na Bacia do rio Longá. (Gregório, 1980, p. 1065) <b>Peris</b> : campo onde crescem ervas. (Gregório, 1980, p. 1066)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

Ficha Toponímica nº 173					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia
XX - XXI	2 Riacho Rio	Tucum	Fitotopônimo	Tupi	Simples
	Igarapé	do Tucum			
	Riacho	Tucumandiva			
<b>Etimologia</b>	<b>TUCÛ</b> , tucum = variedade de palmeira, ticum, ou tucumã, as folhas dão ótima fibra para cordas de arcos, quando preparadas com resina de cipó almécega; também as folhas são usadas no fabrico de chapéus. (Gregório, 1980, p. 1170)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	"Há <b>tucum</b> , que são umas folhas quase de dous palmos de comprimento, donde, só com a mão, sem outro artifício, se tira pita regíssima, e cada folha dá uma estriga. (Frei Vicente do Salvador-43, pág. 48) (Gregório, 1980, p. 1170)				

Ficha Toponímica nº 174					
Século do Mapa	Elemento Geográfico	Hidrônimo	Taxionomia	Língua de Origem	Morfologia

XVII	Rio	Tury	Meteorotopônimo	Tupi	Simples
XIX	Rio	Turi			
XX - XXI	Rio	Turi			
<b>Etimologia</b>	<b>TURY</b> , tory = facho (DPB), fogueira. (Gregório, 1980, p. 1176)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica n° 175</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XVII	Rio	Turiassu	Meteorotopônimo	Tupi	Simples
XX - XXI	2 Rio	Turiaçu			
<b>Etimologia</b>	<b>Turiaçu</b> ([tury] + açu) = facho grande, incêndio; nome de rio e cidade do Maranhão no fundo da baía do mesmo nome, onde deságua o Turiaçu. (Gregório, 1980, p. 1177)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<b>RIO</b> – Tem suas nascentes na Serra da Desordem, na lat. merid. de 4° 7', e depois de atravessar vastos territórios ainda desertos, forma a sua foz na enseada do seu nome, em 1° 30' da lat. merid. / Por ele sobem no inverno canoas grandes, por espaço de 20 léguas até o Laranjal, mas no verão somente 12 léguas. / Diz Lago no seu <i>Itinerário</i> : “É notável tudo nesse rio: as suas águas são tais, que copo delas desfaz 2/0 de barro, isto por toda a sua extensão [...] “Outra coisa se observa, que há sempre expressa névoa nas margens e que só depois do sol estar uma hora sobre o horizonte se desfaz.” <sup>147</sup> / Nas coroas deste rio, no lugar chamado Britomatá, manifesta-se também o fenômeno da pororoca, embora com pouca força, a qual vai caminhando 5 léguas até o lugar Itapeoa. / Aparece com intensidade quando a maré é grande e há também esperas com o Mearim. (Marques, [1826 -1900 (2008)] p. 881)				

<b>Ficha Toponímica n° 176</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Riacho	Ubim	Fitotopônimo	Tupi	Simples
<b>Etimologia</b>	<b>UBI</b> , ubim: nome de várias palmeiras. (Gregório, 1980, p. 1194)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

<b>Ficha Toponímica n° 177</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>

XX - XXI	Baixão	Urubuquara	Zootopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	<b>Urubuquara</b> ([uru] + cuara) = esconderijo dos urubus, furnas ou furo dos urubus; nome de pequena ilha do Rio Xingu (Amazonas), de serra do Pará e cachoeira do Rio Uaupés, Amazonas. (Gregório, 1980, p. 1207)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>	<p>Segundo a lenda “<b>Como a noite apareceu</b>” – O próprio tapuia, na sua indagação ontogenética, não se vê, nem se conhece a si mesmo, senão como emergido do fundo da cachoeira de <b>Urubuquara</b>, a juzante da grande queda d'água, do mais profundo buraco que a erosão dos elementos líquidos cavou na laje... Veio do desconhecido, e do tronco produtor, - o buraco de <b>Urubuquara</b>, - desentupido, à direita; ai nasceu o índio bom, e do buraco entupido, à esquerda, nasceu o índio mau." (Ad. Fernandes-178, pág. 282)</p> <p>"Entre as muitas residências e missões que há pelo Rio Grão Pará acima,... há uma... que se vê em um sitio chamado <b>Orobucara</b>, que significa <b>cova dos corvos</b>." (Fr. A. de Santa Maria-120, tomo 9, pág. 399) (Gregório, 1980, p. 1207)</p>				

<b>Ficha Toponímica nº 178</b>					
<b>Século do Mapa</b>	<b>Elemento Geográfico</b>	<b>Hidrônimo</b>	<b>Taxionomia</b>	<b>Língua de Origem</b>	<b>Morfologia</b>
XX - XXI	Rio	Zutiua	Fitotopônimo	Tupi	Simple
<b>Etimologia</b>	ZUTIUA – rio do Maranhão; alt. de <b>ju-tyba</b> , lugar de muitos espinhos. (Tibiriça, 1985, p. 120)				
<b>Notas Enciclopédicas</b>					

## CAPÍTULO V

### Análise dos dados

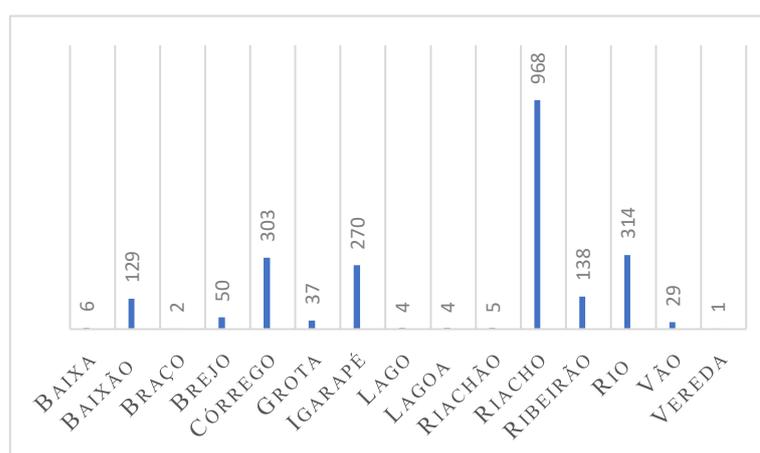
#### 5.1 Os Elementos hidrográficos: o que mostram os dados

Neste subitem foi feita uma análise dos nomes dos elementos hidrográficos extraídos para a composição do *corpus* da pesquisa, tendo em vista que “o topônimo propriamente dito não pode ser estudado sem considerar-se o elemento geográfico ao qual se vincula, analisa-se o sintagma toponímico – bloco composto pelo elemento genérico (entidade geográfica denominada) e o elemento específico (o nome ou topônimo propriamente dito).” (CARVALHINHOS, 2008, p. 177). De acordo com a autora,

as entidades geográficas que recebem o nome (também chamadas acidentes geográficos), são, tanto quanto os nomes propriamente ditos, elementos cruciais na análise do sintagma toponímico, pois também carregam traços linguoculturais do denominador, em termos de substância semântica.

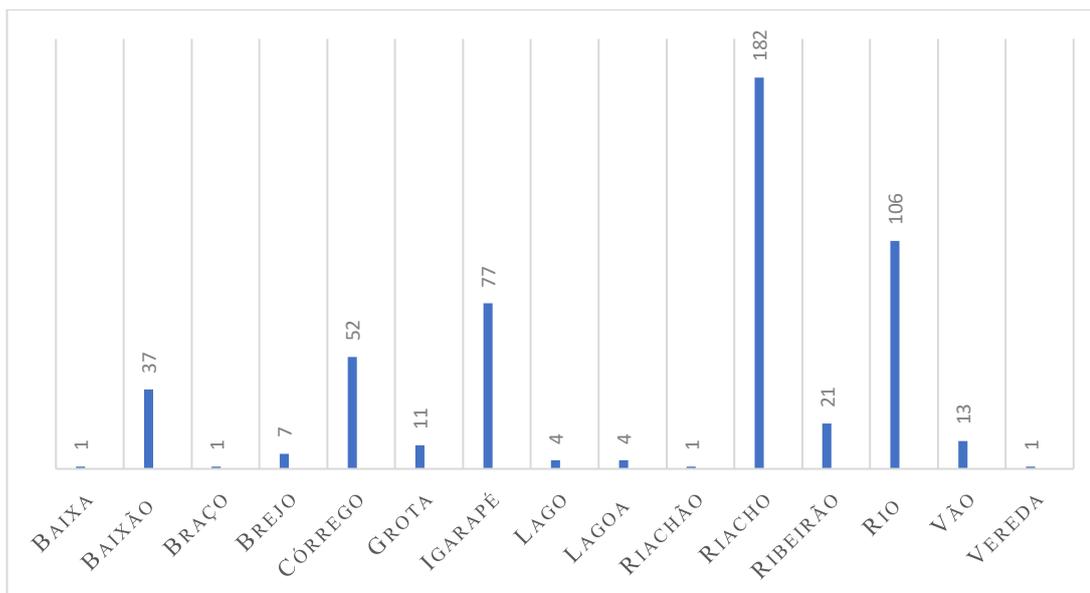
Desse modo, o *corpus* da pesquisa é composto pelos nomes antigos e atuais da hidrografia maranhenses, obtidos nas fontes selecionadas. Nas fontes antigas o total de hidrônimos coletados foram de 9 no séc. XVII, 17 no séc. XVIII, e 31 no séc. XIX, já nos mapas atuais obtemos o total de 2260. O Gráfico 01 demonstra o quantitativo dos elementos hidrográficos no Maranhão recolhidos no Mapa da ANA (2013).

**Gráfico 01:** Distribuição geral dos termos específicos no Maranhão

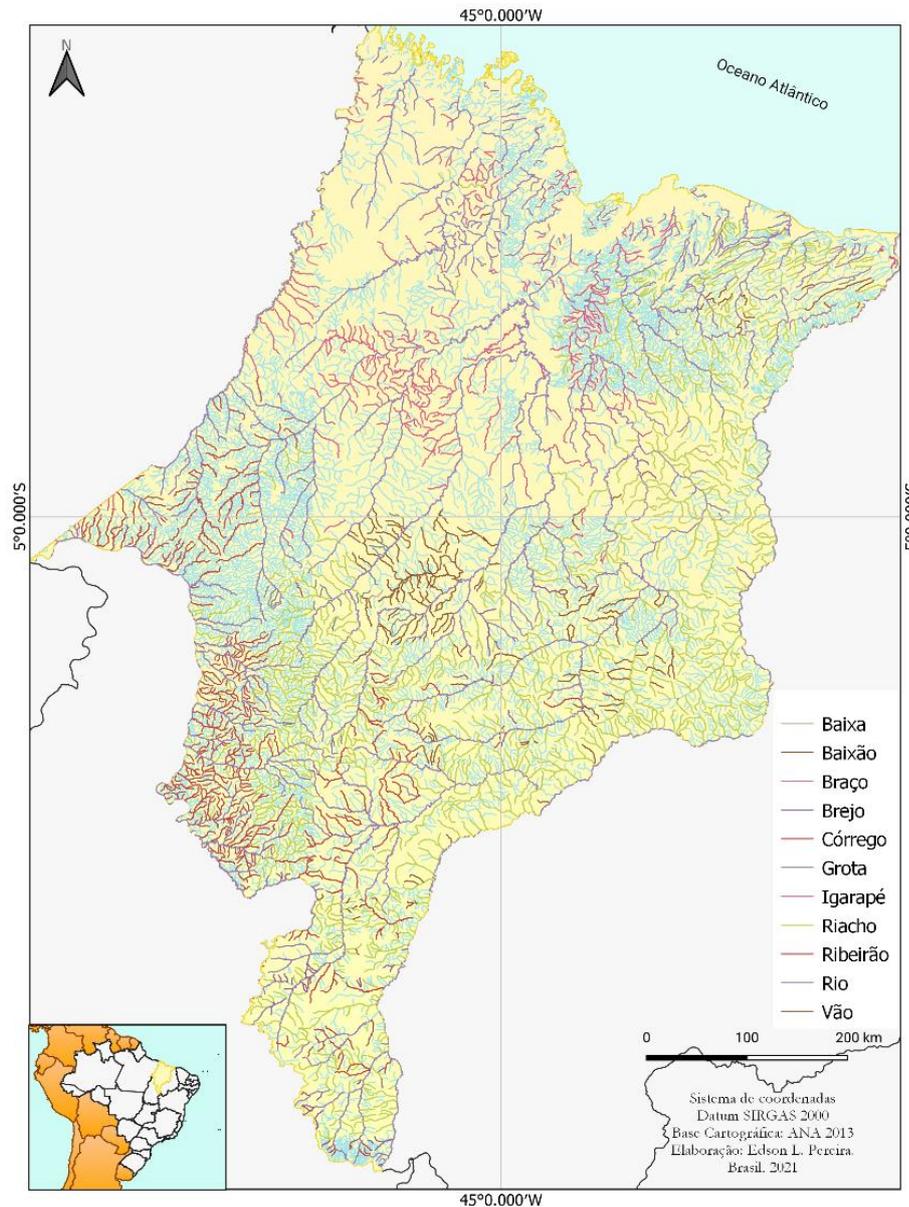


Conforme o Gráfico 02, no Estado do Maranhão foram coletados 2.260 elementos hidrográficos, sendo os mais recorrentes a forma *riacho*, com 968 registros, *rio*, com 314 ocorrências e *córrego*, com 303 dados. Entre os menos recorrentes, encontram-se *baixa*, com seis ocorrências e *braço*, com dois registros.

Desses 2.260 elementos hidrográficos encontrados no Maranhão, foi possível identificar um total de 518 que fazem parte do sintagma toponímico, cujo elemento específico é indígena, perfazendo um percentual de 22,28% da hidrografia maranhense, conforme demonstrado no Gráfico 02.

**Gráfico 02:** Distribuição dos termos genéricos que acompanham o termo específico indígena

Assim, no que diz respeito ao *corpus* final da tese, coletamos os seguintes elementos hidrográficos – *braços, baixa, baixões, brejos, córregos, lagos, lagoas, grotas, rios, riachos, riachão, ribeirões, grotas, vão, vereda e igarapés*. O Mapa 21, a seguir, possibilita uma melhor localização desses elementos no Estado.

**Mapa 21:** Elementos hidrográficos no Maranhão

Fonte: Elaborado pelo Autor

Considerando que Trujillo (1979 *apud* TRAPERO, 1995) ressalta a necessidade que tem o toponimista de estudar as denominações geográficas de cada lugar como estruturas semânticas dialetais, para que o pesquisador possa, de fato, estabelecer seu verdadeiro significado, buscamos examinar a definição dos elementos hidrográficos objeto de nossa pesquisa em obras de caráter mais geral, como o *Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil*, IBGE (2010)<sup>31</sup>, no *Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil*,

<sup>31</sup> Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88835\\_v1.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88835_v1.pdf)>

Sousa (1961), no *Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico e Glossário de Termos Relacionados à Gestão de Recursos Hídricos*, Guerra (2008), mas também no *Dicionário Histórico-geográfico da Província do Maranhão*, Marques ([1870] 2008), obra que, como indica o título, tem como foco a realidade maranhense. Nessas obras, obtivemos as definições que seguem.

O elemento *baixa* é assim definido pelo IBGE

“Baixa – Ocorre em áreas rurais de algumas Unidades da Federação brasileira, como: Bahia, Maranhão, Minas Gerais e Rio Grande do Norte. Caracteriza-se por depressões do terreno ou fundo de vales, com regime hidrológico intermitente, com pouca declividade. As baixas alagam na época das chuvas e normalmente se ligam com a rede hidrográfica local [...]” IBGE (2010, p.13).

O termo *baixa*, conforme Sousa (1961, p. 23), é aplicado no Brasil com o mesmo significado de Portugal. O autor cita V. Chermont<sup>32</sup> que registrou o significado de *baixa* na ilha de Marajó como “parte do campo que fica submersa durante o inverno”. Em relação ao Estado do Maranhão, Sousa cita a obra *O Torrão Maranhense (1916, p. 148)*, de Raimundo Lopes<sup>33</sup>, onde podemos ler que “baixas são entradas de campo inundáveis”.

As baixas encontram-se localizadas no Leste e Centro Maranhense, conforme mostra o Mapa 22.

No que diz respeito a *baixão*, o IBGE (2010, p. 14) informa que é “o mesmo que Baixa, quando referido às ocorrências em áreas sedimentares do Estado do Piauí, e o mesmo que Baixo em áreas existentes no Estado do Tocantins.”. Sousa (1961, p. 23), por sua vez, explica que o elemento é o mesmo que baixadão, e é muito utilizado no oeste da Bahia e no Piauí. Ao observarmos o Mapa 22, notamos que os baixões no Maranhão se localizam no Centro e no Leste Maranhense, onde o Estado faz fronteira com o Piauí.

Sobre esse elemento, Sousa (1961, p. 23) cita um trecho do livro *O Piauí no Centenário da Independência (1823-1923, p.33)* para mostrar que as áreas onde se encontram os baixões, são áreas de grande produtividade agrícola.

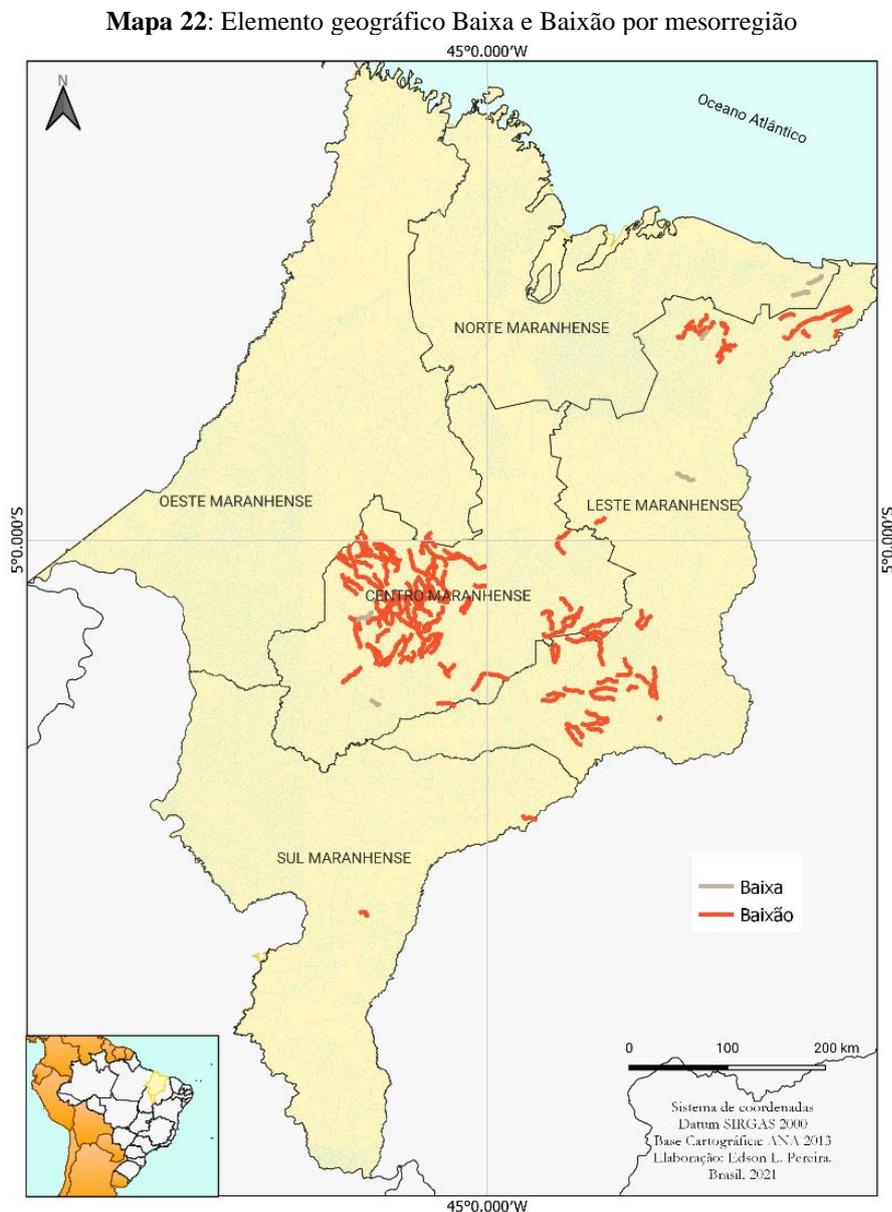
"Os imigrantes lá (em Miguel Alves, à margem do Parnaíba, 26 léguas abaixo de Teresina) chegavam de todas as paragens, atraídos pelas notícias de fertilidade das terras, dos lugares circunvizinhos, com especialidade dos extensos *baixões* que lhe ficam ao sul e ao norte e que, durante o verão, se prestam admiravelmente para a cultura do fumo, do algodão, do milho, do feijão, da abóbora, do melão, da melancia, da batata e toda sorte de hortaliças, verduras e tubérculos. Nesses *baixões*, numa extensão de muito mais de légua quando fertilizados pelo húmus das cheias do rio, formam-se as *vazantes*, que, trabalhadas durante quase meio século, são realmente a

<sup>32</sup>Vicente Chermont de Miranda - *Glossário Paraense (1905)*

<sup>33</sup>Raimundo Lopes foi um pesquisador maranhense nas áreas de Geografia, Etnografia, Etnologia, Antropologia, História e Sociologia.

maior riqueza do Município, sobretudo, pelo cultivo do fumo que nelas se faz em avultada escala"

Na terminologia geográfica maranhense, Marques (2008, p. 181 [1870]) informa que *baixão* é um “termo sertanejo, significa uma depressão de extraordinário comprimento e largura entre chapadas ou serras.”



Fonte: Elaborado pelo Autor

O elemento *brejo*, conforme o IBGE (2010, p. 14), é formado por “Terreno normalmente planificado, pantanoso, encharcado, com ocorrências nas cabeceiras dos rios, ou a partir do transbordamento dos mesmos, com registros nos Estados da Bahia, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Piauí e Tocantins.”. Em Sousa (1961, p. 49), encontramos a seguinte

informação: “além da sua significação vernácula, informa Rodolfo Garcia que, nos Estados do Nordeste, esta palavra designa terreno onde os rios se conservam mais ou menos permanentes, geralmente fértil, devido aos transbordamentos anuais, por ocasião das chuvas.”. Ainda, segundo Sousa,

“Há, na Paraíba, a chamada região do *Brejo* que se estende entre a região da catinga e a zona dos Cariris: é uma faixa agrícola por excelência, que tem, segundo Coriolano de Medeiros, 100 quilômetros de comprimento sôbre 50 da largura e onde se acham situados terrenos de oito municípios do Estado. Distendido na chapada da Borborema, o *Brejo* é o empório do Estado pela fertilidade de seu solo e variedade dos produtos agrícolas: dêle fazem parte as terras que os matutos denominam catinga brejada e capoeira brejada. É o “oásis de graça e de fartura para prover às crises que nos salteiam”, escreveu José Américo de Almeida. Sabemos por informação local que, no município de Valença, do Estado da Bahia, chamam brejo às plantações de arroz, isto, provavelmente, porque procuram os lavradores as terras úmidas e frescas (de brejos) para a referida cultura.” Sousa (1961, p. 49)

No Glossário de Termos Relacionados à Gestão de Recursos Hídricos (2008, p. 15), o termo *brejo* aparece como “Terreno molhado ou saturado de água, alagável de tempos em tempos, coberto com vegetação natural própria, na qual predominam arbustos e gramíneas, com ocorrência de algumas espécies arbóreas.”. Já o *Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico* (2008, p. 96) define *brejo* como “Terreno plano, encharcado, que aparece nas regiões de cabeceiras ou em zonas de transbordamentos de rios.”

No Maranhão, Sousa (1961, p. 49) menciona Antônio Lopes<sup>34</sup> que o informou que “o nome brejo se estende a todo o lugar baixo onde há nascentes, olhos d'água, cacimbas, poças.”. Com a informação dada pelo estudioso maranhense a Sousa, podemos observar que o sentido de *brejo*, no Maranhão, vai muito além de um terreno molhado ou encharcado, pois são constantes as nascentes, olhos d'água, cacimbas, poças no Estado. Marques (2008, p. 181 [1870]), por sua vez, define *brejo*, no Maranhão, com características similares àquelas apresentadas por Antônio Lopes, ampliando um pouco mais a definição. Segundo Marques, *brejo* é uma

Espécie de tremedal ou de paul permanente, quase sempre mais extenso que largo, no sopé das encostas ou nas depressões das planícies baixas, que entre nós são chamadas vulgarmente pubas quando ocupam vasta superfície, abundante de atoleiros. / O abacate, a araruta, o arroz, a bananeira e os coqueiros da praia dão-se perfeitamente bem nos sítios dessa natureza de terreno, assaz férteis. / Como nos alagadiços ou pauis temporários, a cana-de-açúcar é também cultivada nos brejos, onde espontaneamente crescem os buritizeiros. / Os rios e riachos que correm perenemente ou durante todo o ano, são especialmente alimentados pelos abundantes olhos d'água de que se formam os brejos, esses eternos viveiros de sapos, jaçanãs, jaburus e sucurujus.

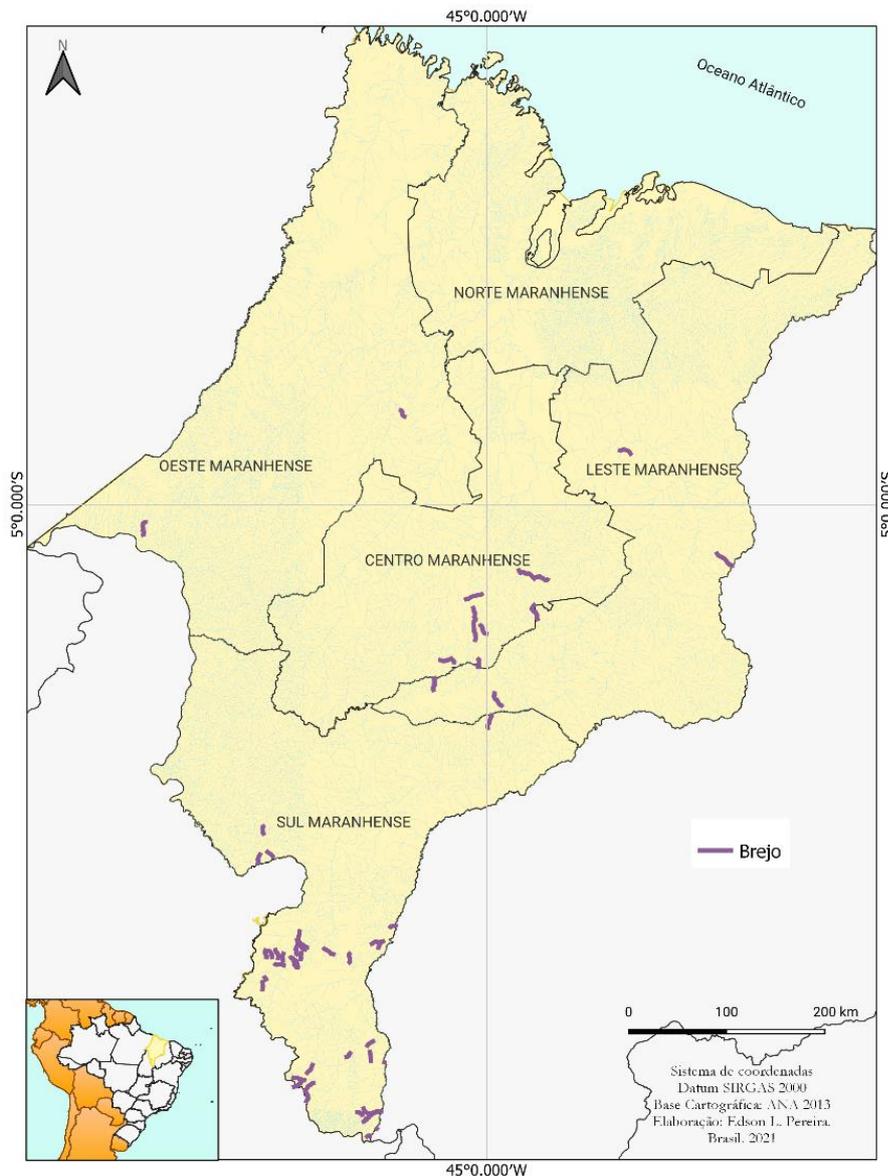
---

<sup>34</sup> Advogado, Jornalista, historiador

É possível constatar que há outra diferença em relação ao que é *brejo* nas obras estudadas, pois, no Glossário de Termos Relacionados à Gestão de Recursos Hídricos, nos brejos “predominam arbustos e gramíneas, com ocorrência de algumas espécies arbóreas”, já nos brejos maranhenses é evidenciado o cultivo de cana-de-açúcar, abacate, araruta, arroz (como na Bahia), banana, coco da praia, além do buriti.

No Maranhão, os brejos estão localizados com maior frequência na mesorregião Sul Maranhense e com resquícios no Centro, Leste e Oeste Maranhense como mostra o Mapa 23.

**Mapa 23:** Elemento geográfico brejo por mesorregião

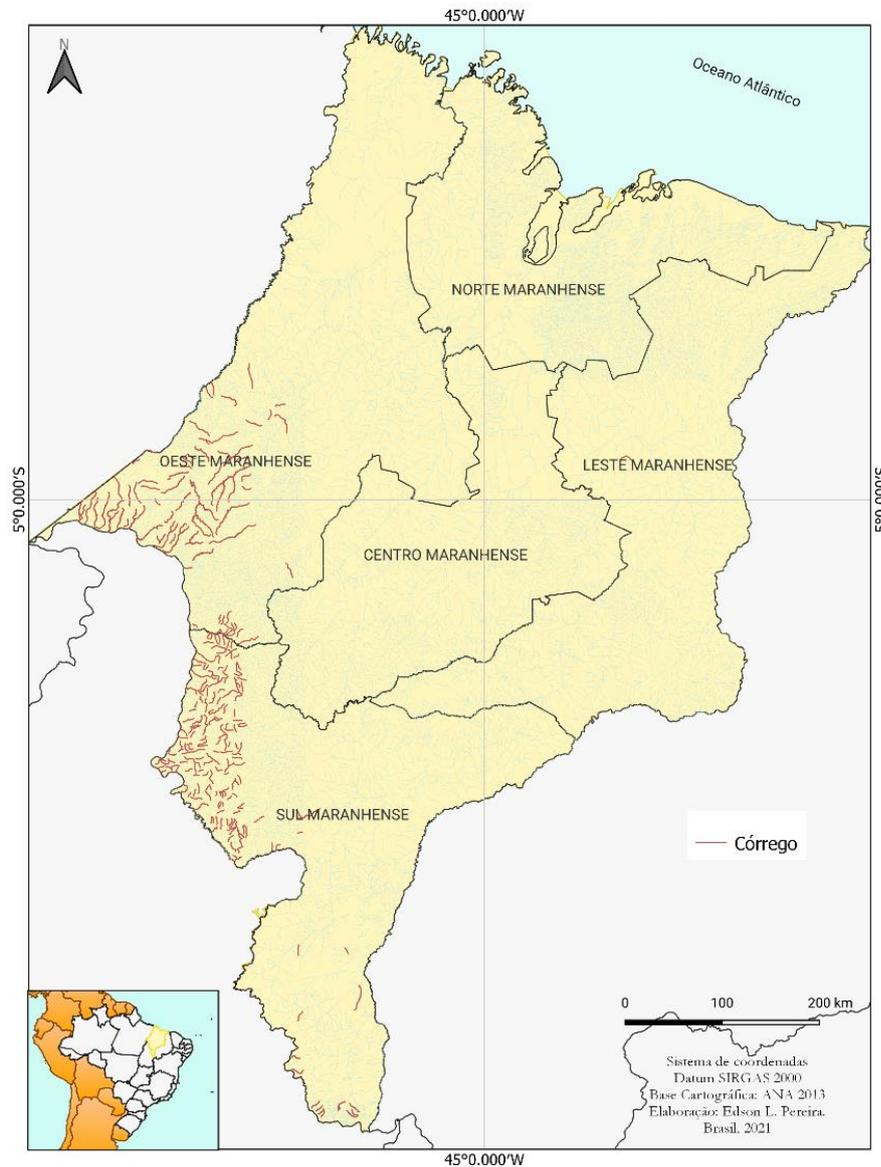


+

Fonte: Elaborado pelo Autor

O elemento hidrográfico *córrego*, segundo o glossário do IBGE (2010, p.16), é o curso “de água corrente de pequeno porte. Ocorre em todas as regiões fisiográficas brasileiras, na maioria das Unidades da Federação.”. No Maranhão, está presente no Oeste e Sul, conforme o Mapa 24.

**Mapa 24:** Elemento geográfico Córrego por mesorregião



Fonte: Elaborado pelo Autor

*Igarapé*, conforme o IBGE (2010, p.18), é o “Canal natural estreito e navegável por pequenas embarcações, que se forma entre duas ilhas fluviais ou entre uma ilha fluvial e a terra firme [...]”.

O elemento *igarapé*, conforme Sousa (1961, p. 169 – 170), tem sua base etimológica indígena e significa “trilha de canoa: de *ygara* noa e *apé* caminho. Termo da Amazônia que nomeia os rios pequenos ou riachos somente navegados pelas canoas (*igara*, *igaratim*, *igarité*, *ubá*, *montaria*). Os igarapés têm o aspecto de esteiros ou braços de rio que penetram em direitura ao interior das terras.”

Conforme Dick (1990b, p. 205 - 206), os igarapés “seriam, assim, acidentes geográficos comuns, acrescidos, porém, de um conteúdo semântico específico, atribuído pela própria natureza lexicológica do termo, que o distinguiria da generalidade significativa dos esteiros e canais.”

Souza (1961) cita que, na Onomástica, Rodolfo Gracia aponta que, no “litoral do Maranhão e do Piauí, chamam igarapé o que nos outros Estados se denomina *camboa* ou *gamboa*”, mas logo segue dizendo que, conforme o pesquisador maranhense e na época Secretário do Instituto de História e Geografia do Maranhão, Antônio Lopes, em carta enviada a ele, faz parecer que o termo *igarapé*, não tem no Estado a mesma designação de *camboa*, aparecendo “sempre como braço de rio entrando na costa”.

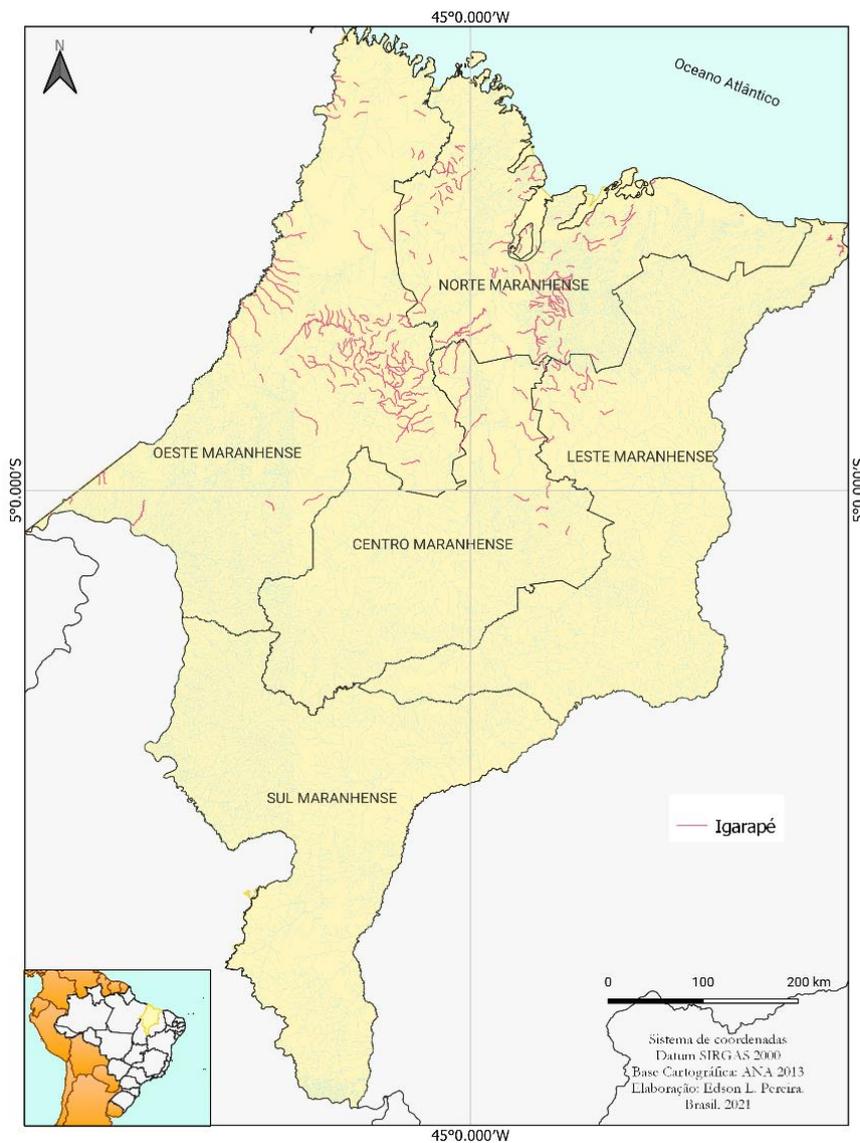
Nessa perspectiva, vamos além e citamos Claude d’Abbeville (1615), que, ao realizar visita às 27 aldeias que existiam na ilha de São Luís, registrou o nome de uma dessas aldeias como “*Itapari*, isto é, viveiro ou *camboa* de peixe de que existe dois ou três muito bons na aldeia.” (D’ ABBEVILLE, 2008 [1615] p. 188). Ainda conforme nota de rodapé em D’Abbeville (2008 [1615] p.132), “ITAPARY – ‘nom de lieu – *Itapari*, que segundo Bettendorff é assim chamada em razão das *camboas* que havia para a banda da baía de São José – De *itá*, pedra, *pari*, cercado, curral.”. Dessa forma, afirmamos que o Igarapé não é a mesma coisa que *camboa*. Vale ressaltar que ainda hoje é possível encontrar as *camboas* no Estado, e ainda na mesma região citada na nota.

Por meio do Mapa 25, podemos ratificar o que disse Antônio Lopes ao afirmar que o igarapé é sempre um braço de rio entrando na costa. Como podemos observar, a maioria dos igarapés no Maranhão está localizada no Norte e Oeste Maranhense, perto de rios que vão desaguar no Oceano Atlântico.

Dick (1990b, p. 202) afirma que o sistema hidrográfico da região Norte do Brasil deixou uma grande contribuição para a geografia linguística brasileira. Segundo a autora, *igarapé* e *paraná* são duas formas do tupi, que definem “uma tipologia de acidente, que, como designativos comuns, não ocorrem em outras áreas”. Embora *paraná* não tenha ocorrência como elemento hidrográfico no Maranhão, *igarapé* é bem recorrente no Estado e alguns deles,

como evidencia o Mapa 25 situam-se no Oeste Maranhense, fronteira do Maranhão e Pará, limite do Norte e Nordeste. Ainda sobre *igarapé* e *paraná*, Dick (1990b, p. 202-203) aponta ainda que esses “vocábulos experimentaram um processo de **fossilização** em seu sentido originário, principalmente o segundo deles que, na parte mais meridional do território, evoluiu para **nome próprio**, afastando-se, assim, do seu primitivo e correto uso.”.

**Mapa 25:** Elemento geográfico Igarapé por mesorregião

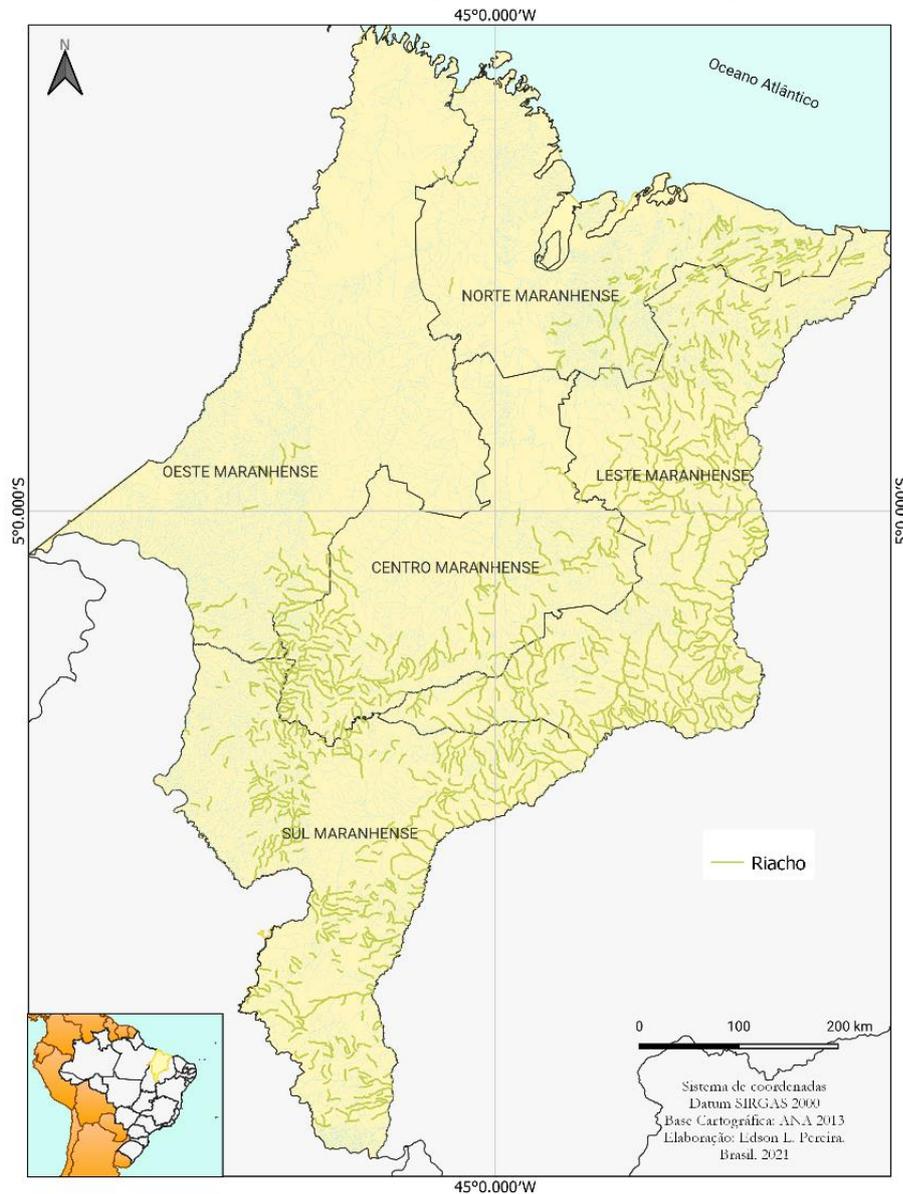


Fonte: Elaborado pelo Autor

O termo *riacho*, conforme o IBGE (2010, p.26), é um regionalismo “de ocorrência na Região Nordeste do Brasil e que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutra curso de água.”. Ainda segundo o Instituto, outro

termo regional do Nordeste é *riachão* que seria o aumentativo de riacho “sem alteração conceitual significativa. Riacho grande”, com ocorrências nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará. No Maranhão, os *riachos* aparecem em menor proporção no Oeste e Norte do Estado, conforme mostra o Mapa 26.

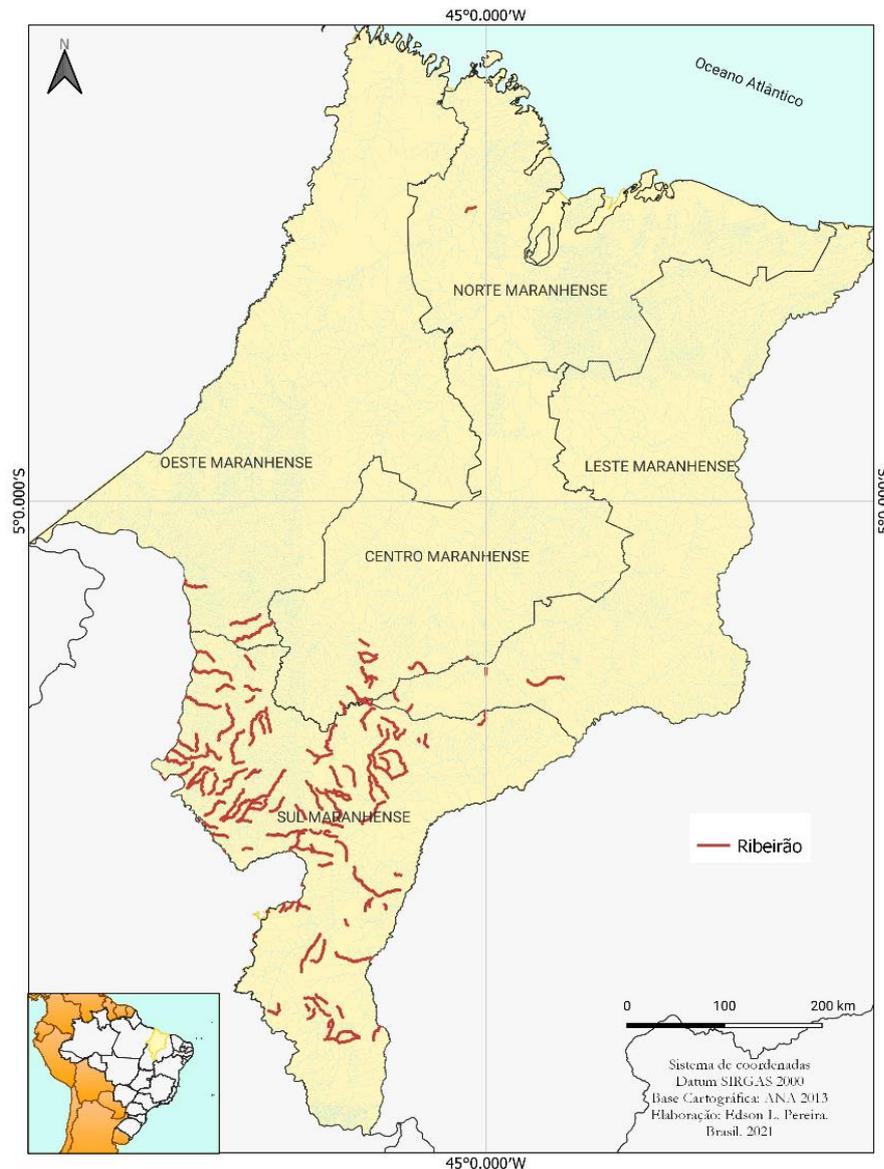
**Mapa 26:** Elemento hidrográfico Riacho por mesorregião



Fonte: Elaborado pelo Autor

O elemento *ribeirão* aparece como regionalismo de “ocorrência no Rio de Janeiro (normalmente próximo à fronteira com Minas Gerais), São Paulo (interior), Goiás e Mato Grosso e que se traduz num curso de água ou corrente de água, que flui ou desemboca no oceano, num lago ou noutra curso de água.” IBGE (2010, p.26). No Maranhão, os ribeirões aparecem principalmente na mesorregião Sul maranhense, como mostra o Mapa 27.

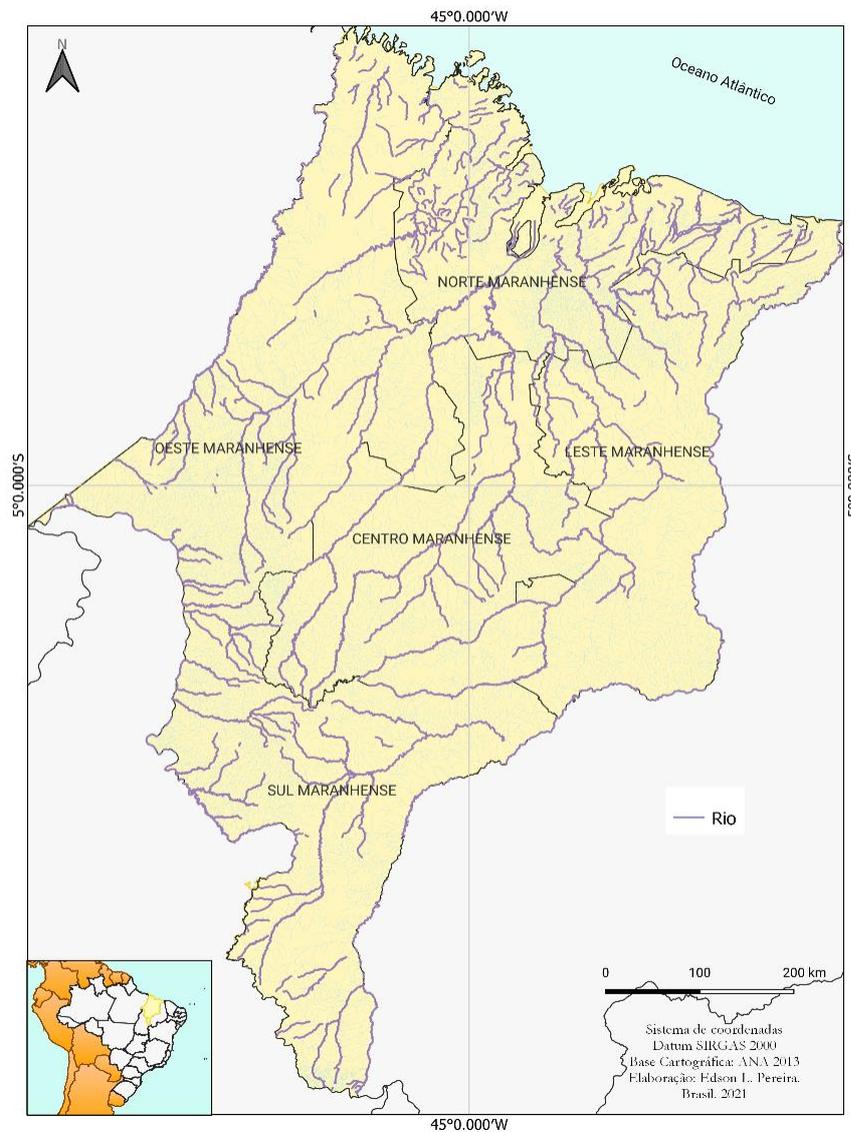
**Mapa 27:** Elemento hidrográfico Ribeirão por mesorregião



Fonte: Elaborado pelo Autor

O elemento hidrográfico *rio*, segundo o IBGE (2010, p.26), é uma corrente “líquida resultante da concentração do lençol de água num vale. Um curso de água pode, em toda sua extensão, ser dividido em três partes: 1– curso superior; 2 – curso médio; e 3 – curso inferior [...]”. Os rios podem se formar a partir das águas das chuvas, ou seja, por meio da união de vários filetes, como das fontes, derretimento de neve e geleiras, ou mediante escoamento de lagos. No Maranhão, os rios são encontrados em todas as mesorregiões do Estado, os maiores, às vezes, correm por mais de uma mesorregião, como é o caso do Itapecuru, que corta as mesorregiões Norte, Leste e Centro, como mostra o Mapa 28.

**Mapa 28:** Elemento hidrográfico rio por mesorregião



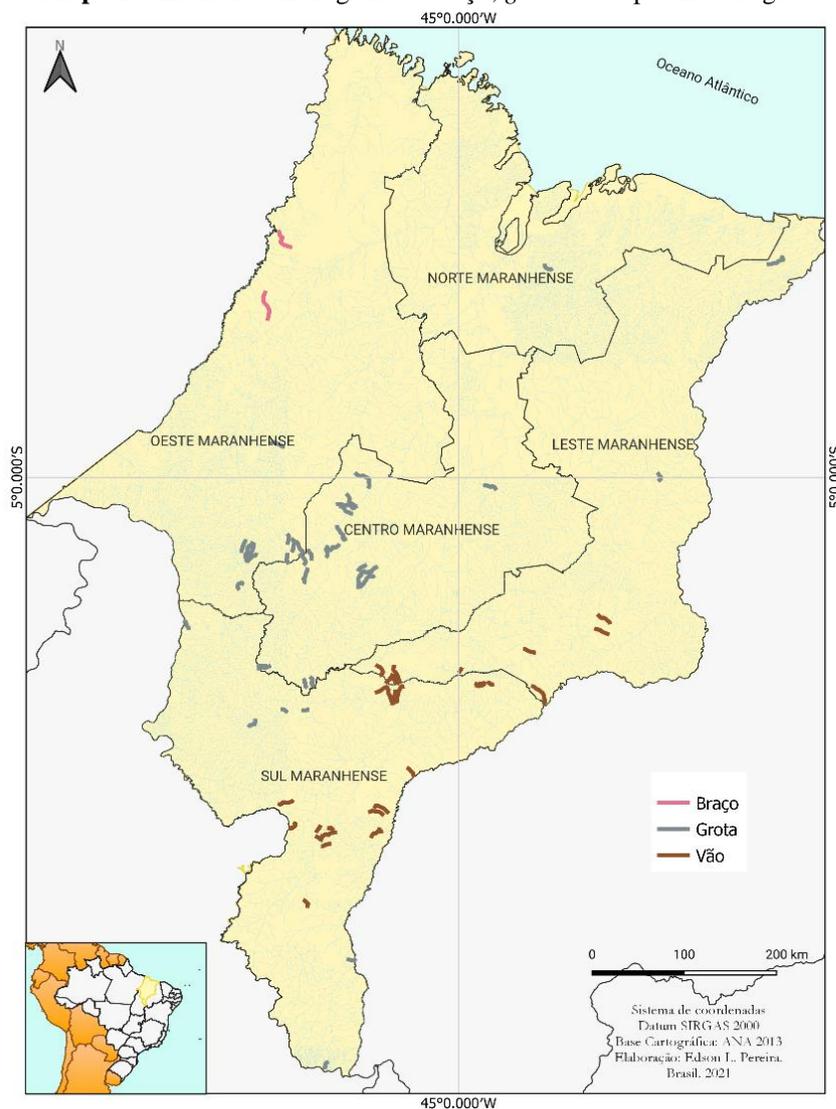
Fonte: Elaborado pelo Autor

O IBGE (2010, p. 14) define *braço* como “Trecho de rio ou de mar que adentra na terra [...]”. Guerra (2008) afirma que é um (um braço) d’água que entra no continente. No Maranhão, os *braços* aparecem no Oeste, como podemos ver no Mapa 29.

O elemento *grota* é definido como “termo regional para as depressões do solo que aparecem em encostas alcantiladas. Nas bordas dos chapadões dão frequentes essas depressões cavadas pela erosão que, quando muito grandes, são denominadas *grotões*.” (GUERRA, 2008, p. 331). O IBGE (2010), por sua vez, define *grota* como depressão úmida nas encostas. Elas aparecem no Maranhão principalmente nas mesorregiões Centro e Oeste Maranhense, conforme mostra o Mapa 29.

Conforme Guerra (2008, p.632), *vão* é o “termo regional usado no planalto goiano para designar vales profundamente escavados por onde corre um rio”. Sousa (1961, p. 331) cita a *Conferencia na Biblioteca Nacional*, em 1913, durante a qual Dr. Arrojado Lisboa, ao falar sobre os *vãos* do Piauí relata que: "Os rios em geral cortam profundamente os estratos e correm intermináveis em *apertados* ou *vãos*". No entanto, Sousa afirma que no sul do Piauí, o termo *vão* tem um significado próprio, sendo “despenhadeiro em meio dos tabuleiros tão característicos da morfologia piauiense.”. No Maranhão, os *vãos* aparecem principalmente no Sul Maranhense e no Leste Maranhense, conforme o Mapa 29.

**Mapa 29:** Elementos hidrográficos *braço*, *grot*a e *vão* por mesorregião



Fonte: Elaborado pelo Autor

O termo *lago*, conforme o IBGE (2010, p.20), aparece como cavidades no solo que ocorrem “por causas diversas e cheias de águas confinadas, mais ou menos tranquilas, pois

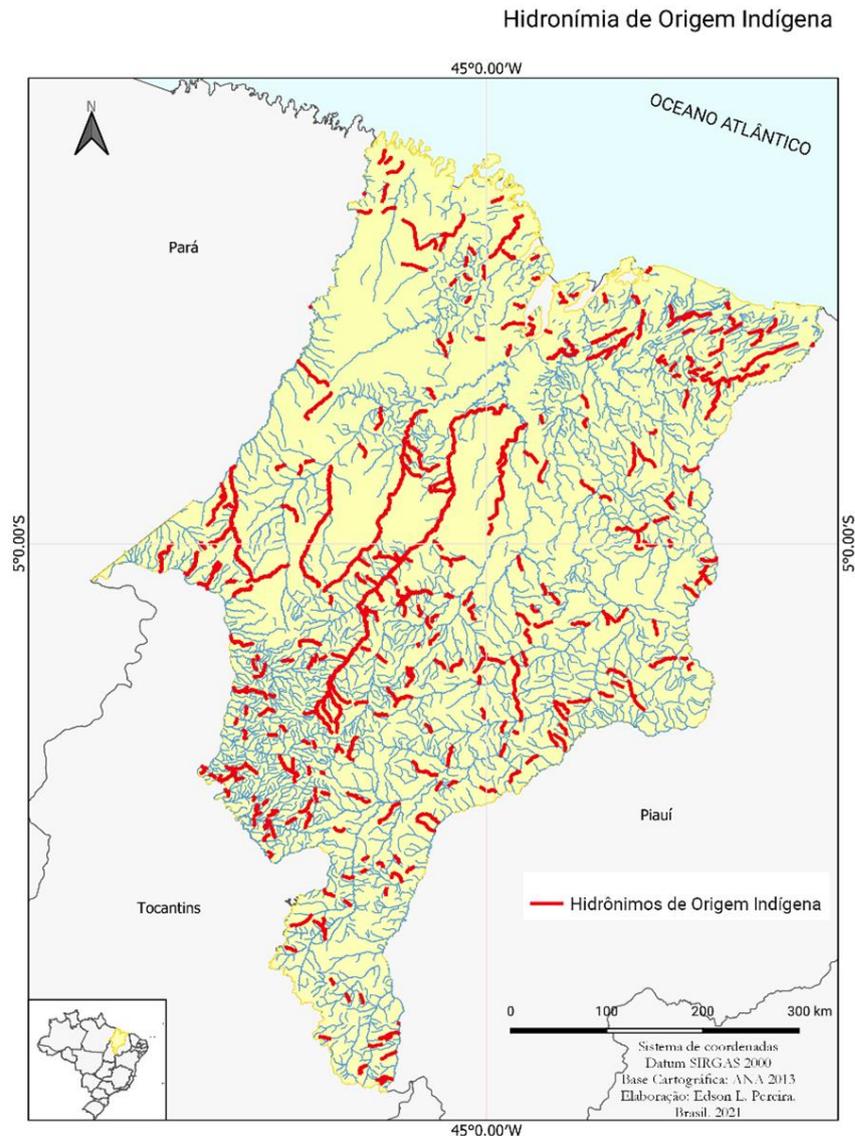
dependem da área ocupada pelas mesmas. As formas, as profundidades e as extensões dos lagos são muito variáveis. Geralmente, são alimentados por um ou mais rios afluentes. Possuem também rios emissários, o que evita o seu transbordamento [...]”.

Quanto a *lagoa*, segundo Sousa (1961, p. 184), “além do sentido comum, nos Estados do Nordeste, emprega-se esta palavra para designar uma certa quantidade d’água armazenada em conchas de mais de 20 metros.”. O autor ainda cita Neiva e Pena (1916), que fazem a seguinte observação: “Quando a profundidade é grande e o comprimento excede em muito à largura chama-se na mesma região *ipueira* ou *ipuera*.”. Guerra (2008, p. 373), por sua vez, define o termo *lagoa* como uma depressão que pode ter várias formas, sendo mais resultante de forma circular, de pouca profundidade e cheia de água doce ou salgada. Elas “podem ser definidas como lagos de pequena extensão e profundidade.”.

## **5.2 A hidronímia indígena: uma análise quantitativa**

Neste tópico apresentamos os hidrônimos indígenas que constituem nosso *corpus* e que são, portanto, objeto de uma análise quantitativa que considera as categorias *taxionomia*, *estrutura morfológica* e *natureza*. Essa análise possibilitou examinar a relação dos hidrônimos com a língua, a cultura e o ambiente.

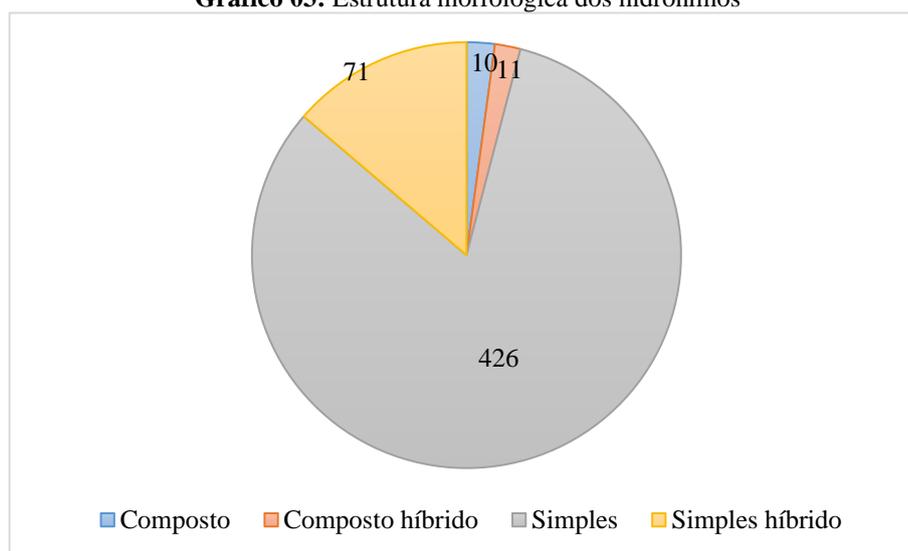
Foi coletado um total de 518 hidrônimos, conforme mostra o Mapa 30.

**Mapa 30: Hidrônimos Coletados no Maranhão**

A partir do mapa podemos observar que é significativo no estado do Maranhão um grande quantitativo de hidrônimos de origem indígena, e que esses hidrônimos estão localizados por todas as mesorregiões do Estado.

### 5.3 Estruturas morfológicas predominantes nos hidrônimos indígenas

Os 518 hidrônimos recolhidos apresentam a seguinte configuração estrutural: simples (426); simples híbridos (71); compostos (11) e compostos híbridos (10), como evidencia o Gráfico 03, a seguir.

**Gráfico 03:** Estrutura morfológica dos hidrônimos

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Dos 71 hidrônimos cuja estrutura morfológica é simples híbrida, foi possível observar que a maioria é constituída por formações realizadas por meio da derivação de substantivos de outros substantivos. Assim temos 17 hidrônimos com sufixo agentivo **-(z)eiro/(z)eira(s)**, que, segundo Azeredo (2021, p. 496), “quando aplicados a substantivos que denotam frutos, designam a árvore que *produz* tal fruto, e adota regulamente a forma masculina e feminina o gênero do nome primitivo”. Com isso, todos esses 17 hidrônimos são representados por árvores frutíferas, sendo a mais recorrente Cajueiro (8), Cajazeira (1) Cajazeiras (3), Jenipapeiro (2) e com uma aparição, Mangabeira, Pequizeiro e Pitombeira.

Recorrente também foi o sufixo **-(z)al**, que dá ideia de conjunto, aglomeração, com 25 ocorrências, assim distribuídas: Bacabal (4), Buritizal (3), Andirobal (2), Capinzal (2), Carnaubal (2), Juçaral (2), Mirizal (02), Açaizal (1), Angical (01), Aningal (1), Araparizal (1), Cupuzal (1) e Tabocal (01).

Outro sufixo encontrado no *corpus* foi **-inho/zinho(a)**, que, segundo Dick (1990b), é usado na toponímia brasileira, para indicar a ideia de pequenez, porém de modo afetivo. Nesse contexto tivemos 23 hidrônimos com esse sufixo, sendo Itapicuruzinho (5), Buritizinho (4), Bacabinha (3), Parnaibinha (2), Ararinha (2), Cipozinho (1), Mangabeirinha (1), Jezuzinho (1), Parazinho (1), Grajauzinho (1), Manausinho (1) e Sucupirinha (1).

Com duas ocorrências, temos hidrônimos com o sufixo **-land**, que designa terra, país, região, aparecendo assim Açailândia.

Em relação aos 11 hidrônimos cuja estrutura morfológica é composta, cinco apresentam em sua estrutura o vocábulo tupi **açu, guaçu** [*a'su, u'su, ïa'su*] ‘grande’, importante (CUNHA, 1989) grotta Ipixuna Açú (1), rio Ipixuna Açú (1), ribeirão do Capim Açú

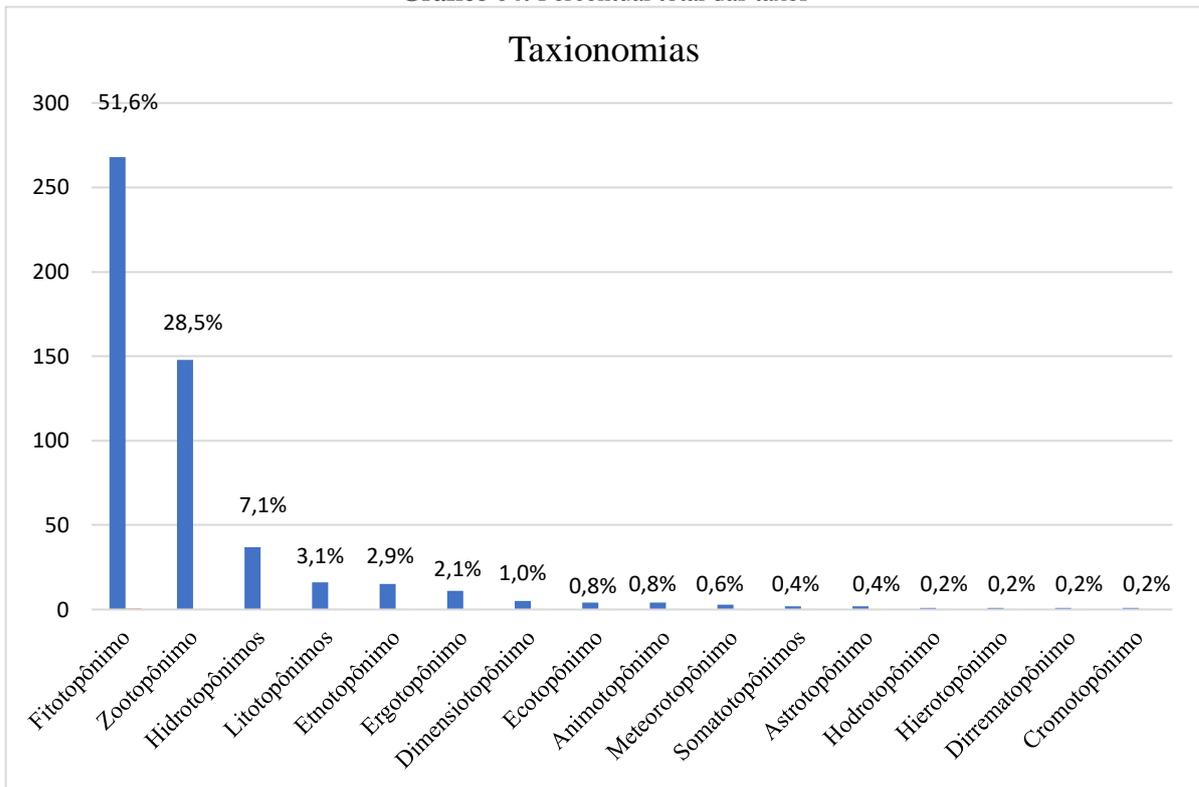
(1), rio Igarapé Açu (1), rio Peri Açu (1), e cinco, o vocábulo tupi **mirim** [mi'ri] 'pequeno', riacho Iriri-mirim (1), igarapé Peri-mirim (1), rio Peri-mirim (2), córrego Pindaré-Mirim (1). Esses vocábulos, ambos adjetivos, costumam ocorrer na língua portuguesa como elemento de composição (CUNHA, 1989). Conforme Dick (1990b, p. 85), “na toponímia brasileira, ao se analisar os nomes **descritivos puros**, não se pode ignorar a contribuição indígena, principalmente a de origem tupi, disseminada por todo o território e representada pelos termos **guaçu**, e as variantes **-açu**, **-usu**, e **mirim**, com as variantes **-im** e **i**.”

Nos compostos híbridos, tupi + língua portuguesa, podemos observar, nos sintagmas que compõem, uma forte tendência a denotar aspectos do ambiente, quer seja em termos qualitativos quer seja em termos de localização, como exemplificam estes hidrônimos: Igarapé do Igarapé Grande, Riacho Buriti Brabo, Riacho do Buriti Bravo, Riacho do Buriti Velho, Riacho do Capim Duro, Riacho Munim do Mato, Igarapé Sapucaia de Baixo e Igarapé Tamanduaí de Dentro, todos com apenas uma ocorrência, e Riacho do Buriti Seco, com duas ocorrências.

#### 5.4 Taxionomias presentes nos hidrônimos indígenas

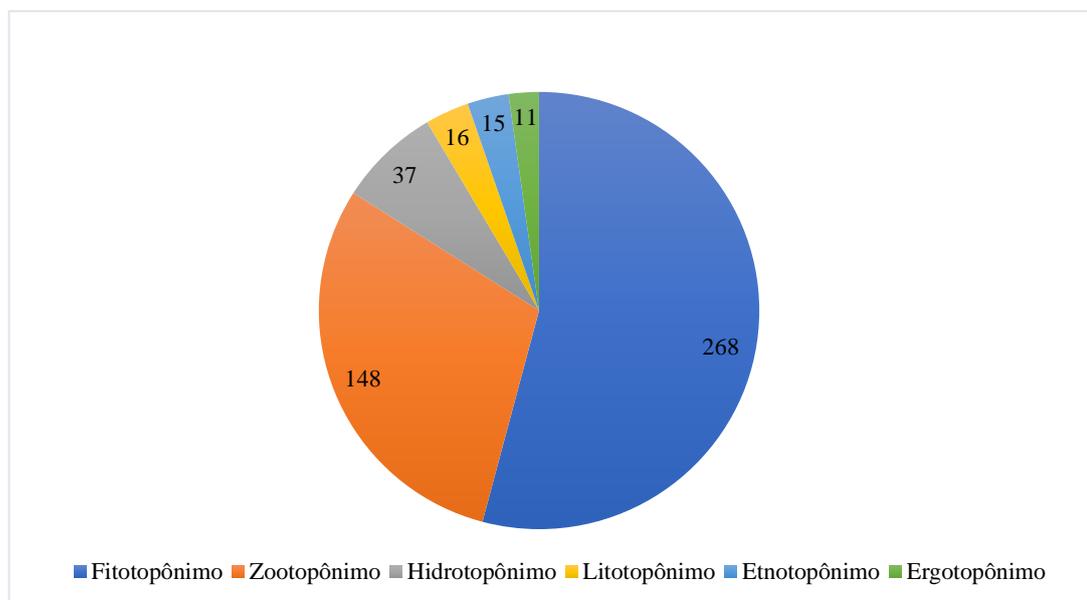
Com relação às taxes, como demonstra o Gráfico 04, no universo dos 518 hidrônimos analisados, constatamos a presença de 16 das taxes propostas por Dick (1992, p. 31-34): Fitotopônimos (267), Zootopônimos (146), Hidrotopônimos (39), Litotopônimos (16), Etnotopônimo (15), Ergotopônimo (11), Dimensiotopônimo (5), Ecotopônimo (4), Animotopônimo (4), Metereotopônimo (3), Somatopônimo (2), Astrotopônimo (2), Cromotopônimo (1), Hodrotopônimo, (1) Dirrematopônimo (1) e Hierotopônimo (1). Esses dados confirmam a ideia defendida por Sapir (1961), ao afirmar que o léxico da língua sofre influência do ambiente. De acordo com nosso estudo, os hidrônimos de origem indígena, em sua maior parte, são de Natureza Física, conforme evidencia o Gráfico 04.

**Gráfico 04:** Percentual total das taxes



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dessa forma, considerando os percentuais taxionômicos apresentados e as taxionomias de Dick (1992), constatamos que, entre os hidrônimos de origem tupi, as taxionomias mais recorrentes são as relacionadas ao meio físico: fitotopônimos (54%), zootopônimos (30%), hidrotopônimos (7%) e litotopônimos (3%); já em relação à natureza humana, os mais recorrentes foram os etnotopônimos (3%) e ergotopônimos (2%), conforme evidencia o Gráfico 05.

**Gráfico 05:** Taxionomias mais recorrentes

Fonte: elaborado pelo autor

## 5.5 Análise das três taxionomias mais recorrentes

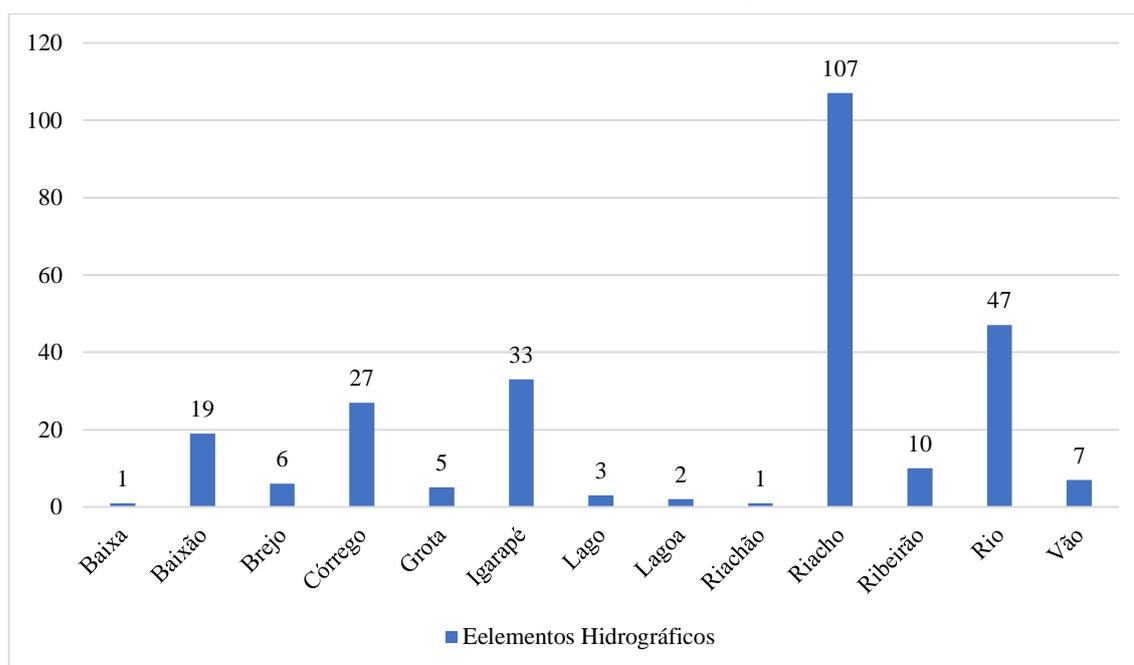
### 5.5.1 Os fitotopônimos

Dos fitotopônimos, topônimos de índole vegetal, como visto, foram 268 ocorrências perfazendo 54% dos dados, sendo encontradas as seguintes ocorrências: Açaí (1), Açailândia (2), Açaisal (2), Anajá (2), Anajatuba (2), Andiroba (1), Andirobal (2), Angical (1), Aningal (1), Aparitiua (1), Araparizal (1), Ararandeuá (3), Bacaba (7), Bacabal (4), Bacabinha (3), Bacanga (1), Bacupari(1), Bacuri (7), Bacurituba (1), Bambu (1), Bambual (2), Buriti (22), Buriti Brabo (1), Buriti Bravo (1), Buriti Seco (2), Buriti Velho (1), Buritirana (7), Buritizal (3), Buritizinho (4), Cajá (5), Cajapiá (1), Cajazeira (1), Cajazeiras (4), Caju (1), Cajuapara (1), Cajueiro (9), Campineira (1), Canajuba (1), Canarana (1), Capão (1), Capim (4), Capim Duro (1), Capim-Açu (2), Capinzal (2), Capoeiro (1), Carnaíba (1), Carnalbal (1), Carnaúba (1), Caraubal (1), Cauaçu (1), Cauaçus (1), Cipó (3), (01) Cipotil (1), Cipozinho (1), Coité (1), Coroatá (2), Croatá (2), Crueiras (1), Guarimã (1), Gurimã (1), Gurujuba (1), Humaitá (1), Ingá (1), Jamari (1), Jambu (1), Jatobá (6), Jatobal (1), Jenipapeiro (2), Jenipapo (9), Jeniparana (1), Juçara (3), Juçaral (2), Macapá (1), Macaúba (5), Macaxeira (1), Maioba (1), Mamorana (2), Mandacaru (1), Mangaba (1), Mangabeira (3), Mangabeirinha (1), Maracujá (3), Marajá (8), Mirinzal (2), Miritíba (2), Mundumbim (1), Pacova(2), Pajeú (1), Pati (1), Pequi (1), Pequiá (1), Peria (1), Peri-Açu (1), Pericumã (1), Peri-mirim (2), Perises (1), Piaçaba (1), Piaçava (1), Pindaíba (4), Piquizeiro (1), Piriá (1), Pitombeira (1), Samaúma (3), Sambaíba (2), Sapucaí (1),

Sapucaia (1), Sapucaia de Baixo (1), Sucupira (8), Sucupirinha (1), Sumaúma (1), Taboca (4), Tabocal (1), Tabocas (4), Tamboril (2), Taquari (1), Tipis (1), Tiririca (3), Tocantins (1), Tremedal (1), Tucum (4), Tucumandiva (1), Ubim (1), Zutiua (2).

Esses fitotopônimos foram coletados nos seguintes elementos hidrográficos, riacho com (40%), rio (17,54%), igarapé (12,31%), córrego (10,07%), baixão (7,09%), ribeirão (3,73%), vão (2,61%), brejo (2,24%), grota (1,87%), lago (1,12%), lagoa (0,75%) e baixa e riachão ambos com (0,37%), como mostra o gráfico a seguir.

**Gráfico 06:** Taxe dos Fitotopônimos

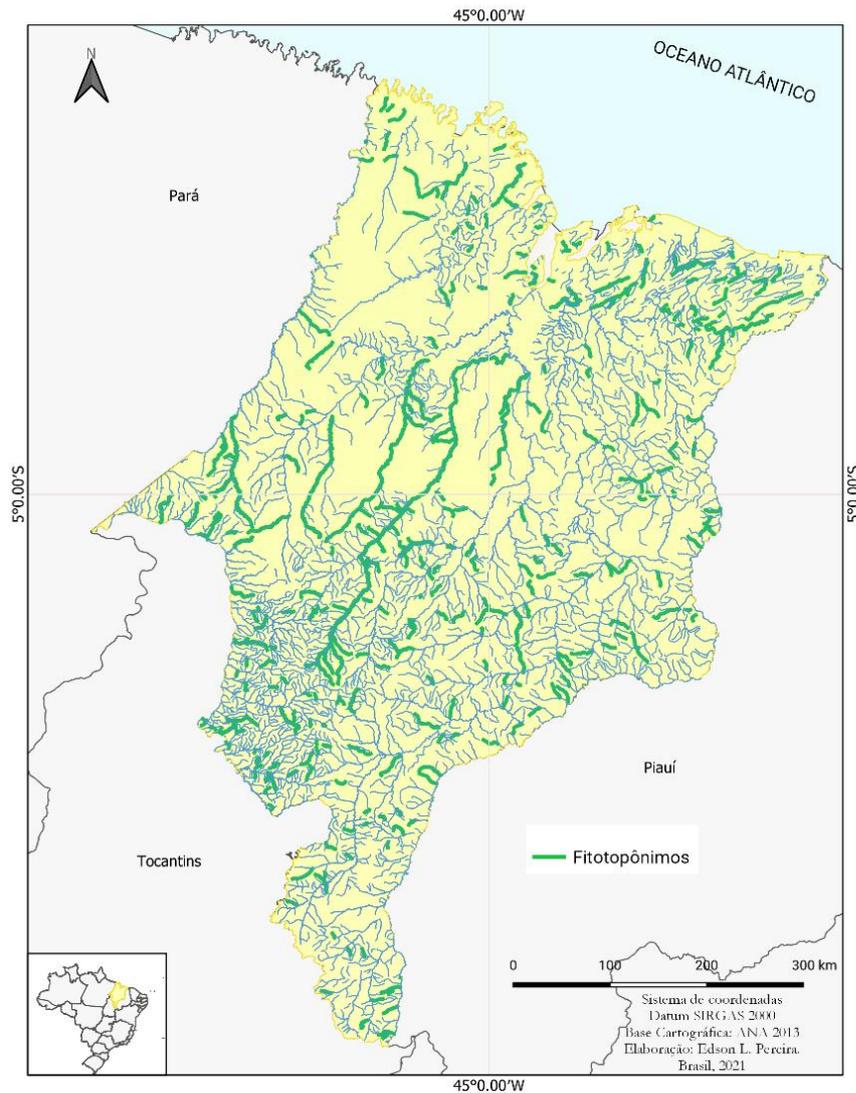


**Fonte:** Elaborado pelo autor

Considerando que 40% dos fitotopônimos estão ligados aos riachos; 17,54%, aos rios; 12,31%, aos igarapés; 10,07%, aos córregos, e 7,09%, aos baixões, podemos dizer que em sua maioria os fitotopônimos ocupam todo o estado do Maranhão com menor frequência no Oeste do Estado, conforme o Mapa 31.

**MAPA 31: Fitotopônimos no Maranhão**

Taxionomia Fitotopônimo

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Considerando o batismo do elemento hidrográfico pelos fitotopônimos, constatamos que o principal vegetal desse batismo foi o Buriti com 22 ocorrências, além das variações – Buriti Brabo (1), Buriti Bravo (1), Buriti Seco (2), Buriti Velho (1), Buritizal (3) e Buritizinho (4) – totalizando, portanto, 34 nomeações, que se encontram assim distribuídas: riachos (19), rios (12), baixões (2), igarapé (1) e córrego (1).

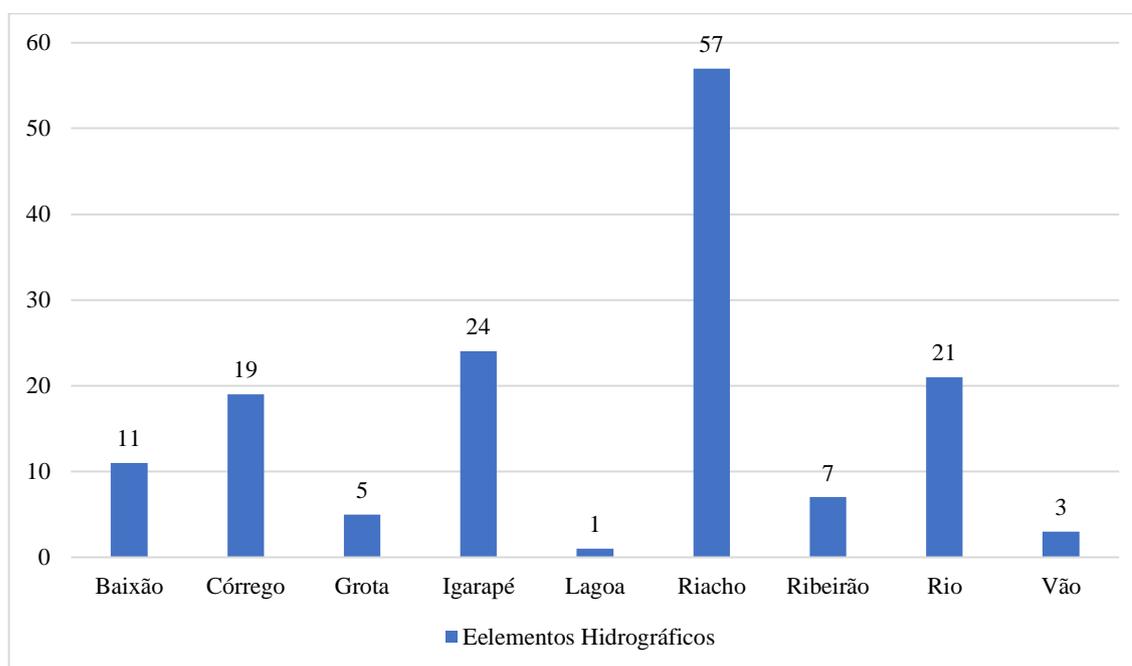
Logo em seguida vem Bacaba com sete ocorrências às quais se somam suas variações – Bacabal (4) e Bacabinha (3) –, perfazendo um total de 14 nomeações.

### 5.5.2 Os zootopônimos

Com relação aos zootopônimos, isto é, topônimos relativos a animais, obtivemos o total de 148 registros, o que significa 30% dos dados, que estão assim distribuídos: Acauã (1), Arapapá (1), Arapará (1), Arara (2), Araras (2), Ararinha (1), Aurá (1), Burical (1), Caititu (2), Campinima (1), Capivara (2), Capivaras (1), Caracará (1), Caraíba (1), Caraíbas (3), Catingueiro (1), Conduru (1), Cotias (1), Craúna (2), Cupuzal (1), Curica (1), Curicaca (1), Curimatá (4) Cururu (1), Cururupu (1), Cutia (2), Grajauzinho (1), Guará (2), Guarapiranga (1), Guariba (2), Guaribas (2), Guarimã (1), Inhuma (2), Inhumas (2), Intã (1), Iririaçu (1), Iriri-mirim (1), Jaboti (1), Jabuti (4), Jacaré (4), Jacu (12), Jandiá (1), Jararaca (1), Jeju (2), Jezuzinho (1), Juraraita (1), Juriti (1), Mandi (1), Maruim (1), Mucura (1), Murajuba (1), Mutum (2), Pacas (4), Papagaio (8), Peba (1), Pebas (1), Piaba (2) Pirangi (1), Piranha (1), Piranhas (1), Piranji (1) Pirapemas (1), Piratininga (1), Piriá (1), Poti (1), Preguiças (1), Pucimã (1), Pucumã (2), Quati (1), Sambaíba (1), Satuba (3), Suçupara (2), Suçuarana (1), Sucuri (1), Sucuriju (2), Sucuriú (6), Sucuruiú (1), Sucuruju (1), Tamanduá (1), Tamanduái (1), Tamanduái de Dentro (1), Tiúba (2), Traíra (2), Traíras (1), Urubiquara (1), Urubu (2), Uruçu (1).

Esses zootopônimos batizam os seguintes elementos hidrográficos: riachos (38,51%), igarapés (38,51%), rios (14,19%), córregos (12,84%), baixões (7,43%), ribeirões (7,43%), grotas (7,43%), vãos (2,03%) e lagoa (0,68%), como demonstrado no Gráfico 07 a seguir.

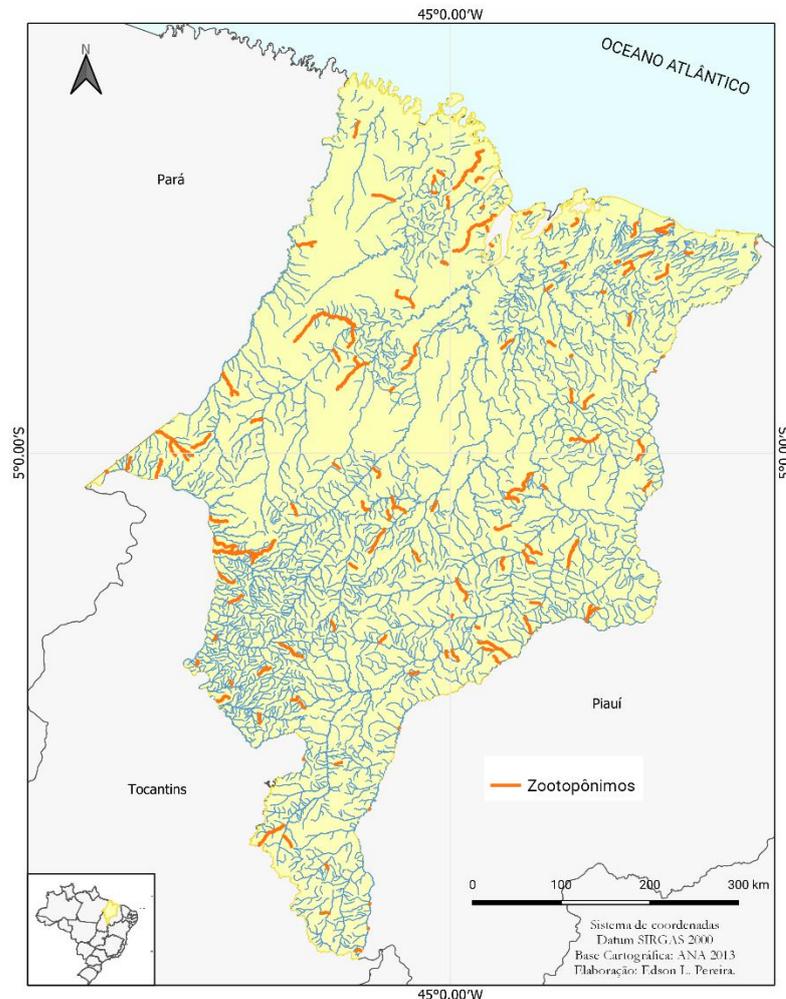
**Gráfico 07:** Taxe Zootopônimo



**Fonte:** Elaborado pelo autor

Assim como o fitotopônimos, os zootopônimos também estão situados em todo Maranhão e, como podemos observar no Mapa 32, essa distribuição é uniforme no Estado.

**MAPA 32: Zootopônimos no Maranhão**  
Taxionomia Zootopônimo



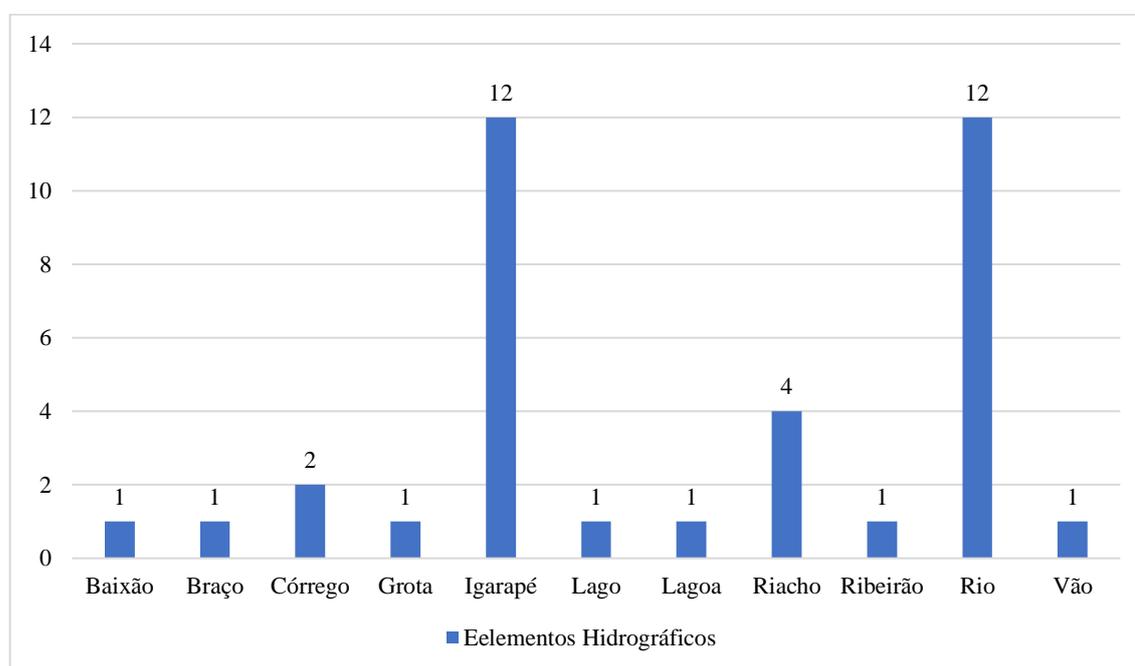
Fonte: elaborado pelo autor

### 5.5.3 Os hidrotopônimos

Os hidrotopônimos, topônimos relativos a cursos d'água, tiveram o total de 37 ocorrências, o que significa 7% dos dados, assim distribuídos: Achuí (1), Axuí, (1) Codó, (01) Grajaú (1), Guamaré (1), Gurupi (1), Igarapé (1), Igarapé Aparitiua (1), Igarapé Grande (1), Igarapé-Açu (1), Iguará (1), Imbuacu (1), Ipanema (1), Ipiranga (2), Ipixuna (1), Ipixuna Açu (2), Ipueira (1), Ipueiras (1), Itinga (2), Jacaraí (1), Jundiá (2), Mearim (1), Muju (1), Paraná (1), Paranãs (1), Parazinho (1), Parnaíba (1), Parnaibinha (2), Peritoró (1), Pipiri (1), Tibiri (1), Tiquara (1).

No que diz respeito ao batismo do elemento hidrográfico, os hidrotopônimos estão assim distribuídos: rios e igarapés ambos com 32,43% dos dados, seguido por riachos com 10,81%, córregos com 5,41% e baixões, braços, grotas, lagoas, lagoas, ribeirões e vãos, cada um com 2,70%, como visto no Gráfico 08, a seguir.

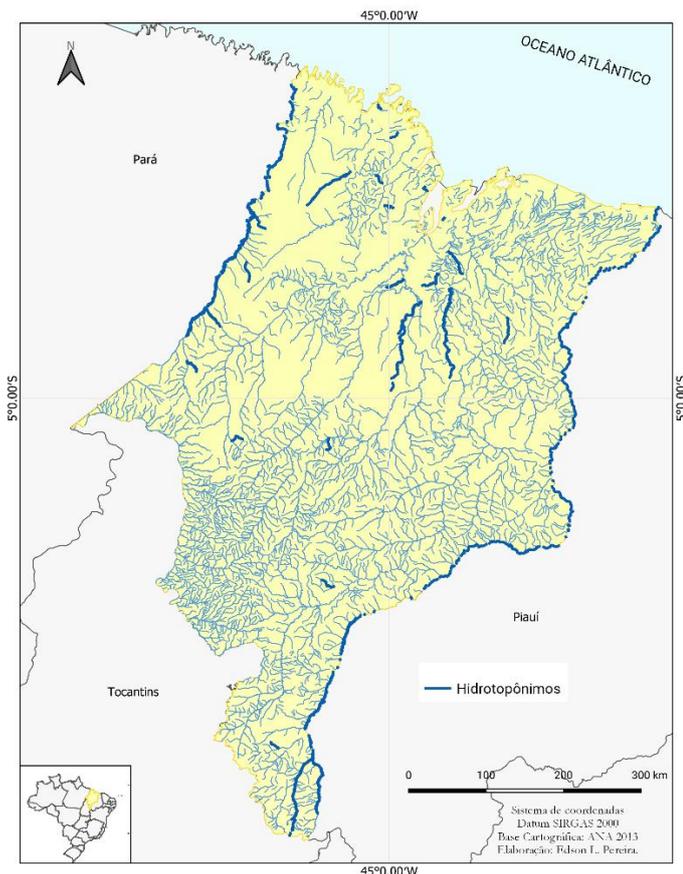
**Gráfico 08:** Taxe hidrotopônimo



**Fonte:** elaborado pelo autor

Os hidrotopônimos, em sua maioria, estão localizados no Norte e no Oeste do Estado e ainda na fronteira do Maranhão com o Piauí, e batizam principalmente rios e igarapés, como mostra o Mapa 32 a seguir.

**MAPA 33: Hidrotopônimos no Maranhão**  
Taxionomia Hidrotopônimo



### 5.6 Percorso Onomástico dos hidrônimos

Realizando o percurso onomástico-das duas principais taxionomias presentes em nosso estudo – fitotopônimos e zootopônimos –, nas obras de D’Abbeville (1612), Yves D’Évreux (1613 - 1614), Lisboa (1625 - 1631) e Maranhão (1891), podemos observar que vários desses hidrônimos foram registrados pelos primeiros padres e freis que visitaram o Maranhão, conforme os Quadros 04 a seguir.

Vale ressaltar que o próprio Frei Maranhão (1891, p. 187) afirma que no “Maranhão conservam nomes da língua geral a maior parte das plantas, animais, rios e sítios (...) correm também alguns vocábulos da mesma entre o vulgo”. Assim, por meio deste percurso ratificamos o que Frei Maranhão já registrava naquela época.

Quadro 04: Registro dos Fitotopônimos

Fitotopônimo	Maranhão 1891	Lisboa 1625 - 1631	Yves D'Évreux 1613-1614	D'Abbeville 1612
Açaí				
Açailândia				
Açaizal				
Anajá	Anajá <sup>35</sup>			
Anajatuba				
Andiroba	Andirobeira <sup>36</sup>			
Andirobal				
Angical	Angico <sup>37</sup>			
Aningal				
Aparitua				
Araparizal				
Ararandeua				
Bacaba	Bacába <sup>38</sup>			
Bacabal				
Bacabinha				
Bacanga				
Bacupari				
Bacuri	Bacuri <sup>39</sup>			Pacoury <sup>40</sup>
Bacurituba				
Bambu				
Bambual				
Buriti			Muritis <sup>41</sup>	
Buriti Brabo				
Buriti Bravo				
Buriti Seco				
Buriti Velho				
Buritirana				
Buritizal				
Buritizinho				

<sup>35</sup> “espécie de pequena palmeira espinhosa; produz uns caxos de fruta quazi do tamanho de ovo de galinha, casca liza e amarelada, tem em roda de um grande caroço uma massa amarela, pouco gostosa; no **centro** do caroço está uma amêndoa oleosa.”. Maranhão (1891, p. 142 - 143)

<sup>36</sup> “arvore grande, de madeira forte, cujo fruto se xama andiroba. Produz uma capsula de tamanho de uma grande maçan pontuda, e xeia de certas castanhas, das quais se extrae azeite para luzes, mezinhas e sabão. O **Munim** abunda d’estas arvores, cuja matas são do povo. Maranhão (1891, p. 143)

<sup>37</sup> “*Angico* ou *paricá*, arvore grande, de madeira fina e avermelhada. A sua rezina cura a tose.”. Maranhão (1891, p. 143)

<sup>38</sup> “espécie de pequena palme espinhoza, que produz baga como a do louro; d’ela se faz uma bebida, que tem o mesmo nome. O caroço é oleoso.”. Maranhão (1891, p. 143)

<sup>39</sup> “é semelhante a uma grande pecego, de casca rezinoza com meia polegada de grossura, a qual encerra 3 ou 4 caroços da feição de gomos de laranja, e rodeados de massa agri-doce, branca e pegajosa. Da casaca se faz doce, e da massa bôa geléa.”. Maranhão (1891, p. 144 - 145)

<sup>40</sup> arbre –... Son fruit est gros comme deux poings qui a la peau espesse d’une demi pouce la quelle est tres bonne confitte & est meilleure à manger estant cuite. – *Bacuri*, Gutifera (*Platonia insignis*, Mart.) – Talvez de *ibá*, fruto, *curi*, de alimento. D’Abbeville (2008, p. 229)

<sup>41</sup> Yves D’Évreux (207, p. 381)

Cajá	Cajá			Acaia <sup>42</sup>
Cajapiá				
Cajazeira	Cajazeiras <sup>43</sup>			
Caju	Cajú		Caju <sup>44</sup>	Acaiou <sup>45</sup>
Cajuapara				
Cajueiro	Cajueiro <sup>46</sup>		Cajueiros	
Campineira				
Canajuba				
Canarana				
Capão				
Capim				
Capim Duro				
Capim-Açu				
Capinzal				
Capoeiro	Capoeira <sup>47</sup>			
Carnaíba				
Carnalbal				
Carnaúba	Carnaúba <sup>48</sup>			Carana-uve <sup>49</sup>
Carnaubal				
Cauaçu				
Cauaçus				

<sup>42</sup> arbore... fort grand – *Acaia* ou *Cajá*, Terebintácea (*Spondias brasiliensis*, Mart.) – De *acâ*, caroço, *yá*, fruto: fruto de caroço. D’Abbeville (2008, p. 230)

<sup>43</sup> “arvore alta e ramoza, de folha recortada bem como a de ervilha, e flôr branca, dá em caxo um fruto xamado *cajá*, como uma azeitona grande, de casca fina e amarela, gosto agri-doce e pouca massa.”. Maranhão (1891, p. 146)

<sup>44</sup> Os cajueiros, que produzem os cajus, próprios para fazer vinho, nascem espontaneamente pela costa do mar, e por isso vivem da seiva marítima e salgada, resultando disto ser o vinho de caju picante e acre, produzir no futuro dores nos rins, e ser prejudicial aos pulmões. Por experiência coei este vinho, e dele tirei grande quantidade de sal. Yves D’Évreux (207, p. 168)

<sup>45</sup> “fruit de l’Acaiouyer... arbre ordinairement plus gros & plus grand qui les grâds pommiers & poyriers que nous ayons. – Caju e Cajueiro, nomes do fruto e da árvore da família das Terebintáceas, gênero *Anacardium*, que especificam: etê, verdadeiro, piranga, vermelho, açu, grande, i e mirim, pequeno, eêm, doce, etc. – De *acá*, caroço; *y-ub*, que dá, que tem, alusão à castanha; outros querem que seja *caá*, folha, planta, e *ju*, amarelo; mas note-se que nos escritos antigos aparece sempre *acaju* ou *acayú*.” D’Abbeville (2008, p. 224)

<sup>46</sup> “arvore mediana, de folha maior que a da laranjeira, áspera, grossa, e não pontuda, flôr branca e aromática; a madeira é tortuosa, e apta para caverna de embarcações menores; a casaca externa entra na composição da tinta preta, e a interna n’*amarela*. Produz um fruto denominado *caju*, com pimentõ roliço, de pele fina, liza, vermelha ou amarela com polpa esponjosa, sucoza e sem caroço. Tem o caju na extremidade um apêndice duro da feição de rim de lebre, casca cinzenta, grossa, impregnada de óleo caustico, a qual encerra uma amêndoa oleosa, que assada tem gosto de castanha; e por isso lhe xamam *castanha de caju*. O *caju* serve para doce, vinho e limonada. Esta planta deita umas lagrimas, que suprem a goma arábica. O cajueiro bravo não dá fruto.”. Maranhão (1891, p. 141)

<sup>47</sup> “A mata que já foi cortada xama-se *capoeira*; tendo esta 12 annos ou dahi para cima, xama-se *capoeira assú* e tendo menos *capoeira- mirim*.”. Maranhão (1891, p. 141)

<sup>48</sup> “espécie de palmeira do campo, de folha a modo de leque fechado, tronco muito duro, o qual depois de brunido fica salpicado; e por isso d’*elle* se fazem lindos bastões. O fruto é negro e todos os viventes o comem. Só com esta planta se pode fazer uma *caza*, sem outro ingrediente mais, que cipó (para atar em lugar de pregos) e barro; o tronco dá esteios, barrotes, e ripas; a folha serve para cobrir (como também para outros muitos uzos) Em quanto nova se faz do tronco mais tenro uma espécie de farinha em tempo de fome.”. Maranhão (1891, p. 147)

<sup>49</sup> “palmier. Carnaúba, Carnaíba ou Carandá, nomes regionais da mesma espécie (*Copernicia cerifera*, Mart.) – Conforme Batista Caetano, de *carã*, que pode significar casca ou escamas, que lhe cobrem o tronco, ou circular, das folhas em leque; mas parece preferível de *carã*, que também significa bica, calha, cano, pelo préstimo que lhe davam; *iba* ou *úba*, árvore.”. D’Abbeville (2008, p. 229)

Cipó	Cipó <sup>50</sup>			
Cipotil				
Cipozinho				
Coité				
Coroatá				
Croatá	Croatá <sup>51</sup>			
Crueiras				
Guarimã				
Gurimã				
Gurujuba				
Humaitá				
Ingá	Ingá <sup>52</sup>			Inga <sup>53</sup>
Jamari				
Jambu	Jambo <sup>54</sup>			
Jatobá	Jatobá ou jutabi <sup>55</sup>			
Jatobal				
Jenipapeiro	Genipapeiro <sup>56</sup>			
Jenipapo	Genipapo	Jenipapo <sup>57</sup>		Iunipap <sup>58</sup>
Jeniparana				
Juçara	Juçara <sup>59</sup>			
Juçaral				

<sup>50</sup> “da-se este nome a toda planta trepadoura, que cresce muito em comprimento com pouca grossura e serve de vimes. Vêm-se nos matos varias castas d’esta planta, com diversas grossuras, subirem ao mais alto das arvores já encostadas a ellas, já unidas espiralmente aos seus troncos, já finalmente torcidas umas com as outras em fórma de cordas. Oje na botica dá-se o nome de *cipó* á ipecacuanha.” Maranhão (1891, p. 148)

<sup>51</sup> “espécie de piteira, de que se tira linho muito forte.” Maranhão (1891, p. 149)

<sup>52</sup> “planta que produz um fruto do comprimento de um dedo. Com suco doce e massa branca. Maranhão (1891, p. 152)

<sup>53</sup> “arbre – *Ingá*, Leguminosa da divisão Mimosácea, de que existem muitas espécies no gênero *Inga* – De *igá*, embebido, ensopado, empapado, qualificativo que aparece com a possível queda de um nome por ele qualificado *iba*, *ibirá*, etc. Compreende-se a denominação porque se trata de uma planta ripária.” D’Abbeville (2008, p. 235)

<sup>54</sup> “assimilha-se ao damasco, é gostoso, e tem xeiro de roza; mas os morcegos o comem de noite. Frutifica quasi todo o anno; julgo, que veio d’Azia.” Maranhão (1891, p. 152)

<sup>55</sup> “arvore grande de madeira forte. O fruto é grande, duro e xeiro de caroços, os quaes estam rodeados de uma massa doce e seca, que serve de pão aos gentios. Existem 2 castas, grande e mirim, que é avermelhada e o melhor. A rezina é medicinal; servia antigamente para vidrar louça. Maranhão (1891, p. 163)

<sup>56</sup> “arvore de folhas verde e escura, grossa e assimilhada á do castanheiro. O fruto xamado *jenipapo* é da grandeza de maçan, de casca cinzenta e aspéira, polpa tirante a parda e no interior d’estas muitas pevides; é substancial, porém muito quente, especialmente as prevides. Esta arvore despe-se da folha; porém n’ella permanecem os frutos, e só principiam a amadurecer, quando ella já está vestida de nova folha, e já crescidos os jenipapos, que têm de ficar para o anno futuro. O jenipapeiro maxo não dá fruto. Maranhão (1891, p. 150 - 151)

<sup>57</sup> é árvore da grossura de um homem, e é pau muito direito que serve para fazer caixas de arcabuzes e colheres e remos e iscorvenas de canoa, e as folhas são da compridão de um palmo de comprido, a flor é branca, a fruta é tamanha como uma grande laranja e é boa para comer quando é madura; e os negros o têm em muita estima para se tingirem, que o seu verdadeiro vestido por amor do sol e serve também para mezinhas para as boubas, que se algum branco se tingem com ele pode-se ter por certo de o trazer nove dias que parece pintado um feio diabo.” Lisboa (1985, p. 24)

<sup>58</sup> arbre – *Genipapo* (*Genipa americana*, Linn.) – De *nhandipab* ou *jandibap*, fruto de esfregar, ou que serve para pintar, que tal era o destino que davam ao fruto verde. À pág. 147 ocorre a variante *Ieneupa-eupé*, em que *eupé* vale *yb*. D’Abbeville (2008, p. 226)

<sup>59</sup> “espécie de palmeir, que produz uns como bagos, de que se faz uma bebida do mesmo nome.” Maranhão (1891, p. 153)

Macapá				
Macaúba				
Macaxeira	Macaxeira <sup>60</sup>	Macaxeira <sup>61</sup>		Macachet <sup>62</sup>
Maioba				Mayoüe <sup>63</sup>
amorana				
Mandacaru				Yarammacarou <sup>64</sup>
Mangaba				Mangaa <sup>65</sup>
Mangabeira	Mangabeira <sup>66</sup>	Mangaveira <sup>67</sup>		
Mangabeirinha				
Maracujá	Maracujá <sup>68</sup>	Maracujá <sup>69</sup>		Margoya <sup>70</sup>
Marajá	Marajá <sup>71</sup>			
Mirinzal	Merim <sup>72</sup>			
Miritíba				
Mundumbim	Mandubi <sup>73</sup>	Mendoim <sup>74</sup>		Mandoy <sup>75</sup>

<sup>60</sup> “é muito macio, e não tem veneno. Maranhão (1891, p. 155)

<sup>61</sup> “(...) serve para comer assada e cozida e é tão boa como pêras de nossa terra”. Lisboa (1985, p.21)

<sup>62</sup> racine – *Macaxeira*, Euforbiácea (*Manihot aipi*, Linn.) – Segundo Sampaio, o *aipim*, que se comia assado, se chamava *aipimacaiera*, donde por erronia se fez *aipi-macaiera*, ou simplesmente *macaxeira*, como é vulgar no Norte. D’Abbeville (2008, p. 242)

<sup>63</sup> rivière et village; nom de certaines feuilles d’arbres qui sont fort longues & larges – *Maiobe* e *Mayobe* em Y. d’Evreux; mas, conforme a explicação do texto, deve ser *Taioba*. (Caladium), composto de *taya*, como em *Taiapouan*, e *oba*, folha. D’Abbeville (2008, p. 109)

<sup>64</sup> plante forte monstrueuse & bigearre, plus grosse beaucoup que la cuisse, haute de dix ou doux pieds, ayât cinq ou six branches qui sont presque de mesme grosseur jusque au bout – *Jaramacaru*, *Jamacaru*, ou *Mandacaru*, Cactácea (*Cereus peruvianus*, Mill.) – De *ya* (demonstrativo: o que tem), *má* por *ibá*, fruto, e *caru*, comestível: o que tem fruto comestível, édulo. D’Abbeville (2008, p. 238)

<sup>65</sup> fruit et arbre. – Mangaba, Apocynea (*Harmonia speciosa*, Gomez, ou, por direito de precedência, *Riberia sorbilis*, de Arruda Câmara.) De mangá, visgo, iba, árvore: árvore de visgo. D’Abbeville (2008, p. 225)

<sup>66</sup> “arvore mediana, de folha miuda e pontuda, flôr como a do jasmim. O fruto denominado magába é redondo, e de vários tamanhos, sendo o maior de grandeza e feição de damasco, casca amarela e avermelhada, massa branca, muito móle, assás xeiroza ee gostosa, semeada de pevides cobertas de certo cotão. O leite d’esta planta é perigoso. Também existe mangabeira brava. Maranhão (1891, p. 154)

<sup>67</sup> “é uma árvore não muito grande nem grossa; dá uma fruta muito gostosa, do tamanho de albricoques ou fruta nova; sendo maduros cheiram e são tão moles, que se esmagam todas; têm bom sabor; a cor é corada, a flor é branca como de mão.”. Lisboa (1985, p. 31)

<sup>68</sup> “especie de cipó bem conhecido por sua admiravel flôr xamada dos martírios.”. Maranhão (1891, p. 155)

<sup>69</sup> “Maracujá frusu é uma fruta do tamanho de uma cidra pequena; a árvore é a modo de pereira, a flor é vermelha, a fruta é muito boa, a casca para conserva, o de dentro se come, cheira muito bem, tem umas pevides a modo das de abóbora, a cor é amarela.”. Lisboa (1985, p. 28)

<sup>70</sup> espèce d’arbriseau qui se lie au tour des arbres. – Maracujá, nome genérico das Passifloras. – O autor dá como um mesmo vegetal este e Goyaue, que uma é Mirtácea (*Psidium guayava*, addi). D’Abbeville (2008, p. 227)

<sup>71</sup> “especie de pequena palmeira espinhoza, que produz fruto preto, um tanto maior que o anajá.”. Maranhão (1891, p. 156)

<sup>72</sup> “arvore grande, de boa madeira; a sua rezina e casca suprem o incenso.”. Maranhão (1891, p. 156)

<sup>73</sup> “planta pequena assimilhada ao feijoeiro. Maranhão (1891, p. 154)

<sup>74</sup> “são tamanhas como azeitonas mas esta fruta é melhor; e é muito quente e vem na terra e de uma vem de proveito mais de um centro; ele tem folhas de tamanho que aqui estão pitados, e as flores são amarelas cor de ouro, e a casca é parda, e alguns têm dois miolos em cada vagem; eles têm esta virtude que servem para quem tiver perna ou braço quebrado, pisando os verdes e pondo-os em riba da quebradura solda muito bem.”. Lisboa (1985, p. 22)

<sup>75</sup> petite racine qui se trouve en la terre, grosse & longe comme le pouce – Mandubi, Leguminosa Papilionácia (*Arachys hypogoea*, Linn.) – De itá, fruto, tiby, sepultado, enterrado. O demonstrativo pronominal t de tyby, por estar intercalado, não é estranho que se mude, em nd; o y de yby transforma-se ora em u, ora em i; e a queda do y inicial é freqüente, conforme Batista Caetano (Notas aos Índios do Brasil, de Fernão Cardim). Piso escreve amenduinhas; hoje se diz, amendoim, provável diminutivo de amêndoa. D’Abbeville (2008, p. 240)

Pacova		Pacoveira <sup>76</sup>		
Pajeú				
Pati				
Pequi	Pequi			Pekéy <sup>77</sup>
Pequiá				
Periá				
Peri-Açu				
Pericumã				
Peri-mirim				
Perises				
Piaçaba				
Piaçava				
Pindaíba				
Piquizeiro	Pequizeiro <sup>78</sup>			
Piriá				
Pitombeira	Pintobéira <sup>79</sup>			Pitom <sup>80</sup>
Samaúma				
Sambaíba				
Sapucaí				
Sapucaia	Sapucaia <sup>81</sup>	Sapucaia <sup>82</sup>		
Sapucaia de Baixo				
Sucupira	Sucupira <sup>83</sup>			
Sucupirinha				

<sup>76</sup> “pequena é uma árvore, não muito grande, tem grande folhada muito comprida e a árvore é muito mole, que para melhor dizer é como talo, porque com uma faca se corta facilmente por grossa que seja e deita de si muita água da fruta que chamam pacovas, não muito compridas nem grossas e cachos que alguns tem a mais de cento; é boa fruta a flor branca, e amarelada a fruta é fria de si, a cor da árvore é verde-negro. As pacovas compridas, que chamam da terra, são melhores; a árvore é da mesma feição, salvo a cor que tira a vermelho, dá grandes cachos e as pacovas são grandes, e melhores e de melhor gosto, e não tão frias como as outras.” Lisboa (1985, p. 29)

<sup>77</sup> arbore – *Pequi*, Sapindácea (*Caryocar brasiliensis*, St.-Hil.) – De pé, casca, qui, áspera, espinhenta. D’Abbeville (2008, p. 235)

<sup>78</sup> “arvore muito grande com folha quazi do cumprimento do da vide, porém mais estreita. O fruto ou pequi é da grandeza do bacuri, de casca grossa esverdeada, massa branca e oleoza, que depois de cozida fica amarela, e se come; o caroço é do tamanho d’ovode galinha, feição de rim, substancia algum tanto dura, e semeada de penetrantes espinhos, que saem de um ouriço central, o qual encerra uma amêndoa muito oleoza. São 2 castas.” Maranhão (1891, p. 158)

<sup>79</sup> ‘arvore grande, que dá em caxo flôr branca fruto, ou pitomba como azeitona de casca parda e grossa, caroço grande, polpa branca, luzidia, e de pouco gosto. É maxo e femea; aquelle não da fruta.” Maranhão (1891, p. 159)

<sup>80</sup> arbore – Pitomba, Sapindácea (*Sapindus edulis*, St. Hil.) – Dificil de explicar. D’Abbeville (2008, p. 232)

<sup>81</sup> “arvore alta, grossa e vestida de casca grossa, que macerada serve de estopa para calafetar embarcações; a folha é semelhante á do pessegueiro; o fruto é um grande coco rodeado de um arco, e na extremidade com uma abertura de 304polegadas de diamentro arrolhada com uma tampa. Tem esse fruto uma cascadelgada e áspera, que cobre outra de uma polegada de grossura, a qual encerra umas castanhas compridas e gostozas, tanto para a gente como para o macaco, que com facilidade destampa o coco para comer, batendo com ele nos ramos grossos. Este coco serve de pilão a alguns pobres. Dizem ser diurética a agua, que n’elle estiver de infusão.” Maranhão (1891, p. 160)

<sup>82</sup> “é um pau tamanho como pau branco do nosso Portugal; e a fruta e a flor é desta própria maneira, que aqui está pintado, e há tamanhos como a cabeça dum homem; e tem algumas quinze ou vinte castanhas dentro, que parecem castanhas de Portugal; a flor cheira como rosa e é branca, tira de veremelho, e o botão que tem no meio da flor é amarelo e a folha parece como folha de macieira; e do casco se pode fazer como para beber.” Lisboa (1985, p. 24)

<sup>83</sup> “arvore grande de madeira forte. Temos branca e preta.” Maranhão (1891, p. 160)

Sumaúma	Sumaúma <sup>84</sup>			
Taboca	Tabóca <sup>85</sup>			
Tabocal				
Tabocas				
Tamboril				
Taquari				
Tipis				
Tiririca				
Tocantins				
Tremedal				
Tucum	Tucum <sup>86</sup>	Tucum <sup>87</sup>		Toucñ-vue <sup>88</sup>
Tucumandiva				
Ubim				
Zutiua				

Fonte: Elaborado pelo autor

Quadro 05: Registro dos Zoototopônimos

ANA 2019	Lisboa 1625 - 1631	Maranhão 1891	Yves	D'Abbeville 1612
Acauã		Acauan <sup>89</sup>		
Arapapá				
Arapará				

<sup>84</sup> “arvore de madeira móle, casca espinhoza, folha a modo de mão aberta. Produz uma especie de pepino, o qual abre e mostra uma lan branca e finíssima, que se não pode fiar, mas é a mais apta para enxer colxões, almofadas, etc. Também lhe xamam barriguda, por ter no tronco uma grande barriga.”. Maranhão (1891, p. 160)

<sup>85</sup> “(cana), algumas são tão altas e grossas que servem para grandes escadas de mã, não obstante serem ôcas como as de Portugal.”. Maranhão (1891, p. 160)

<sup>86</sup> “especie de palmeira espinhoz, que produz fruto vermelho do tamanho do da mucajúba. Das folhas, que são diferentes das das outras palmeiras, se tira linho rijo.”. Maranhão (1891, p. 161)

<sup>87</sup> “É outro modo de palmeiras, mas tem muitos espinhos e muito grandes pela árvore e folha; dá uma fruta que se come, sendo madura é vermelha e amarelada; o miolo do coco se come também e verde é melhor e mais tenro.”. Lisboa (1985, p. 32)

<sup>88</sup> “palmier... remplies de longues pointes et espines aussi bien que le tronc de l'arbre qui en est environné. – Tucamá, a palmeira (*Ástrocaryum tucuma*, Mart.) Tucum, de tu-cu, espinho alongado, á, fruto. – conforme ao texto, seria *iba* ou *uba*, árvore.”. D'Abbeville (2008, p. 229)

<sup>89</sup> “ave de rapina do tamanho de uma galinha, de costas pardas, barriga branca, cabeça parda com uma listra branca a modo de corôa; canta o seo nome, imitando ao mesmo passo que grita sobresaltado. Maranhão.”. (1891, p.173)

Arara	Arara <sup>90</sup>	Arára <sup>91</sup>		
Araras				
Ararinha				
Aurá				
Burical				
Caititu				
Campinima				
Capivara		Capivara <sup>92</sup>		Capyyuare <sup>93</sup>
Capivaras				
Caracará				
Caraíba				
Caraíbas				
Catingueiro		Catingueiro <sup>94</sup>		
Conduru				
Cotias		Cotia <sup>95</sup>		
Craúna				
Cupuzal				
Curica				
Curicaca		Curicáca <sup>96</sup>		
Curimatá	Curimatá <sup>97</sup>			Courimata <sup>98</sup>
Cururu				Courourou <sup>99</sup>
Cururupu				
Cutia				

<sup>90</sup> “é tamanha como o canide e tem o bico e os pés como papagaio tem o rabo de dois palmos de comprido ele ao longo do bico e dos olhos Lisboa não tem pena é cor de carne o pescoço e a barriga vermelho as asas e o rabo vermelho pintadas de amarelo e azul e verde e vermelho e os olhos e não se enfadam de os olhar e os selvagens as estimam muito pelas cores de suas penas de que eles fazem braceletes e capacetes, etc., que fazem seus folguedos e com que eles guarnecem as espadas de guerra e fazem os filhos em buracos de paus e não fazem mais que um e estes três pássaros são os mais mansos desta terra e se eles estiverem ensinados falaram como papagaio eu me espanto como os insiantes romanos foram tão curiosos de amortilharem um corvo e o enterrarem e dizerem respostas por falar que fizeram eles se tiveram estes pássaros..”. (1985, p. 43-44)

<sup>91</sup> “especie de papagaio grande: existem 3 castas: *amarela*, *azul* e *vermelha*, a qual tem rabo e azas azues.

Maranhão (1891, p.173)

<sup>92</sup> “é na grandeza e figura semelhante ao porco, com orelhas, dentes e focinho de lebre; cabêlo raro, e áspero, pés de porco com grandes membranas entre as unhas, tem muita catinga, e por isso pouca gente a come. É herbívora, vive junto d’água, e nada e mergulha, quando se vê perseguida.” Maranhão (1861, p.163)

<sup>93</sup> “espece d’animaux... assez semblables aux Loups Marins ayant la queue fort petit, lesquels ne se trouve aussi qu’és fleuves et rivieres – Capivara, roedor (Hydrochoerus capybara, Erxl.) – De capif, capim, erva, guará, participio do verbo u, comer: o que come capim, o herbívoro.” D’Abbeville (2008, p. 267)

<sup>94</sup> “[Veado] é pequeno, não tem cornos, e vive nas catingas.” Maranhão (1891, p.172)

<sup>95</sup> “especie de coelho de pernas altas, orelhas pequenas, cabelo avermelhado e rijo, rabo muito pequeno. Come-se, porém sua carne é seca; a pele curte-se para sapatos.”. D’Abbeville (2008, p. 265)

<sup>96</sup> “é algum tanto maior que galinha, de cor cinzenta, pescoço comprido e branco até o peit, pernas curtas. Canta o seu nome.” Maranhão (1891, p.175)

<sup>97</sup> “é peixe de um palmo e meio coberto de escama de cor de prata; parece-se com o de nossa Europa, não tem mais que este daqui ser mais branco; é peixe gordo; é cheio de ovos muito bons e há muita quantidade em rios e lagos e não se tomam senão à flecha e arpão e é muito bom peixe fresco.” Lisboa (1985, p. 4017)

<sup>98</sup> “Poisson – *Corumbatá* ou *Cumumatá*, peixe d’água doce, do gênero Proquílodus – De *quiri-mbatá*, significando talvez muito tenro, ou muito vermelho, como convém ao peixe salmão.” D’Abbeville (2008, p. 263)

<sup>99</sup> “crapeau – Cururu, o batráquio, nome por que se conhecem duas espécies: *Ceratophrys dorsatus*, Neuw. (Brasil Oriental), e *Pipa cururu*, Spix (Amazonas) – Alguns dão como onomatopáico, Batista Caetano traz curu-rub que tem ou faz sarna, pela crença de que o simples passar do sapo pelo corpo, e até só pela roupa, produz erupção cutânea.”. D’Abbeville (2008, p. 274)

Grajauzinho			
Guará		Guará <sup>100</sup>	Ouara <sup>101</sup>
Guarapiranga			
Guariba		Guariba <sup>102</sup>	ouãriue <sup>103</sup>
Guaribas			
Guarimã			
Inhuma			
Inhumas			
Intã			
Iriiaçu			
Iri-mirim			
Jaboti			
Jabuti			
Jacaré		Jacaré <sup>104</sup>	Iacaré <sup>105</sup>
Jacu	Jacu <sup>106</sup>	Jacú <sup>107</sup>	Iacou <sup>108</sup>
Jandiá			
Jararaca			Jararaca <sup>109</sup>
Jeju		Jejú <sup>110</sup>	Ieiu <sup>111</sup>
Jejuzinho			
Juraraita			

<sup>100</sup> ‘ave marisqueira, do tamanho da perdiz, com figura de garça. Em quanto novo é branco, depois anegrado, e ultimamente muito vermelho. Quazi Sempre voam em cordão, fileira ou simicirculo; e quando pouzam em uma arvore a fazem parecer vermelha. Não os vemos em alguns estados.’. Maranhão (1891, p.176)

<sup>101</sup> ‘oyseau – Guará. Ibíbidas (Eudocimus ruber, Linn.) – De guag, adornos, enfeites, e rab, plumas, que tal era o destino que davam às penas dessa ave.’. D’Abbeville (2008, p. 254)

<sup>102</sup> ‘é do tamanho de gato grande e o maior de todos [macaco]: estes andam sempre sobre arvores, aonde muitos juntos a certas óras do dia fazem uma rouca vozeira ou coqueada, que se ouve de muito longe.’. D’Abbeville (2008, p. 166)

<sup>103</sup> ‘sorte de Monnes et Guenons... elles crient si haut qu’on les peut entendre environ d’une lieuë – Guariba, nome de uma casta de símios (Mycetes) – Suscetível de diversas explicações, entre as quais, por acorde com o hábito do animal, que o texto assinala, e o nome genérico que a ciência lhe deu, pode ser admitida a que Batista Caetano sugere: de guahur-yb, chefe dos cantores ou berradores.’. D’Abbeville (2008, p. 272)

<sup>104</sup> ‘anfíbios semelhantes ao lagarto’. Maranhão (1891, p.182)

<sup>105</sup> ‘crocodile – Jacaré, nome dos Emidossáurios, que no Brasil pertencem ao gênero Caiman – De y-echá-caré, o que olha torto, ou de banda, conforme Sampaio.’. D’Abbeville (2008, p. 254)

<sup>106</sup> ‘é um pássaro tamanho como um galinha e é pardo e a garganta vermelha até o longo do bico e o bico pardo tirando de amarelo e tem os pés pardos cor de cinza e tem a goela saindo do peito e vai para riba do estômago e torna a virar e vai ao bico eles são sempre macho e fêmea em companhia ele o podem ter em um dos melhores pássaros desta terra e tem carne muito branca e gostosa e fazem dois filhos em riba dos ramos das árvores e os ovos são brancos criam em casa. ’. Lisboa (1985, p. 40)

<sup>107</sup> ‘existem 3 castas; jacutinga (...); jacupéma (...); aracuan. Todos têm mamilos como parúa.’. Maranhão (1891, p.177)

<sup>108</sup> ‘oyseau... qui est un vray Faisan – Jacu, nome genérico das Penelópidas – De y (demonstrativo: o que, aquele que), a, fruto, grão, cu, comer, tragar, engolir: o que come grãos.’. D’Abbeville (2008, p. 249)

<sup>109</sup> ‘que se subdivide e, varias castas, é muito venenosa pela maior parte são atabocadas, uma é pequena, e tem rabo sêco.’. D’Abbeville (2008, p. 264)

<sup>110</sup> ‘peixe pequeno, preto, de cabeça roliça, e muitos espinhos.’. Maranhão (1891, p. 182)

<sup>111</sup> ‘poisson – Jiju ou jeju, peixe do mar (Erythrinus unitaeniatus, Spix) – Dificil de explicar.’. D’Abbeville (2008, p. 264)

Juriti	Juriti <sup>112</sup>			Ierouty <sup>113</sup>
Mandi		Mandi <sup>114</sup>		
Maruim				Marigpuy <sup>115</sup>
Mucura				
Murajuba				
Mutum	Mutum <sup>116</sup>	Mutum <sup>117</sup>		
Pacas		Páca <sup>118</sup>		
Papagaio				
Peba				
Pebas				
Piaba				
Pirangi				
Piranha				
Piranhas				
Piranji				
Pirapemas	Pirapema <sup>119</sup>	Pirapema <sup>120</sup>		Pyra-pem <sup>121</sup>
Piratininga				
Piriá				
Poti	Poti <sup>122</sup>			

<sup>112</sup> “é pomba do mato é tamanha como a da nossa Europa e tem a mesma cor tem a mesma virtude como as de nossa Europa que quando macho morre não se torna a fêmea a casar e também quando a fêmea morre não se torna o macho a casar e depois que um fica viúvo não se põe mais em riba dos ramos verdes e os negros as dão a comer às mulheres para não terem conversação com outro homem e fazem dois filhos.”. Lisboa (1985, p. 46)

<sup>113</sup> “oyseau – *Juruti*, nome comum a diversas aves Peristéridas – De *yuru*, pescoço, *ti*, branco.”. D’Abbeville (2008, p. 252)

<sup>114</sup> “é de grndeza da sardinha e saboroso.”. Maranhão (1891, p. 182)

<sup>115</sup> “moucheron – É o pequeno díptero hematófago do gênero *Ceratopogon* – Maruim – Em Gabriel Soares, marguí; marigui em Marcgrav – Littré registra maringouin, que os entomologistas franceses usam desde Macquart (*Histoire naturelle des insectes – Suites à Buffon – Paris, 1834*); mas desconhece a origem, que não pode ser outra senão a do nosso maruim, de mberu, mosca, i, pequena.”. D’Abbeville (2008, p. 276)

<sup>116</sup> “é pássaro tamanho como um peru tem um penacho em riba de cabeça todo em guorvinho todo preto eles seriam muito estimados em nossa Europa para fazer penachos aos fidalgos ele é preto fora a barriga que é branca e a ponta do rabo e tem o bico pardo e os olhos amarelos e a fêmea tem o penacho pintado de branco e tem a barriga parda tirando de amarelo eles são sempre em companhia macho e fêmea eles fazem os filhos em riba dos paus e fazem dois filhos e os ovos são é boa carne de comer parece-se com a carne de capão não tem mais que ser mais dura a carne carregadiça péssima para feridas.”. Lisboa (1985, p. 40)

<sup>117</sup> “é quazi do tamanho do Perú, negro azevichado; tem sobre a cabeça um penacho crespo e delicado, bico amarelo como ponta preta; a fêmea tem o penacho pitado de branco. O *mutum* de fava tem crista semelhante a uma fava. Domestica-se e sua carne é boa; seo canto é baixo e lúgubre.”. Maranhão (1891, p.178)

<sup>118</sup> “espécies de porco grosso, sem rabo, com orelhas muito pequenas, focinho e grandeza do coelho, cabelo rijo e avermelhado, miúdas malhas brancas pelas ilhargas, e riscas avermelhadas, pelo espinhaço. É muito gostosa.”. D’Abbeville (2008, p. 169)

<sup>119</sup> “é um peixe de seis ou sete palmos de comprido, coberto de uma escama como a palma da mão, que parece ser armado de uma armadura de prata; é um pouco verde e pardo nas costas; ele é bom de comer, principalmente a cabeça e a barriga, e tem muita espinha.”. Lisboa (1985, p. 07)

<sup>120</sup> “assimilha-se ao sável e tem muita força; encontram-se alguns de 15 palmos de comprimento.”. Maranhão (1891, p.183)

<sup>121</sup> “poisson – Pirapema, peixe do mar (*Megalops thrissoides*, Bl. et Sch.) – De pirá, peixe, pema, chato. É o Camurupi, do Maranhão para o Sul.”. D’Abbeville (2008, p. 259)

<sup>122</sup> “quer dizer o camarão e há muito grande quantidade nesta terra; e é desta cor branco, cor de carne e é muito bom comer; e tem as barbas vermelhas.”. Lisboa (1985, p. 16)

Preguiças		Preguiça <sup>123</sup>		Preguiça <sup>124</sup>
Pucimã				
Pucumã				
Quati		Quati <sup>125</sup>		Couäty <sup>126</sup>
Sambaíba				
Satuba				
Suçupara		Suçupára <sup>127</sup>		Souässou apar <sup>128</sup>
Suçuarana		Suçuarâna <sup>129</sup>		Souässouâran <sup>130</sup>
Sucuri				
Sucuriju		Sucurujú ou sucuruiú <sup>131</sup>		
Sucuriú				
Sucuruiú				
Sucuruju				
Tamanduá		Tamanduá <sup>132</sup>		Tamandouã <sup>133</sup>
Tamanduái		Tamanduahi <sup>134</sup>		
Tamanduái de Dentro				

<sup>123</sup> “é semelhante a um gato grande grosso e curto, sem rabo, nem orelhas; tem pelo pardo, comprido e grosso, pernas grossas com duas grandes unhas cada uma; sobe a certas arvores e n’ellas se sustenta da folha, traz o filho cavalgado no pescoço, anda quasi de rastos com um lentíssimo passo, o qual não apressa ainda que lhe queimem o corpo; e daqui lhe veio o nome (\*). Alguns a comem.”. Maranhão (1891, p. 169)

<sup>124</sup> “Existe ainda um animal monstruoso, de cabeça redonda, semelhante à do homem, de pêlos pardos e grossos; tem quatro pernas de que se serve somente para trepar nas árvores; e três unhas em cada pé, de um dedo cada uma de comprimento; são presas umas às outras e delas se valem para subir; e quando pegam alguma coisa é difícil tirar-lha. No chão, arrastam-se sobre o ventre e enchem-se de terra; na árvore, só descem quando comem todas as folhas. Então recomeçam a comer terra até subirem em outra árvore para devorar as folhas. Tanto quando se arrastam pelo chão, como quando trepam nas árvores, fazem movimentos tão lentos que os chamam de preguiças.”. D’Abbeville (2008, p. 271 -272)

<sup>125</sup> “especie de rapoza, que tem orelhas curtas, redondas, e pouco peludas, pelo mole, comprido e grosso pernas curtas, e grossas, pés comprido cada um com 5 dedos armados de 5 unhas, com que sobe as arvores e desenterra os insectos; rabo de gato com listras anulares; focinho de porco, e o queixo superior mais comprido que o inferior, dentes de cão. Domestica-se mas é inquieto. Maranhão (1891, p. 170)

<sup>126</sup> “espece d’animal – Quati, carniceiro (*Nasua narica*, Linn.) – De aqua, ponta, ti, nariz: nariz de ponta ou pontudo.”. D’Abbeville (2008, p. 270)

<sup>127</sup> “[Veado] é do tamanhode uma pequena vaca, e tem cornos grandes, ramozos, cobertos de uma especie de musgo: arremete, vendo-se perseguido.”. Maranhão (1891, p.172)

<sup>128</sup> “Cerf – Suaçuapara, o veado-galheiro (*Blastocerus paludosus*, Desm.) – De çoó-açu, o veado, e apar, vergado, curvo, de referência à armação.”. D’Abbeville (2008, p. 268)

<sup>129</sup> “[Onça] é alourada, ou avermelhada, e a menos de todas.”. D’Abbeville (2008, p. 168)

<sup>130</sup> “espece de Leopard – Suçuarana ou Suaçurana, o felino (*Felis concolor*, Linn.) – De çoó-açu, caça grande, o veado, e rana, semelhante, parecido.” D’Abbeville (2008, p. 271)

<sup>131</sup> “é a maior de todas (de 30 a 40 palmos de comprimento e 2 a 3 de grossura ou circunferência) e vive nos rios e lagos, em cujas margens prende o rabo na raiz de alguma planta, e laça o homem ou irracional que vae passando, e puxando-o para si por varias vezes, o vai caçando até cair, e então o vae engolindo inteiro.”. D’Abbeville (2008, p. 164)

<sup>132</sup> “existe, 3 castas. O *bandeira* (...). O *jaleco* (...); o *tamanduahi* (...).” Maranhão (1891, p.171)

<sup>133</sup> “espece d’animal – Tamanduá, nome dos desdentados da família Mirmecofágidas, de que se conhecem no Brasil três espécies – De tá, contração de taci, formiga, e monduar, caça. Batista Caetano acha difícil admitir a contração de taci em tá, tanto mais quanto diretamente se tem taciguara, comedor de formigas, e aventa a possibilidade de tama, de pêlos, e uguai, cauda, fácil de mudar em nduai. Sampaio diz que tâ é radical de muitos nomes designando insetos, formigas, etc.”. D’Abbeville (2008, p. 269)

<sup>134</sup> “é do tamanho do rato, felpudo e amarelado.”. Maranhão (1891, p.171)

Tiúba		Tiúba <sup>135</sup>		
Traíra	Taraíra <sup>136</sup>			Tarehure <sup>137</sup>
Traíras				
Urubiquara				
Urubu		Urubú <sup>138</sup>		
Uruçu		Uruçú <sup>139</sup>		

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme esses dados, podemos observar que o percurso onomástico foi diversificado, sendo a variação no âmbito da fonética a mais presente, e isso já era percebido por Frei Maranhão (1891), ao afirmar que:

“Antes da comunicação com os Portuguezes não tinham os Tupinambás na sua língua as letras F, L, S, Z, nem vocábulo algum, que principiasse por D: depois porem admitiram tudo, porque vendo-se na necessidade de falar em muitas couzas, para as quaes não tinham vocábulos seus, uzaram dos nossos, já genuínos, já corrompendo-os ao seu modo.”. Maranhão (1891, p. 187)

No entanto, vale ressaltar que, antes desse aportuguesamento do tupinambá, os freis franceses que primeiro tiveram no Maranhão já haviam feito o registro da fauna, da flora e de coisas do Estado. Segundo Pereira (2017, p.87), esses “nomes de origem tupi foram grafados tendo parâmetro a fonética francesa, o que deu aos hidrônimos uma forma francesa, em alguns casos, como *Ouaieoup* (Grajaú), ou afrancesada, como em *Mounin* (Munim)”.

Registramos 30 hidrônimos tupi grafados segundo o parâmetro da fonética da língua francesa, sendo 22 fitotopônimos e 18 zootopônimos, que, conforme Gracia (1927), são de fácil restauração gráfica, considerando à equivalência dos sons e o correspondente no tupi dos catequistas ibéricos.

Dessa forma, segundo Gracia (1927), temos:

- ✓ *eu, ei, u, ouyh*, equivalendo a *i* ou *y* no tupi, ainda *au, oi* ou *oy*, e *ou* valendo a *ou, oa* e *u*.

Ex.: *Pacoury* > *Bacuri*, *Acaiou* > *Caju*, *Yarammacarou* > *Mandacaru*, *Courimata* > *Curimatá*, *Courourou* > *Cururu*, *Iacou* > *Jacu*,

- ✓ Prefixo

<sup>135</sup> “*Abelha*: existem 10 castas: (...) *tiúba* (...)”. Maranhão (1891, p.172)

<sup>136</sup> *Taraíra* é peixe de dois palmos ou mais coberto de escama, cheia de dentes muito agudos; é par do por riba das costas e tira de amarelo pela barriga; e há muito grande quantidade dele e é muito bom peixe.”. Lisboa (1985, p. 18)

<sup>137</sup> “poisson – *Traíra*, peixe d’água doce (*Erythrinus tareira*, Cuv.). *Tareira*, em Gabriel Soares; *Taraíra*, em Marcgrav – *De ta-reyi*, arranca pêlo, segundo Batista Caetano.”. D’Abbeville (2008, p. 265)

<sup>138</sup> “especie de corvo, que se sustenta de animais mortos, ainda que estejam corruptos.”. Maranhão (1891, p.180)

<sup>139</sup> “[*Abelha*] é a mais numeroza, e mais semelhante á da Europa; as outras assimilham-se a mosquito, moscas, e formigas d’az; e nem todas têm ferrão. A cera nunca toma tanta alvura como á da Europa e Africa. Maranhão (1891, p.173)

*ouä* por *guá* ou *uá*

Ex.: *Ouara* > *Guará*, *Ouäriue* > *Guariba*, *Couäty* > *Quati*

- ✓ Sufixo aumentativo

*ouässou* ou *ousou* por *açú*, *guaçú* ou *uçú*

Ex.: *Souässou apar* > *Suçupára*

- ✓ Sufixo diminutivo

*miri*, *miry*, *i* ou *y* por *mirim*, *î* ou *im*

Ex.: *Marigpuy* > *Maruim*

- ✓ Sufixo de superioridade

*été* por *etê*

Ex.:

- ✓ Sufixo de semelhança

*ran* por *rana*

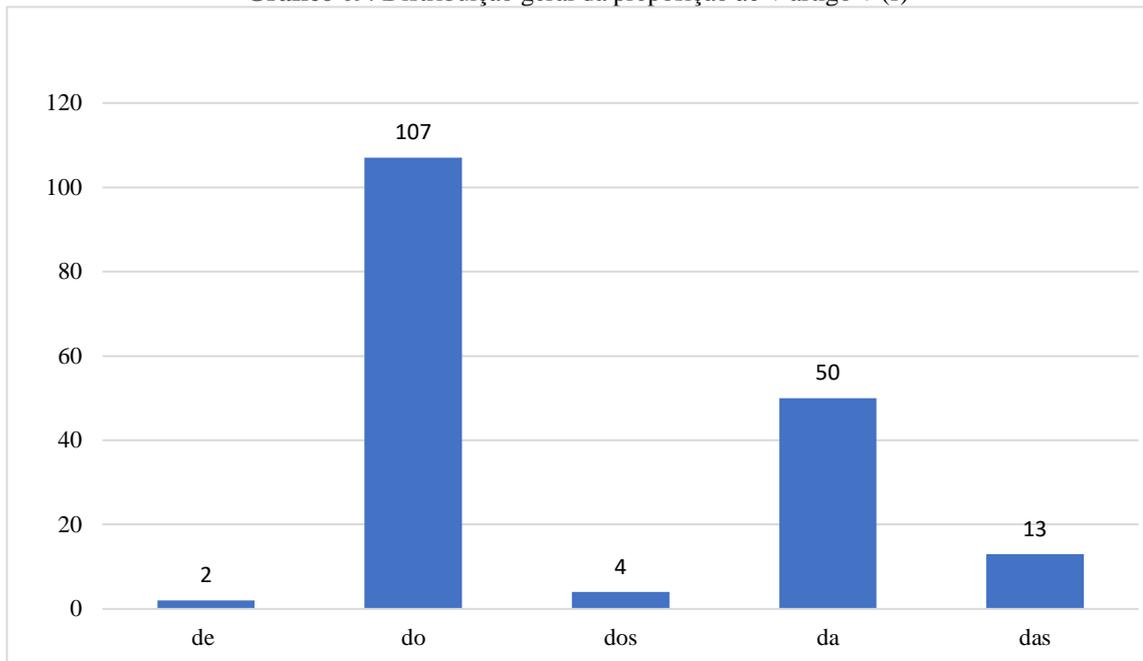
Ex.: *Souässouäran* > *Suçuarana*

Continuando o percurso onomástico e voltado ao registro de Frei Maranhão (1891), que também realizou essa equivalência entre o Tupi e a língua portuguesa, temos que,

“Entre os ditos índios, eram indeclináveis os nomes substantivos e adjetivos; e os verbos invariáveis em todos os tempos, modos e pessoas (com poucas exceções) com particulas diferenciavam os tempos e com pormenores as pessoas, Si oje aparecem nomes no Brazil com singular e plural, é composição dos Portuguezes, como dos nomes da nação *Goiá*, que tiraram *Goiáz*, e *Goiáz*, e *Goiazes*; de *Tupiunambá*, *Tupinambás*; de *cajá*, *cajás* e *cajazeiro*, etc.”. Maranhão (1891, p. 187)

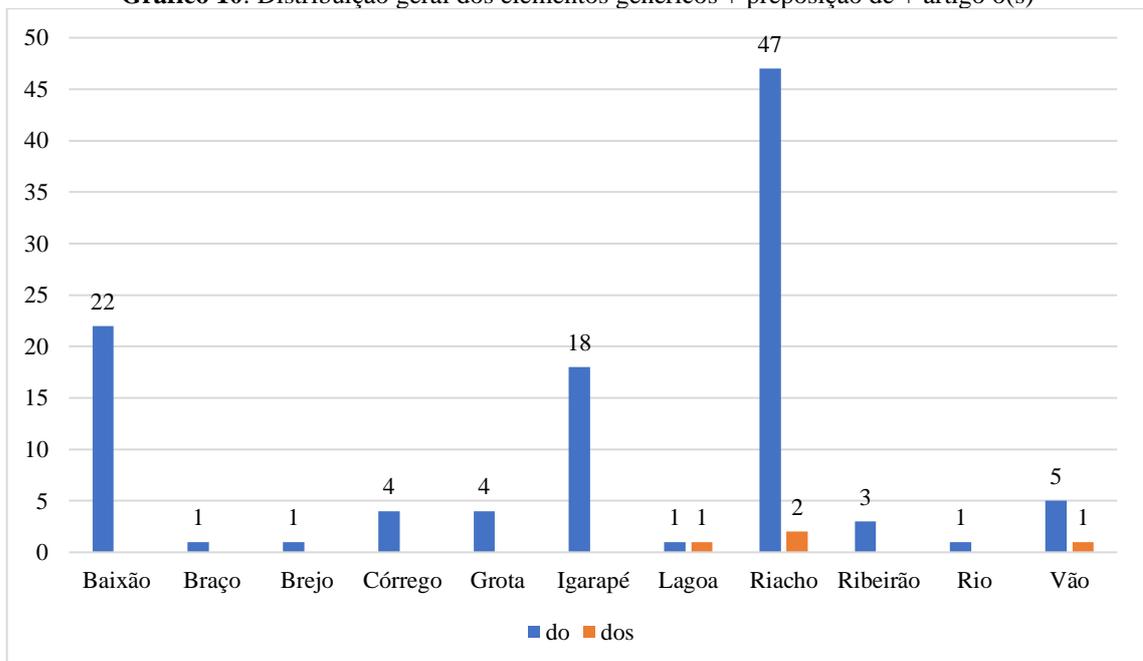
### 5.7 Análise dos Sintagmas Toponímicos Preposicionados (DE)

A análise dos dados que se constituem de sintagma toponímico, com a estrutura *elemento hidrográfico + preposição de + (artigo (+s)) + topônimo*, evidenciou que, dos 518 hidrônimos, 176 são sintagmas toponímicos formados com a preposição *de*, o que representa 34% dos dados coletados. Esse universo de sintagmas toponímicos preposicionados apresenta a seguinte distribuição: duas ocorrências de sintagmas com a *preposição de + topônimo*, o que corresponde a 3,58%; 157 registros de sintagmas formados com a *preposição de + artigo (singular)*, o que representa 89,20%, e 17 ocorrências de sintagmas cuja composição é a *preposição de + artigo (plural)*, o que corresponde a 9,66%, como ilustra o Gráfico 09.

**Gráfico 09:** Distribuição geral da preposição *de* + artigo + (s)

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Com relação ao sintagma toponímico com a estrutura *elemento hidrográfico + preposição de + (artigo o (+s)) + topônimo*, obtivemos o total de 111 registros, dos quais 107 (96,40%) se encontram no singular e 4 (3,60%) no plural, como evidencia o Gráfico 10, a seguir.

**Gráfico 10:** Distribuição geral dos elementos genéricos + preposição *de* + artigo *o(s)*

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Nesse universo de sintagmas preposicionados, observamos que não há, em termos de ocorrência, uma distribuição equilibrada entre os elementos genéricos que o compõem: alguns são mais recorrentes enquanto outros aparecem com poucos registros ou mesmo apenas com um, como podemos verificar a seguir.

Elementos genéricos mais recorrentes

- ✓ Riacho com o total de 49 (44,14%) ocorrências

do Bacabal (3), do Buriti (4), do Buriti Bravo (1), do Buriti Seco (1), do Buriti Seco (1), do Buriti Velho (1), do Capim Duro (1), do Capim-Açu (1), do Codó (1), do Cururu (1), do Gurimã (1), do Irajá (1), do Jabuti (1), do Jacu (4), do Jatobá (1), do Jejuzinho (1), do Jenipapeiro (1), do Jenipapo (1), do Jirau (1), do Marajá (2), do Maruim (1), do Mundumbim (1), do Mutum (1), do Pacova (1), do Parazinho (1), do Pindaíba (1), do Piquizeiro (1), do Satuba (1), do Sucuriju (1), do Sucuriú (2), do Sucuriú (1), do Tabocal (1), do Tapera (1), do Tapuio (1), do Timbira (1), do Urubu (1), do Uruçu (1), dos Pebas (1), dos Tinguís (1).

- ✓ Baixão com 22 (19,82%)

do Acauã (1), do Buriti (1), do Buritizal (1), (01) do Caju (1), do Cajueiro (2), do Capim (2), do Curimatá (1), do Jabuti (1), do Jenipapo (1), do Maracapé (1), do Maracujá (1), do Marajá (2), do Papagaio (2), do Quati (1), do Sucuriú (1), do Tirolino (1), do Tremedal (1), do Urubu (1).

- ✓ Igarapé com 18 (16,22%)

do Açai (1), do Bacuri (1), do Buritizinho (1), do Caititu (1), do Cajá (1), do Capim (1), do Carnalbal (1), do Cipó (1), do Guarimã (1), do Igarapé Aparitiua (1), do Igarapé Grande (1) do Ingá (1), do Ipixuna (1), do Jabuti (1), do Jeju (1), do Jenipapo (1), do Tamanduá (1), do Tucum (1).

Elementos genéricos com menos de 15% de ocorrência:

- ✓ Vão (6) (5,41%):

do Cajá, do Jatobá, do Muju, do Papagaio, do Sucuriú, dos Tabocas.

- ✓ Córrego (4) (3,60%):

do Cipó, do Itaperu, do Jacaré, do Jacu.

- ✓ Grota (4) (3,60%):

do Bambu, do Carnaubal, do Jenipapeiro, do Papagaio.

- ✓ Ribeirão (3) (2,70%):

do Caititu, do Capão, do Moquém.

- ✓ Lagoa (2) (2,70%):

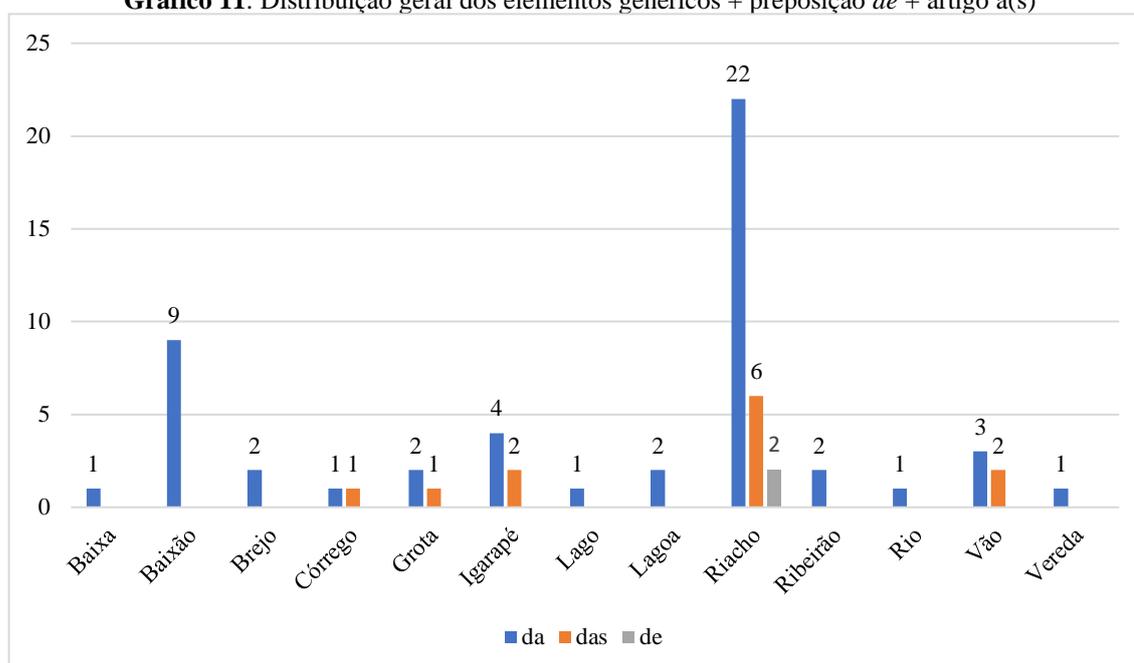
do Papagaio, dos Paranãs.

Elementos genéricos com menos de 2% de ocorrência

- ✓ Braço do Igarapé, Brejo do Capim-Açu, Rio do Cajá.

Por sua vez, para o sintagma toponímico, cuja estrutura temos a forma combinada da preposição *de* + o artigo definido feminino *a*, computamos um total de 63 ocorrências, das quais 51 (80,95%) se encontram no singular e 12 (19,05%) no plural, conforme o Gráfico 11 a seguir.

**Gráfico 11:** Distribuição geral dos elementos genéricos + preposição *de* + artigo *a(s)*



Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse universo de sintagmas preposicionados, observamos que não há também, em termos de ocorrência, uma distribuição equilibrada entre os elementos genéricos que o compõem: alguns são mais recorrentes enquanto outros aparecem com poucos registros ou mesmo apenas com um, como podemos verificar a seguir.

Elementos genéricos mais recorrentes

- ✓ Riacho com (28) ocorrências perfazendo o total de (44,44%):

da Embira (1), da Bacabinha (1), da Buritirana (1), da Campineira (1), da Carnaíba (1), da Juçara (1), da Macaúba (1), da Mangaba (1), da Mangabeirinha (1), da Pindaíba (1), da Samaúma (1), da Sambaíba (2), da Sucupira (1), da Tiririca (1), das cajazeiras (1), da Curica (1), da Curicaca (1), da Inhuma (2), da Suçuapara (1), da Sucuri (1), da Tiúba (1), das Capivaras (1), das Carafbas (2), das Cotias (1), das Piranhas (1).

Elementos genéricos com menos de 15% de ocorrência

- ✓ Baixão (9) que somam (14,29%) dos elementos:  
da Caruara (1), da Garapa (1), da Caieira (1), da Buritirana (1), da Cajazeira (1), da Pindaíba (1), da Taboca (1), da Intã (1), da Tiúba (1).
  - ✓ Igarapé (6) (9,52%):  
da Juçara (1), das Tabocas (1), da Tabatinga (1), da Arara (1), da Piaba (1), das Pacas (1).
  - ✓ Vão (05) (7,94%):  
da Tapera (2), das Tabocas (1), da Cutia (1).
  - ✓ Grota (3) (4,76%):  
da Taboca (1), da Satuba (1), das Pacas (1).
  - ✓ Brejo (2) (3,17%):  
da Buritirana (1), da Pindaíba (1).
  - ✓ Lagoa (2) (3,17%):  
da Cajazeira (1), da Taboca (1).
- Elementos genéricos com menos de 2% de ocorrência
- ✓ Baixa da Mangabeira, Lago da Juçara, Rio da Maioba, Vereda das Cunhãs.

### 5.7.1 Análise dos sintagmas toponímicos preposicionados (*DE*) tomando como base as *taxes*

Embora o sintagma toponímico com a presença expressa da preposição *de* seja bastante recorrente na toponímia de vários lugares e em diferentes línguas, esse fato ainda requer mais estudos, principalmente no âmbito da toponímia brasileira. A respeito da frequência dessa presença fora do Brasil, encontramos registro, só para citar alguns exemplos, em Trapero (1995) e em *Toponimia: normas para el MTN25. Conceptos básicos y terminología* (2005), uma publicação da Dirección General del Instituto Geográfico Nacional, da Espanha. Segundo essa publicação,

É frequente conectar-se com a preposição *de* os componentes de um topônimo, sejam termo genérico e específico ou dois termos específicos (...). Com essa preposição se introduz o segundo elemento do topônimo que pode indicar a localização, a pertença ou uma característica específica do primeiro, especialmente quando há outros topônimos homônimos. (p. 28)<sup>140</sup>

<sup>140</sup> Tradução livre de: “Es frecuente enlazar con la preposición *de* los componentes de un topónimo, sean término genérico y específico o dos términos específicos (...). Mediante esta preposición se introduce el segundo elemento

Nessa mesma direção, Trapero (1995) destaca que o *de* é a preposição característica do sintagma toponímico preposicionado, ainda que possa, na tradição oral, ser omitida, como podemos observar em nossos dados, a exemplo dos pares Igarapé *da* Arara / Igarapé Arara e Riacho *da* Bacabinha / Riacho Bacabinha, dentro outros casos.

Na toponímia brasileira, Anjos (2012), Castiglioni (2014) e Oliveira e Isquero (2020), dentre outros, evidenciam a presença significativa do *de* no sintagma toponímico preposicionado e a necessidade que têm os estudiosos de investigar o papel da preposição nesse sintagma bem como sua importância na construção do sentido do topônimo.

Para essa investigação, o toponimista não pode perder de vista que as preposições compõem o grupo de elementos da língua que pertencem ao domínio da semântica das relações e processos e que atuam, por conseguinte, na conexão dos elementos do discurso, indicando o modo pelo qual se conectam os elementos que se sucedem (NEVES, 2000).

É justamente esse caráter intrínseco da preposição – estabelecer vínculos – e a presença constante da preposição *de* nos sintagmas toponímicos que levaram Anjos (2012) a apresentar, no âmbito dos estudos toponímicos no Brasil e com base em dados da toponímia piauiense, uma primeira tentativa mais sistematizada de correlacionar as estruturas sintagmáticas com os papéis/valores semânticos da preposição *de*. Para elaborar sua proposta, Anjos (2012) se fundamentou no trabalho de Neves (2000), particularmente na parte em que a autora se dedica a descrever, com base nos usos do português, as relações semânticas que a preposição *de* estabelece no sintagma nominal, daí resultando sua proposta que se configura na formação de quatro grupos de papéis/valores semânticos – A, B, C e D – como resumido e exemplificado no Quadro 06:

**Quadro 06:** Síntese da proposta de Anjos (2012) acerca dos papéis semânticos de *de* com base em Neves (2000)

Grupo	Papel Semântico	Exemplo
A	‘Denominação’	Rio de São João
B	Tanto ‘denominação’ quanto ‘presencialidade’/ ‘existencialidade’	Rio da Onça; Riacho do Pasto; Rio da Prata.
C	Tanto ‘denominação’ quanto ‘espacialidade’	Riacho do Canto; Lagoa de Dentro
D	Tanto ‘denominação’ quanto ‘posse’	Riacho do Empregado; Riacho do Mandu; Riacho do Maurício

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Anjos (2012)

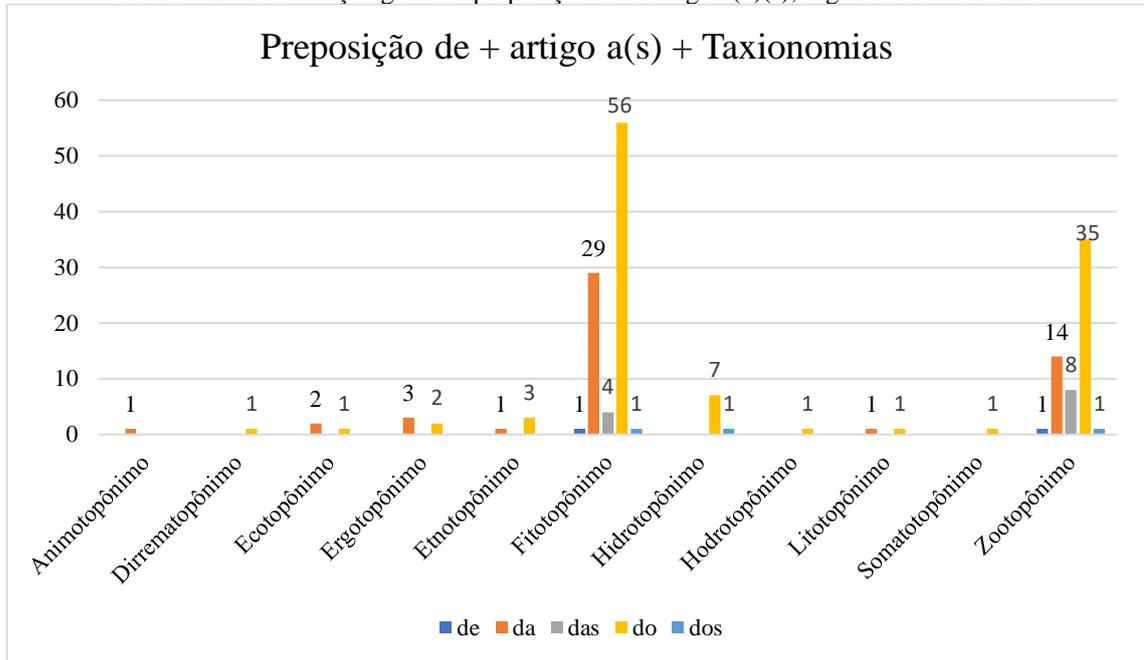
Considerando a presença do sintagma toponímico preposicionado pelo *de*, a proposta de Anjos (2012) e as taxionomias propostas por Dick (1992), examinamos nosso *corpus* e constatamos que, dos 518 hidrônimos, 176 são sintagmas toponímicos em cuja estrutura se faz

---

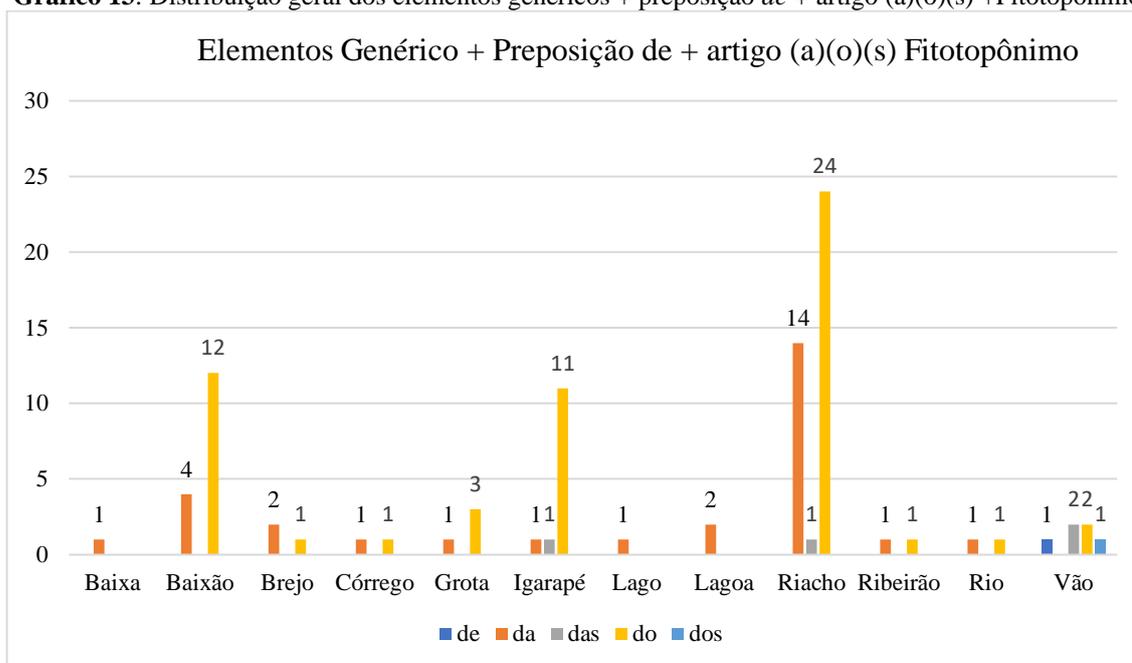
del topónimo que puede indicar la localización, la pertenencia o una característica específica del primero, especialmente cuando hay otros topónimos homónimos.”

presente a preposição *de*. Verificamos, ainda que, nesse universo de sintagmas preposicionados, os fitotopônimos foram os mais recorrentes, somando um total de 101 sintagmas (57,39%), depois vêm os zootopônimos, com o total de 59 sintagmas (33,52%), e, por último, os hidrônimos, com oito ocorrências (4,55%). As demais taxes variam de cinco a uma ocorrência, como mostra o Gráfico 12.

**Gráfico 12:** Distribuição geral da preposição *de* + artigo a(o)(s), segundo a taxionomias



Como visto, a taxionomia fitotopônimo é a mais recorrente no que diz respeito ao uso do sintagma toponímico com a preposição *de* somando o total de 91 casos. Ao analisarmos esses sintagmas fitotopônimos, podemos observar, conforme o Gráfico 13, que, nesses sintagmas a estrutura que prevaleceu foi a *elementos genéricos + preposição de + artigo (o) + fitotopônimos*, o que somou um total de 56 sintagmas (50,45%) dos dados nessa categoria, assim distribuídos conforme o elemento hidrográfico.

**Gráfico 13:** Distribuição geral dos elementos genéricos + preposição *de* + artigo (a)(o)(s) + Fitotopônimo

**Fonte:** Elaborado pelo autor

#### Elementos genéricos mais recorrentes

- ✓ Riacho (24) (44,86%)

do Bacabal (3), do Buriti (4), do Buriti Bravo (1), do Buriti Seco (2), do Buriti Velho (1), do Capim Duro (1), do Capim-Açu (1), do Gurimã (1), do Jatobá (1), do Jenipapeiro (1), do Jenipapo (1), do Marajá (2), do Mundumbim (1), do Pacova (1), do Pindaíba (1), do Piquizeiro (1), do Tabocal (1).

- ✓ Baixão (12) (21,43%)

do Buriti (1), do Buritizal (1), do Caju (1), do Cajueiro (2), do Capim (2), do Jenipapo (1), do Maracujá (1), do Marajá (2), do Tremedal (1).

- ✓ Igarapé (11) (19,64%)

do Açaí (1), do Bacuri (1), do Buritizinho (1), do Cajá (1), do Capim (1), do Carnalbal (1), do Cipó (1), do Guarimã (1), do Ingá (1), do Jenipapo (1), do Tucum (1).

#### Elementos genéricos com menos de 6% de ocorrência

- ✓ Grota (3) (5,36%)

do Bambu (1), do Carnaubal (1), do Jenipapeiro (1).

- ✓ Vão (2) (3,57%)

do Cajá, do Jatobá,

#### Elementos genéricos com menos de 2% de ocorrência

- ✓ Brejo do Capim-Açu, Córrego do Cipó, Ribeirão do Capão, Rio do Cajá.

Já o sintagma fitotopônimo cuja composição é *elementos genéricos + preposição de + artigo (a) + fitotopônimos*, somou um total de 29 sintagmas o que corresponde a 26,13% dos dados nessa categoria, estando assim distribuídos conforme o elemento hidrográfico.

Elementos genéricos mais recorrentes

- ✓ Riacho (14) (48.28%)

da Bacabinha (1), da Buritirana (1), da Campineira (1), da Carnaíba (1), da Juçara (1), (da Macaúba (1), da Mangaba (1), da Mangabeirinha (1), da Pindaíba (1), da Samaúma (1), da Sambaíba (2), da Sucupira (1), da Tiririca (1).

- ✓ Baixão (04)(13.79%)

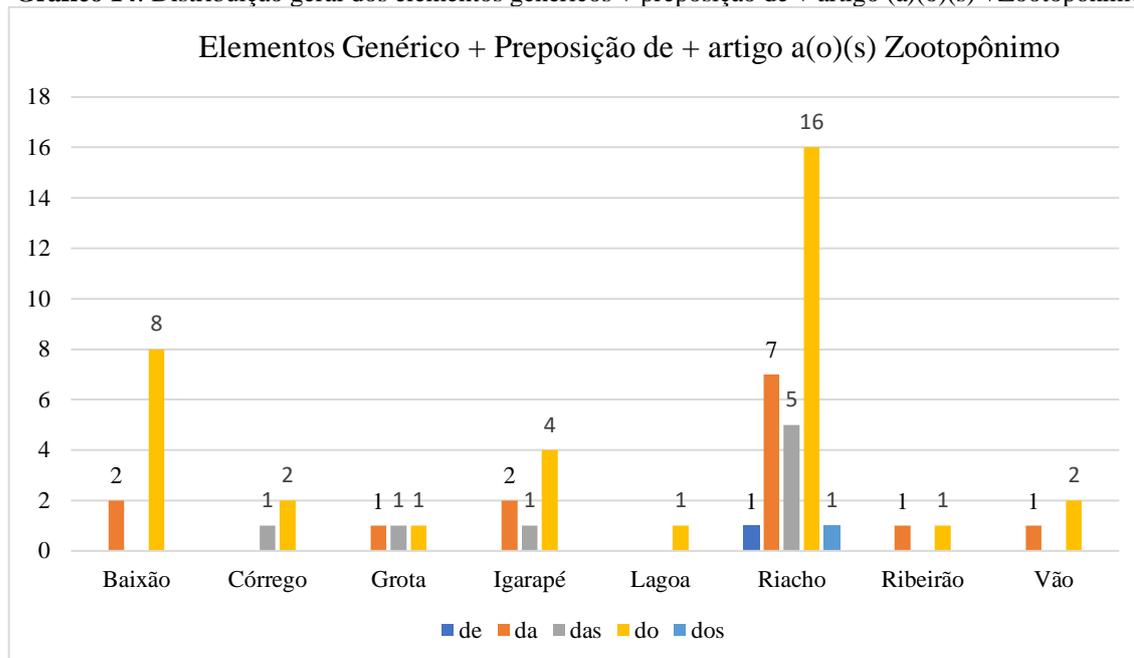
da Buritirana, da Cajazeira, da Pindaíba, da Taboca.

Elementos genéricos com menos de 2% de ocorrência

- ✓ Baixa da Mangabeira, Brejo da Buritirana, Brejo da Pindaíba, Córrego da Sucupira, Grota da Taboca, Lago da Juçara, Lagoa da Cajazeira, Lagoa da Taboca, Ribeirão da Sapucaí, rio da Maioba.

Os sintagmas fitotopônicos cuja composição é *elementos genéricos + preposição de + artigo (s) + fitotopônimos* não foram muito recorrentes, somando apenas um total de cinco casos assim distribuídos: Vão das Tabocas (2), Igarapé das Tabocas (1), Riacho das Cajazeiras (1) e Vão dos Tabocas (1). Vale chamar atenção que desses cinco fitotopônimos, quatro são o plural de taboca.

A segunda taxionomia mais recorrente foi a dos zootopônimos com o total de 59 sintagmas, como evidencia o Gráfico 14, a seguir.

**Gráfico 14:** Distribuição geral dos elementos genéricos + preposição de + artigo (a)(o)(s) + Zootopônimo

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Desses sintagmas foi marcante a estrutura *elementos genéricos + preposição de + artigo (o) + zootopônimos*, com 34 registros que correspondem a 57,63% dos sintagmas zootopônimos, como demonstrado a seguir

Elementos genéricos mais recorrente

✓ Riacho (16) (47,06%)

do Cururu (1), do Jabuti (1), do Jacu (4), do Jejuzinho (1), do Maruim (1), do Mutum (1), do Satuba (1), do Sucuriju (1), do Sucuriú (2), do Sucuriú (1), do Urubu (1), do Uruçu (1).

✓ Baixão (08) (23,53%)

(01) do Acauã, (01) do Curimatá, (01) do Jabuti, (02) do Papagaio, (01) do Quati, do Sucuriú.

✓ Igarapé (04) (11,76%):

(01) do Caititu, (01) do Jabuti, (01) do Jeju, (01) do Tamanduá.

Elementos genéricos com menos de 6% de ocorrência

✓ Córrego do Jacaré, Córrego do Jacu, Grotas do Papagaio, Lagoa do Papagaio, Ribeirão do Caititu, Vão do Papagaio, Vão do Sucuriú.

A estrutura *elementos genéricos + preposição de + artigo (a) + zootopônimos* aparece em segundo lugar com 14 ocorrências (23,73%), como demonstrado a seguir.

Elementos genéricos mais recorrente

✓ Riacho (07) (50%)  
da Curica (1), da Curicaca (1), da Inhuma (2), da Suçupara (1), da Sucuri (1), da Tiúba (1).

Elementos genéricos com menos de 15% de ocorrência

✓ Baixão da Intã, Baixão da Tiúba, Grota da Satuba, Igarapé da Arara, Igarapé da Piaba, Ribeirão da Cutia, Vão da Cutia.

Com relação aos sintagmas zootopônimos que são compostos pelos *elementos genéricos + preposição de + artigo (s) + zootopônimos*, foi possível observar oito ocorrências com *das* e apenas uma com *dos*, como vemos a seguir:

- ✓ Riacho (05)  
(01) das Capivaras, (02) das Caraíbas, (01) das Cotias, (01) das Piranhas.
- ✓ Outros sintagmas (04)  
Córrego das Traíras, Grota das Pacas, Igarapé das Pacas, Riacho dos Pebas.

Tendo em vista a proposta de Anjos (2012) e analisando nossos dados, observamos que os sintagmas do nosso estudo em sua maioria têm formação com as taxionomias fitotopônimos, relativos aos vegetais, e zootopônimos, aos animais, sendo possível concluir que, em sua quase totalidade, todos pertencem ao Grupo B cujo papel semântico é tanto de denominação quanto de presencialidade ou existencialidade, como em *Baixão do Buriti*, *Igarapé do Açaí*, *Riacho Munim do Mato*, *Córrego das Traíras*, *Riacho da Sucuri*, dentro outros. No entanto, no que concerne a esse papel – presencialidade ou existencialidade –, evidentemente, não podemos perder de vista, por um lado, que muitas mudanças ambientais vêm ocorrendo ao longo dos anos e que o elemento da flora e da fauna pode ainda estar presente e existir ou ter estado presente ou ter existido. Por outro lado, é necessário considerar que:

De fato, os nomes dos rios assim como os aplicados aos acidentes orográficos, costumam ser, universalmente, os mais antigos registros que a língua e a toponímia empregam. Avessos a mudanças, quase sempre não costuma haver, em relação a eles, tentativas alteradoras. Arraigam-se ao terreno porque, costumeiramente, refletem circunstâncias típicas, ou do próprio acidente, em sua natureza intrínseca, ou dos locais que percorrem, incorporando ao seu nome os elementos regionais característicos. (DICK, 1996, p. 36)

Temos, ainda, em nossos dados sintagmas toponímicos preposicionados, que se<sup>141</sup> incluem no Grupo C, com apenas dois registros: *Igarapé Sapucaia de Baixo* e *Igarapé*

<sup>141</sup> A respeito da atribuição do papel semântico de posse a nomes próprios que não apresentam o traço semântico [+ agentivo], como no exemplo citado, ver Anjos (2012, p. 292, nota 385).

*Tamanduá de Dentro*. No Grupo de D, com apenas um registro, temos *Igarapé do Igarapé Grande*.

Embora nosso *corpus* considere somente as línguas indígenas e os sintagmas toponímicos preposicionados representem apenas 34%, e, na maioria dos casos, a preposição *de* tenha o papel semântico tanto de denominação quanto de presencialidade ou existencialidade, concordamos com Oliveira e Isquierdo (2020, p.2146), quando afirmam “que é indispensável analisar os topônimos com a presença de preposição, uma vez que compõe o sintagma toponímico e contribui para a construção de sentidos por meio de seus papéis semânticos.”

Ainda com relação ao sintagma preposicionado, cabe mais observação: a alternância do artigo masculino/feminino no par *Vão dos Tabocas / Igarapé das Tabocas*, sem que nesse caso se tenha estabelecido/fixado, até onde pudemos investigar, qualquer diferença semântica.

## Considerações Finais

Neste estudo, propusemos investigar os nomes próprios de origem indígena que nomeiam a hidronímia maranhense. De modo geral, foi possível confirmar nossas hipóteses de que o léxico indígena se faz presente de forma significativa no batismo dos elementos hidrográficos maranhenses, e esse léxico tem em como base o tronco linguístico Tupi.

Considerando nosso *corpus*, total de 518 hidrônimos indígenas que geraram a elaboração de 178 fichas lexicográficas-toponímicas e a análise que empreendemos desses dados, foi possível chegarmos às seguintes respostas para as perguntas que nortearam nosso trabalho:

- I. Além da mesorregião Norte Maranhense (Pereira, 2017), é significativa a presença de nomes próprios de origem indígena na hidronímia maranhense, em todas as outras mesorregiões do Estado.
- II. Entre os elementos hidrográficos coletados, alguns têm sua concentração, principalmente, no Norte e do Nordeste, a exemplos dos brejos, grotas, igarapés, riachos e vãos.
- III. A estrutura morfológica mais recorrente foi a simples, como baixão do Jenipapo, rio Jambu, tendo em vista que a maioria dos nomes indígenas já foi assimilada na língua portuguesa.
- IV. As três taxonomias mais recorrentes nos hidrônimos de origem tupi estão relacionadas ao meio físico. São elas: (i) fitotopônimos, como rio buriti, igarapé Bacuri, riacho Cajá; (ii) zootopônimos, como riacho Curimatá, rio Papagaio, riacho Sucuriú; e (iii) hidrotopônimos, como Igarapé, ribeirão Ipueira, rio Peritoró, rio Tibiri, o que demonstra a relação do índio com o ambiente ao nomear.
- V. O percurso onomástico foi diversificado, sendo a variação no âmbito da fonética a mais presente, a exemplo de Pacoury > Bacuri; Acaiou > Caju; Yarammacarou > Mandacaru; Courimata > Curimatá; Courourou > Cururu; Iacou > Jacu.
- VI. Os sintagmas toponímicos com a presença da preposição *de*, cuja estrutura é elemento geográfico + Prep. (de) + hidrônimo, representam 34% de nosso *corpus*. Nesse universo, a preposição *de* tem, na quase totalidade dos sintagmas em que se insere, o papel semântico tanto de denominação quanto de presencialidade ou existencialidade, como em baixão da Tiúba, riacho do Pindaíba.

Por fim, com esse estudo, que tratou da hidronímia maranhense, contemplando todo o Estado, é possível afirmar que os índios deixaram uma grande contribuição no que diz respeito à toponímia, principalmente em se tratando dos povos do tronco Tupi.

Como a pesquisa na área da toponímia, além de enfatizar aspectos linguísticos do nome de batismo das entidades, estabelece relações entre a cultura e a história do povo e de seu lugar, esperamos que este estudo possa contribuir para um conhecimento mais amplo e aprofundado da realidade sócio-histórica, cultural e geográfica do Maranhão.

## REFERÊNCIAS

ALBINO, Lidia. A relação da hidronímia com a história social do Paraná: uma descrição diacrônico-contrastiva. 2004. 267f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ANA – Agência Nacional de Águas. *Região Hidrográfica Atlântico Nordeste Ocidental*. Disponível em: [www2.ana.gov.br/Paginas/portais/bacias/AtlânticoNordesteOccidental.aspx](http://www2.ana.gov.br/Paginas/portais/bacias/AtlânticoNordesteOccidental.aspx)

ANJOS, Marcelo Alessandro Limeira dos. Marcas toponímicas em solo piauiense: seguindo as trilhas das águas. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – DINTER-UFPI/Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

BACELAR, Laércio Nora; GÓIS, Marcos L. S. *A produtividade do léxico tupinambá no português do Brasil*. Signótica. Goiânia-GO, v. 09, p. 105-118, 1997.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Modelos em lexicologia*. Língua e literatura, n. 9, 1980. p. 261-179

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001, p.13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências de Português*. Revista Alfa, São Paulo, v.2 (n.esp.), 1996. 275 p.

BIDERMAN, M. T. C. O léxico, testemunha de uma cultura In: LORENZO, R. Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filoloxía Românicas: Lexicología e Metalexigrafía II. Corunha: Fundación “Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa”, 1992, p. 397-405.

Revista Alfa, São Paulo, v.2 (n.esp.), 1996. 275 p. CABRAL, Maria do Socorro Coelho. *Caminhos do gado: conquista e ocupação do sul do Maranhão*. São Luís, Sioge, 2008.

CABRERA, Genoveva Torres. *Sobre Toponomástica*. Disponível em: [http://www.webs.ulpgc.es/canatlantico/pdf/8/7/Sobre\\_toponomastica.pdf](http://www.webs.ulpgc.es/canatlantico/pdf/8/7/Sobre_toponomastica.pdf) Acesso em: jan. 2020.

CARDOSO, Armando Levy. *Toponímia brasílica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editôra, 1961.

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. *VARIANTES LEXICAIS NA TOPONÍMIA PORTUGUESA: OS ELEMENTOS GENÉRICOS (ENTIDADES GEOGRÁFICAS) DENOMINADOS. ESTUDO DE CASO: diferenças terminológicas entre Português do Brasil e Português europeu*. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2008. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xicnlf/11/variantes\\_lexicais.pdf](http://www.filologia.org.br/xicnlf/11/variantes_lexicais.pdf) Acesso em: abr. 2019.

CASTIGLIONI, Ana Claudia. *Dicionário enciclopédico de topônimos do estado de Mato Grosso do Sul: uma proposta de modelo*. São José

do Rio Preto, 2004, 233f. tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

CASTRO, Maria Cecília Dias de. *Maranhão: sua toponímia, sua história*. Goiânia, 2012. 474f. Tese (Doutorado em letras e linguística) – Faculdade de letras, Universidade Federal de Goiás.

COSERIU, Eugênio. *Fundamentos e tarefas da Sócio- e da Etnolinguística*. I CONSEL. João Pessoa: 1990.

CURVELO, Heloísa Reis. *TOPÔNIMOS MARANHENSES: testemunhos de um passado ainda presente*. 2009. 282 f, Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal do Ceará.

CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. *Análise toponímica de 81 bairros de São Luís/MA*. 2014. 347f. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal do Ceará.

D’ABBEVILLE, Cláudio. *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. São Paulo: Siciliano, 2002.

D’EVREUX, Yves. *Viagem ao norte do Brasil: feita no ano de 1613 a 1614*. São Paulo: Siciliano, 2002.

DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris. Librairie Delagrave, 1926.

DAUZAT, Albert. *Dictionnaire Etymologique*. Paris. Librairie Larousse, 1938.

DAUZAT, Albert. *La toponymie française*. Payot, 1946

DIAS, Gonçalves. *Diccionario da Lingua Tupy chamada Lingua Geral dos Indigenas do Brazil*. Brockhaus, 1858

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Atlas Toponímico do Brasil: teoria e prática II*. In: Revista Trama, v. 03, n. 05, p. 141-155, 2007.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico de Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil)*. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). *O léxico em Estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 91-117.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Rede de conhecimento e campo lexical: Hidrônimos e Hidrotopônimos na onomástica brasileira*. In: *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, p.121-130, 2004.

DICK, M<sup>a</sup> Vicentina de P. do Amaral. *Aspectos de Etnolinguística: a toponímia carioca e paulistana contrastes e confrontos*. São Paulo: USP. 2002.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Contribuição do Léxico Indígena e Africano ao Português do Brasil*. In: *CONGRESSO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS*, 1999, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: [http://www.geocities.com/ail\\_br/contribuicaodolexicoindigena.html](http://www.geocities.com/ail_br/contribuicaodolexicoindigena.html) Acesso em: 27 out. 15.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Métodos e questões terminológicas na onomástica. Estudo de caso: o Atlas Toponímico do Estado de São Paulo*. In: *Investigações*.

*Linguística e Teoria Literária*, vol. 9. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE, março de 1999.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria P.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: editora da UFMS, 1998, p. 70-90.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O léxico toponímico: marcadores e recorrências linguísticas. (Um estudo de caso: a toponímia do Maranhão). In: *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo: editora Plêiade. v. 8 – n. 1, 1995, p. 59-68

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Toponímia e Línguas Indígenas do Brasil. In: *Revista Estudos Avançados*. v. 08, n. 22, São Paulo: IEA-USP, p. 435-436, 1994.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Tratamento lexicográfico toponímico do Estado de São Paulo. In: VIII ENCONTRO NACIONAL da ANPOLL. 1992, Porto Alegre. *Anais...* Goiânia: ANPOLL, 1992a, p. 675-679

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições do Arquivo do Estado, 1990a. 387p.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Os vocabulários toponímicos básicos no “vocabulário na língua brasileira” e sua relação geográfica*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB da Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 31, p. 95-111, 1990b.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Caminho das Águas, Povos dos Rios: Uma Visão Etnolinguística da Toponímia Brasileira. In: Anais do V Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: Série V, nº.06, UERJ, 2001. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/cong\\_vcnlf06.html](http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/cong_vcnlf06.html) Acesso 28 jun. 2018.

Dargel, Ana Paula Tribesse Patrício. *Entre Buritis e Veredas: o desvendar da toponímia do Bolsão Sul-mato-grossense*. 2003. 264 f. (Dissertação de Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas – MS, 2003.

DURANTI, Alessandro. *Antropología Lingüística*. Madrid: Cambridge University Press,

2000. ELIA, Silvio. *A unidade linguística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão. 1979

FEITOSA, Antonio Cordeiro. RELEVO DO ESTADO DO MARANHÃO: uma nova proposta de classificação topomorfológica. In: *Anais do VI Simpósio Nacional de Geomorfologia*. Goiânia, 2006.

FERNÁNDEZ, Maria del Rosário; HACHÉN, Rodolfo Raúl. *De que hablamos cuando hablamos de etnolinguística?*. In: Em Revista de la escuelas de antropologia. N. 3. UNR, 1995

GUERRA, Antonio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. Novo dicionário geológico-geomorfológico. 6. ed. [Rio de Janeiro]: Bertrand Brasil, 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil*. v. 1 Rio de Janeiro, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E DE ESTATÍSTICA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: abril/maio 2017.

ISA – Instituto Socioambiental Disponível em: <https://www.socioambiental.org> Acesso em: jun. 2021.

ISQUERDO, Aparecida Negri. *A Toponímia como signo de representação de uma realidade*. In: *Fronteiras – Revista de História (UFMS)*. Campo Grande: Editora UFMS, v. 1, n. 2, jul./dez. 1997, p. 27-46

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico regional e léxico toponímico: interfaces linguísticas, históricas e culturais. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 1ª ed. Campo Grande - MS: Editora UFMS, 2012, v. VI, p. 115-139.

ISQUERDO, Aparecida Negri et al. *Atlas Toponímico no Estado de Mato Grosso do Sul – ATEMS*. Vol. 1. Campo Grande: UFMS, 2011, p. 32-40 (inédito).

ISQUERDO, Aparecida Negri. O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras.... In: RIBEIRO, Silvana S. C., BORBA COSTA, Sônia B., CARDOSO, Suzana Alice M.. (Org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa. Homenagem a Jacyra Andrade Mota pela contribuição aos estudos dialetais*. 1ed.Salvador - BA: EDUFBA, 2009, v., p. 41-59.

ISQUERDO, Aparecida Negri. De Laguna de los Xarayes a Pantanal: mito e realidade impressos na Toponímia. In: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 119-135

ISQUERDO, Aparecida Negri.; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Apontamentos sobre hidronímia e hidrotponímia na fronteira entre os estados de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. In: Aparecida Negri Isquerdo; Lídia Almeida Barros. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 1ª ed. Campo Grande - MS: EDUFMS, 2010, v. V, p. 79-98.

ISQUERDO, Aparecida Negri; Dargel, Ana Paula Tribesse Patrício. *Hidronímia e toponímia: interinfluências entre meio ambiente e história*”. In *As Ciências do Léxico. Lexicologia. Lexicografia. Terminologia*, vol. VII ISQUERDO, A.N. DAL CORNOR, G.O.M. (orgs). Campo Grande: Editora UFMS, 63-80, 2014.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria José Bocorny Finatto. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. 1ª ed. Campo Grande - MS: EDUFMS, 2010, v. IV, p. 161-176.

LEITE, Yonne; FRANCHETTO, Bruna. 500 anos de línguas indígenas no Brasil. In CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p.15-61.

LEMA, Paulo Martínez; FERNÁNDEZ, Dourado Rocío Fernández; PELÁEZ, Osorio César *Un novo recurso para os estudos toponomásticos: O Inventario Toponímico da Galicia Medieval (ITGM)*. En: "Toponimia e cartografía". Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega / Instituto da Lingua Galega, (pp. 239-263), 2010.

LOPES, Antônio. Topônimos Tupis no Maranhão A/B. In: *Revista de Geografia e História do Maranhão*. 1947. p. 13-33.

LOPES, Antônio. Topônimos Tupis no Maranhão C. In: *Revista de Geografia e História do Maranhão*. 1950. p. 79-103.

MARANHÃO, Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. *Poranduba Maranhense*. Separata de: *Revista de Geografia e História do Maranhão*. 3. ed. São Luís: Academia Maranhense de letras, (1891)

MARQUES, César Augusto- 1826-1900. *Dicionário histórico-geográfico da Província do Maranhão/ César Augusto Marques; notas e apuração textual de Jomar Moraes. – 3º Ed. – São Luís: Edições AML, 2008.*

CÂMARA JUNIOR, Matosso. *Língua e Cultura*. 1955. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/20046/13227> Acesso em: jan. 2019.

MELO, Magnólia Sousa Bandeira. *Índice toponímico de Centro histórico de São Luís*. São Luís: EDUFMA, 1990, 121p.

MORALA, José R. Toponimia e geografía lingüística. Sobre leonés y castellano. In: SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio. (Ed.). *Toponimia e cartografía*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega; Instituto da Lingua Galega, 2010, p. 75-102.

MUJICA ULAZIA, Nerea. Bilingüismo, toponímia y cartografía en la Comunidad Autónoma del País Vasco. In: SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio. (Ed.). *Toponimia e cartografía*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega; Instituto da Lingua Galega, 2010, p. 75-102.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. O papel do tupi na formação do português do Brasil. In NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. (Orgs.). *O Português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 81-103.

OLIVEIRA, Letícia Reis de; ISQUERDO, Aparecida Negri. Mecanismos de classificação semântica: um estudo na toponímia de acidentes humanos rurais do Município de Rio Negro-MS. Suplemento: Anais da XV JNLFLP. v. 26 n. 78, 2020. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/259> Acesso em: maio de 2022.

ORSI, Vivian. Lexicologia o que há por trás da palavra. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS Marcos Lúcio de Sousa. *Ciências da Linguagem: o fazer científico*. V.1, Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

PEREIRA, Ana Amélia. *Arari: caracterização geográfico-histórico-social e toponímia*. Vitória do Mearim. 2003. 155f. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

PEREIRA, Edson Lemos. *Pelos caminhos das águas: um estudo da hidromínia da mesorregião Norte maranhense*. 2017. 109 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais*. (tradução de Sabrina Pereira Abreu) São Paulo: Contexto, 2018.

BERNARD, Pottier. *Le domaine de l'ethnolinguistique*. In: *Langages*, 5<sup>e</sup> année, n°18, 1970. p. 3-11

RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et. al. *A presença das línguas indígenas na toponímia maranhense*. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et. al. *O português falado no Maranhão: estudos preliminares*. São Luís: EDUFMA, 2005, p. 95-103.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986

ROSSELLÓ I VERGER, Toponímia, geografia y cartografía. In: SOUSA FERNÁNDEZ, Xulio. (Ed.). *Toponímia e cartografía*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega; Instituto da Lingua Galega, 2010, p. 23-37.

ROSTAING, Charles. *Les Noms de Lieux*. Presses Universitaires de France. Paris, 1943.

SAPIR, Edward. Language and environment. *american anthropologist.*, Vol.14(2), p.226-242, 1912.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. (tradução, Joaquim Mattoso Câmara, Rio de Janeiro:Instituto Nacional do Livro, 1954.

SAPIR, Edward. *A lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de; SANTOS, M. M. D. dos. Toponímia de Minas Gerais em registros cartográficos históricos. In: Aparecida Negri Isquerdo; Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia*, v. VI. 1ed.Campo Grande - MS: Editora da UFMS, 2012, v., p. 245-260.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Toponímia Africana em Minas Gerais: região do Rio Doce. In: ISQUERDO, A. N.; FINATTO, M. J. B.. (Org.). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. IV. 1ed.Campo Grande / Porto Alegre: Ed. UFMS / Ed. da UFRGS, 2008, v. IV, p. 145-160.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. ATEMIG - Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais: variante regional do ATB. In: MAGALHÃES, José Sueli de; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia/MG: EDUFU, 2006, v. 1, p. 1945-1952.

SOUZA, Bernardo José de. Dicionário da terra e da gente do Brasil. Companhia editorial nacional, São Paulo, 1961.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Tradução: Celso Cunha. TRAPERO, Maximiano. *Para uma teoria linguística de la toponímia: estúdios de toponímia canaria*. Las Palmas de Gran Canaria: Universidad, 1995.

TROVÃO, José Ribamar. *O processo de ocupação do território maranhense*. São Luís: IMESC, 2008.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO. CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, NÚCLEO GEOAMBIENTAL. *Bacias Hidrográficas e Climatologia no Maranhão*. Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2016.

VASCONCELOS, José leite de. *Opúsculos*, v. III, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

VIEIRA FILHO, Domingos. *Breve história das ruas e praças de São Luís*. São Luís: Olímpica, 1971.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

## Índice Remissivo

---

### A

Açaí · 92, 194, 199, 202  
 Açailândia · 59, 92, 170, 173, 180  
 Açaizal · 92, 170, 173, 180  
 Achuí · 92, 177  
 Açu · 56, 57, 92, 100, 120, 122, 139, 170, 173, 177, 181, 184, 193, 194, 199  
 ambiente · 14, 16, 18, 20, 23, 24, 29, 38, 46, 48, 62, 63, 75, 89, 168, 171, 204, 208  
 Anajá · 93, 173, 180  
 Anajatuba · 56, 93, 173, 180  
 Andiroba · 93, 173, 180  
 Andirobal · 93, 170, 173, 180  
 Angical · 93, 170, 173, 180  
 Animotopônimo · 90, 135, 137, 171  
 Aningal · 93, 94, 170, 173, 180  
 Antropotopônimos · 90  
 Aparitua · 94, 120, 173, 177, 180, 194  
 Apuá · 106  
 Arapará · 94, 175, 185  
 Araparizal · 94, 170, 173, 180  
 Arapiranga · 95  
 Arara · 40, 95, 114, 175, 186, 195, 196, 201  
 Ararandeuá · 95, 173, 180  
 Astrotopônimos · 89, 95  
 Aurá · 67, 95, 175, 186  
 Axiotopônimos · 90  
 Axuí · 92, 177

---

### B

Bacaba · 96, 173, 175, 180  
 Bacabal · 60, 96, 170, 173, 175, 180, 193, 199  
 Bacanga · 15, 96, 173, 180  
 Bacupari · 97, 173, 180  
 Bacuri · 6, 7, 57, 97, 173, 180, 190, 194, 199, 203, 204  
 Bacurituba · 57, 97, 173, 180  
 Baixa · 76, 154, 157, 174  
 Baixão · 10, 86, 97, 98, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 115, 124, 128, 130, 133, 137, 138, 145, 146, 152, 158, 193, 195, 199, 201, 202  
 Baixões · 154, 157, 174, 175, 176, 177  
 Braço · 37, 68, 113, 120, 194, 154, 161, 166, 177  
 Brejos · 16, 144, 154, 159, 160, 203  
 Buriti · 6, 7, 57, 58, 86, 87, 88, 97, 98, 171, 173, 175, 180, 193, 199, 202  
 Buriti Brabo · 86, 87, 97, 171, 173, 175, 180  
 Buritirana · 59, 86, 87, 97, 98, 173, 180, 195, 199  
 Buritizal · 86, 87, 88, 97, 98, 170, 173, 175, 180, 193, 199  
 Buritinho · 86, 87, 98, 170, 173, 175, 180, 194, 199

---

**C**

Cajá · 6, 7, 98, 99, 173, 181, 194, 199, 203  
 Cajapiá · 99, 173, 181  
 Cajazeira · 99, 170, 173, 181, 195, 199  
 Cajazeiras · 99, 170, 173, 181, 200  
 Caju · 6, 7, 99, 173, 181, 190, 193, 199, 204  
 Cajuapara · 99, 173, 181  
 Cajueiro · 99, 170, 173, 181, 193, 199  
 Campineira · 100, 173, 181, 195, 199  
 Canarana · 99, 173, 181  
 Capim · 77, 100, 170, 171, 173, 181, 193, 194, 199  
 Capinzal · 58, 100, 170, 173, 181  
 Capivara · 100, 175, 186  
 Capoeiro · 100, 173, 181  
 Caracará · 101, 175, 186  
 Caraíba · 101, 175, 186  
 Cardinotopônimos · 89  
 Carnaúba · 101, 173, 181  
 Carnaubal · 101, 102, 170, 173, 181, 194, 199  
 Caru · 47, 59, 102  
 Caruara · 102, 195  
 Cauaçu · 102, 173, 181  
 Cipó · 77, 103, 173, 182, 194, 199  
 Cipotil · 103, 173, 182  
 Cipozinho · 103, 170, 173, 182  
 Coité · 103, 173, 182  
 Composto · 30, 67, 86, 88, 94, 97, 98, 100, 108, 120, 122, 125, 128, 139, 140, 144, 147, 153, 183  
 Composto Híbrido · 86, 88, 97, 98, 100, 120, 144, 147  
 Conduru · 103, 176, 186  
 Coroatá · 58, 103, 173, 182  
 Corotopônimos · 90  
 Córrego · 38, 49, 54, 86, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 110, 116, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 133, 137, 139, 140, 142, 144, 145, 150, 154, 174, 176, 177, 194, 199, 201, 202  
 Craúna · 104, 176, 186  
 Croatá · 103, 173, 182  
 Cromotopônimos · 89  
 Cronotopônimos · 90  
 Crueiras · 104, 173, 182  
 Cultura · 6, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 34, 35, 38, 39, 42, 44, 50, 76, 90, 157, 159, 168, 204, 205  
 Cunchãs · 60, 109, 195  
 Cupuzal · 105, 170, 176, 186  
 Curica · 6, 7, 106, 176, 186, 195, 201  
 Curicaca · 106, 176, 186, 195, 201  
 Curimatá · 6, 7, 105, 176, 186, 190, 193, 201, 203, 204  
 Curuçá · 105  
 Cururu · 6, 7, 109, 176, 186, 190, 193, 201, 204  
 Cururupu · 57, 106, 176, 186  
 Cutia · 106, 176, 186, 195, 201

---

**D**

Dimensiotopônimo · 89, 92, 106, 134, 171  
 Dirrematotopônimos · 90

---

**E**

Ecotopônimos · 90  
Elemento geográfico · 16, 17, 153, 204  
Elementos hidrográficos · 35, 89, 153, 154, 156, 174, 176, 203  
Embira · 107, 195  
Ergotopônimo · 90, 103, 107, 110, 111, 115, 120, 126, 132, 140, 142, 171  
Etnotopônimo · 90, 107, 109, 131, 147, 148, 150, 171

---

**F**

Ficha Toponímica · 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153  
Fitotopônimo · 9, 11, 12, 86, 87, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 115, 117, 118, 121, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 171, 174, 179, 180, 198

---

**G**

Garapa · 107, 195  
Geomorfotopônimos · 89  
Grajaú · 48, 58, 60, 63, 116, 177, 190  
Grajauzinho · 116, 170, 176, 187  
Grota · 101, 103, 122, 124, 128, 136, 137, 143, 144, 146, 154, 176, 177, 194, 195, 199, 201, 203  
Guajahu · 116  
Guamaré · 116, 177  
Guará · 117, 176, 187, 191  
Guarapiranga · 117, 176, 187  
Guariba · 118, 176, 187, 191  
Guarimã · 118, 173, 176, 182, 187, 194, 199  
Guaropy · 119  
Gurujuba · 118, 173, 182  
Gurupi · 10, 49, 50, 59, 61, 66, 73, 76, 112, 119, 177

---

**H**

Hagiotopônimos · 90  
Híbrido · 30  
Hidrografia · 6, 15, 16, 46, 52, 154  
hidronímia · 6, 14, 37, 38, 208  
Hidronímia · 1, 2, 6, 14, 16, 17, 35, 36, 37, 38, 78, 79, 168, 203, 204, 205, 208  
Hidrônimos · 6, 9, 11, 14, 16, 17, 38, 77, 85, 88, 91, 92, 153, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 190, 191, 197, 203, 204  
Hidrotopônimo · 11, 89, 92, 108, 113, 116, 120, 121, 122, 124, 125, 129, 133, 136, 137, 140, 148, 149, 171, 178, 207  
Hierotopônimos · 90  
Historiotopônimos · 90  
Hodotopônimos · 90  
Humaitá · 119, 173, 182

---

**I**

Igarapé · 6, 7, 10, 16, 30, 49, 56, 60, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 109, 110, 112, 114, 115, 116, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 136, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 154, 161, 162, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 193, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 204

Iguará · 120, 121, 177

Imbuçu · 121, 177

indígena · 6, 14, 16, 17, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 53, 54, 80, 85, 91, 112, 114, 115, 168, 169, 171, 202, 203, 209, 210

Ingá · 110, 173, 182, 194, 199

Inhuma · 115, 176, 187, 195, 201

Intã · 115, 176, 187, 195, 201

Ipanema · 121, 177

Ipiranga · 121, 177

Ipueira · 6, 7, 122, 177, 204

Iririáçu · 122, 176, 187

Iriri-mirim · 122, 171, 176, 187

Itagará · 123

Itapecuru · 6, 7, 10, 15, 53, 56, 58, 63, 66, 69, 76, 77, 88, 123, 165

Itapecuruzinho · 123

Itaperu · 110, 194

Itapetiniga · 123

Itapicuru · 123

Itapicuruzinho · 123, 170

Itapucuru · 123

Itaquitiúá · 124

Itaueiras · 124

Itinga · 59, 124, 177

---

**J**

Jaboti · 124, 176, 187

Jabuti · 124, 176, 187, 193, 194, 201

Jacaré · 125, 176, 187, 194, 201

Jacareí · 125

Jacu · 6, 7, 126, 176, 187, 190, 193, 194, 201, 204

Jacuba · 126

Jamari · 126, 173, 182

Jambu · 126, 173, 182, 203

Jandiá · 127, 176, 187

Jararaca · 127, 176, 187

Jatobá · 6, 7, 58, 77, 127, 173, 182, 193, 194, 199

Jatobal · 127, 173, 182

Jeju · 128, 176, 187, 194, 201

Jejuzinho · 128, 170, 176, 187, 193, 201

Jenipapeiro · 128, 170, 173, 182, 193, 194, 199

Jenipapo · 60, 128, 173, 182, 193, 194, 199, 203

Jeniparana · 128, 173, 182

Jiqui · 129

Jirau · 110, 193

Juçara · 115, 173, 182, 195, 199

Juçaral · 116, 170, 173, 182

Jundiá · 129, 177

Juriti · 129, 176, 188

---

**L**

Lago · 16, 34, 93, 149, 154, 165, 167, 168, 177, 186, 189

Lagoa · 62, 105, 113, 154, 177

Língua · 6, 8, 14, 18, 21, 30, 38, 41, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 86, 87, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 205, 207, 209, 210

Litotopônimos · 89, 171

---

**M**

Macapá · 130, 173, 183

Macaúba · 130, 173, 183, 195, 199

Macaxeira · 130, 173, 183

Maioba · 108, 173, 183, 195, 199

Mamorana · 131, 173

Manaus · 131

Manausinho · 131, 170

Mandacaru · 6, 7, 131, 173, 183, 190, 204

Mandi · 132, 176, 188

Mangaba · 132, 173, 183, 195, 199

Mangabeira · 77, 132, 170, 173, 183, 195, 199

Mangabeirinha · 132, 170, 173, 183, 195, 199

Maracá · 133

Maracassumé · 132

Maracujá · 133, 173, 183, 193, 199

Marajá · 59, 133, 173, 183, 193, 199

Maranhão · 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 32, 33, 34, 35, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 88, 91, 93, 96, 97, 106, 111, 112, 113, 114, 116, 119, 122, 123, 124, 134, 137, 140, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 174, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211

Maruim · 110, 111, 176, 188, 191, 193, 201

Meari · 133

Mearim · 6, 7, 10, 15, 48, 49, 53, 56, 60, 63, 66, 69, 70, 75, 76, 96, 122, 133, 152, 177, 210

Meteorotopônimos · 89

Miarim · 133

Mirim · 56, 59, 62, 88, 134, 140, 148, 171

Mirinzal · 57, 134, 173, 183

Miritiba · 86, 87, 98, 173, 183

Mitotopônimos · 90

Mony · 135

Moquém · 111, 194

Morfotopônimos · 89

Mucura · 134, 176, 188

Muju · 111, 177, 194

Munim · 6, 7, 10, 15, 53, 66, 69, 70, 71, 75, 76, 135, 171, 180, 190, 202

Murajuba · 135, 176, 188

Mutum · 135, 136, 176, 188, 193, 201

---

**N**

Numerotopônimos · 90

---

**O**

Onomástica · 6, 14, 16, 26, 27, 30, 38, 161

---

**P**

Paca · 136, 176, 188, 195, 201

Pacová · 136

Pajeú · 136, 173, 184

Panema · 137

Papagaio · 6, 7, 137, 176, 188, 193, 194, 201, 203

Paraná · 13, 37, 93, 113, 114, 116, 177, 205

Paranãs · 113, 177, 194

Parazinho · 108, 170, 177, 193

Parnaíba · 10, 52, 54, 57, 58, 61, 62, 63, 66, 68, 74, 87, 98, 137, 157, 177

Parnaibinha · 137, 170, 177

Pati · 138, 173, 184

Peba · 138, 176, 188

Pequi · 138, 173, 184

Pequiá · 139, 173, 184

Pereya · 139

Periá · 10, 69, 71, 139, 173, 184

Pericumã · 66, 67, 139, 173, 184

Peri-mirim · 139, 171, 173, 184

Perises · 151, 173, 184

Peritoró · 6, 7, 58, 140, 177, 204

Piaba · 140, 176, 188, 195, 201

Piaçaba · 140, 173, 184

Pinare · 140

Pindaíba · 108, 173, 184, 193, 195, 199, 204

Pindaré · 6, 7, 15, 48, 49, 53, 59, 63, 76, 88, 140, 171

Pipiri · 141, 177

Piquizeiro · 138, 173, 184, 193, 199

Pirangi · 141, 176, 188

Piranha · 122, 141, 176, 188, 195, 201

Pirapema · 141, 188

Piratininga · 142, 176, 188

Piriá · 142, 173, 176, 184, 188

Pitombeira · 142, 170, 173, 184

Poliotopônimos · 91

Poti · 142, 176, 188

Pucimã · 143, 176, 189

---

**Q**

Quati · 111, 176, 189, 191, 193, 201

---

**R**

Riachão · 58, 103, 148, 154, 163, 174

Riacho · 6, 7, 10, 16, 38, 86, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 118, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 159, 161, 163, 171, 174, 175, 176, 177, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203

Ribeirão · 10, 89, 96, 54, 100, 101, 106, 109, 111, 116, 117, 120, 122, 127, 128, 133, 144, 145, 147, 148, 154, 164, 176, 177, 194, 199, 201  
 Rio · 4, 6, 10, 13, 15, 16, 27, 30, 32, 37, 38, 42, 44, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 57, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 107, 108, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 159, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 170, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 186, 189, 194, 195, 197, 199, 202, 206, 207, 208, 210, 211

---

## S

Samaúma · 143, 173, 184, 195, 199  
 Sambaíba · 58, 143, 173, 176, 184, 189, 195, 199  
 Sapucaia · 143, 144, 171, 173, 184, 202  
 Satuba · 144, 176, 189, 193, 195, 201  
 Signo toponímico · 14, 28, 29  
 Simples · 30, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 169, 170, 186, 203  
 Simples Híbrido · 86, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 100, 101, 103, 105, 108, 116, 123, 128, 131, 132, 134, 137, 142, 145, 146  
 Sintagma toponímico · 6, 30, 153, 154, 191, 192, 194, 196, 197, 198, 202  
 Sociotopônimos · 91  
 Somatotopônimos · 91  
 Suçupara · 144, 176, 189, 195, 201  
 Suçuarana · 145, 176, 189, 191  
 Sucupira · 58, 77, 145, 173, 184, 195, 199  
 Sucupirinha · 145, 170, 173, 184  
 Sucuri · 145, 176, 189, 195, 201, 202  
 Sucuriçu · 145, 176, 189, 193, 201  
 Sucuriú · 6, 7, 145, 176, 189, 193, 194, 201, 203  
 Sumaúma · 146, 173, 185

---

## T

Tabatinga · 112, 195  
 Taboca · 146, 173, 185, 195, 199  
 Tabocal · 146, 170, 174, 185, 193, 199  
 Tamanduá · 147, 176, 189, 194, 201  
 Tamanduá de Dentro · 147, 171, 176, 189, 202  
 Tamboril · 77, 147, 174, 185  
 Tapera · 107, 193, 195  
 Tapocuru · 123  
 Tapui · 147  
 Tapuio · 49, 147, 193  
 Taquari · 147, 174, 185  
 Taxionomia · 16, 17, 168, 198, 200  
 Tibiri · 6, 7, 148, 177, 204  
 Tijupá · 148  
 Timbira · 46, 47, 49, 148, 193  
 Tinguis · 148, 149, 193  
 Tipis · 149, 174, 185  
 Tiquara · 149, 177  
 Tiririca · 149, 174, 185, 195, 199

Tiúba · 108, 176, 190, 195, 201, 204  
 Tocantins · 10, 47, 48, 49, 55, 63, 66, 74, 114, 150, 157, 158, 174, 185  
 Toponímia · 6, 14, 16, 17, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 78, 79, 90, 99, 170, 171, 196, 202, 204, 206,  
 207, 208, 209, 210, 211  
 Toponomástica · 14, 35, 205  
 Traíra · 150, 176, 190  
 Tucum · 151, 174, 185, 194, 199  
 Tucumandiva · 151, 174, 185  
 Tupi · 6, 7, 8, 14, 15, 30, 33, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 49, 50, 51, 86, 87, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100,  
 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122,  
 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144,  
 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 191, 204  
 Tupinambá · 15, 41, 43, 44, 45, 50, 51  
 Turi · 151  
 Turiaçú · 152  
 Turiassu · 151  
 Tury · 151

---

## U

Ubim · 152, 174, 185  
 Urubu · 6, 7, 45, 49, 112, 176, 190, 193, 201  
 Urubuquara · 152  
 Uruçu · 112, 176, 190, 193, 201

---

## V

Vão · 10, 28, 40, 154, 162, 166, 167, 174  
 Vereda · 54, 109, 154, 195

---

## Z

Zootopônimo · 6, 9, 11, 12, 14, 89, 94, 95, 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117,  
 118, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 140, 141, 142, 144, 145, 147, 150, 152,  
 171, 172, 175, 176, 190, 197, 200, 201, 203  
 Zutuia · 48, 153, 174, 185